



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

JOÃO MIGUEL SILVA SOARES

Missão Popular Vicentina:
Origens, fundamentos e perspectivas

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues

Porto
2019

Agradecer é dos atos mais nobres do Homem. É na certeza de que a vida para ser plena deve ser agraciada e agradecida que dedico e agradeço esta dissertação a todos aqueles que me ajudaram a realizar, mas de uma forma especial ao Padre Agostinho, que me incentivou a que as missões populares fossem objeto de estudo em Portugal. Apesar de estar na glória do Pai, esta dissertação deve-se a ele, pois foi através da experiência pessoal que tive com ele que fui cativado a profundar esta que é a essência da “pequena companhia” em que me consagrei. Mas não poderia deixar de agradecer à minha família, à minha comunidade e à minha Congregação. Agradeço também ao António Clemente a bondade e amabilidade em acompanhar-me neste caminho de investigação. A todos o meu muito e sempre obrigado.

“A missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir.

Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo”

PAPA FRANCISCO in *Evangelii Gaudium* 273

RESUMO

No nosso tempo, a missão da Igreja voltou a tornar-se um tema central, não só na Teologia, mas também na vida Pastoral da Igreja.

A missão é a atividade primordial da Igreja e o fundamento que a constitui. Assim sendo, perguntarmo-nos sobre as diversas formas pelas quais a missão se dá no povo de Deus é fazer jus ao mandato missionário de Jesus, mas é sobretudo questionar a fidelidade ao mesmo.

Desde o Concílio Vaticano II esta insistência sobre a temática da missão tem vindo a ser aprofundada e valorizada pelo magistério da Igreja. É precisamente pelo aflorar deste interesse da Igreja que todos os cristãos devem dar razões do seu contributo para a missão da Igreja, mais ainda aqueles que fazem da atividade missionária forma de vida, ou seja, consagração.

A Missão Popular Vicentina sobre a qual se reflete neste trabalho é uma pequena parte, mas significativa, de toda a extraordinária atividade missionária da Igreja, e que ao longo da história ajudou na santificação de muitos. É precisamente porque conhecemos o seu contributo que queremos aprofundá-la e saber mais sobre a sua origem e sobre os seus fundamentos e sermos capazes de, com um olhar crítico e imparcial, lançar algumas perspetivas para uma reflexão de futuro.

Palavras-Chave: caridade; evangelização; laicado; missão popular.

ABSTRACT

In our time, the mission of the Church has once again become a central theme, not only in Theology but also in the Pastoral life of the Church.

Mission is the prime activity of the Church and the foundation that constitutes it. Thus, asking ourselves about the several ways through which the mission is accomplished in God's people is to live up Jesus' missionary mandate, but it is mainly to question fidelity to it.

Since the Second Vatican Council this persistence on the theme of the mission has been developed and valued by the Magisterium of the Church. It is precisely because of the interest of the Church that all Christians should justify their contribution to the Church's mission, even more those who make missionary activity a way of life, consecration.

The Vincentian Popular Mission reflected in this work is a small but significant part of the Church's extraordinary missionary activity, which throughout the history has sanctified many people. It is precisely because we know its contribution that we want to go into and to know more about its origin and its foundations and to be able, with a critical and unbiased look, to expose some perspectives for a future's reflection.

Keywords: charity; evangelization; laiccate; popular mission.

ABREVIATURAS

- AA – Paulo VI, Decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o Apostolado dos Leigos (18 de novembro de 1965).
- AG – Paulo VI, Decreto *Ad Gentes* sobre a Atividade Missionária da Igreja (7 de dezembro de 1965).
- AL – Francisco, Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Lætitia* sobre o amor na família (19 de março de 2016).
- CIC – *Código de Direito Canónico* (25 de janeiro de 1983).
- CCE – *Catecismo da Igreja Católica* (15 de agosto de 1997).
- CL – João Paulo II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici* sobre Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo (30 de dezembro de 1988).
- CT – João Paulo II, Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* sobre a catequese do nosso tempo (16 de outubro de 1979).
- DV – João Paulo II, Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem* sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do Mundo (18 de maio de 1986).
- DV – Paulo VI, Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina (18 de novembro de 1965).
- EE – João Paulo II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia In Europa* sobre Jesus Cristo, vivo na sua Igreja, fonte de esperança para a Europa (28 de junho de 2003).
- EN – Paulo VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (8 de dezembro de 1975).
- GE – Francisco, Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* sobre a chamada à santidade no mundo atual (19 de março de 2018).
- LG – Paulo VI, Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja (21 de novembro de 1964).
- NMI – Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* do Sumo Pontífice João Paulo II ao Episcopado, ao Clero e aos Fiéis no Termo do Grande Jubileu do Ano 2000 (6 de janeiro de 2001).
- PP – Paulo VI, Carta Encíclica *Populorum Progressio* sobre o desenvolvimento dos povos (26 de março de 1967).
- RM – João Paulo II, Carta Encíclica *Redemptoris Missio* sobre a validade permanente do mandato missionário (7 de dezembro de 1990).

- SRS – João Paulo II, Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* pelo vigésimo aniversário da Encíclica *Populorum Progressio* (30 de dezembro de 1987).
- UR – Paulo VI, Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo (21 de novembro de 1964).
- VC – João Paulo II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata* sobre a Vida Consagrada e a sua Missão na Igreja e no Mundo (25 de março de 1996).
- VD – Bento XVI, Exortação Apostólica *Verbum Domini* sobre a Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja (30 de setembro de 2010).

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	13
1. DE CRISTO EVANGELIZADOR A UMA IGREJA EVANGELIZADORA	18
1.1. A missão tem origem no Mistério Trinitário de Deus	18
1.1.1. A missão do Pai.....	19
1.1.2. A missão do Filho	20
1.1.2.1. Jesus como fonte da Evangelização	21
1.1.2.2. Os discípulos como evangelizadores.....	24
1.1.2.3. Cristo como fundamento da Missão da Igreja.....	27
1.1.2.4. A Igreja continuadora da Missão de Cristo	29
1.1.3. Espírito Santo, na Missão da Igreja.....	32
1.2. Consciência de uma Igreja Missionária	34
1.2.1. Concílio Vaticano II.....	35
1.2.1.1. Antecedentes conciliares	36
1.2.1.2. A missão da Igreja no Concílio Vaticano II.....	37
1.2.2. A recepção conciliar.....	39
1.2.2.1. <i>Evangelii Nuntiandi</i>	39
1.2.2.2. <i>Redemptoris Missio</i>	43
1.2.2.3. Nova Evangelização	45
1.2.2.4. <i>Evangelii Gaudium</i>	48
1.3. Síntese.....	53
2. MISSÕES POPULARES VICENTINAS: ORIGEM E FUNDAMENTO.....	56
2.1. S. Vicente de Paulo: A sua vida e a sua opção fundamental	57
2.1.1. Os primeiros anos.....	57
2.1.2. Padre em Paris.....	58
2.1.3. Ao serviço dos Gondi.....	59
2.1.3.1. Folleville: A Missão	59
2.1.3.2. Châtillon-les-Dombes: A Caridade	60
2.1.4. Apóstolo da Caridade	61
2.1.4.1. Capelão das Galés	62
2.1.4.2. A Fundação da Congregação da Missão	62
2.1.4.3. Formação de sacerdotes e ordinandos.....	64

2.1.4.4.	Fundação da Companhia das Filhas da Caridade.....	64
2.1.4.5.	Vicente de Paulo um homem da providência.....	66
2.1.4.6.	Nascimento de um Carisma.....	67
2.2.	Da Intuição à Missão	68
2.2.1.	Noção da Missão Popular.....	68
2.2.2.	Origens da missão popular	69
2.2.3.	Particularidades da Missão Popular Vicentina.....	70
2.2.3.1.	Uma entre tantas?	70
2.2.3.2.	Objetivos das Missões.....	72
2.2.4.	Evangelizar de maneira vicentina	75
2.3.	Missão Popular Vicentina: uma história de hoje	86
2.3.1.	Resposta a uma crise	87
2.3.2.	Estrutura das missões renovadas	89
2.3.2.1.	Uma Missão preparada e anunciada: Pré-missão.....	89
2.3.2.2.	Uma Missão Vivida: Tempo Forte.....	92
2.3.2.3.	Uma Missão Continuada: Pós-missão.....	94
2.3.3.	Temas da Missão	96
2.4.	Síntese.....	98
3.	MISSÃO POPULAR VICENTINA – DIMENSÃO TEOLÓGICA, PASTORAL E ESPIRITUAL	101
3.1.	Evangelização Vicentina: Anúncio da Boa Nova de Deus.....	101
3.1.1.	Quem se anuncia?.....	101
3.1.2.	Evangelizar com conteúdo	102
3.1.3.	Formas de pregação e o seu conteúdo.....	103
3.1.3.1.	Catequese	104
3.1.3.2.	Pregação	105
3.2.	Evangelizar é fazer efetivo o Evangelho: Caridade.....	107
3.2.1.	Desde o sentido teológico	108
3.2.2.	Desde o sentido Cristológico.....	110
3.2.3.	Dimensão Eclesiológica	111
3.2.4.	Missão e Caridade: duas realidades uma só essência.....	112
3.2.5.	A Caridade Vicentina: do assistencialismo à promoção, da justiça ao amor, do conformismo à denúncia	114
3.3.	Missão Vicentina e a sua nota laical	117

3.3.1. A missão dos leigos.....	117
3.3.2. Leigos em Missão.....	121
3.3.3. Leigos, marcados pelo selo da Caridade	123
3.3.4. Uma Missão comum.....	125
3.3.5. Vicente e o laicado	127
3.3.6. Promoção da Mulher	128
3.3.7. Missão colaborativa.....	130
3.4. Linhas de uma Espiritualidade missionária vicentina.....	132
3.4.1. Relação filial com Deus	133
3.4.1.1. A devoção à providência	133
3.4.1.2. Fidelidade à Oração.....	134
3.4.2. Caridade para com o próximo	135
3.4.3. Uma espiritualidade atual.....	138
3.5. Síntese.....	139
4. A MISSÃO POPULAR HOJE: ANÁLISE PRÁTICA DA MISSÃO POPULAR VICENTINA	140
4.1. Teologia e Ciências Sociais	140
4.2. Métodos das ciências Sociais.....	141
4.3. Método utilizado: a entrevista.....	142
4.3.1. Pergunta de investigação	142
4.3.2. Entrevista.....	142
4.3.3. Questionário para as entrevistas.....	144
4.4. Análise da informação recolhida com as entrevistas	147
4.4.1. Motivações para a realização da missão	147
4.4.2. Modelo de Igreja e situação paroquial	149
4.4.3. A missão e os seus tempos	151
4.4.3.1. Pré-missão	151
4.4.3.2. Tempo forte	154
4.4.3.3. Pós-missão.....	154
4.4.4. Identidade da Missão Popular Vicentina.....	156
4.4.5. Avaliação.....	157
4.5. Conclusões	159
CONCLUSÃO.....	163
BIBLIOGRAFIA	167

ANEXOS	177
ANEXO I.....	178
ANEXO II	180
ANEXO III	187
ANEXO IV	196
ANEXO V	208
ANEXO VI.....	216
ANEXO VII.....	232
ANEXO VIII	248
ANEXO IX	258
ANEXO X	274
ANEXO XI.....	283
ANEXO XII.....	298
ANEXO XIII	310

INTRODUÇÃO

Falar das Missões Populares Vicentinas é um grande repto e constitui uma grande responsabilidade. É um repto porque, em 400 anos desde a fundação da Congregação da Missão e nos 300 anos da sua presença em Portugal, foram poucos os que encetaram, no contexto português, um estudo desta proposta pastoral e não conhecemos quem o tenha analisado com esta profundidade. Mas, ao mesmo tempo, é uma grande responsabilidade, não só por sermos pioneiros nesta investigação, mas porque esta prática constitui o núcleo da própria Congregação. Esta foi fundada por e para as missões e toda a sua ação e consagração dos seus membros gira em torno da missão.

Desde o Concílio Vaticano II, até aos nossos dias, vemos que da parte da Igreja, há uma valorização e insistência na temática missionária, o próprio Concílio e os seus documentos posteriores mostram isso mesmo. Neste tempo, vemos com muita insistência, no pontificado do Papa Francisco esta mesma intenção. A *Evangelii Gaudium*, documento programático do seu pontificado, é o reflexo disso mesmo. Face a isto, a Igreja em Portugal viu a necessidade de declarar um ano missionário extraordinário. É certo que o nosso objeto de estudo foi pensado ainda antes desta intenção dos Bispos portugueses, mas, com estas efemérides e insistências, justifica ainda mais a pertinência do nosso trabalho.

Mas tudo isto é apenas uma chamada de atenção para a realidade que nos antepõe, ou seja, a missão é uma constante na vida da Igreja, porque a mensagem de Jesus Cristo é uma novidade que deve ser anunciada em todo o tempo e lugar. Portanto, a validade da missão da Igreja não tem tempo, nem lugar.

Esta dissertação tem um objetivo claro quanto à análise desta temática: pretende analisar a sua origem, fundamentos e as suas perspetivas. É este o tríptico no qual a própria dissertação se desenvolve.

O mandato de Jesus de ‘ir e ensinar’ e os documentos papais, que acentuam e ilustram a dimensão missionária da Igreja, são as razões que interpelam e desafiam para a realização deste empreendimento. Acrescenta-se a esta fundamentação a experiência pessoal vivenciada nas Missões Populares ao longo destes anos, em diversos ambientes.

Este trabalho será constituído por quatro capítulos. Cada um deles começará com uma breve introdução e terminará com uma conclusão e terá uma metodologia própria. Como consequência, os capítulos dependerão uns dos outros, formando uma unidade,

mesmo que sejam tratados de forma diferente. No primeiro capítulo abordaremos o tema da Missão evangelizadora da Igreja, o segundo capítulo incidirá especificamente sobre a Missão Popular Vicentina, no terceiro capítulo a tónica será colocada na dimensão teológica, pastoral e espiritual própria da Missão Vicentina, e, finalmente, no quarto capítulo, refletir-se-á sobre a Missão Popular Vicentina como resposta à dinâmica evangelizadora da Igreja.

O primeiro capítulo tem como objetivo a fundamentação de uma Igreja missionária. O que se pretende em primeiro lugar é justificar a continuidade da missão de Cristo. Para isso, inclui uma breve fundamentação bíblica, que tenta apontar os traços gerais da missão de Jesus e das primeiras comunidades. Faremos, em primeiro lugar, uma análise teológica da missão, ou seja, a sua origem, uma missão que se desdobra na Trindade, que tem origem em Deus Pai, no Seu desígnio salvífico, que é encarnada pelo Seu Filho Jesus Cristo e que é continuada e renovada pela ação do Espírito Santo. Esta renovação e continuidade é dada pela Igreja e, se o princípio teológico deve estar bem delineado, a consequente base eclesiológica não pode ser de todo descurada, pois queremos perceber a missão da Igreja e a sua relação com este primeiro princípio que é Deus. E é atendendo a esse princípio, que temos de olhar para o seu desenvolvimento, isto é, para como a Igreja ao longo da história se foi consciencializando da sua missão. Nada melhor do que consultar a consciência que disso tem a própria Igreja, através do seu magistério, e ver o caminho que foi percorrido nessa consciencialização. O segundo ponto irá incidir principalmente nas eras moderna e contemporânea e na aposta que, nos últimos tempos, tem havido como preocupação crescente em recuperar a dimensão missionária da Igreja. Este assentamento é fundamental, pois estamos a trabalhar no âmbito teológico e, como tal, a fundamentação teológica não pode ser mero assessorio pois desvirtuáramos aquilo que é a área do nosso estudo e do nosso projeto, assim como a missão eclesial.

O segundo capítulo é o mais histórico e espiritual, pois será uma introdução à vida e obra de São Vicente de Paulo. Sem pretender ser uma biografia, os dados que se recolhem e se ordenam pretendem dar a conhecer algumas experiências vitais que permitiram que ele descobrisse uma resposta concreta e bem-sucedida na França do século XVII. No entanto, é importante analisar a história deste projeto, a sua novidade frente a outros que já existiam na mesma época e o conteúdo do mesmo. É fundamental verificar como é que a Congregação da Missão foi assumindo ao longo da história as missões populares e a influência destas para o desenvolvimento do carisma. Por isso, o

caminho do nosso estudo passa também por refletir sobre as origens da Missão Popular. O objeto de reflexão deve ser conhecido e contextualizado e isto não é só porque é importante conhecer o que estudamos, mas também para saber por que é que o queremos aprofundar. E para isso é necessário fazer este itinerário, que no fundo é o da própria missão.

Tratando-se a presente dissertação de uma dissertação em Teologia Prática, o terceiro capítulo, ao abordar as dimensões teológica, pastoral e espiritual próprias da Missão Popular Vicentina pretende completar a dimensão histórica presente no capítulo anterior, destacando os três pilares fundamentais da missão popular: catequese, laicado e caridade.

Na verdade, sendo certo que a reflexão teológica se dá na história e deve abarcar todos os contextos históricos, é, contudo, necessário colocá-los à luz da revelação, ou seja, à luz de Deus. Por isso, é necessária que uma Teologia da missão vicentina também seja desenvolvida sob esta perspetiva. E, como continuação dessa realidade, traçar algumas linhas dessa espiritualidade missionária que nasce desse confronto entre a história e a revelação.

Mas é necessário lançar perspetivas, ou seja, avaliar os procedimentos e os métodos que a missão fez e faz. Para isso, deveremos recorrer à prática pastoral. Mas, a análise desta evoca o recurso a outras ciências, nomeadamente às ciências sociais. Através destas pretende-se verificar o confronto entre aquilo que a missão é e o que realmente faz. Só através desta verificação é que poderemos estabelecer pontos de partida para a reflexão. Assim, este quarto capítulo, pretende ser o mais criativo, pois tem como objetivo mostrar como as missões populares, nos dias de hoje, podem responder ao apelo evangelizador da Igreja. É um capítulo que contém uma grande dimensão crítica. Nele vão-se analisar os aspetos positivos e também aqueles que necessitam de uma mudança para uma melhor resposta. Terá como base a experiência missionária, os diversos documentos congregacionais e não só. No fundo, propõe-se ser um capítulo reflexivo sobre os caminhos feitos e as possibilidades que existem.

O objetivo do nosso estudo não é afirmar certezas irrevogáveis, mas abrir uma brecha para refletir sobre algo que carece de ser pensado, e é isto que queremos dizer com perspetivas: lançar as bases para uma reflexão futura.

Assim, a motivação desta manifestação do carisma vicentino, as suas implicações para este novo ciclo e a sua renovação contínua para uma presença mais viva, efetiva e dinâmica na Igreja Portuguesa, fazem com que este estudo pretenda ter um discurso

descritivo, de divulgação e interpelação que, a nível académico da Universidade Católica Portuguesa, favoreça o interesse pelo conhecimento mais profundo destas áreas da teologia prática. Também, a nível congregacional propõe-se estimular uma maior vivência do carisma vicentino a partir deste ministério; e, ainda, a nível eclesial, intenta que a Missão Popular possa ser compreendida enquanto meio pastoral e um meio extraordinário, e porque não, ordinário, de ajuda a construir o Reino de Deus numa dinâmica de missão, que não é mais do que aquela que Cristo, o Missionário do Pai, no dizer de São Vicente de Paulo, sempre quis e ensinou.

Outro aspeto importante é a bibliografia. As principais fontes utilizadas são: as *Obras Completas* de São Vicente de Paulo, onde estão agrupadas as suas cartas e conferências, pois não existem propriamente obras do Santo. Do mesmo modo se incluirão as fontes eclesiais, textos bíblicos e doutrinários. As obras específicas são aquelas que surgiram da reflexão teológica, quer a nível congregacional quer a nível do pensamento teológico, e que tornam perceptível como a Missão Popular foi objeto de estudo ao longo da história. Contudo, temos que reconhecer que é algo difícil, pois não existem muitas obras sobre missões populares em particular. Vamos cingir-nos a algumas; no entanto, os artigos sobre o tema são mais abundantes.

As obras gerais fazem com que este tema se situe num contexto eclesial, mais concretamente no âmbito da pastoral e da paróquia, querendo evitar, deste modo, que a Missão Popular seja considerada como algo estranho e fora de contexto. A Missão Popular é um ato extraordinário ao serviço da Igreja e da Paróquia-Comunidade, para as ajudar a despertar e a comprometer-se num processo de evangelização contínuo.

Em definitivo, esta dissertação propõe-se estudar e aprofundar, em atitude de serviço à missão evangelizadora da Igreja, este modo extraordinário de anunciar o Evangelho, que teve em São Vicente de Paulo uma referência criativa e significativa. Ao mesmo tempo, tem por finalidade descobrir se a Missão Popular é válida e sustentável na prática eclesial e pastoral atual, e como é que esta incide na vida dos homens e mulheres de hoje, com criatividade e audácia.

De forma muito sintética, as citações que seguem espelham bem aquilo que motiva e pretende o trabalho desta dissertação de Mestrado:

“O nome de Missionários, ou Padres da Missão, que nós não usurpámos, mas nos foi imposto pela voz comum dos povos, por ordem da Divina Providência, mostra bem que o trabalho das missões é para nós, entre os outros exercícios a favor do próximo, o primeiro

e principal”¹. “Por esta razão nunca a Congregação as deve omitir sob pretexto de outra obra pia, ainda que mais útil; pelo contrário, cada um a elas se afeiçoará com tanto afeto de alma que sempre esteja disposto a ir fazê-las todas as vezes que o chamar a obediência”².

¹ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo X*, Sígueme, Salamanca, 1982, 521.

² *Ibidem*, 522.

1. DE CRISTO EVANGELIZADOR A UMA IGREJA EVANGELIZADORA

1.1. A missão tem origem no Mistério Trinitário de Deus

Falar sobre missão evangelizadora exige, como toda a reflexão teológica, uma fundamentação na Sagrada Escritura (cf. DV 24). Toda a nossa reflexão tem de estar assente em pilares sólidos. Recordemos o que disse o Papa Bento XVI, em 2008: “A exigência de uma nova evangelização (...), deve-se reafirmar sem medo, na certeza da eficácia da Palavra divina” (VD 96).

A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, no seu primeiro ponto, mostra o nosso intuito ao começar por uma referência Teológico/Escuritística: “De Cristo evangelizador a uma Igreja evangelizadora” (EN Capítulo I). Não podemos refletir a dinâmica missionária da Igreja sem atender ao seu fundamento primeiro: Cristo. “O próprio Jesus, ‘Evangelho de Deus’, foi o primeiro e o maior dos evangelizadores” (EN 75). É no mistério trinitário de Deus que encontramos a fonte e origem de toda a missão. Se isto não fosse assim, então toda a nossa construção seria idílica. Apesar de a Igreja espelhar o nosso caminho de salvação ou, melhor dizendo, o reino de Deus, Ela não é a finalidade desse mesmo caminho³. Daí a necessidade de ir ao núcleo trinitário para perceber o que realmente significa a Missão e em que moldes nos é apresentada.

A missão é obra do próprio Deus, não poderia ser de outra forma. De acordo com Karl Barth, é “Missio Dei”⁴, que tem origem no Pai, se concretiza no Filho e que é prolongada pelo Espírito Santo. A posição fixada no Concílio Vaticano II sobre esta matéria^{5 6} é referida de forma muito clara por Ricardo Blázquez Pérez, nos seguintes termos:

“Vale a pena notar que o Concílio relacionou paralelamente o mistério da Igreja como comunhão e o mistério da Igreja como missão com o Pai, o Filho e o Espírito. Na Trindade

³ Cf. W. KASPER, *Iglesia Católica*, Sígueme, Salamanca, 2013, 425-429.

⁴ Segundo Walter Kasper, Karl Barth desenvolveu o conceito de “Missio Dei” na sua teologia Evangélica, o qual é muito importante na teologia católica. Necessita, porém, de ser integrado numa conceção sacramental da Igreja. Cf. *Ibidem*, 429-430.

⁵ “Consumada a obra que o Pai confiou ao Filho para Ele cumprir na terra (cf. Jo 17,4), foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes, para que santificasse continuamente a Igreja e deste modo os fiéis tivessem acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito (cf. Ef 2,18)” (LG 4).

⁶ “Nisto se manifestou a caridade de Deus para conosco: o Filho unigénito de Deus foi enviado ao mundo pelo Pai a fim de que, feito homem, dessa nova vida pela Redenção a todo o género humano e o unificasse” (UR 2).

divina está a fonte e o paradigma da sua unidade, e na auto-comunicação de Deus está o seu impulso missionário”⁷.

A missão da Igreja fundamenta-se e atua na Trindade. É na vontade salvífica de Deus de chegar a todos os homens que o seu amor se desvela e se faz carne, e, através do seu Filho Jesus Cristo, é que a Missão nasce para os homens. E esta não se aterá aos limites do tempo. Daí o Espírito Santo, vivificador e atualizador de toda a história (cf. LG 2-4). O Decreto Ad Gentes ilustra bem aquilo que se pretende quando fala das missões intra trinitárias: “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na ‘missão’ do Filho e do Espírito Santo” (AG 2).

1.1.1. A missão do Pai

Dentro da própria Trindade existe a missão própria de cada pessoa. No testemunho da Sagrada Escritura vemos que Deus Pai nunca foi enviado. Só o Espírito Santo e o Filho é que recebem envio⁸. Isto acontece por pura vontade de Deus, pelo seu desígnio, livre e amoroso. A missão também surge da necessidade de Deus se revelar ao mundo. Em palavras de Karl Rahner, diríamos que é a “auto comunicação de Deus”⁹. Esta revelação que vai dar-se na criação e no homem, culminando em Cristo e no seu mistério pascal. Uma revelação que é histórica e concreta, gratuita e cheia de bondade¹⁰. A missão do Pai de se revelar culmina na pessoa concreta de Jesus através da sua ação salvífica para os homens. É importante salientar que Deus não é uma “ideia”, é “alguém”. Portanto, nós só conheceremos aquilo que o Pai nos quer revelar através da sua criação e, de forma mais concreta, na pessoa de Jesus. As suas palavras no diálogo com Filipe fazem eco desta ideia:

“Há tanto tempo que estou convosco e tu não me conheces, Filipe? Quem me viu, viu o Pai. Como podes dizer: ‘mostra-nos o Pai’? Não crês que estou no Pai e o Pai está em mim? As palavras que vos digo, não as digo por mim mesmo, mas o Pai, que permanece em mim,

⁷ R. BLÁZQUEZ PÉREZ, *La Iglesia*, Sígueme, Salamanca, 2017, 85.

⁸ Cf. C. FLORISTÁN, *Teología práctica. Teoría y praxis de la acción pastoral*, Sígueme, Salamanca, 2009, 337-338.

⁹ J. FEINER; M. LOHRER (dir.), *Mysterium Salutis. Manual de teologia como historia de la salvación*, Volumen II, Tomo I, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1969, 420.

¹⁰ Cf. J. ESQUERDA BIFET, *Misionología. Evangelizar en un mundo global*, BAC, Madrid, 2008, 4-5.

realiza suas obras. Crede-me: eu estou no Pai e o Pai em mim. Crede-o, ao menos, por causa dessas obras” (Jo 14,8-11).

Tudo o que caracteriza a missão do Pai só poderemos conhecê-lo na missão de Jesus. Se Jesus é o enviado do Pai e se a missão do Pai é mostrar o seu amor a todos os homens, então é em Cristo que esse amor se vai personificar, ou seja, é n’Ele que se vai fazer realidade. Então, em tudo o que digamos de Jesus estamos a mostrar este mesmo amor.

1.1.2. A missão do Filho

Conforme enunciado nos pontos anteriores, é com Cristo que a missão do Pai se realiza. É o enviado de Deus por excelência, cumprindo a missão programada: “O espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu: enviou-me para levar a boa-nova aos Pobres” (Is 61,1). A missão tem origem em Cristo, como podemos constatar na *Lumen Gentium* (LG 17) quando se define o caráter missionário da Igreja. Cristo é, na verdade, fundador e fundamento de toda a missão e, além disso, faz com que esta seja a atitude principal de todo o seu mandato: “Eles, partindo, foram pregar por toda a parte; o Senhor cooperava com eles, confirmando a Palavra com os sinais que a acompanhavam (Mc 16,20). Com efeito, tal como referido por Saraiva Martins,

“Cristo é o fundamento da Evangelização, enquanto esta deriva, direta e imediatamente do seu próprio mandato missionário, pois a evangelização não é senão o desenvolvimento concreto do mandato missionário através dos séculos (...)”¹¹.

A missão do Filho é a única missão. Esta afirmação, parecendo um pouco taxativa na sua forma, não é vazia no seu conteúdo. Vejamos porquê. Em primeiro lugar, porque toda a missão procede d’Ele, a Igreja tem como mandato missionário o mandamento de Jesus. Em segundo lugar, porque a missão do Filho é a forma originária e o modelo de toda a missão. Ou seja, é originária, pois procede, vive e espelha o amor do Pai e é modelo, pois o que Ele pregou, o que Ele viveu, a sua doação ao mundo e a forma de estar nele ainda hoje são as chaves para a missão da própria Igreja¹².

No fundo, tudo isto deriva do acontecimento da Encarnação. A manifestação de Deus aos homens por Jesus Cristo mostra de forma plena o amor e a missão de O levar a

¹¹ J. S. MARTINS, *Ide e anunciai. Fundamentos e desafios da missão hoje*, Paulus, Lisboa, 2008, 44.

¹² Cf. Á. CASTAÑO FÉLIX, “Teología de la misión”, em J. C. CARVAJAL BLANCO (coord.), *La Misión de la Iglesia*, Monte Carmelo, Burgos, 2011, 31–34.

todos os homens. A solidariedade do género humano com Cristo faz com que a humanidade encontre verdadeiramente a sua máxima dignidade, ou seja a sua verdadeira missão e, como consequência, o seu caminho de salvação¹³.

Ele realizou a missão encomendada pelo Pai sob a alçada do Espírito Santo na qual manifestava de maneira sensível a eleição e a missão do mesmo Jesus (cf. EN 75). Jesus assume-se como missionário, como alguém que é chamado a levar o Reino de Deus a todos: “Tenho de anunciar a Boa-Nova do Reino de Deus também às outras cidades, pois para isso é que fui enviado” (Lc 4,43).

Esta atitude podemos descobri-la em três momentos: o primeiro, Jesus como fonte e fundamento da evangelização; o segundo, quando envia os Seus discípulos como anunciadores; e o terceiro momento, a Igreja como continuadora deste propósito¹⁴.

1.1.2.1. Jesus como fonte da Evangelização

Jesus é o princípio e a raiz de toda a evangelização. Ele é objeto e sujeito. Assim o afirma Paulo VI na abertura do sínodo de 1974:

“Nasce de Vós, Senhor; como um rio, ele tem a sua nascente e Vós, Cristo Jesus, sois essa nascente. Vós sois a causa histórica, vós sois a causa eficiente e transcendente desse fenómeno prodigioso”¹⁵.

Jesus Cristo é o primeiro missionário enviado do Pai; assim o diz o Evangelho de S. João: “As obras que eu faço dão testemunho de Mim, mostrando que o Pai me enviou” (Jo 5,36). Esta missão prefigurada e preparada ao longo da história manifesta-se de forma plena em Jesus.

Jesus tem consciência de que foi enviado pelo Pai para proclamar a Boa Nova (Lc 4,17) e, parafraseando o profeta Isaías, mostra como é que ao longo da sua vida pública não só anuncia a Boa-Nova aos pobres, como também liberta e cura, tornando-a presente. No fundo, não é só uma missão de palavras, mas também de obras, “intimamente unidas” (cf. DV 2 e 9; Mt 8,14-17; Mc 1,29-34).

¹³ Cf. E. J. JUSTO, *La Libertad de Jesús*, Sígueme, Salamanca, 2014, 74.

¹⁴ Cf. S. GUIJARRO OPORTO, *La primera evangelización*, Sígueme, Salamanca, 2013, 198.

¹⁵ “Domine, procedere. Fluminis instar, id operis suum fontem habet; ac Tu, Christe Iesu, iste fons es. Tu enim prodigialis huius eventus in hominum historia auctor es, Tu eius causa efficiens ac transcendens exsistis”. Cf. PAPA PAULO VI, “In Aede Sixtina habita, Beatissimo Patre Sacrum concelebrante, tertio ineunte generali Coetu Episcoporum Synodi”, in *Acta Apostolicae Sedis. Commentarium Officiale*, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1974.

Desde sempre, como nos mostra o Evangelho segundo S. João, a missão é, de facto, a sua principal atividade. A Encarnação é esse momento crucial, no qual Deus mostra ao mundo o fundamento decisivo da sua missão: Jesus Cristo encarnado. “A encarnação do verbo é para eles (AT), sobretudo missão. Cristo, o Messias prometido, é o verdadeiro missus do Pai”¹⁶. São Paulo, na carta aos Gálatas, resume de forma clara esta mesma ideia:

“Mas, quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da Lei, para resgatar os que se encontravam sob o domínio da Lei, a fim de recebermos a adoção de filhos” (Gal 4,4).

No fundo, a Encarnação mostra que Cristo é a palavra encarnada do Pai, e, portanto, toda a ação de Jesus vai ser isso mesmo: Ação do Pai a favor dos homens. Na sua vida terrena esta foi a Sua principal atividade, como mostram especialmente os sinóticos, de forma mais peculiar S. Lucas, quando narra a perda de Jesus no templo (Lc 2, 49). Aqui ressalta bem claro que desde o início Jesus tinha consciência da sua pertença ao Pai e a Ele devia obedecer: “Não sabíeis que tenho de ocupar-me das coisas de Meu Pai?” (Lc 2, 49)¹⁷.

Ao longo da sua vida pública vê-se de forma nítida em todo o Novo Testamento, relatos que atestam que a sua vida foi uma vida de missão. Na sua morte e ressurreição, culminando com o envio do Espírito Santo, manifesta de forma definitiva o objetivo pelo qual se revelou (EN 12). Esta é certamente a maior prova da sua Missão sobre a terra (Jo 11,52). É no mistério pascal que toda a vida culmina.

“O mistério pascal da Cruz e da Ressurreição de Cristo está no centro da Boa Nova que os apóstolos e a Igreja, na esteira deles, devem anunciar ao mundo. O projeto salvador de Deus realizou-se ‘uma vez por todas’ (Hb 9,26) pela morte redentora de seu Filho, Jesus Cristo” (CCE 57).

No fundo, a missão de Cristo é a salvação de todos os homens (Jo 2,2; Rm 1,16), que se estende a todo o mundo (Mt 26,13). Jesus tinha uma metodologia muito bem delineada: que o Reino chegue a todos, principalmente aos mais pobres e marginalizados (Mt 9, 13); que a sua mensagem tinha que passar pela proximidade de um Deus que convida, acolhe e perdoa (Lc 7,36-50). No fundo, uma missão que liberta.

¹⁶ J. S. MARTINS, *Ide e anunciai. Fundamentos e desafios da missão hoje*, 20.

¹⁷ Cf. C. FLORISTÁN, *Teología práctica. Teoría y praxis de la acción pastoral*, 25-26.

O anúncio do Reino de Deus é a sua principal atividade. Através das suas ações podemos deduzir facilmente a mensagem que quer transmitir ao mundo e por consequência a mensagem que vai ser anunciada. Através dos milagres, sinais pelos quais suscita a fé, Jesus mostra a ação libertadora de Deus. “Os milagres são sinais mediadores da fé e obra extraordinária que mostra o vínculo de Jesus com o Pai na obra da nova criação”¹⁸. Estas ações não se realizam só através de milagres. O perdão e a partilha de mesa são atos que mostram outro aspeto da mensagem de Deus. Jesus é o enviado do Pai para curar, reconciliar e partilhar¹⁹. E todas estas obras revelam também a preferência dos seus destinatários: são os mais pobres e pecadores que recebem de forma preferencial a Boa Nova de Jesus (Lc 4,18).

Jesus, como missionário do Pai, pode considerar-se a razão última e ao mesmo tempo o princípio e o motor de todo o impulso missionário da Igreja. Toda a missão é algo que se oferece. O envio de Jesus pelo Pai é a evangelização fundamental, a Boa Nova de que Deus quer salvar o mundo²⁰.

“Chega-se deste modo, em última análise, ao conceito de Evangelização como ação de Cristo. Com efeito, muitos Bispos no sínodo sublinham que a evangelização ‘é ação de Cristo’; que ‘é Cristo que fala mediante o Evangelho que nós anunciamos’; que ‘é Ele que se comunica aos homens através da palavra que nos é confiada’”²¹.

A *Evangelii Nuntiandi*, na sua primeira parte, arranca disto mesmo. Os seus enunciados são evocativos do que anteriormente dissemos: Jesus, o primeiro evangelizador; cuja missão é o anúncio do Reino de Deus (EN 8); anúncio que é salvação libertadora e apelo à conversão (EN 9-10); anúncio que exige uma pregação infatigável e sinais visíveis (EN 11-12), para que se formem comunidades evangelizadas e evangelizadoras (EN 13).

Por outras palavras o Papa Paulo VI afirma que “o próprio Jesus é ‘Evangelho de Deus’” (EN 7). Sendo assim, Jesus é o Evangelho e o evangelizador. A sua vida, a sua entrega, a sua morte e ressurreição são prova disto mesmo: Jesus como Evangelho de Deus.

¹⁸ *Ibidem*, 27.

¹⁹ Cf. *ibidem*, 27-28.

²⁰ Cf. D. MUÑOZ LEON, “Modelos de la misión en las primeras comunidades cristianas”, in AA.VV., *La Misionología hoy*, Verbo Divino, Estella, 1987, 114.

²¹ J. S. MARTINS, *Ide e annunciai. Fundamentos e desafios da missão hoje*, 56.

1.1.2.2. Os discípulos como evangelizadores

A missão pela qual Jesus foi enviado pelo Pai é a mesma que Jesus transmite aos seus discípulos: “Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós” (Jo 20,21). O que se comunica não é somente o facto de ser enviado, mas todo o conteúdo desse mesmo envio: a obra do Pai que é preciso realizar. Aqui se dá a relação entre Jesus e o Pai:

“Assim como o Reino de Deus não se entende sem Deus, o Deus cristão não é inteligível sem o Reino. Por conseguinte, por ser Jesus sacramento do Pai no mundo, é Ele mesmo a aparição do reino de Deus”²².

Jesus tem consciência da sua missão que é, sobretudo, que todos os homens tenham uma relação com Deus, análoga à relação que Jesus tem com o Pai. Jesus é o conteúdo da missão, conteúdo esse que se revela pela sua encarnação, cujo objetivo final é a revelação paternal de Deus e que todos os homens conhecendo a misericórdia do Pai vivam como irmãos²³.

Os Apóstolos são enviados a transmitir a fé de Jesus e a levar os homens a um compromisso sério com Ele. Esse anúncio pode dividir-se em dois momentos: primeiro, o anúncio Kerigmático e, segundo, o Batismo (AG 7). “A relação entre fé e batismo é parte integrante do mandamento missionário de Jesus. Evangelizar para Jesus significa, portanto, pregar o Evangelho e batizar os crentes”²⁴.

Todo o Novo Testamento afirma esta mesma preocupação de Jesus, ao reunir e preparar os doze Apóstolos (Mc 1,16-20; Mt 4,18-22; Lc 5,1-11). Todos os evangelistas dão testemunho de que estes discípulos são testemunhas constantes e privilegiadas dos sinais e ações de Jesus. Têm uma missão específica, pois, uma vez enviados, são chamados a ser “pescadores de homens” (Mc 1,16).

Os Evangelhos apresentam os discípulos como o novo povo de Deus, a comunidade que se reúne no cenáculo (At 2). Uma nova comunidade que surge para unir aquilo que está no plano de Deus: restaurar Israel. Este é o fruto do Pentecostes e de toda a missão cristã: reunir em comunidade.

Em todos os relatos de envio os protagonistas são os Apóstolos, os primeiros anunciadores. “A Igreja nasce da ação evangelizadora de Jesus e dos doze” (EN 15). Estes

²² C. FLORISTÁN, *Teología práctica. Teoría y praxis de la acción pastoral*, 25-26.

²³ Cf. *ibidem*, 26.

²⁴ J. S. MARTINS, *Ide e anunciai. Fundamentos e desafios da missão hoje*, 47.

são as testemunhas fiéis que seguiram Jesus, como vemos em At 1,23 aquando da eleição de Matias. Nesta passagem, está estabelecido o critério para ser verdadeiro apóstolo: seguir Jesus na sua totalidade. Este critério de apostolicidade é que vai permitir uma verdadeira continuidade entre a missão de Cristo e a missão apostólica e depois a eclesial.

“O chamamento de Jesus ao seguimento contém o princípio fundamental da Igreja, que é apostólica. A Igreja tem acesso a Jesus através do testemunho daqueles que foram escolhidos, enviados e instituídos como apóstolos por Ele”²⁵.

O episódio de At 1,23, também fornece outro elemento que é essencial para verificar o verdadeiro discipulado. A reconstrução da comunidade concretiza-se graças à ação do Espírito Santo (At 2,1-13). É através do Espírito Santo que a missão adquire continuidade e os Apóstolos, autoridade²⁶.

Os Apóstolos tornam-se verdadeiros seguidores de Cristo, pois toda a sua missão refere-se e recorda os atos da vida pública de Jesus (Jo 20,21-23; Act 5,15). Os próprios mandatos de Jesus vão ser prova disto mesmo:

“Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho ensinado. E sabeis que eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos” (Mt 28,19).

Léon-Dufour afirma que os Apóstolos são embaixadores de Cristo Ressuscitado, nos quais se funda a Igreja e que têm autoridade (não superioridade) sobre as comunidades: a do serviço pastoral²⁷.

Outro aspeto muito importante é o reconhecimento do Ressuscitado. Bruno Forte alerta que é no reconhecimento do Ressuscitado que “se expressa a dimensão subjetiva e espiritual da experiência frontal da fé cristã, e garante o espaço da liberdade e da gratuidade do assentimento no encontro com o Senhor Jesus”²⁸. É esta experiência de encontro que faz com que os discípulos assumam um novo estilo de vida (At 3,15; At 5, 31-ss.)

É a partir da Ressurreição que os Apóstolos percebem a sua verdadeira missão. É na ressurreição que eles entendem a verdadeira mensagem de Jesus. A incompreensão de muitos, muitas vezes manifestada ao longo da sua vida pública, desaparece. Pois

²⁵ T. SODING, “El Evangelio del reinado de Dios. La predicación de Jesús y la misión de los discípulos”, in G. AUGUSTIN, *El desafío de la nueva evangelización*, Sal Terrae, Santander, 2012, 133.

²⁶ Cf. GUIJARRO, Santiago - *Los Cuatro Evangelios*. Salamanca: Sígueme, 2012. p.420.

²⁷ X. LÉON-DUFOUR, “Apóstoles”, in X. LÉON-DUFOUR, *Vocabulario de Teología Bíblica*, Herder, Barcelona, 1965, 85.

²⁸ B. FORTE, *La transmisión de la fe*, Sal Terrae, Maliaño, 2015, 12.

descobrem que: “é no Ressuscitado que se reconhece o Crucificado”²⁹. É desta descoberta que nasce o *Kerigma*: “Jesus é o Senhor”³⁰. É sobre este anúncio que os discípulos devem dar razões da sua esperança (cf. 1Pe 3,15).

“Os discípulos do Ressuscitado estão chamados em primeiro lugar a colocar o Deus de Jesus Cristo no centro da sua vida e do seu anúncio, apresentando-se como discípulos do Único, servos da Verdade que liberta e salva”³¹.

O Cardeal Thomas Soding resume o envio missionário de Jesus aos seus discípulos em quatro pontos essenciais³². Primeiro, é Jesus quem toma a iniciativa, mostrando assim a liberdade daqueles a quem chama; da mesma forma que só Ele é o fundamento e o fim daqueles que se comprometem a segui-Lo. Segundo, Jesus chama os seus discípulos para estar bem junto d’Ele; o convívio, a pregação, as refeições, e a partilha fraterna são o ponto de partida de um verdadeiro seguimento. Terceiro, Jesus estabelece o lugar dos discípulos: eles não vêm em primeiro lugar; o primado de Jesus é absoluto. Quarto (e último), o chamamento a segui-Lo é a vocação própria da missão; os discípulos devem converter-se em pescadores de homens.

Os discípulos devem ser verdadeiros imitadores de Jesus, não uma mera repetição de seus gestos. Se assim fosse, cairiam no mero ritualismo. Os discípulos são verdadeiros anunciadores porque dão a conhecer os gestos salvíficos de Jesus e porque sabem que sem Ele todo o poder que receberam seria inexistente.

“Os discípulos devem anunciar o Evangelho, como o anunciou Jesus. Devem curar os doentes, de igual forma que curou Jesus. Devem inclusivamente ressuscitar os mortos, como ressuscitou Jesus (...); se fosse de outra forma, não seria o Evangelho de Jesus Cristo que se transmitia, mas uma mera imitação”³³.

Os discípulos são enviados e atuam em nome d’Ele. Participam da sua autoridade (Lc 10,16). Esta comunhão na Sua autoridade tem como objetivo transmitir na totalidade Cristo, ou seja, Cristo total. “Porque, se assim não fosse, todos aqueles que não tiveram contacto com Jesus estariam em desvantagem e só poderiam chegar a ser, no melhor dos casos, crentes de segunda classe”³⁴.

²⁹ *Ibidem*, 13.

³⁰ Cf. *ibidem*, 13.

³¹ *Ibidem*, 16.

³² Cf. T. SODING, “El Evangelio del reinado de Dios. La predicación de Jesús y la misión de los discípulos”, 131-133.

³³ *Ibidem*, 132.

³⁴ *Ibidem*, 134-135.

O papel do discipulado é diaconal, ou seja, de serviço. Os verdadeiros discípulos são aqueles que servem (Jo 13,14). Esta é a dinâmica do reino, a semente lançada por Jesus, a lâmpada acesa, o grão de mostarda; tem de dar frutos visíveis e os discípulos são os primeiros a mostrar esse fruto. Isto revela ainda que o discipulado tem uma relação estreita com a missão enquanto essa missão é personificada pelo mesmo Jesus. “Entra-se em relação com Ele (encontro vivencial), para partilhar a mesma vida (seguimento), em colegialidade de Irmãos (comunhão), para dedicar-se a anunciar e testemunhar o Evangelho (missão)”³⁵.

1.1.2.3. Cristo como fundamento da Missão da Igreja

O dia de Pentecostes, para S. Lucas, é o nascimento visível da Igreja (LG 4) (At 2,1-18). Para S. João a mesma Igreja nasce do lado de Cristo (Jo 19,30). Estas duas posições marcam uma dupla visão que não se pode esquecer. A primeira, é que a missão da Igreja é fruto do Espírito Santo, e a segunda, que a Igreja está intrinsecamente ligada à missão de Cristo. S. Mateus, por exemplo, apresenta a Igreja como alternativa à sinagoga. Estas posições são de certa forma aspetos que não se contradizem, antes pelo contrário, fazem entender a riqueza matizada do Evangelho conforme quem o recebe³⁶.

“A missão da Igreja primitiva prolonga a mesma missão de Jesus e, conseqüentemente, é um apelo à conversão do coração. A mesma comunidade eclesial está chamada a uma mudança profunda para poder assumir a responsabilidade missionária, recebendo o Espírito Santo e tendo a audácia de evangelizar. Existe, pois, uma continuidade com a pregação de Jesus, que ungido com o Espírito Santo e com o poder, passou fazendo o bem e curando todos os oprimidos pelo demónio, porque Deus estava com Ele”³⁷.

A missão da Igreja fundamenta-se em primeiro lugar no mistério Trinitário. É no movimento amoroso de Deus e na sua vontade salvífica que nasce a Igreja. A Igreja surge como continuadora desta missão trinitária, ou seja, com a missão de levar aos homens da história o amor de Deus. S. João Paulo II, na encíclica *Redemptoris Missio*, vai mais longe e diz o seguinte:

³⁵ J. ESQUERDA BIFET, *Misionología. Evangelizar en un mundo global*, 33.

³⁶ Cf. J. A. IZCO, “Fundamentos y razgos bíblicos de la misión cristiana”, in AA.VV., *La Misionología hoy*, Verbo Divino, Estella, 1987, 109.

³⁷ J. ESQUERDA BIFET, *Misionología. Evangelizar en un mundo global*, 42.

“O Concílio Vaticano II pretendeu renovar a vida e a atividade da Igreja, de acordo com as necessidades do mundo contemporâneo: assim sublinhou o seu carácter missionário, fundamentando-o dinamicamente na própria missão trinitária” (RM 1).

A Trindade é para a Igreja o seu paradigma, se esta é um laço de comunhão divina, assim o deve ser a Igreja.

“Se algo distingue a Igreja de qualquer outro tipo de sociedade é precisamente este selo de comunhão com Deus que, em vez de fechar-se nos seus próprios limites para afirmar-se, faz-se oferta e doação para todos”³⁸.

Se ao afirmamos que a Igreja é continuadora da missão da Trindade, esta, como dissemos anteriormente, tem como modelo a Jesus Cristo, visto ser Ele o rosto visível da própria Trindade. Se assim o é, podemos dizer que a Igreja é continuadora da missão de Cristo. Mas, por sua vez, a Igreja também se insere nesta cadeia de envios que procede da Trindade, ou seja: “a Igreja é continuadora da missão de Jesus Cristo que, por sua vez, é o enviado do Pai. Por isso, a Igreja é parte do plano salvífico de Deus que não terminou”³⁹. Acrescentaríamos ainda que esta é permanentemente inspirada e atualizada pela ação do Espírito Santo nela.

Sendo assim, e em continuidade com o que dissemos de Cristo, então a Igreja tem uma correlação estreita com a missão de Cristo:

“Cristo veio ao mundo e foi até aos mais afastados, por isso a missão da Igreja implica um deslocar-se, um ir; Jesus Cristo viveu a sua missão num estilo de pobreza, obediência, serviço e imolação até a morte, por isso esse deve ser o estilo da missão da Igreja”⁴⁰.

Pié-Ninot, no seu tratado de eclesiologia, recorda as três dimensões da missão da Igreja que, como o próprio afirma, estão expressas na LG 13-17: 1) dimensão de ‘purificação’ e ‘libertação’; 2) dimensão de ‘elevação’ e ‘maturidade’; 3) dimensão de ‘perfeição’ e ‘plenitude’.

“Reúne-se assim (LG 17 com os três verbos paralelos de LG 13: *purificat, roborat et elevat*) a tradição teológica sobre as relações entre natureza e graça, entre criação e redenção, na qual o dom de Deus assume a tripla dimensão de ‘purificar’ (a *gratia sanans* de Agostinho),

29. ³⁸ J. NUNES, *Teologia da Missão. Notas e Perspetivas*, Obras Missionárias Pontificias, Lisboa, 2008,

³⁹ *Ibidem*, 29.

⁴⁰ *Ibidem*, 29.

‘elevant’ e ‘levar à consumação’ (a *gratia elevans* e *consumans* da teologia escolástica do século XIII)”⁴¹.

A chave cristológica manifesta-se no texto de GS 45, formulação histórico-antropológica feliz: “O Senhor é o fim da história humana, o ponto para onde tendem os desejos da história e da civilização, o centro do género humano, a alegria de todos os corações e a plenitude das suas aspirações”⁴².

Este texto mostra-nos a dimensão teológica da missão, pois a Igreja evangeliza consciente de que recebeu este dom de Deus e da graça e que a sua missão na terra tem uma prefiguração daquilo que é a missão de Deus até à sua consumação, tendo, portanto, também uma dimensão escatológica da missão. Por outras palavras, podemos dizer que a Igreja assume a missão de Cristo até que este venha de novo consumir tudo para si.

1.1.2.4. A Igreja continuadora da Missão de Cristo

Se a missão da Igreja tem como fundamento Cristo, é importante perceber como é que esta nos seus princípios e enquadrou aquilo que recebeu do Senhor. No fundo perceber como é que a Igreja compreendeu a mensagem de Jesus na sua história imediata. É nesta consciência que entenderemos a missão a que é chamada.

A partir do momento em que a missão se espalha por outros ambientes territoriais e culturais (At 13; Gal 2,11-14). Estes vão ser muito importantes para a compreensão da expansão do cristianismo no mundo helénico e romano, pois, graças aos vários ambientes sociais e circunstanciais e às possibilidades de mobilidade, a força do Evangelho chegou a meios bem distintos⁴³. No fundo, este anúncio apresenta a universalidade do mandato missionário e ao mesmo tempo o diálogo com a história e a sua inculturação (Mt 29,19; At 1,8). “Podemos dizer que a autorrealização da Igreja passa pelo diálogo com a história e com os elementos da historicidade. O hoje do mundo, da cultura e da história entra em contacto com a ação pastoral da Igreja; a Igreja dialoga com eles para encarnar a sua ação em formas e estruturas para que dê respostas”⁴⁴.

Nesta variedade de missões podemos dar vários exemplos, mas seguiremos aqueles que Cassiano Floristán nos apresenta⁴⁵: comunidade de Jerusalém, está muito

⁴¹ S. PIÉ-NINOT, *Eclesiologia. La Sacramentalidad De La Comunidad Cristiana*, Sígueme, Salamanca, 2015, 578-579.

⁴² Cf. *Ibidem*, 579.

⁴³ Cf. S. GUIJARRO OPORTO, *La primera evangelización*, 201.

⁴⁴ J. RAMOS, *Teologia Pastoral*, BAC, Madrid, 2013, 30.

⁴⁵ Cf. C. FLORISTÁN, *Teología práctica. Teoría y praxis de la acción pastoral*, 45-50.

presente nos escritos lucanos (At 2,42; 4,32; 5,12) como a comunidade de referência, muito vinculada à comunidade judaica e com um cariz mais tradicional. A comunidade de Antioquia, muito ligada ao Império Romano, porém com uma grande influência judaica; enraizada na cultura grega, podemos imaginar os choques que causava aos judeus vindos da Palestina; foi nesta cidade que, pela primeira vez, chamaram cristãos aos discípulos de Jesus. A comunidade de Corinto – uma província romana com grande atividade comercial – tem origem paulina e, segundo consta, foi uma comunidade muito difícil, devido aos problemas de práticas e costumes imorais e dificuldades com a sinagoga. As comunidades da Macedónia, caracterizadas pela religiosidade variada, eram centros de comércio; as comunidades eram pobres, mas bastante acolhedoras (Filipenses). A comunidade de Roma, que era sobretudo de origem pagã, apesar de haver muitos judeus de proveniência Palestina; a cidade maior e capital do império onde surgiram muitos confrontos com os cristãos. Por último, temos as comunidades da Galácia, de origem pagã, que se caracterizavam por um espírito de acolhimento apesar da sua pobreza; a estas comunidades se deve a discussão sobre a circuncisão.

Esta pequena referência a estas comunidades serve para mostrar a variedade de comunidades. A partir de aqui, podemos tirar algumas conclusões: em primeiro lugar, eram grupos pequenos (50 a 60 pessoas); alguns autores caracterizam-nas como “movimentos populares de base”⁴⁶; eram de diferentes proveniências, de diferentes níveis sociais; apesar das discrepâncias sociais é muito claro que se sentem irmãos; este vai ser o seu traço característico, que marca a diferença com o judaísmo e com o mundo pagão e constitui a unidade fundamental entre eles.

Para se reunirem têm a casa particular. É um elemento fundamental (At 2,46):

“As comunidades cristãs primitivas aceitaram a casa como estrutura básica. Os primeiros crentes não possuíam outro lugar de reunião; com razão se pode dizer que a comunidade cristã primitiva era uma comunidade doméstica; (...) a fraternidade era chave fundamental do seu funcionamento”⁴⁷.

Eram grupos heterógenos, uns com tendência mais judaica e tradicional – como é o caso da comunidade de Tiago em Jerusalém – e outros mais abertos, como a comunidade de Antioquia:

⁴⁶ *Ibidem*, 51.

⁴⁷ *Ibidem*, 52.

“O bilinguismo cultural primeiro e o pluralismo posterior não se resolve facilmente na unidade da comunidade; se é difícil colocar os bens em comum, não menos árduo é partilhar entre todos o Evangelho; os hebreus queriam seguir fiéis às suas tradições, mas os helenistas estavam dispostos a uma abertura aos gentios”⁴⁸.

Entrava-se nesta nova comunidade através do Batismo em nome de Jesus. Participavam na fração do pão (At 2,42).

“A receção do Batismo, que implica a comunhão com Cristo e com a Igreja através da celebração sensível dos gestos da salvação. Através destes gestos, o Espírito de Pentecostes chega aos cristãos e os frutos da Páscoa – o perdão dos pecados e a incorporação na comunidade dos salvos – são recebidos por aqueles que os celebram. Esta celebração tem sempre como autora a comunidade cristã que nela se realiza e se constitui como tal”⁴⁹.

Estas comunidades sentiam-se e estavam realmente alicerçadas nos fundamentos dos Apóstolos (At 1,13). Nos relatos, vemos um destaque predominante de Pedro assim como de João e Tiago, considerados as colunas da Igreja (Gal 2,9).

Em síntese, a ação pastoral da Igreja cria uma comunidade com as seguintes características: seguidores de Jesus (At 1,15), com dirigentes (At 1,13), uma comunidade que se encontra (At 1,15-ss; 2,1; 12,12) que ora (At 2,46), que vive em unânime comunhão (At 4,32), praticando a fé, a unidade e a comunhão de bens (At 2,44-ss; 4,32; 4,34-37), e merecendo a estima de todos (At 2,47). “São comunidades com características próprias, com sinais identitários próprios e ao mesmo tempo com distintas estruturas para realizar a própria ação pastoral”⁵⁰.

Júlio Ramos destaca que as estruturas da Igreja nascem de ações pastorais quando estas entram em contato com as diversas comunidades. Vemos que no cristianismo primitivo este princípio vai imperar na ação evangelizadora da Igreja. Este vai ser o princípio, pelo qual, a Igreja entra numa realidade concreta.

“Podemos dizer que as ações pastorais mudam para que se siga mantendo a ação pastoral. A organização concreta, os ministérios da comunidade, as formas de oração, os lugares, etc.; vão respondendo às exigências que o tempo e o lugar vão apresentando à Igreja”⁵¹.

Podemos destacar algumas conclusões sobre a Missão nas origens do Cristianismo que mostram a sua grande importância. Em primeiro lugar, salienta que a missão tem

⁴⁸ *Ibidem*, 53.

⁴⁹ J. RAMOS, *Teologia Pastoral*, 28.

⁵⁰ *Ibidem*, 28.

⁵¹ *Ibidem*, 29.

Cristo como centro e a salvação de todos os homens. Em segundo, que esta mensagem de salvação se dá na história, através de pessoas concretas, como é o caso dos Apóstolos e das comunidades. Em terceiro, a mensagem propaga-se por palavras e obras, tendo como principal atividade a pregação do *Kerigma*. Quarto, desse anúncio nascem comunidades que se reúnem para celebrar a Eucaristia. Estas, depois de evangelizadas, passam elas mesmas a ser evangelizadoras. Em último lugar, dentro desta sequência, notamos a preponderância do testemunho como meio de evangelização, de inculturação da mensagem evangélica e um estilo de vida próprio de quem abraça este Caminho.

1.1.3. Espírito Santo, na Missão da Igreja

A missão trinitária não ficaria completa sem uma referência à missão do Espírito Santo. Se, com o dissemos anteriormente, a Igreja nasce do coração de Cristo, não é menos verdade que esta nasce da força do Espírito Santo. No ponto anterior tínhamos dito que a experiência do Pentecostes vai ser algo muito importante para a compreensão missionária da Igreja. Esta juntamente com a mensagem de Jesus e dos apóstolos vão ser os fatores principais para a caracterização e a fundamentação de uma Igreja em Missão. A própria encíclica *Dominum et Vivificantem* dá-nos a chave disso mesmo quando diz:

“A Igreja, portanto, instruída pelas palavras de Cristo, indo beber à experiência do Pentecostes e da própria ‘história apostólica’, proclama desde o início a sua fé no Espírito Santo, como n’Aquele que dá a vida, Aquele no qual o imperscrutável Deus uno e trino se comunica aos homens, constituindo neles a nascente da vida eterna” (DV 1).

Esta afirmação revela a dimensão trinitária do mistério eclesial, faz-nos pensar no papel que assumem as restantes pessoas da Santíssima Trindade. Bruno Forte reflete sobre esta questão, nos seguintes termos:

“Esta origem na Trindade, mediante as missões do Filho e do Espírito, mostra como a Igreja é constitutivamente Kenosis e esplendor, ocultamento e irradiação, do amor trinitário na história. Como na trindade assim - mediante uma analogia nada insignificante - na Igreja, a transmissão da vida nova na fé é a expressão do dinamismo mais profundo da comunhão. A irradiação da sobreabundância do amor, é infundida nela pelo Espírito Santo (...) O Espírito Santo, na sua vinda manifesta a natureza comum da Trindade, embora permitindo que a sua pessoa fique diluída na divindade”⁵².

⁵² B. FORTE, *La transmisión de la fe*, 20-21.

Além disso, podemos observar uma forte ligação entre o Espírito Santo e a Igreja a partir da própria profissão de fé. Yves Congar dá o título de cofundador da Igreja ao Espírito Santo e afirma que “por mais que nos recuemos na busca das fórmulas mais antigas das profissões de fé, encontraremos sempre a Igreja unida ao Espírito Santo”⁵³. Juan Esquerda Bifet refere que:

“A missão é realizada pelo mesmo Jesus ressuscitado, que segue enviando o seu Espírito. Deste modo, o Espírito Santo vai indicando duas facetas: o universalismo da missão e a audácia por parte dos enviados. O mesmo Espírito é quem capacita a comunidade para fazer-se missionária. É sempre o Espírito que unge e envia, por parte do Pai e do Filho”⁵⁴.

Como vemos nestas afirmações, o Espírito Santo assume uma importância peculiar na missão. Não só porque a Igreja está vinculada ao Espírito Santo desde sempre, assim o constatamos nas afirmações de fé, como o podemos testemunhar ao largo da história da Igreja. Desde o Pentecostes (manifestação pública) até hoje vemos que ele é o fundamento maior da evangelização. É o Espírito Santo quem impulsiona a Igreja, e a impulsiona constantemente por caminhos inesperados e continuamente lhe abre as portas a novos desafios⁵⁵. Daí a dimensão carismática da Igreja. É graças ao Espírito Santo que se prolonga a continuidade da missão da Igreja bem como a forma como esta assume a missão. “O Espírito dá os carismas como quer; são estes, por assim dizer, contextuais e correspondem a cada situação histórica e a cada necessidade da Igreja”⁵⁶.

Não é demais realçar a ideia de que é o Espírito Santo que nos permite não só uma atualização da missão, mas também é Ele o sujeito que nos permite uma autêntica avaliação da mesma, ou seja, permite-nos saber se a Igreja está num Pentecostes constante ou, em palavras do Papa Francisco, se a Igreja é uma Igreja em saída⁵⁷. Em última análise poderíamos utilizar a expressão de Karl Barth: “A Igreja é a forma de existência terrena e histórica do Espírito”⁵⁸ e não há outra forma de honrar essa existência se não por uma Igreja em missão.

Neste sentido, o documento da conferência episcopal portuguesa “O Espírito Santo, Senhor que dá a vida”, é bastante iluminador. No seu capítulo terceiro aponta o

⁵³ Y. CONGAR, *El Espíritu Santo*, Herder, Barcelona, 1983, 207.

⁵⁴ J. ESQUERDA BIFET, *Misionología. Evangelizar en un mundo global*, 42-43.

⁵⁵ Cf. W. KASPER, *Iglesia Católica*, 207.

⁵⁶ *Ibidem*, 212.

⁵⁷ Expressão muito utilizada pelo Papa Francisco na exortação apostólica pós sinodal *Evangelii Gaudium*, mais concretamente no Capítulo I da mesma.

⁵⁸ K. BARTH, *Die Kirchliche Dogmatik*, IV/1, Theologischer Verlag, Zürich, 1940, 718, *apud* W. KASPER, *Iglesia Católica*, 215.

Espírito Santo como principal agente da Evangelização. Na sequência daquilo que vamos dizendo, este documento mostra-nos a importância de uma urgência missionária e do papel que o Espírito Santo tem para projetar uma missão de futuro. É o Espírito Santo o agente dinamizador de toda a missão⁵⁹.

“Sem o Espírito Santo, Deus está longe; Cristo permanece no passado; o Evangelho é letra morta; a Igreja, uma simples organização; a autoridade, despotismo; a Missão, propaganda; o culto, uma evocação; e a vida cristã, uma moral de escravos; mas com o Espírito Santo e em permanente comunhão com ele, o cosmos fica exaltado e solta gritos de alegria na gestação do reino; o homem luta contra a carne; Cristo ressuscitado está presente; o Evangelho é poder e vida; a Igreja é ícone de comunhão trinitária; a autoridade, um serviço libertador; a missão, um novo Pentecostes; a liturgia, memorial e antecipação; e toda a vida cristã fica deificada”⁶⁰.

1.2. Consciência de uma Igreja Missionária

Ao longo da sua história, a Igreja sempre teve a consciência de que proclamar o Evangelho de Cristo era a sua missão. D. Manuel Clemente, ainda Bispo do Porto, nas suas catequeses quaresmais de 2012, destaca isso mesmo:

“Havemos de maravilhar-nos com a infinda capacidade do Evangelho para recriar ‘todas as coisas em Cristo’, nas mais diversas culturas e civilizações, tanto nas circunstâncias mais extremas como na habitualidade mais comezinha”⁶¹.

Neste tempo atual, é importante atender a este pressuposto, dado que a missão da Igreja de evangelizar nunca foi posta em causa. O nosso estudo incidirá particularmente na contemporaneidade. Contudo, nunca poderemos entender o presente da missão da Igreja sem atender ao seu passado e descobrir como chegou até aqui. Sobre este assunto, nunca é demais recordar a tese de D. Manuel Clemente, pronunciada nessas mesmas catequeses quaresmais. Segundo o, na altura, Bispo do Porto, as fases de evangelização são várias: primeira, o testemunho dos primeiros mártires; segunda, o recomeço orante dos monges da Alta Idade Média; terceira, a conversão ativa dos mendicantes do século

⁵⁹ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “O Espírito Santo, Senhor que dá a vida”, in *Documentos Pastorais*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2002, 61-65.

⁶⁰ *Ibidem*, 54.

⁶¹ M. CLEMENTE, “Evangelizar de novo. Converter sempre!”, 2012, em http://www.diocese-porto.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1986:conferencias-quaresmais&catid=153:textos-e-apresentacoes&Itemid=242 [em linha, consultado em 01-08-2018].

XIII; quarta, o ardor missionário, *ad intra* e *ad extra*, da época moderna; quinta e última, a correspondente àquilo que chamamos Nova Evangelização⁶².

A Igreja foi sempre, ao longo dos tempos, assumindo a sua missão. De formas certamente variáveis e até discutíveis, mas o seu foco manteve-se. Hoje, estamos num período de reflexão que exige, tal como disse João Paulo II, uma evangelização nova: “nova no seu entusiasmo, nos seus métodos, na sua expressão”⁶³; os protagonistas são outros e o tempo assim o pede. A pergunta surge: como tornar efetivo o Evangelho hoje? Uma pergunta difícil, que exige certamente uma resposta à altura deste mesmo tempo, tal como exigiu a cada um dos protagonistas de cada época. Vejamos agora como é que a Igreja, nos seus últimos tempos, assumiu este propósito. Para tal, tentaremos estudar o Concílio Vaticano II e os contributos que deu para vivificar a missão da Igreja e qual a receção às suas propostas, analisando os principais documentos missionários pós-conciliares até aos dias de hoje.

1.2.1. Concílio Vaticano II

É impossível negar o impacto que este Concílio, convocado a 25 de janeiro 1959 pelo Papa João XXIII, teve na vida da Igreja. O *aggiornamento* que pretendia na vida da eclesial fez-se sentir. A pergunta que Paulo VI formulou, no início da sua 2.^a Sessão “Igreja, que dizes de ti mesma?”, ainda hoje é um desafio que nos convoca e nos interpela. Mais ainda a pergunta que surge de imediato “Igreja que dizes de ti ao mundo”. Estas perguntas são as fundamentais do Concílio e que necessitam de uma contínua e profunda resposta. Tal resposta é fruto de um tempo e de umas circunstâncias que é importante não esquecer. A verdadeira intenção do Concílio é voltar às origens e dar uma resposta ao mundo contemporâneo. Para tal, o Concílio não tem a pretensão de responder a tudo, mas de elaborar um quadro interpretativo da realidade.

A novidade do Vaticano II foi, sem dúvida, o aprofundamento e a fundamentação da missão. Segundo José Nunes, a grande conquista do Concílio foi “que preferiu falar de missão e não de missões”. Isto não significa que se deixa de preocupar com as chamadas missões, exemplo disso é a parte final do decreto *Ad Gentes*. Contudo, o aprofundamento do conceito missão era essencial. A Igreja necessitava de insistir no seu

⁶² Cf. *ibidem*.

⁶³ PAPA JOÃO PAULO II, "Discurso do Papa João Paulo II na Abertura da XIX Assembleia do CELAM", 1983, em https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html [em linha, consultado em 01-08-2018].

núcleo ontológico constitutivo, ou seja, refletir sobre a sua missão. Também segundo José Nunes, este tipo de abordagem vai ser o despontar de uma nova forma de observar a realidade. Segundo ele, esta visão vai levar a pronunciamentos tais, como: “tudo é missão; pode e deve-se ser missionário em qualquer lugar; todos os cristãos são missionários...”⁶⁴. Estas afirmações são de facto muito importantes. Também é certo que a radicalização das mesmas pode ter levado e, segundo muitos, levou mesmo, à perda do interesse pelas missões Ad Gentes. Mas, como dissemos anteriormente, essa não é a intenção do Concílio. Antes pelo contrário. O que o Concílio quer mostrar é a essência de uma Igreja Missionária e dar o limite interpretativo dessa mesma essência.

Em três momentos, vejamos o que o concílio quis, quando falou da Missão da Igreja. Para isso, atenderemos: em primeiro lugar, aos antecedentes conciliares, depois, aos documentos conciliares e mais tarde, num outro ponto, falaremos da influência do Concílio nos anos posteriores.

1.2.1.1. Antecedentes conciliares

Podemos aqui distinguir dois tipos de antecedentes: os internos e os externos à vida da Igreja. A nível interno, o aparecimento, durante a primeira metade do século XX, de algumas encíclicas e exortações apostólicas foi importante para o despontar do interesse da missiologia: a *Maximum Illud* de Bento XV que, destacando os grandes capítulos da missão, recolhe as grandes linhas de atuação da chamada *Propaganda Fidei*; a *Rerum Ecclesiae* de Pio XI, fazendo um apelo a que toda a Igreja e cada Igreja particular colaborem na evangelização universal, harmonizando assim as ideias vigentes sobre a missão – converter para implementar; reforça também o papel da Igreja local e dá um sentido menos impositivo à missão cristã; a *Saeculo Exeunte Octavo* de Pio XII, que se dirige sobretudo a Portugal para realçar o trabalho missionário na evangelização doutros continentes; a *Evangelii Praecones*, também de Pio XII, escrita para comemorar os 25 anos da publicação da *Rerum Ecclesiae* e que pretende harmonizar as tendências da missiologia da época (converter para implementar); a *Fidei Donum* de Pio XII, que muitos consideram o “testamento missionário” do papa Pacelli, escrita num momento em que surge a independência de alguns países africanos e é também uma chamada de atenção do papa aos bispos, para que estes participem e se sintam corresponsabilizados na missão universal, insistindo igualmente em temas como a participação dos presbíteros

⁶⁴ J. NUNES, *Teologia da Missão. Notas e Perspetivas*, 50.

diocesanos na missão do bispo local aflorando, novamente, questões sobre a implementação da Igreja local; a *Princeps Pastorum* de João XXIII aparece na comemoração dos 40 anos da *Maximum Illud* de Bento XV.

Num sentido ainda mais próximo ao Concílio, ainda dentro do nível interno da Igreja, é de destacar a renovação eclesiológica e o desenvolvimento de novas hermenêuticas eclesiais como: *Igreja povo de Deus*, *Sacramento de salvação*, *Mistério de comunhão*. E ainda as novas concepções sacerdotais: sacerdócio comum dos fiéis, a revalorização da Igreja local e o papel do Episcopado. A própria teologia da missão abandonará as perspectivas de cariz impositivo como, por exemplo, a salvação das almas ou a implantação da Igreja, para se abrir a novas compreensões, fruto dos novos movimentos que surgiam^{65 66 67}.

A nível externo da Igreja, também é importante realçar alguns fatores que contribuíram para que o tema da missão fosse repensado: as grandes transformações político-sociais que despontaram nesta época; a inquietação gerada nos países que detinham colónias perante as revoluções e os movimentos que lutavam pela sua autodeterminação⁶⁸. Mesmo a própria situação da Europa revelava alguma preocupação. O pós-guerra, a guerra fria, a formação e libertação de alguns países, as consequências do holocausto. Mesmo as mudanças técnico/científicas foram motivos para repensar qual é a missão da Igreja no mundo contemporâneo⁶⁹.

1.2.1.2. A missão da Igreja no Concílio Vaticano II

Juan Esquerda Bifet, no seu manual de missiologia, faz uma boa síntese daquilo que foi o Vaticano II para a renovação da visão missionária. Segundo ele, todos os documentos conciliares dão diversos contributos à missão da Igreja, se bem que nem todos com a mesma incidência.

“A *Lumen Gentium* desenvolve amplamente a natureza missionária da Igreja; a constituição *Gaudium et Spes* acentua a inserção da Igreja no meio do mundo; o decreto *Ad Gentes*

⁶⁵ Não obstante, o Concílio Vaticano II herdou também outros aspetos desse longo século XX, Como o desenvolvimento dos estudos bíblicos, litúrgicos, patrísticos e filosóficos, a concorrência dos protestantes nas missões estrangeiras e o surgimento do socialismo e do comunismo. Cf. W. KASPER, *Iglesia Católica*, 427–431.

⁶⁶ Cf. J. NUNES, *Teologia da Missão. Notas e Perspetivas*, 49-51.

⁶⁷ Cf. W. KASPER, *Iglesia Católica*, 427–428.

⁶⁸ Cf. J. NUNES, *Teologia da Missão. Notas e Perspetivas*, 51.

⁶⁹ Cf. W. KASPER, *Iglesia Católica*, 427–428; J. NUNES, *Teologia da Missão. Notas e Perspetivas*,

aprofunda a missão universal a todos os povos; outros documentos conciliares, um aspeto especial da missão eclesial”⁷⁰.

No fundo, o concílio vai fazer confluir Missiologia com Ecclesiologia.

O Concílio Vaticano II reconheceu a nova situação do mundo e da Igreja, introduzindo na sua reflexão uma nova forma de pensar a missão. Segundo Kasper, “o Concílio não parte já da salvação das almas (escola de Münster) ou da implementação da Igreja (escola de Lovaina), mas integra e reconcilia estes enfoques tradicionais num contexto teológico maior”⁷¹. Ou seja, para o Concílio a “Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na ‘missão’ do Filho e do Espírito Santo” (AG 2).

O grande contributo do Concílio é, sem dúvida, a clarificação do significado de missão. *Ad Gentes* é o documento no qual podemos observar essa clarificação. Tal como a *Lumen Gentium*, este documento situa a missão da Igreja dentro do desígnio e da revelação de Deus Trinitário. Na mesma linha também, estabelece a vinculação da missão da Igreja com Jesus Cristo.

“A atividade missionária não é outra coisa, nem mais nem menos, que a manifestação ou epifania dos desígnios de Deus e a sua realização no mundo e na história, na qual Deus, pela missão, manifestamente vai tecendo a história da salvação” (AG,9).

Por palavras de Walter Kasper:

“O objetivo da missão é só indiretamente a Igreja e a expansão da Igreja. Trata-se em primeiro lugar de anunciar o Reino de Deus que veio com Jesus Cristo e que agora abre caminho mediante a Igreja no Espírito Santo”⁷².

O documento *Ad Gentes* trouxe consigo outro ponto de discussão muito importante. Há um reconhecimento e primazia de que a missão é uma, mas realiza-se de modos distintos, ou seja, o tempo e o espaço vão ser superiores ao critério meramente geográfico (AG 6). A missão desenvolve-se segundo as condições históricas e sociais. Por outras palavras, é dada a primazia ao critério antropológico. A pergunta que surge é: qual a situação do homem perante o Evangelho? Esta pergunta é fundamental, pois permite perceber, que a missão da Igreja é uma: levar a boa nova de Jesus. Contudo a forma como esse evangelho é transmitido vai levar a que se façam “missões”. Como diz Eloy Bueno:

⁷⁰ J. ESQUERDA BIFET, *Misionología. Evangelizar en un mundo global*, 95.

⁷¹ W. KASPER, *Iglesia Católica*, 428.

⁷² *Ibidem*, 429.

“A reflexão de *Ad Gentes* 6 apoia-se, portanto, na dialética essência/ circunstância. As circunstâncias condicionam o modo de aparecer e realizar a mesma essência da missão”⁷³.

Como dissemos anteriormente, no Concílio Vaticano II, a eclesiologia funde-se com a missiologia; nos documentos conciliares isso vai ser visível. Na impossibilidade de mencionar todos os aspetos, importa insistir em alguns que são transversais aos documentos conciliares.

*“Podemos constatar que a dinâmica missionária se articula perfeitamente com a compreensão da Igreja como Povo de Deus, povo que, no mundo e na história, se deve ir dilatando e estendendo, até aos confins da terra (afirmação clara de LG 13-17 e bem explícita em LG 9: ‘Povo de Deus Missionário’), e ainda com a compreensão da Igreja como Sacramento da Salvação. Assim como Jesus Cristo, enviado-missionário do Pai, pregou o reino e é Sacramento de Deus no mundo, também a Igreja, ao participar dessa missão de Cristo e por mandato Dele, ‘é sacramento para todo o género humano’ (LG 1)”*⁷⁴.

1.2.2. A receção conciliar

1.2.2.1. *Evangelii Nuntiandi*

A publicação da exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* sobre a evangelização do mundo contemporâneo foi uma lufada de ar fresco e ao mesmo tempo um relembrar de uma grande verdade na vida da Igreja⁷⁵. Apesar dos conteúdos doutrinais já conhecidos, a novidade centrou-se na apresentação de uma nova estrutura e numa nova

⁷³ E. BUENO DE LA FUENTE, *La Iglesia en la encrucijada de la misión*, Ed. Verbo Divino, Estrella, 1999, 144.

⁷⁴ J. NUNES, *Teologia da Missão. Notas e Perspetivas*, 52.

⁷⁵ Júlio Ramos Guerreira apresenta alguns antecedentes que proporcionam esta nova consciência evangelizadora na vida da Igreja: o redescobrimento do tema da missão e a situação das paróquias das grandes cidades, a metade do século XX; a celebração do Concílio Vaticano II e o redescobrimento do mistério eclesial: o ser (LG) e o atuar (GS) da Igreja no mundo; os dez anos entre o Concílio e o Sínodo, com os seus limites e esperanças onde a relação comunhão e missão se desequilibra. Cf. J. A. RAMOS GUERREIRA, “A los quince años de la ‘Evangelii Nuntiandi’”. *Luces y sombras*”, *Misión Abierta* 5 (1990) 51–52.

linguagem. Esta exortação apostólica supõe uma valorização da palavra “evangelização”, abrindo assim novos horizontes no que à ação missionária diz respeito, como diz Eloy Bueno:

“Se no concílio as missões foram integradas na missão, posteriormente a missão (e a atividade missionária) vai ser integrada na evangelização. A evangelização passa a ser a categoria englobante da compreensão da Igreja”⁷⁶.

Ángel Santos Hernández, na sua teologia sistemática da missão, tenta clarificar os conceitos de evangelização e missão apoiando-se na *Evangelii Nuntiandi*. Diz ele:

“A evangelização... é a atividade pela qual se proclama o Evangelho e depois se explica para suscitar a fé entre os não crentes e alimentá-la entre os já cristãos, estendendo assim a Igreja cada vez mais o significado e o termo “evangelização” para indicar em geral toda a sua missão. Tendência que se acentua e concretiza na ‘*Evangelii Nuntiandi*’. Por isso é que se designa, muitas vezes com os anteriores termos: ‘missão’, ‘atividade missionária’, e ‘apostolado’; evangelização engloba todos estes conceitos e termos. Mas, de per si, são distintos, porque, se toda a missão é evangelização, nem sempre a evangelização é missão, já que missão é um conceito mais limitado, mais restrito que evangelização. Porém, a evangelização, ou a missão da Igreja, é todo um processo que inclui o primeiro testemunho que prepara o anúncio até a formação de uma comunidade”⁷⁷.

A Igreja, segundo a *Evangelii Nuntiandi*, não é só missionária, mas também evangelizadora. Na exortação são apresentadas três questões iniciais que vão marcar o desenvolvimento de todo o documento e de maneira geral a ação evangelizadora da Igreja.:

“O que é feito, em nossos dias, daquela energia escondida da Boa Nova, suscetível de impressionar profundamente a consciência dos homens? Até que ponto e como é que essa força evangélica está em condições de transformar verdadeiramente o homem deste nosso século? Quais os métodos que hão de ser seguidos para proclamar o Evangelho de modo a que a sua força possa ser eficaz?” (EN 4).

O que se pretende é uma real transformação do homem, a partir da eficácia do conteúdo e dos meios, comunicados valentemente aos destinatários por agentes entusiasmados. Por isso, a exortação apresenta um plano de ação evangelizadora que tentaremos expor em sete pontos.

⁷⁶ E. BUENO DE LA FUENTE, *La Iglesia en la encrucijada de la misión*, 144.

⁷⁷ A. SANTOS HERNÁNDEZ, *Teología sistemática de la misión. Progresiva evolución del concepto de misión*, Ed. Verbo Divino, Estrella, 1991, 389–391.

Em primeiro lugar, Cristo é o primeiro evangelizador. Ele, através da sua encarnação e de toda a sua vida culminada no mistério Pascal, dedicou-se fielmente a anunciar o Reino de Deus. Quem acolhe esta boa Nova constitui a Igreja e tem como imperativo continuar esse trabalho evangelizador. A Igreja existe para evangelizar, mas ao mesmo tempo não esquecer que ela deve evangelizar-se a si mesma através da escuta constante dos sinais dos tempos e da docilidade ao Espírito Santo, para que assim o mandamento do Amor possa manter a sua frescura (cf. *EN* 6-16).

Em segundo lugar, evangelizar não é só pregar, dar catequese, distribuir sacramentos ou chegar a lugares geográficos recônditos. Evangelizar supõe, sobretudo, uma transformação pessoal. Supõe uma mudança de valores, de pensamento, de juízos. Supõe levar o evangelho às diversas culturas sem submeter-se a nenhuma. Como? Por um testemunho que provoque perguntas e por um anúncio explícito. A consequência é que quem acolha o evangelho terá de expressá-lo de alguma forma: entrando na Igreja, vivendo os sacramentos e, depois de evangelizado, possa também ele evangelizar (cf. *EN* 17-24).

Em terceiro lugar, o conteúdo essencial da evangelização é que Deus é Pai e que Jesus, seu filho, veio ao mundo para salvar-nos. Por isso, há que pregar o amor de Deus, há que procurá-lo na oração e para mediar essa busca está a Igreja através dos sacramentos. Essa mensagem é algo concreto que entra na vida pessoal e social da pessoa. Uma mensagem de libertação. Esta não deve reduzir-se, de modo algum, a uma ideologia ou opção política. A Igreja contribui para a liberdade do homem inspirando uma fé, motivando um amor fraterno e dando uma doutrina social (cf. *EN* 25-39).

Em quarto lugar, para levar a cabo esta ação evangelizadora são necessários meios: deve atender-se mais ao testemunho de vida do que ao que se ensina; uma homilia simples e clara, direta e enraizada no evangelho; uma catequese adequada que permaneça na memória e no coração; formar bons catequistas, para que possam chegar a todos os grupos etários. Hoje em dia, os meios de comunicação são uma oportunidade a utilizar, contudo não há que esquecer o contacto pessoal, porque não basta chegar às maiorias, há que chegar a toda a pessoa; a vivência dos sacramentos; a piedade popular bem orientada, corrigindo os frequentes desvios, é um instrumento que pode ajudar a ação evangelizadora (cf. *EN* 40-48).

Em quinto lugar, como católicos, temos a missão de chegar a todos: aos que não O conhecem (religiões não cristãs), ou àqueles que não querem conhecê-Lo (secularismo ateu), aos que receberam o batismo, mas vivem á margem (não praticantes) e a todos os

outros cristãos que necessitam, continuamente, de consolidar e alimentar a sua fé. Assim as comunidades eclesiais de base convertem-se, não só em objeto de evangelização, mas também em seus agentes (cf. *EN* 49-58).

Em sexto lugar, os agentes de evangelização, para eficácia da mesma, devem utilizar uma linguagem e uns símbolos que respondam à vida concreta dos destinatários: os bispos, como mestres da fé, os sacerdotes, educando, pregando e administrando os sacramentos; os religiosos com o exemplo de consagração; e sobretudo os leigos, inserindo-se no mundo que os rodeia, assumindo a sua ministerialidade laical, fazendo das famílias Igrejas domésticas, bem como os jovens que devem ser estímulo evangelizador para outros jovens ou menos jovens (cf. *EN* 59-73).

Por último, em sétimo lugar, não existirá evangelização sem a ação do Espírito Santo. Ou seja, é o Espírito Santo quem impulsiona cada um a anunciar, quem dá as disposições necessárias para aceitar e compreender de coração a mensagem e quem faz discernir os sinais dos tempos para que a mensagem seja evangélica. E chegue a todos. Por isso, pede-se que sejam testemunhas autênticas, com proximidade, simplicidade de vida, espírito de oração, caridade para com todos, humildade e desapego; buscar a unidade, deixando de lado as divisões, estar ao serviço da verdade sem que esta seja manipulada; amar a quem se evangeliza, respeitando a situação religiosa do outro; evangelizar com fervor e alegria.

O ambiente conciliar foi a rampa de lançamento da *Evangelii Nuntiandi*. Esta exortação apostólica herda, assume e organiza os conteúdos anteriores (cf. *EN* 74-80). Significa um avanço relativamente ao decreto *Ad Gentes*:

“Aprofunda de forma mais consequente a vida da Igreja desde a sua dimensão evangelizadora e enriquece notavelmente a conceção teológica. Mas a *EN* conserva a dialética essência/circunstâncias, o que permite graduar e articular as situações e os destinatários”⁷⁸.

Em suma, esta Exortação Apostólica livra-nos de alguns perigos e clarifica algumas questões: contra o perigo do eclesiocentrismo, a exortação vai defender a primazia de Cristo no processo evangelizador; contra o perigo do etnocentrismo, reconhece o protagonismo das novas Igrejas, estimula o renovamento das comunidades e defende uma Igreja de ministérios; reconhece a centralidade do Espírito Santo; dá-se uma

⁷⁸ E. BUENO DE LA FUENTE, *La Iglesia en la encrucijada de la misión*, 146.

grande importância à conversão pessoal e à transformação de estruturas. Este horizonte fica aberto no n.º 18 da *EN* quando começa a explicação do que é evangelizar⁷⁹.

1.2.2.2. *Redemptoris Missio*

A encíclica *Redemptoris Missio* de João Paulo II foi publicada a 7 de dezembro de 1990, surgindo assim 25 anos depois do concílio Vaticano II e 15 após a *Evangelii Nuntiandi*. É uma encíclica que aborda o tema da missão ad Gentes. É um dos principais textos pós-conciliares relativamente a este tema. No fundo, o objetivo deste documento é um convite a assumir com urgência a responsabilidade missionária no contexto atual⁸⁰. Eis as palavras do próprio Santo Padre:

“O presente documento tem uma finalidade interna: a renovação da fé e da vida cristã. De facto, a missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações. É dando a fé que ela se fortalece! A nova evangelização dos povos cristãos também encontrará inspiração e apoio, no empenho pela missão universal” (*RM* 2).

Esta intenção vem na sequência de muitas preocupações de que já Paulo VI falava na *EN*:

“A falta de fervor, tanto mais grave quanto provém de dentro, do interior de quem o devia sentir, esta falta de fervor manifesta-se no cansaço e na desilusão, no acomodamento e no desinteresse e, sobretudo, na falta de alegria e de esperança em numerosos evangelizadores?” (*EN* 80).

Esta falta de encanto vem na linha de concepções que surgiram no pós Concílio e mesmo com a publicação da *Evangelii Nuntiandi*. Com a mudança do panorama cristão na Europa e com a mudança de paradigma na missão *ad gentes*, muitos chegam à conclusão de que a missão *ad gentes* se encontra em todo o lado e, por isso, defendem a exclusão do termo missão e adotam o termo evangelização⁸¹. Face a este problema surge também esta encíclica. João Paulo II diz no n.º 32:

“A afirmação de que toda a Igreja é missionária não exclui a existência de uma específica missão ad gentes, assim como dizer que todos os católicos devem ser missionários não

⁷⁹ Cf. *Ibidem*, 147.

⁸⁰ Cf. J. ESQUERDA BIFET, *Misionología. Evangelizar en un mundo global*, 98.

⁸¹ Cf. E. BUENO DE LA FUENTE, *La Iglesia en la encrucijada de la misión*, 145.

impede – pelo contrário, exige-o – que haja missionários ad gentes, dedicados, por vocação específica, à missão por toda a vida” (RM 32).

O Santo Padre soluciona esta ambiguidade da seguinte forma:

“A integração das ‘missões’ na missão da Igreja, o confluir da missiologia para a eclesiologia, e a inserção de ambas no plano trinitário da salvação, deu um novo alento à própria atividade missionária, não concebida já como uma tarefa à margem da Igreja, mas antes inserida no âmago da sua vida, como compromisso fundamental de todo o Povo de Deus. Torna-se necessário, pois, precaver-se do risco de nivelar situações muito diferentes e reduzir ou até fazer desaparecer a missão e os missionários ad gentes” (RM 32).

Para tentar resolver esta dificuldade, João Paulo II recupera o critério da territorialidade:

“Não parece justo equiparar a situação de um povo que nunca ouviu falar em Jesus Cristo, com a de um outro que o conheceu e aceitou, mas depois o rejeitou, embora continuando a viver numa cultura que absorveu em grande parte os princípios e valores evangélicos. Em relação à fé, são duas posições substancialmente diferentes” (RM 37).

Com efeito, se para os primeiros faz sentido falar de missão *ad gentes*, para os segundos trata-se de uma Nova Evangelização⁸².

Em linhas gerais, o conteúdo desta carta encíclica poder-se-ia resumir no seguinte: nos primeiros três capítulos há uma aclaração de certos conceitos teológicos, que corriam o risco de ser mal-entendidos (RM 2): Cristo, único salvador; o Reino de Deus; a ação do Espírito Santo. Os capítulos posteriores descrevem as novas situações de missão, os caminhos da evangelização, os agentes e responsáveis, a cooperação concreta e a espiritualidade missionária. No campo missionário clarificaram-se alguns conceitos: o conceito de salvação (ou seja, Cristo como o único Salvador), e também a natureza missionária da Igreja, a inculturação, os valores evangélicos, o diálogo, o progresso, o desenvolvimento, a vocação, a formação e cooperação, bem como a espiritualidade missionária. Destaca, ainda, os três âmbitos da missão *ad gentes*: geográfico, sociológico e cultural. Por outro lado, reforça também a importância de apresentar hoje a experiência peculiar da contemplação cristã⁸³.

⁸² M. RUIZ CAMPOS, “La Iglesia evangelizada evangeliza, la Iglesia que evangeliza es evangelizada.”, in J. C. CARVAJAL BLANCO (ed.), *La mision Evangelizadora de la Iglesia*, Madrid, 2016, 54–55.

⁸³ Cf. J. ESQUERDA BIFET, *Misionología. Evangelizar en un mundo global*, 98–99.

No fundo, esta carta encíclica vem clarificar a necessidade de métodos e abordagens distintas para situações diferenciadas, ou seja, para aquilo que é o primeiro anúncio e para aquilo que podemos designar por anunciar de novo. Com efeito:

“Contempla a natureza missionária da Igreja, que se fundamenta na ação absoluta e universal de Cristo para todos os homens. Ele é o único Salvador. A Igreja e, nela cada cristão, não pode esconder nem guardar para si esta novidade e riqueza, recebida da bondade divina para ser comunicada a todos os homens (RM 11). Este é, no fundo, o motivo pelo que se deve evangelizar sempre, sem desfalecer”⁸⁴.

1.2.2.3. Nova Evangelização

“O termo Nova Evangelização⁸⁵ surge pela primeira vez, como se fora um inciso, no documento de Puebla de 1979. Ao concluir os trabalhos da assembleia que tinha reunido os bispos de toda a América Latina na cidade mexicana, aparece escrito no texto final: ‘Situações novas que nascem de mudanças socioculturais e exigem uma Nova Evangelização’ (...) Alguns meses depois, durante a visita ao Santuário de Mogila em Nova Huta, João Paulo II usou também esta mesma expressão pela primeira vez. Era 9 de junho 1979”⁸⁶.

A partir deste momento, João Paulo II utilizou várias vezes este termo⁸⁷, fazendo dele quase um mote do seu pontificado. Até ao sínodo de 2012, presidido por *Bento XVI*, que o dedicou à Nova evangelização, surge depois na *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco, sobre a qual nos debruçaremos mais demoradamente.

Mas afinal o que significa Nova Evangelização? Segundo o Papa João Paulo II, a Nova Evangelização não é algo novo na sua essência, pois Cristo é sempre o mesmo e o Seu anúncio atravessa os tempos, mas sim uma nova forma de evangelizar:

“A comemoração de meio milénio de evangelização terá o seu significado pleno se for um renovado compromisso da vossa parte, como Bispos, juntamente com o vosso Presbitério

⁸⁴ M. RUIZ CAMPOS, “La Iglesia evangelizada evangeliza, la Iglesia que evangeliza es evangelizada”, 55.

⁸⁵ Alguns autores parecem não ser adeptos do qualificativo de “nova” aplicado à evangelização. Com efeito, a evangelização (o mesmo que o Evangelho), é a Boa Nova novíssima de Jesus. Por consequência, qualificar de “nova” a evangelização é rebaixá-la de categoria. Reduzindo a nova o que é novíssima. Por outro lado, não somos nós que devemos fazer uma nova evangelização, mas a evangelização é que deve fazer-nos novos. Cf. J. RAMOS, *Teologia Pastoral*, 225; F. FERNÁNDEZ RAMOS, “La Evangelización Cristiana”, in *Vincencianismo y Nueva Evangelización*, CEME, Salamanca, 1993, 36.

⁸⁶ R. FISICHELLA, *La Nueva Evangelización*, Sal Terrae, Santander, 2012, 25.

⁸⁷ Os exemplos mais claros são: 1983, no Haiti (quando fala aos bispos da América Latina) e na sua encíclica *Redemptoris Missio*, de 1990.

e fiéis, compromisso não de reevangelização, mas de uma evangelização nova. Nova no seu entusiasmo, nos seus métodos, na sua expressão”⁸⁸.

O Papa Bento XVI, então Cardeal Joseph Ratzinger, diz que a Nova Evangelização surge num contexto de revitalização da linguagem e de uma necessidade de chegar a novos contextos:

“Por isso buscamos, além da evangelização permanente, nunca interrompida e que nunca deve ser interrompida, uma nova evangelização, capaz de alcançar as necessidades do mundo que não tem acesso à evangelização “clássica”. Todos necessitam do evangelho. O evangelho está destinado a todos e não a um grupo determinado, e por isso devemos buscar novos caminhos para o levar a todos”⁸⁹.

A Conferência Episcopal Portuguesa, no seu documento “Como Eu vos fiz, fazei vós também – Para um rosto missionário da Igreja em Portugal”, reforça aquilo que se entende por Nova Evangelização, ou seja, uma nova linguagem para os contextos atuais:

“Prestamos homenagem a todos aqueles que em tempos passados animaram o nosso país com o seu fulgor missionário. É, porém, um dado adquirido que tal fulgor se esvaneceu, e hoje Portugal faz parte daqueles espaços tradicionalmente cristãos, onde, para além de uma nova evangelização, se requer, em determinados casos, a primeira evangelização”⁹⁰.

Monsenhor Rino Fisichella, num artigo que escreveu para a revista *Humanistas*, diz-nos que é nova evangelização, “porque novo é o contexto em que vivem os nossos contemporâneos frequentemente agredidos aqui e ali por teorias e ideologias erróneas”⁹¹. Como vemos, a ideia de nova evangelização não é propor “algo” novo, mas “de” novo. Como diz Dostoievski, citado também por Rino Fisichella:

“O ponto crucial da questão é este: se um homem, empapado na civilização moderna, um europeu, pode ainda crer; crer propriamente na divindade do Filho de Deus Cristo Jesus. Neste, de facto, está toda a fé”⁹².

Sendo assim qual a novidade do projeto? A novidade, como dissemos anteriormente, reside na forma e não no conteúdo. Levar Cristo ao mundo de hoje

⁸⁸ PAPA JOÃO PAULO II, "Discurso do Papa João Paulo II na Abertura da XIX Assembleia do CELAM".

⁸⁹ J. RATZINGER, “La Nueva Evangelización”, *Altar Mayor* 23 (2013) 516.

⁹⁰ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *'Como Eu Vos Fiz, Fazei Vós Também' Para Um Rosto Missionário Da Igreja Em Portugal*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal, Moscavide, 2010, 137.

⁹¹ R. FISICHELLA, “La Nueva Evangelización ¿Qué es?”, *Humanitas* 67 (2012) 437.

⁹² *Ibidem*, 446.

apresenta várias exigências: em primeiro lugar, que entendamos o sentido temporal que vivemos, sem desprezar o que foi vivido bem como as características concretas de cada lugar; depois, requer uma reflexão profunda da vida sociocultural, pois a situação é de mudança; por outro lado, reclama um novo sentido pessoal e eclesial, porque exige um novo desafio apostólico das pessoas, daí a necessidade duma conversão pessoal e comunitária; finalmente, impõe a necessidade de uma nova releitura do Evangelho em novas formas, atualizando o seu valor sempre novo na cultura atual⁹³.

Se é bem verdade que esta ideia de uma Nova Evangelização foi referida na América Latina, não é menos verdade que esta expressão faz ainda mais sentido no ambiente europeu. Os motivos são evidentes: a secularização, a cultura do relativismo, o individualismo, no fundo, a crise de Deus que pedem urgentemente novas formas. “A crise que vivemos poder-se-ia resumir de maneira sintética: Deus hoje não é negado, mas desconhecido”⁹⁴.

Qual é o método desta nova evangelização? Não se pode pensar que os novos métodos que a Nova Evangelização propõe, como renovação das formas anteriores são assim como que dizer: para vinho novo odres novos. O caminho a percorrer não é nada simples. O presidente do Pontifício Conselho para a Nova Evangelização, baseando-se na primeira Carta de Pedro, propõe-nos três aspetos para um novo método de evangelizar: primeiro, doçura, que é sinonimo mansidão; através de uma postura dócil somos capazes de entrar em diálogo com as pessoas; segundo, respeito, pois é através deste que podemos compreender a pessoa; no fundo é a responsabilidade com Deus, porque o anunciador da palavra não pode limitar nem instrumentalizar os seus conteúdos; terceiro, reta consciência, o que equivale a dizer que quando se anuncia o evangelho é necessária a coerência de vida, ou seja, que o nosso testemunho seja coerente com a palavra de Deus⁹⁵.

Outra pergunta que surge é sobre os lugares desta Nova Evangelização que, segundo Rino Fisichella, será onde se exerce a própria pastoral da Igreja. Ou seja: *i)* na liturgia, ação principal na qual a Igreja se manifesta ao mundo; *ii)* na ação caritativa pondo em prática o verdadeiro amor cristão; *iii)* no ecumenismo com um diálogo incansável na luta pela unidade; *iv)* na questão da imigração e na perceção de um mundo mais pluriforme; na comunicação e no espaço novo que esta criou⁹⁶.

⁹³ Cf. J. RAMOS, *Teologia Pastoral*, 229–230.

⁹⁴ R. FISICHELLA, “La Nueva Evangelización ¿Qué es?”, 446.

⁹⁵ Cf. R. FISICHELLA, *La Nueva Evangelización*, 57–58.

⁹⁶ Cf. *Ibidem*, 65–78.

Novos espaços pedem novos agentes, todos são chamados a evangelizar, essa é missão de todo o cristão⁹⁷: o Bispo, como sucessor dos apóstolos é o primeiro evangelizador; este com o seu presbitério forma um corpo para o serviço do povo de Deus que tem como principal tarefa anunciar o Evangelho de Cristo; a vida consagrada é um serviço fundamental na nova evangelização, pois, pela sua vocação, estão chamadas a viver um estilo de vida que tem como objetivo pessoal a santificação, estilo que se manifesta no cumprimento dos conselhos evangélicos; os leigos têm um papel peculiar, como vimos anteriormente nas palavras do D. Manuel Clemente. Ora, se cada época tem os seus protagonistas, devemos interrogar-nos quem são os atuais protagonistas da ação evangelizadora. Os leigos certamente assumem um papel preponderante, não só por serem o maior número, mas porque estão no meio do mundo, nas associações, na vida profissional, na família. Eles são as pontas de lança no testemunho profético de Cristo.

“Neste sentido podemos dizer que os leigos são uma espécie de energia nuclear da Igreja no plano espiritual. Um leigo entusiasmado pelo Evangelho, vivendo ao lado dos outros, pode animar outros que se multiplicarão de tal modo que os leigos cristãos não serão apenas algumas dezenas de milhares como o clero, mas centenas de milhões que podem verdadeiramente desenvolver um papel decisivo na difusão no mundo da luz benéfica do evangelho”⁹⁸.

A nova Evangelização, com os seus métodos, protagonistas, e locais tem como único objetivo aquilo que nunca nos cansaremos de repetir: levar a Boa Nova de Jesus a todos. Esta preocupação é tão grande que a própria Igreja instituiu um dicastério para a Nova Evangelização, bem como realizou um sínodo em 2012 sobre este tema, do qual saiu a exortação *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco.

1.2.2.4. *Evangelii Gaudium*

A exortação apostólica pós-sinodal de 24 de novembro de 2013 é, por assim dizer, o primeiro documento escrito pelo Papa Francisco. É verdade que a encíclica *Lumen Fidei*, tem a sua chancela. Mas todos sabemos que o texto foi escrito a quatro mãos, devendo-se sobretudo a Bento XVI a sua elaboração. Outro dado a não esquecer é que este documento, apesar do cunho pessoal do Papa Francisco, é fruto de um sínodo, ou seja, todos os aspetos tratados na exortação são os resultados do sínodo cujo tema era: “A

⁹⁷ L. JUNCOS, DANIEL; LIBERTI, “Evangelii Nuntiandi y Evangelii Gaudium: ¿El mismo paradigma misionero? Continuidades, novedades y desafíos”, *Revista Teologia* Tomo LII 1 (2015) 49–71.

⁹⁸ R. CANTALAMESSA, *Horizontes para uma Nova Evangelização*, Paulus, Lisboa, 2013, 59.

Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã”. E, por fim, é apelidado de um documento programático, um apelido que é confirmado pelo próprio Papa Francisco no n.º 25 da *Evangelii Gaudium*: “aquilo que pretendo deixar exposto aqui, possui um significado programático e tem consequências importantes” (EG 25).

Existem outras questões a ter em conta, nomeadamente os antecedentes que esta exortação apostólica traz consigo. Sem dúvida que a grande referência é a *Evangelii Nuntiandi*:

“Sabemos que o Papa Francisco se identifica com a *Evangelii Nuntiandi*, o legado maduro do Papa Paulo VI; apesar de, na *Evangelii Gaudium*, não seguir a mesma estrutura, recolhe o substrato evangelizador do Papa Montini na *Evangelii Nuntiandi*. Dois pastores, dois pastoralistas, que, na fidelidade ao Espírito, lançam a Igreja a partilhar a alegria do Evangelho” (cf. EN 80; EG 2-8)⁹⁹.

Outro documento muito importante é a *Lumen Fidei*, que precede a *Evangelii Gaudium* num espaço muito curto de tempo. Segundo César Izquierdo:

“A LF oferece uma perspectiva mais teológica, com uma notável carga argumentativa, enquanto que na EG se pode encontrar um texto radicalmente pastoral, interessado sobretudo na ação concreta da Igreja na evangelização”¹⁰⁰.

Seria pertinente uma reflexão mais profunda destas relações e os antecedentes desta exortação apostólica. Contudo, não devemos perder de vista o nosso objetivo de fundamentar a centralidade de uma Igreja missionária. É isto mesmo que o Papa Francisco pretende na sua exortação apostólica. Por isso, a prioridade do Papa Francisco é a seguinte:

“Essencialmente uma pastoral missionária, que não espera que as pessoas visitem o ‘barco’, mas que vai buscá-las onde elas estiverem. A intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão ‘reveste essencialmente a forma de comunhão missionária’ (EG 23)”¹⁰¹.

Esta pastoral em ritmo de missão é o critério de análise desta exortação; daí que esta “pastoral em ritmo missionário exija o abandono deste cómodo critério pastoral: ‘fez-

⁹⁹ L. JUNCOS, DANIEL; LIBERTI, “Evangelii Nuntiandi y Evangelii Gaudium: ¿El mismo paradigma misionero? Continuidades, novedades y desafíos” 51.

¹⁰⁰ C. IZQUIERDO, “El anuncio y la transmisión del Evangelio en Evangelii Gaudium”, *Scripta Theologica* 46/2 (2014) 444.

¹⁰¹ J. P. GARCÍA MAESTRO, “El ‘modelo evangelizador’ propuesto por la exhortación apostólica Evangelii Gaudium”, *Corintios* XIII 149 (2014) 16.

se sempre assim”” (*EG* 33), como também exige uma nova linguagem e uma nova atitude eclesial ou seja, “uma Igreja com portas abertas” (*EG* 46).

Vejamos alguns conteúdos fundamentais da Exortação Apostólica. Em primeiro lugar, o tom geral do documento é de alegria e esperança com um olhar realista sobre o mundo e sobre a Igreja. Abundantes são as referências bíblicas (cf. *EG* 1-8) bem como as expressões típicas do Papa Francisco: “um evangelizador não deveria ter constantemente uma cara de funeral” (*EG* 10); ou “há cristãos que parecem ter escolhido viver uma Quaresma sem Páscoa” (*EG* 6); ou, ainda, “pessimistas lamurientos e desencantados com cara de vinagre” (*EG* 85). Na *EG* podemos encontrar as sete linhas mestras que considera importantes para orientar toda a Igreja: a reforma da Igreja em saída missionária; as tentações dos agentes pastorais; a Igreja vista como totalidade do povo de Deus que evangeliza; a homilia e a sua preparação; a inclusão social dos pobres; a paz e o diálogo social; as motivações espirituais para o compromisso missionário. Pode dizer-se que a evangelização é o fio condutor de toda a exortação e isto a partir de uma transformação missionária, ou seja, de uma Igreja em saída, desde as paróquias e Igrejas locais até ao sucessor de Pedro (cf. *EG* 28-31). Uma Igreja em saída deve ser em definitivo uma igreja de coração missionário que não vive enraizada nas suas próprias seguranças, nem se encerra em si mesma, mas que sai em busca daqueles que necessitam do evangelho (cf. *EG* 45). Sobre este assunto diz:

“Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada em ser o centro e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência, é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: ‘Dai-lhes vós mesmos de comer’ (*EG* 49).

A missão é tarefa primordial da Igreja, a primeira de todas as causas, mas tudo isto nos deve levar a nunca esquecer o primado de Deus.

A exortação insiste numa chamada geral à conversão de todos os agentes pastorais e das próprias estruturas desde a modesta paróquia até ao papado (cf. *EG* 25-33) bem como deve ser abandonado o “critério do sempre se fez assim” (*EG* 33).

O documento, no segundo capítulo, insiste muito na realidade concreta, por isso enumera as tentações dos agentes pastorais que nunca é de mais enunciar: As resistências pessoais a uma espiritualidade missionária (*EG* 78-79), o relativismo prático (*EG* 80), a acédia egoísta (*EG* 81-83) O pessimismo estéril (*EG* 84-86), fechar-se em si mesmo sem a “mística da fraternidade” (*EG* 87-92), expressões diversas de mundanismo espiritual (*EG* 93-97), a guerra entre nós (*EG* 98-101). Para tais problemas, o Papa também faz alguns apelos: Não deixemos que nos roubem o entusiasmo missionário (*EG* 80), não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização (*EG* 83), não deixemos que nos roubem a esperança (*EG* 86), não deixemos que nos roubem a comunidade (*EG* 92), não deixemos que nos roubem o Evangelho (*EG* 97), não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno (*EG* 101), não deixemos que nos roubem a força missionária (*EG* 109).

No capítulo V sob o título: Evangelizadores com Espírito, o Papa apresenta um incentivo à recuperação da espiritualidade, para que possa haver um maior e renovado impulso missionário (cf. *EG* 259-288).

É uma exortação que dá muita importância à colegialidade e à sinodalidade (cf. *EG* 16,33) “trata-se de uma chamada à colegialidade entendida na prática como descentralização: não é conveniente que o Papa se substitua aos episcopados locais sejam quais forem as problemáticas que se coloquem nos seus territórios”¹⁰².

O tema da paróquia também é um tema importante nesta exortação. Segundo o Papa Francisco, estas devem tornar-se “ainda mais próximas das pessoas, sendo lugares de viva comunhão e participação e orientando-se completamente para a missão” (*EG* 28).

Também é interessante a importância que o Papa dá à pregação missionária, mais concretamente à homilia e à sua preparação, bem como à catequese, muito em continuidade com o n.º 78 da *Evangelii Nuntiandi*. O Papa chega a afirmar que “um pregador que não se prepara não é ‘espiritual’: é desonesto e irresponsável quanto aos dons que recebeu” (*EG* 145). Mas não se fica por aí, também propõe caminhos de mudança: “uma ideia, um sentimento, uma imagem” (*EG* 157). No caso concreto da catequese fala da importância do Kerigma e da mistagogia como método. Ainda reforça a ideia do acompanhamento pessoal (*EG* 160-173), algo que até agora quase só se usava

¹⁰² *Ibidem*, 21.

na formação dos candidatos ao sacerdócio e dos religiosos; este documento propõe-no como meio ordinário e como uma necessidade para todos os batizados¹⁰³.

Este documento toca ainda outro especto muito interessante: a religiosidade popular, segundo o documento e citando o Papa Paulo VI: “a piedade popular traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar e torna as pessoas capazes de ter rasgos de generosidade e predispõe-nas para o sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé” (EG 123). A insistência nesta ideia denota a consciência de que é desta forma que o Evangelho se incultura: “na piedade popular, pode-se captar a modalidade em que a fé recebida se encarnou numa cultura e continua a transmitir-se”.

Existe uma clara e insistente preocupação pelo homem, principalmente pelos mais pobres. Este tema marca de uma forma importante este documento bem como o próprio Papa. Os capítulos II e IV dão um destaque importante à inclusão social dos mais pobres (cf. EG 186-216). Embora não seja uma encíclica social aborda com interesse temas sociais. O Papa afirma que, se esta “dimensão não for devidamente explicitada, corre-se sempre o risco de desfigurar o sentido autêntico e integral da missão evangelizadora” (EG 176).

Por último, e para justificar tudo isto, acentua que a “a Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai” (EG 47). O Papa Francisco vai mais fundo e concretiza esta ideia na questão sacramental:

“Há outras portas que também não se devem fechar: todos podem participar de alguma forma na vida eclesial, todos podem fazer parte da comunidade, e nem sequer as portas dos sacramentos se deveriam fechar por uma razão qualquer. Isto vale sobretudo quando se trata daquele sacramento que é a ‘porta’: o Batismo. A Eucaristia, embora constitua a plenitude da vida sacramental, não é um prémio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos” (EG 47).

A *Evangelii Gaudium* pretende recuperar: “a doce e reconfortante alegria de evangelizar” (EG 9), precisamente num contexto social difícil em que a cultura reinante faz do anunciar o Evangelho algo trabalhoso.

Segundo Mariano Ruiz Campos¹⁰⁴, há três motes que resumem a importância desta exortação apostólica para a dinâmica evangelizadora da Igreja: em primeiro lugar,

¹⁰³ Cf. C. IZQUIERDO, “El anuncio y la transmisión del Evangelio en *Evangelii Gaudium*”, 457.

¹⁰⁴ Cf. M. RUIZ CAMPOS, “La Iglesia evangelizada evangeliza, la Iglesia que evangeliza es evangelizada”, 59–61.

o de que a Igreja deve ser uma Igreja em saída; esta metáfora serve para realçar que a missão evangelizadora é para todos e compromete todos; uma Igreja em saída é aquela que está chamada à conversão, que não se fecha em si mesma; esta Igreja em saída não é uma mera ideia, mas realiza-se em atitudes concretas e, através destas, transforma-se numa comunidade de homens evangelizadores; portanto, numa Igreja evangelizadora, a saída de si mesma para o outro deve ter prioridade absoluta, pois constitui o elemento definidor da sua missão e o anúncio de Cristo não pode separar-se nem da caridade efetiva nem da compaixão.

O segundo mote que sintetiza esta exortação é o de que a Igreja é uma mãe de coração aberto. Com esta imagem, pretende-se sublinhar a necessidade de abertura a todos os homens; por isso, a Igreja deve chegar a todos, principalmente aos mais pobres, destinatários preferenciais do Evangelho. Francisco contempla a Igreja como aquela casa onde se facilita a todos o acesso à graça. Esta imagem quer ainda transmitir que a pregação não é tanto um discurso, mas uma conversa de uma mãe com os seus filhos. Falando de pregação, não se entenda que evangelizar é só tarefa de alguns; todo o povo de Deus está chamado a evangelizar.

O terceiro e último mote diz-nos que a Igreja é discípula missionária. Com este mote, o Papa Francisco pretende transmitir que o sujeito da evangelização é todo o povo de Deus, eleito e convocado sob a ação do Espírito Santo. Nesta conceção, todo o cristão, ao ser incorporado pelo batismo, converte-se em discípulo missionário, ou seja, num agente evangelizador. Assim sendo, ser missionário não é uma atitude meramente qualificativa, mas faz parte da realidade mesma de todo o cristão. Esta essência não se realiza só a nível pessoal, mas também tem carácter comunitário, pois, se a igreja é a comunidade constituída pelos batizados, tem na sua essência a missão de evangelizar.

1.3. Síntese

Este primeiro capítulo surge com o objetivo de fundamentar a missão evangelizadora da Igreja. Para tal, começámos por fundamentar a missão evangelizadora naquele que é o fundamento primeiro de tudo: Deus uno e trino. É em Deus Pai Criador visivelmente manifestado no Filho e pela ação do Espírito Santo que a missão surge. O

Pai como princípio e motor de toda a missão, o Filho que revela o que o Pai quer manifestar ao mundo e o Espírito Santo como atualizador e prolongador da missão.

Dentro desta fundamentação teológica inserimos a Igreja como continuadora da missão de Cristo. Neste caso concreto, dar-se-iam duas opções: inserir a missão da Igreja como uma continuação do Pentecostes, ou inserir a missão da Igreja como prolongamento da missão de Cristo. Esta segunda visão foi a escolhida para dar uma sequência cristológica.

Num segundo passo, vimos como é que a Igreja trata a sua missão evangelizadora, começando com o Concílio Vaticano II, passando pela *Evangelii Nuntiandi*, *Redemptoris Missio*, a Nova Evangelização e, finalmente, com a *Evangelii Gaudium*. A pretensão foi mostrar a importância que a missão evangelizadora assume na vida da Igreja, bem como no magistério recente, continuando a ser o seu motor. Na verdade, no mundo em que as mudanças dos atores, dos protagonistas, são muito repentinas, a Igreja tem de estar sempre a par e passo com o homem que vive essa realidade de mudança contínua. Portanto, a missão evangelizadora é um repto constante porque constantes são as mutações do homem.

Através destes dois pontos pode alcançar-se uma conclusão: a Igreja só pode ser continuamente evangelizadora se for continuamente evangelizada, ou seja, se permanecer fiel ao mandato e à mensagem recebida de Cristo (cf. *RM* 62). No fundo, para a Igreja, evangelizar não é uma mera atividade, mas a manifestação do seu ser mais íntimo. Por isso, a necessidade de uma permanente reflexão exige atualização; daí a necessidade de voltar ao núcleo; por isso a necessidade de uma contínua reflexão eclesial que se dá através dos documentos magisteriais.

No fundo, a evangelização é uma chamada permanente à conversão. A evangelização para a Igreja não é só o exercício de uma função, mas uma chamada a ser quem realmente é. Conforme refere Paulo VI, “evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma (...) tem sempre necessidade de ser evangelizada, se quiser conservar frescor, alento e força para anunciar o Evangelho” (*EN* 15) ou como diz o Papa Francisco, citando o Decreto *Unitatis Redintegratio* do Concílio Vaticano II:

“Toda a renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação. (...) A Igreja peregrina é chamada por Cristo a esta reforma perene; como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma” (*EG* 26).

2. MISSÕES POPULARES VICENTINAS: ORIGEM E FUNDAMENTO

Se no primeiro capítulo falámos da missão evangelizadora da Igreja, neste segundo capítulo vamos abordar a origem e os fundamentos da Missão Popular Vicentina. Para tal, estudaremos o seu iniciador e fundador, S. Vicente de Paulo, através de um esboço do seu projeto de vida e fundacional.

Nunca poderemos entender a missão popular sem atender ao rosto e ao contexto pela qual e na qual foi fundada. Podemos colocar três exemplos para perceber que a biografia de S. Vicente de Paulo é importante para compreender a missão por ele fundada. Em primeiro lugar, para melhor entender a importância dada nas missões à confissão e à salvação, sem falar do episódio do camponês de Folleville. Em segundo lugar, a insistência na gratuidade das missões e de instaurar a caridade é compreendida através do acontecimento de Châtillon. Através da percepção relativamente à ignorância do povo percebemos por que é que Vicente se preocupava com a formação dos sacerdotes. No fundo, e como veremos, todas as fundações vão nascer da experiência pessoal de Vicente de Paulo. Em nenhuma delas ele colocará a ideia à frente da realidade. Antes pelo contrário, a realidade faz com que nasçam as obras.

Por este motivo, começaremos este capítulo pela vida de Vicente de Paulo, depois de um esboço biográfico e fundacional, entraremos na missão propriamente dita, ou seja, no nascimento, caracterização e contextualização das Missões Populares Vicentinas. Para tal, não podemos esquecer que a Congregação da Missão nasceu da necessidade da missionação das pobres gentes do campo, mas também entender que não era exclusiva, ou seja, também outras congregações se dedicavam a este serviço, perceber a sua especificidade num contexto em que as missões começavam a ser um instrumento comum para o anúncio evangélico é de especial relevo. Por fim, e para um maior entendimento da forma e conteúdo destas, uma caracterização mais específica da Missão Popular Vicentina, através dos seus temas, missionários e métodos.

2.1. S. Vicente de Paulo: A sua vida e a sua opção fundamental

2.1.1. Os primeiros anos

S. Vicente de Paulo, nasceu em 1581 em Pouy, uma aldeia perto de Dax, no sul de França. Era filho de uma família modesta dedicada à agricultura e à pastorícia, atividades às quais o jovem Vicente também se dedicou. Aos 15 anos, passou do campo para a cidade. O Senhor de Comet procurava um professor particular para os seus filhos e surgiu a oportunidade para Vicente enquanto estudava abraçar esta causa. Ao mesmo tempo que surgia a oportunidade de ser sacerdote, pois pelas vicissitudes do tempo, uma boa carreira eclesiástica permitiria uma vida cómoda e atender às necessidades dos seus. Durante o seu tempo de estudante estabeleceu bastantes relações sociais, inclusive com gente influente¹⁰⁵. Um dia confessou:

“Recordo-me que uma vez no colégio onde estudava, vieram dizer-me que o meu pai, que era um pobre camponês, perguntava por mim. Neguei-me a falar-lhe, no que cometi um grande pecado”¹⁰⁶.

Ingressou na universidade em 1597 e é tonsurado prematuramente pelo antigo Abade de Artous. Em setembro de 1600 recebeu o sacerdócio pelas mãos de um velho bispo de Périgueux, D. Bourdeilheires, em Château L'Évêque e, uns dias depois, celebrou a sua primeira missa na montanha de Buzet. Tinha só 19 anos. Um dia, em 1656, lamentava-se do seu processo prematuro:

“Se soubesse o que era, quando tive a imprudência de entrar neste estado (o sacerdócio), como soube mais tarde, tinha preferido ficar a lavrar a terra antes que comprometer-me num estado tão tremendo”¹⁰⁷.

Com o seu estilo sagaz, conseguiu da sua diocese uma nomeação: a paróquia de Tilh, perto de Dax. O passo seguinte foi procurar progredir na sua carreira, mas o que conseguiu foram dois anos de cativo na Tunísia. Nestes dois anos há uma verdadeira ausência de dados biográficos, o que deu asas à especulação de várias hipóteses. A mais conhecida é a de que foi buscar uma herança que lhe tinha deixado uma boa senhora de

¹⁰⁵ Cf. J. M. ROMÁN, *San Vicente de Paul*, BAC, Madrid, 1981, 34–57.

¹⁰⁶ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XI*, Sígueme, Salamanca, 1974, 693.

¹⁰⁷ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo V*, Sígueme, Salamanca, 1977, 540.

Castres. Enquanto viajava de barco foi abordado por piratas e, segundo consta – embora não seja isento de controvérsia¹⁰⁸ – fizeram-no prisioneiro (1605-1607).

2.1.2. Padre em Paris

Com 27 anos, em 1608, chegou a Paris procurando a companhia dos grandes e de novo surgiu outro acontecimento marcante na sua trajetória: um juiz acusou-o de roubo e expulsou-o da sua casa. Passando por ser uma pessoa de pouca confiança, ainda que mais tarde se tenha descoberto o verdadeiro ladrão. S. Vicente de Paulo não se deteve, seguiu em frente nas suas pretensões. A Divina Providência, como repetia várias vezes, pô-lo em contacto com o padre Bérulle¹⁰⁹, com quem partilhou muitas ideias e propostas. Para começar, pô-lo a distribuir esmolas em nome da Rainha Margot. Vicente começava já a fazer o bem, mas fazia-o por obrigação e, por isso, sentiu que o seu sacerdócio o interpelava.

Entre 1612-1613, Vicente de Paulo colocou-se em relação com um sacerdote cujos conselhos seguia escrupulosamente, o Padre André Duval¹¹⁰, doutor em teologia na Sorbone. Continuou em relação com Bérulle, que instituiu o Oratório em Paris e ainda se sentiu atraído momentaneamente por este grupo. Descobriu que a sua vocação não estava aí. Continuou na procura e aceitou a proposta de suceder ao padre Bourgoing, pároco de Clichy. Esta experiência ajudou-o a encontrar-se consigo mesmo, sobretudo a descobrir o sentido do seu sacerdócio e da missão sacerdotal de Jesus Cristo¹¹¹. Graças a esta orientação cristã e sacerdotal, Vicente evoluiu na sua opção fundamental, já que nos seus

¹⁰⁸ Sobre a controvérsia relacionada com o alegado tempo de cativo e o desaparecimento de S. Vicente de Paulo, cf. S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo I*, Sígueme, Salamanca, 1972, 75–84; S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo VIII*, Sígueme, Salamanca, 1979, 260, 537–539; J. M. ROMÁN, *San Vicente de Paul*, 67–88.

¹⁰⁹ Pierre de Bérulle (1575-1629) foi um homem de grande influência e iniciador da “Escola de Espiritualidade Francesa” do séc. XVII. Destaca-se por ser humanista, filósofo, teólogo e diretor espiritual de grandes homens da época. O seu pensamento passa pela ideia fundamental da Encarnação, que segundo Bérulle assume um movimento dinâmico e o sentido da transcendência de Deus, que exige do homem uma atitude de adoração, de dom, de busca, de abnegação, de prática do amor de Deus, amando profundamente ao próximo e não mera contemplação teórica. Cf. J. M. ROMÁN, *San Vicente de Paul*, 103–105.

¹¹⁰ André Duval (1564-1638), teólogo e jurista, destaca-se pela sua forma de unir a vida interior e a doutrina prática, algo que marcou o percurso de vida de Vicente de Paulo. Cf. J. M. IBÁÑEZ BURGOS, *Vicente de Paul y los pobres de su tiempo*, Sígueme, Salamanca, 1977, 231.

¹¹¹ São Vicente chegou a dizer: “um dia o Senhor Cardeal de Retz perguntou-me: como está padre? eu respondi-lhe: Monsenhor, estou tão contente que não sou capaz de explicar-lho. Porquê? Tenho um povo tão bom, tão obediente a tudo o que digo. Que me parece que nem o Santo Padre nem sua eminência são tão felizes como eu” (S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo IX*, Sígueme, Salamanca, 1972, 580.)

primeiros anos de sacerdócio o seu objetivo fundamental era apenas conseguir um bom posicionamento económico¹¹².

Mais tarde Bérulle ofereceu a S. Vicente um novo posto. Em setembro de 1613, uma das famílias mais honradas de Paris, a família Gondi¹¹³, necessitava de um preceptor. São os sucessivos episódios, tendo esta família pelo meio, vão mudar completamente a vida de Vicente de Paulo.

2.1.3. Ao serviço dos Gondi

2.1.3.1. Folleville: A Missão

Pelo Natal de 1616, a senhora de Gondi queria que o preceptor dos seus filhos a acompanhasse em todas as suas viagens. À medida que iam visitando os seus territórios, S. Vicente explicava o catecismo e administrava os sacramentos. Foi numa destas visitas a uma aldeia chamada Folleville, que a providência voltou a mudar a vida de Vicente gerando um ponto de viragem que não mais voltará atrás. Este acontecimento marcante na sua vida narra-o ele em primeira pessoa:

“Um dia chamaram-me para ir confessar um pobre homem gravemente doente, que tinha fama de ser o melhor indivíduo, ou pelo menos, um dos melhores da sua aldeia. Mas resultou que estava carregado de pecados, que nunca tinha tido coragem de manifestar em confissão, tal como ele declarou mais tarde em voz alta, em presença da falecida esposa do general das galés, dizendo-lhe: ‘Senhora, eu estava condenado, se não tivesse feito a confissão geral, por culpa de uns pecados muitos graves que nunca me tinha atrevido a confessar’. Foi no mês de janeiro de 1617 que isto sucedeu. No dia da conversão de S. Paulo, que se celebra a 25 de janeiro, esta Senhora pediu-me, disse o padre Vicente, que pregasse um sermão na Igreja de Folleville para exortar os habitantes à confissão geral. E falei-lhes da sua importância e utilidade, e logo lhes ensinei a maneira de fazê-la devidamente. E Deus teve em tanto apreço a confiança e a boa fé daquela Senhora (pois o grande número e a enormidade dos meus pecados foram impedindo o fruto daquela ação), que abençoou as minhas palavras e todas aquelas pessoas viram-se tocadas por Deus que

¹¹² Cf. A. ORCAJO; M. PÉREZ FLORES, *San Vicente de Paúl II. Espiritualidad y seleccion de escritos*, BAC, Madrid, 1981, 54 e ss.

¹¹³ Os Gondi eram uma das famílias mais importantes do reino. Filipe Manuel, o chefe da família, era general das Galés e Marquês das ilhas de ouro, Conde de Joigny e Barão de Montmirail, Dampierre e Villepreux. Era cavaleiro galante e distinto, de espírito ameno e engenhoso, valente até à temeridade, mas no fundo reto e piedoso. Estava casado com Margarita de Silly, Senhora de Folleville, piedosa e abnegada. Cf. J. M. ROMÁN, *San Vicente de Paul*, 109–112.

acudiram a fazer a sua confissão geral. Continuei a instruí-las disponibilizando-lhes os sacramentos. E comecei a escutá-las em confissão. Mas foram tantos os que acudiram que, não podendo atendê-los juntamente com outro sacerdote que me ajudava, a Senhora de Gondi pediu aos padres jesuítas de Amiens que viessem auxiliar-nos. Escreveu-lhe o padre reitor, que veio pessoalmente, e como não podia ficar muito tempo, enviou imediatamente um substituto, o reverendo padre Fourché, da mesma companhia, para ajudar-nos a confessar, pregar e a catequisar, encontrando graças a Deus, muitas tarefas a realizar. Fomos logo a outras aldeias que pertenciam àquela Senhora naquela zona e sucedeu-nos mesmo. Reuniram-se grandes multidões, e Deus concedeu-nos a sua bênção por todo o lado. Foi o primeiro sermão da Missão com o êxito que Deus lhe deu no dia da conversão de S. Paulo, segundo o seu desígnio”¹¹⁴.

Com este sinal providencial, que recordava sempre com paixão, Deus mostrou-lhe o caminho da missão: ir de aldeia em aldeia. S. Vicente de Paulo deveria pregar, escutar e absolver. Desde este momento, altera-se o ritmo da sua vida. A partir de agora são as diversas realidades e pessoas com que se vai encontrando que marcam a sua forma de agir. Aos 36 anos de idade Vicente descobriu que Deus faz todas as coisas quando e como quer.

2.1.3.2. Châtillon-les-Dombes: A Caridade

1617 foi, portanto, o ano transformador da vida de Vicente de Paulo. A partir daquele famoso 25 de janeiro, não parou de trabalhar. Com o padre Portail, seu primeiro companheiro. Ia de aldeia em aldeia pregando o Evangelho e convidando a todos uma mudança de vida. Esta missão itinerante durou seis meses. Depois deste acontecimento, Bérulle procurou-o para uma nova missão, esta seria paroquiar a paróquia de Châtillon-les-Dombes. Uma paróquia de seis sacerdotes aburguesados. Chegou ali em agosto de 1617. No dia 20, enquanto se preparava para celebrar a missa, vieram dizer-lhe que, numa casa fora da povoação, uma família inteira, atacada pela doença, encontrava-se em grandes apuros. Durante celebração, Vicente fez deste alerta a base da sua pregação. Esta pregação foi de tal modo comovente que mobilizou toda a aldeia, especialmente as classes mais abastadas. Ele mesmo foi administrar os sacramentos, e sentiu-se comovido a ver toda aquela mobilização. Fez uma avaliação imediata: “está aqui uma grande caridade, mas está mal-organizada”¹¹⁵, e propôs a constituição de uma associação. Cada uma destas

¹¹⁴ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XI*, 326–327. Sobre este episódio, cf. *ibidem*, 700.

¹¹⁵ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo IX*, 232–233.

senhoras deveria comprometer-se um dia para ajudar os pobres do lugar, corporal e espiritualmente. Tudo era rigorosamente pensado e previsto: a recolha de recursos, a gestão e o modo de assistir e servir. A caridade reveste-se, aqui, da sua verdadeira essência, o amor, a relação pessoal. São belas as palavras de S. Vicente neste sentido:

“Ao entrar na casa do doente, saudá-lo-eis amavelmente: depois, aproximar-vos-eis da sua cama com um rosto modestamente alegre, convidá-lo-eis a comer, ajustareis a almofada, arranjareis as mantas, colocareis uma mesinha, um guardanapo, o prato, a colher, um copo limpo, temperareis a comida. Colocareis a carne no prato..., cortareis a carne aos pedaços, animá-lo-eis a comer com algumas palavrinhas alegres afim de consolá-lo um pouco, dar-lhe-eis de beber, convidá-lo-eis a que coma com apetite; finalmente quando tiver acabado de comer, lavareis a loiça, dobrareis o guardanapo e tirareis a mesa, fareis uma ação de graças com o doente e despedir-vos-eis dele para ir servir a outro”¹¹⁶.

A associação destas primeiras “damas da caridade” colocava-se sob a proteção de Maria e, no dia 8 de dezembro de 1617, o vigário geral de Lyon erigiu-a solenemente na capela do Hospital. Desta forma nascia o estilo laical vicentino da caridade.

2.1.4. Apóstolo da Caridade

Pelo Natal de 1617, enriquecido com a experiência eficaz da confraria da Caridade, regressava de Châtillon de novo às terras dos Gondi, verificando a ignorância do povo do campo que vivia desprotegido quer material quer espiritualmente.

Com tudo isto, chegamos à síntese espiritual que irá animar a vida e ação de Vicente: anunciar a boa nova ao pobre povo do campo ao qual deveria socorrer segundo as suas necessidades. Desde os princípios de 1618 desejou conquistar o tempo perdido. Começou o seu trabalho apostólico pelas terras dos Gondi e estendeu-o depois a outras terras. Ao terminar cada missão criava uma confraria da Caridade. A partir de 1623, a rede missionária foi-se ampliando ainda mais. Aos 72 anos, escreveu: “parece-me que ofenderia a Deus se não fizesse todo o possível pelas pobres gentes do campo”¹¹⁷.

¹¹⁶ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo X*, 619.

¹¹⁷ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo IV*, Sígueme, Salamanca, 1976, 546.

2.1.4.1. Capelão das Galés

Desde o momento em que Vicente chegou a casa dos Gondi, uma ideia tocava no coração do general Filipe Manuel. Ele tinha a responsabilidade das galés e pensou que Vicente poderia ser o seu capelão. O senhor de Gondi consultou o rei Luís XIII sobre o assunto, e este nomeou Vicente de Paulo para o cargo no dia 8 de fevereiro de 1619. Este novo ofício não fez com que as missões fossem postas à margem. Visitava os galeotes, falava-lhes, pacificava-os, confessava-os, cobria-os com a misericórdia de Deus, dando-lhes todos os socorros materiais que podia alcançar dos seus responsáveis¹¹⁸.

2.1.4.2. A Fundação da Congregação da Missão

No dia 17 de abril de 1625, fez-se por escrito com os senhores de Gondi o contrato de fundação da Congregação da Missão. O casal tinha decidido apoiar Vicente na sua fundação. De tal forma que ele afirmará sempre que a fundação era obra da Senhora de Gondi. Partiam de um facto: os habitantes das cidades do reino recebiam abundantes ensinamentos, mas o povo do campo ficava abandonado. Então, pareceu-lhes oportuno dar remédio a tal carência:

“Mediante a piadosa associação de alguns sacerdotes de doutrina, piedade e capacidade conhecidas e que decidem dedicar-se por inteiro à salvação do pobre povo, indo de aldeia em aldeia, com despesas de uma bolsa comum, a pregar, instruir, exortar e catequizar a estes pobres, prepará-los para fazer uma boa confissão geral de toda a sua vida passada”¹¹⁹.

Converter os católicos ao catolicismo era a urgência de Vicente de Paulo e dos seus companheiros: António Portail, Francisco du Coudray e João de la Salle. A partir daqui, Vicente foi forjando o espírito da Companhia, insistindo nas cinco virtudes básicas dos missionários, com o fim de o apostolado ser válido, eficaz e segundo a vontade de Deus: Simplicidade, Humildade, Mansidão, Mortificação e Zelo (n.º 14 das Regras Comuns da Congregação da Missão)¹²⁰.

O Padre Pérez Flores manifesta claramente a opção de S. Vicente de Paulo:

¹¹⁸ Assim agradecia a S. Vicente o Senhor Simiane de la Coste ao “testemunhar a alegria que recebi pela entrada dos seus pais no hospital dos pobres Galeotes. Nosso Senhor seja a sua recompensa pela caridade que demonstrou” (S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo II*, Sígueme, Salamanca, 1973, 390.)

¹¹⁹ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo X*, 237–238.

¹²⁰ Cf. CÚRIA GERAL DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, *Congregação da Missão. Constituições e Estatutos*, Cúria Geral da Congregação da Missão, Roma, 1984, 112.

“S. Vicente optou pelos pobres do campo. O contrato fundacional¹²¹, a ata de associação dos primeiros missionários, a bula de aprovação da congregação¹²², as Regras Comuns¹²³ são provas evidentes da opção vicentina pelos pobres do campo”¹²⁴.

Pouco a pouco vão-se instaurando as condições para fundação de uma congregação, não religiosa. Vicente definia-a como Sacerdotes da religião de S. Pedro, que vivem em comunidade para a missão e emitem votos privados¹²⁵.

S. Vicente sabe de forma clara o que fazer de agora em diante: saciar a fome espiritual dos camponeses de França e alimentar a todos os pobres, vítimas das desgraças do seu tempo; tratar os doentes, visitar os hospitais, organizar a distribuição de alimentos com ajuda das damas da caridade, catequisar e pregar, confessar e reconciliar os homens entre si. Dizia aos seus missionários:

“A caridade consiste em não ver ninguém sofrer sem sofrer com ele, não ver ninguém a chorar sem chorar com ele. Trata-se de um ato de amor que faz entrar no coração dos outros para sentir o mesmo que eles, longe daqueles que não sentem nenhuma pena pela dor dos aflitos nem pelo sofrimento dos pobres. Que carinhoso era o Filho de Deus! Chamam-no para que vá ver Lázaro e Ele vai; Maria Madalena levanta-se e vai ao seu encontro chorando, seguem outros judeus chorando também; todos se põem a chorar. O que é que faz Nosso Senhor? Põe-se a chorar com eles (Jo 11,35), cheio de ternura e compaixão. Esse carinho é que o fez vir do céu; via os homens privados da sua glória (Rm 3,23) e sentiu-se afetado pela sua desgraça. Também nós temos de sentir este carinho pelo próximo que está aflito e tomar parte na sua dor. Oh São Paulo, que sensível eras tu neste ponto! Oh Salvador, que encheste este apóstolo do teu espírito e do teu carinho, faz-nos dizer como ele: quem é fraco, sem que eu o seja também? (2Cor 11,29)¹²⁶.

Nesta altura da sua vida, deu-se um encontro decisivo com uma senhora da nobreza: Santa Luísa de Marillac. Ela conheceu também a noite escura. Foi acompanhada por S. Vicente e, graças a este acompanhamento, a sua vida foi-se iluminando. No momento em que as confrarias da caridade se multiplicaram, Vicente de Paulo teve a boa

¹²¹ Contrato de fundação de 17 de abril de 1625 (Cf. S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo X*, 237–241.)

¹²² Bula *Salvatoris Nostri*, sobre a ereção da Congregação da Missão, de 22 de setembro de 1655, por Urbano VIII (Cf. *Ibidem*, 303–320.) Breve *Alias nos supplicationibus*, que determina o voto de pobreza, de 12 de agosto de 1659, por Alexandre VII (Cf. *Ibidem*, 552–554.)

¹²³ Regras Comuns da Congregação da Missão, de 1658 (Cf. CÚRIA GERAL DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, *Congregação da Missão. Constituições e Estatutos*, 99 e ss.).

¹²⁴ M. PÉREZ FLORES, *Revestirse del Espíritu de Cristo*, CEME, Salamanca, 1996, 67.

¹²⁵ Atualmente a figura jurídica que sustenta a Congregação da Missão está sustentada pelo *CIC*, nos cânones 731-755, com a denominação de “Sociedades de Vida Apostólica”.

¹²⁶ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XI*, 560.

ideia de pedir a Luísa que as visitasse, estivesse com as responsáveis, estimulasse as equipas e reforçasse os laços com os párocos. Vicente fez com que Luísa descobrisse a sua vocação e encontrassem ambos uma longa, fecunda e virtuosa complementaridade¹²⁷.

2.1.4.3. Formação de sacerdotes e ordinandos

Por intuição, e após ter contacto com todo o enorme campo de evangelização do campo que requeria pastores comprometidos, S. Vicente interessou-se pela formação dos sacerdotes. Percebeu que o estado das comunidades paroquiais dependia do pároco. Um dia, em julho de 1628, enquanto viajava com o Bispo de Beauvais, D. Pottier, confiava-lhe estas as suas preocupações de pastor. Desta conversa nasceu então uma iniciativa: pregar um retiro aos que se preparavam para o sacerdócio. Estes “exercícios” tiveram um êxito considerável. Eram os fiéis os primeiros beneficiários deste embrião de formação. Pouco a pouco, o sistema foi-se perfeiçãoando e numerosos sacerdotes participaram nos exercícios realizados no priorado de S. Lázaro que a congregação tinha adquirido em Paris. Era o dia 8 de janeiro de 1632. Vicente não só pregou aos ordinandos e aos sacerdotes, mas pensou reunir em S. Lázaro os grandes da Igreja de França. Surgem assim as conferências das terças-feiras. Chegaram a participar nelas mais de 250 nomes, entre os quais 22 seriam bispos. Em 1641, São Vicente de Paulo abriu em Annecy o primeiro seminário dirigido pela Congregação da Missão¹²⁸.

2.1.4.4. Fundação da Companhia das Filhas da Caridade

A fundação da Companhia das Filhas da Caridade é a prova de que a perseverança do homem e a vontade de Deus atuam na história. Desde o momento em que as senhoras da nobreza tinham constituído equipas para o auxílio dos pobres, começam a surgir problemas. A sua condição social, juntamente com o estatuto a ela associado começam a não ser compatíveis com os trabalhos duros e pesados a que eram obrigadas. Mas um dia,

¹²⁷ Cf. J. M. ROMÁN, *San Vicente de Paul*, 197–198.

¹²⁸ “Ai, Padres, que grande coisa é um bom sacerdote! O que é que não pode fazer um bom eclesiástico? Que conversões não pode procurar? (...) Mas, Meu Salvador! Se um bom sacerdote pode fazer grandes bens, que mal faz um mau sacerdote! E quanto custa colocá-lo no bom caminho! Meu Salvador! Como devem entregar-se a ti os pobres missionários para contribuir para a formação de bons sacerdotes, já que é a obra mais difícil, a mais elevada, a mais importante para a salvação das almas e o progresso do cristianismo!” (S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XI*, 702–703.) Cf. R. CHALUMEAU, “San Vicente de Paúl y la obra de los Seminarios”, in *Vicente de Paúl evangelizador de los Pobres, II Semana de Estudios Vicencianos*, CEME, Salamanca, 1973, 97–117, 97.

uma jovem de Suresnes, de nome Margarita Naseau ¹²⁹, veio ter com o padre Vicente, pois ouviu dizer que ele necessitava de ajuda para a assistência dos pobres. Ainda que não fosse instruída, não lhe assustava o trabalho duro. Como camponesa aprendeu a ler enquanto trabalhava no campo, pedindo ajuda àqueles que passavam para decifrar as letras. S. Vicente e Santa Luísa viram nela a providência de Deus a atuar. Margarida morreria em 1633, vítima da sua entrega aos pobres. Luísa de Marillac reuniu, na sua casa, um grupo de jovens com vontade de viver uma nova forma de vida: viver juntas para entrega total ao serviço dos pobres. Nasceram assim as Filhas da Caridade¹³⁰. A designação da Companhia nasceu através do povo, ao ver o trabalho feito pelas Irmãs junto dos pobres, e revela a característica fundamental do seu trabalho¹³¹. O trabalho realizado pelas Filhas da Caridade era descrito por São Vicente da seguinte forma:

“Considerarão que não fazem profissão religiosa, pois este estado não é conveniente aos trabalhos da sua vocação. Contudo, como estão mais expostas às ocasiões de pecado que as religiosas obrigadas à clausura, não tendo por mosteiro senão as casas dos doentes e aquela onde reside a superiora; por cela, um quarto de aluguer; por capela, a Igreja da paróquia; por claustro as ruas da cidade; por clausura, a obediência, não devendo ir senão à casa dos doentes ou aos lugares necessários para o seu serviço; por grade, o temor de Deus; Por véu, a santa modéstia, e não fazendo outra profissão para garantir a própria vocação, mas por esta confiança continua na divina providência e pela oferenda que lhes fazem de tudo o que são e do próprio serviço na pessoa dos pobres, por esta considerações, devem possuir tanta ou mais virtude como se fossem professoras em uma ordem religiosa; assim, procurarão em todos os lugares, comportar-se, ao menos, com tanta modéstia, recolhimento e edificação como as verdadeiras religiosas em seu convento”¹³².

¹²⁹ São muito poucos os dados biográficos que temos acerca de Margarida Naseau, apenas algumas referências: “Irmã Margarida Naseau foi a primeira a servir os pobres doentes da paróquia de S. Salvador, em que se estabeleceu a confraria da Caridade no ano de 1630. Margarida Naseau, de Suresnes, é a primeira Irmã que teve a honra de mostrar o caminho às demais, tanto para ensinar as jovens, como para assistir aos pobres doentes, ainda que não tenha tido quase nenhum professor ou professora, além de Deus. Não era mais que uma pobre camponesa sem instrução movida por uma forte inspiração do Céu” (S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo IX*, 89.) Cf. J. M. ROMÁN, *San Vicente de Paul*, 248–249.

¹³⁰ Cf. S. V. DE PAULO, *Conferencias espirituales a las Hijas de la Caridad*, CEME, Salamanca, 1983, 203.

¹³¹ Cf. S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo X*, 472–473.

¹³² *Ibidem*, 661.

2.1.4.5. Vicente de Paulo um homem da providência

Podemos dizer que nenhuma das obras fundadas por São Vicente de Paulo foram planeadas por antecipação, mas são fruto de uma visão da realidade e, por conseguinte, de uma atitude perante a mesma. Como vimos nas fundações precedentes, em primeiro lugar aparece uma necessidade e com ela um problema para resolver, à luz da fé e do Evangelho. Procura-se, depois, discernimento para encontrar uma possível solução e, a seguir, começa-se a resolver a situação. Portanto, em Vicente de Paulo a realidade supera qualquer tipo de ficção piedosa ou de sonho pessoal. Apresenta-se sempre como realidade à procura de uma solução. Até agora pudemos observar algumas das suas intuições fundacionais. Convém ainda mencionar alguns dos seus contextos para percebermos melhor a estatura pastoral deste homem.

Em 1622, o seu amigo e mestre, Francisco de Sales¹³³, pouco antes de morrer, deixou a Vicente de Paulo o encargo de presidir à ordem da Visitação, que estava sob a direção de Santa Joana Francisca de Chantal.

S. Vicente iniciou a obra das crianças abandonadas graças à cooperação das damas e das Filhas Caridade. Em Paris, milhares de pobres acudiam a São Lázaro para receber a sopa duas vezes por dia. Estima-se que, em 1652, as Filhas da Caridade davam de comer na sua casa mãe a 1500 pobres e se ocupavam de 88 refugiados.

Outro dado biográfico a ter em conta é a pertença ao Conselho de Consciência do Reino¹³⁴, ao qual pertenceu entre 1643 e 1653. Este conselho tinha como missão a supervisão das publicações e devia pôr fim às comédias licenciosas. Velava pela distribuição equitativa dos benefícios e era o organismo pelo qual passavam as nomeações episcopais. Era responsável pela manutenção da fé contra as heresias da época, nomeadamente o jansenismo¹³⁵. Mas a atitude de Vicente neste Conselho de Consciência não é de forma alguma algo que o marque profundamente.

¹³³ O Santo da Mansidão nasceu em Sabóia (França) no ano de 1567. Trabalhou incessantemente pela reforma católica na sua pátria. Foi nomeado Bispo de Genebra, atuando como verdadeiro pastor para os clérigos e fiéis, doutrinando-os na fé. Converteu-se num exemplo para todos através das suas obras: *Introdução a vida devota*; *Tratado do amor de Deus*, *Estandarte da Santíssima Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo*; *Cartas e avisos aos confessores*; *Oração fúnebre na morte do duque de Mercúrio*; *Os verdadeiros passatempos*; *Opúsculos e vários tratados pequenos de devoção*; *Sermões vários para todo o ano*. S. Vicente bebeu desta espiritualidade de ação com base na vida interior e como vontade de fazer, na vida ordinária, aquilo que agrada a Deus. Por isso S. Vicente recomendava a muitos a leitura de *Introdução a vida devota*. Cf. *Ibidem*, 584; J. M. ROMÁN, *San Vicente de Paul*, 150 e ss.

¹³⁴ Cf. S. V. DE PAULO, *Obras Completas*. Tomo X, 543–559.

¹³⁵ O jansenismo diz respeito ao conjunto de ideias introduzidas em França, a partir de Saint-Cyran, por Duvergier de Hauranne (1581-1643), condiscípulo e amigo de Jansénio. A sua tese defendia um agostinismo extremo, pela exaltação da majestade de Deus. Uma predestinação totalmente gratuita e uma visão pessimista do homem. É importante conhecer esta heresia, pois acusaram S. Vicente de ter seguido

Antes de falecer, em 1660, Vicente de Paulo deixou um enorme legado fruto da sua experiência pessoal. Afirmava ele: “Esta é a minha fé, esta é a minha experiência”¹³⁶. Como nos referimos anteriormente, as suas experiências de vida – em especial as experiências de Folleville onde descobre a missão, e de Châtillon, onde descobre a caridade – vão ser o desabrochar de toda a sua obra. Por isso, são belas as palavras ditas pouco antes da sua morte:

“É verdade que a caridade, quando habita numa alma, ocupa por dentro todas as suas capacidades: não há descanso; é um fogo que atua sem cessar; mantém sempre em vigilância, sempre em ação, a pessoa que se deixou abrasar por Ele... O estado da Missão é um estado de amor”¹³⁷.

2.1.4.6. Nascimento de um Carisma

O carisma vicentino nasceu como dom de Deus dado à Igreja e ao mundo através da pessoa de Vicente de Paulo. Foi a opção fundamental deste homem, a evangelização dos pobres, que deu lugar a um carisma que se refletiu na vida eclesial do seu tempo e que configurou toda a teologia e eclesiologia¹³⁸. São vários os aspetos que nos permitem tal afirmação. Em primeiro lugar, desde um ponto de vista pessoal, vemos a pessoa de Vicente de Paulo que passa de uma vivência autorreferencial da fé e da própria vida a uma vida de entrega aos outros centrada em Jesus Cristo. Converteu-se e dedicou-se aos pobres, com uma clara tendência a encontrá-los entre os abandonados pela sociedade e pela Igreja. Institucionalizou a caridade, retirando-a do mero assistencialismo piedoso, passando para uma caridade organizada. Preocupado com a formação e a evangelização de todos os pobres, também não descuro o clero. Em segundo lugar, no aspeto teológico vemos o abandono de uma visão meramente teocêntrica a favor de uma visão cristocêntrica e antropocêntrica. Para S. Vicente, o mistério por excelência era o da Encarnação. E vai ser a partir deste que vai construir toda a visão do homem. Em terceiro lugar, no aspeto eclesiológico, podemos observar uma imagem da Igreja nitidamente

essa doutrina. Contudo, vemos que o seu trabalho com os pobres, fundado no amor universal e salvífico de Deus, revelado em Cristo, o seu trabalho missionário que buscava a remissão dos pecados na confissão geral, regenerando a vida espiritual dos homens, atestam a não identificação de Vicente de Paulo com este movimento. Cf. *Ibidem*, 598–625.

¹³⁶ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo II*, 237.

¹³⁷ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XI*, 132.

¹³⁸ Cf. J. CORERA, *Servir a los pobres es ir a Dios*, Ed. La Milagrosa, Madrid, 1999, 122.

missionária e aberta ao mundo. Numa Igreja em que os leigos assumem um papel importante, contrariamente ao estabelecido na sua época.

Mas antes de nos centramos no trabalho missionário de Vicente, recapitulemos, pelas suas próprias palavras, o processo de conversão a um Cristo Evangelizador:

“Quando formos aos pobres, devemos entrar nos seus sentimentos para sofrer com eles e colocarmo-nos nas disposições daquele grande Apóstolo que dizia: “fiz-me tudo para todos”, de forma que não caia sobre nós a queixa que fizeram a Nosso Senhor por boca do profeta: “esperei a ver se alguém se compadecia dos meus sofrimentos e não houve ninguém”. Por isso, é necessário que saibamos enternecer os nossos corações e fazê-los capazes de sentir os sofrimentos e as misérias do próximo, pedindo a Deus que nos dê o espírito de misericórdia, que é o espírito do próprio Deus: pois, como disse a Igreja, é próprio de Deus conceder misericórdia e dar esse espírito... Assim, pois, tenhamos misericórdia, meus Irmãos, e exercitemos com todos a nossa compaixão, de forma que nunca encontremos um pobre sem consolá-lo, nem a um homem ignorante sem ensinar-lhe em poucas palavras as coisas que necessita de crer e de fazer para sua salvação. Oh Salvador não permitas que abusemos da nossa vocação nem tires desta companhia o espírito de misericórdia! Que seria de nós se nos retirasses a tua misericórdia?”¹³⁹.

2.2. Da Intuição à Missão

2.2.1. Noção da Missão Popular

Nas páginas anteriores analisámos de forma sumária a vida e a obra de Vicente de Paulo. Enquadrámo-lo, contámos um pouco da sua história, e percebemos que o carisma vicentino nasce sobretudo da experiência concreta de vida de um homem: S. Vicente de Paulo. Jamais entenderíamos o que significa a Missão Popular Vicentina se não atendêssemos ao acontecimento de Folleville, enquadrando a missão de forma teológica e na vida de Vicente.

Chegou o momento de abordarmos a questão da Missão Popular Vicentina propriamente dita.

Em primeiro lugar, poderíamos definir missão popular utilizando as palavras do Padre Luigi Mezzadri:

¹³⁹ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XI*, 233–234.

“As missões populares são uma forma de pregação extraordinária com carácter sistemático, com o objetivo de converter, instruir e dar fervor a comunidades já evangelizadas. Na prática são uma síntese de exercícios espirituais, de catequeses doutriniais e morais, de práticas de oração e de penitência, dirigidas a toda a população de uma determinada zona”¹⁴⁰.

Como podemos ver nesta definição do Padre Luigi Mezzadri, mostram-se alguns pontos basilares a ter em consideração na hora de definir missão popular: em primeiro lugar, vemos que a missão popular tem um carácter de pregação, ou seja, de anúncio, não de um primeiro anúncio, mas de proporcionar um anúncio sempre novo. Em segundo lugar, é algo extraordinário, ou seja, por um período de tempo definido, apesar de seus frutos poderem desejavelmente ser duradouros; contudo, a missão popular em si resume-se a um período de espaço e tempo bem definido. Em terceiro lugar, tem um carácter sistemático. Não pretende abarcar tudo, mas proporcionar ao povo de Deus daquela zona, de uma forma direta e concreta as verdades da fé, no fundo o *Kerigma*. Em quarto lugar, tem um carácter externo, ou seja, a missão não é só para revitalizar a fé daqueles que pertencem à Igreja, apesar deste ser um dos objetivos. Deve-se ter em conta que a missão popular também é para aqueles que estão fora dela. Em quinto e último lugar, a missão popular tem um objetivo catequético, espiritual e moral. Estas características assumem grande importância, pois, são elas que marcam a baliza daquilo que entendemos por missões populares, nomeadamente, as Missões Populares Vicentinas.

2.2.2. Origens da missão popular

Antes de explicarmos a origem da Missão Popular Vicentina, cremos que é importante contextualizá-la no marco geral do aparecimento das missões populares. Segundo o Padre Luigi Mezzadri é difícil falar de um começo com dados muito concretos ou associar a origem das missões a uma pessoa em particular. Para o historiador italiano:

“As missões nascem da evolução da pregação medieval itinerante, com o acrescento de características sistemáticas típicas da época moderna: catequese progressiva, divisão em catecismo grande e pequeno, temáticas bem coordenadas”¹⁴¹.

¹⁴⁰ L. MEZZADRI, “Storia delle missioni popolari”, in L. MEZZADRI ET AL., *Le Missioni Popolari della Congregazione Della Missione Nei Sec. XVII-XVIII*, Edizioni Vincenziane, Roma, 2002, 30.

¹⁴¹ L. MEZZADRI, “Missiones Populares”, in M. P. FLORES ET AL., in *Diccionario de Espiritualidad Vicenciana*, CEME, Salamanca, 1995, 389.

Apesar de não podermos determinar um começo bem definido, podemos ver que entre 1500 e 1700 é dada grande importância às missões populares¹⁴². Como vimos anteriormente, não são outra coisa senão a continuação da pregação medieval. Apesar desta imprecisão cronológica, o Padre Luigi Mezzadri dá-nos três grandes etapas para uma análise histórica das missões populares. A primeira vai das origens e da idade de ouro (de Santo Inácio até meados de setecentos) e é o período das missões antiprotestantes e da aplicação pastoral do Concílio de Trento. A segunda corresponde ao período do Iluminismo e da Revolução Francesa (1750 até 1830) e é o período da missão contra o anticristianismo das Luzes e contra as ideias revolucionárias. Na terceira etapa assiste-se ao declínio (desde 1830 até pós Primeira Grande Guerra) com a missão a servir apenas para educar a comunidade cristã¹⁴³.

Entre as várias iniciativas pastorais posteriores ao concílio de Trento, fundação de seminários, visitas pastorais, sínodos, as missões vão ser a arma principal na evangelização e o método pastoral fortemente assumido pela Igreja. As missões representam também uma nova frente na vida eclesial, pois não nos podemos esquecer da expansão missionária *ad extra*, com a manutenção das missões ultramarinas. As missões populares surgem como revitalização do cristianismo europeu em confronto com os novos tempos e as novas realidades religiosas do protestantismo e da reforma católica.

2.2.3. Particularidades da Missão Popular Vicentina

2.2.3.1. Uma entre tantas?

As missões eram iniciativas de evangelização novas em que participaram várias ordens e congregações. Ora o que é que diferencia a Missão Popular Vicentina nos seus começos das restantes missões? Tentaremos responder a esta questão examinando as principais ordens e congregações que, nessa época, se dedicavam a este tipo de iniciativas pastorais.

Começando pelos Jesuítas, podemos ver que é com o generalato do padre Claudio Acquaviva (1543-1615) que se dá um grande impulso às missões populares. Apesar de na legislação da Companhia de Jesus constar a pregação às populações mais abandonadas,

¹⁴² Cf. L. MEZZADRI, “Storiografia delle missioni popolari”, in L. MEZZADRI ET AL., *Le Missioni Popolari della Congregazione Della Missione Nei Sec. XVII-XVIII*, Edizioni Vincenziane, Roma, 2002, 39.

¹⁴³ Cf. *Ibidem*, 40.

esta vai ser um pouco descurada por causa da obra dos colégios e vai ser mais tarde que as missões ganham outro relevo. As missões jesuíticas têm como base os exercícios espirituais de Santo Inácio, sendo estes o seu principal modelo de evangelização. Mas o campo de ação dos Jesuítas vai ser sobretudo a evangelização nos meios urbanos¹⁴⁴.

Os Franciscanos, nomeadamente os Capuchinhos, vão ser responsáveis pela inserção da Sagrada Escritura na pregação, visto que até então a filosofia escolástica com as suas questões dominava os sermões dos principais oradores. Os pregadores Capuchinos eram chamados pregadores evangélicos. A sua pregação dirigia-se aos pobres e era rica em catecismo. Na missão, os temas da conversão prevaleciam sobre os eucarísticos¹⁴⁵.

Os Redentoristas vão fazer da obra das missões o grande projeto do Instituto. Depois de uma certa indecisão inicial sobre o método a adotar, se catequético ou penitencial, decidiram-se por um método eclético, ou seja, a mistura dos dois. A sua estratégia missionária passava pela adaptação dos métodos missionários às circunstâncias de cada lugar. A eficácia da missão dependia do prolongamento da vida devota e da renovação dos espíritos¹⁴⁶.

Os Passionistas, fundados por S. Paulo da Cruz, homem que dedicou quarenta anos da sua vida à pregação das missões e exercícios espirituais. Colocam no centro do seu apostolado a pregação da paixão de Cristo. Para promover este objetivo, os passionistas faziam questão de promover o culto da morte de Jesus, dando às missões feição sobretudo penitencial. Faziam-se manifestações públicas de penitência, introduzindo elementos cenográficos, como colocar o cruxifixo ao contrário para que o povo se considerasse indigno e visse apenas as costas do crucificado¹⁴⁷.

No meio desta breve caracterização das principais instituições missionárias contemporâneas da Congregação da Missão, o que é que distingue esta das restantes? A comunidade fundada por Vicente de Paulo foi expressamente fundada para as missões: “Foi a missão, de tal modo que os seus membros ficaram conhecidos como padres da Missão”¹⁴⁸. A missão vicentina não tem por base uma ideia original e inteiramente inovadora, com métodos muito diferentes dos institutos que vimos anteriormente. Contudo, ao contrário das missões referidas anteriormente, que se caracterizam pela sua brevidade, pelo tom forte dos argumentos e pela pregação dirigida a todo o povo, a missão

¹⁴⁴ Cf. *Ibidem*, 54–57.

¹⁴⁵ Cf. *Ibidem*, 58–60.

¹⁴⁶ Cf. *Ibidem*, 63–65.

¹⁴⁷ Cf. *Ibidem*, 65.

¹⁴⁸ *Ibidem*, 60.

vicentina quer chegar ao coração de cada um, toma o tempo que for necessário, insiste na catequese, no conhecimento das verdades da fé e na confissão geral, e adota uma pregação de estilo familiar e simples. No fim da missão não se erigia uma cruz; procurava-se antes implementar a caridade organizada. É neste ponto que a Missão Popular Vicentina introduz algo de novo na forma de missionar do seu tempo¹⁴⁹.

2.2.3.2. Objetivos das Missões

As Missões Populares Vicentinas tinham o objetivo de cristianizar e procurar a salvação do “pobre povo do campo”¹⁵⁰. Movidos pelo abandono espiritual em que se encontrava o mundo rural, S. Vicente e os seus iam de aldeia em aldeia instruindo, procurando a conversão a partir da confissão geral e, sobretudo, atendendo caritativamente às necessidades dos mais pobres.

a) Instrução do Povo

A S. Vicente de Paulo ninguém mostrou o estado de ignorância em que se encontravam os pobres. Foi ele mesmo quem descobriu a realidade:

“Já sabeis muito bem como é grande a ignorância do pobre povo, uma ignorância quase inacreditável. E já sabeis que não há salvação para as pessoas que ignoram as verdades cristãs necessárias, pois segundo o parecer de Santo Agostinho, de S. Tomás e de outros autores, uma pessoa que não sabe o que é o Pai, o Filho e o Espírito Santo, nem a Encarnação nem os restantes mistérios, não pode salvar-se. Efetivamente, como pode crer, esperar e amar uma alma que não conhece a Deus nem sabe o que Deus fez pelo seu amor? E como poderá salvar-se sem fé, sem esperança e sem amor? Assim, Deus, vendo esta necessidade e as calamidades que, por culpa dos tempos ocorrem por negligência dos pastores, pelo aparecimento das heresias, que causaram grave dano à Igreja, quis, por sua grande misericórdia, dar o remédio e isto através dos missionários, enviando-os para colocar esse pobre povo na disposição de salvar-se”¹⁵¹.

S. Vicente reconheceu, então, a necessidade de educar na fé “o pobre povo do campo”, através da catequese, pregação e práticas religiosas. O que se pretendia era uma reforma moral da população, fazendo-a voltar à vida da graça. As causas do

¹⁴⁹ Cf. L. NUOVO, “Il Metodo Missionario Vincenziano”, in L. MEZZADRI ET AL., *Le Missioni Popolari della Congregazione Della Missione Nei Sec. XVII-XVIII*, Edizioni Vincenziane, Roma, 2002, 100–101.

¹⁵⁰ Expressão utilizada recorrentemente nos escritos de São Vicente de Paulo.

¹⁵¹ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XI*, 387.

desconhecimento podem resumir-se à falta de sacerdotes preparados para tal serviço. Quando se diz que Vicente não necessitou que lhe fosse mostrado o estado de ignorância, significa que a experiência de campo superava qualquer especulação teórica. Como em todas as funções e ações de Vicente, é a realidade que lhe faz tomar medidas concretas em função das necessidades apresentadas.

b) Confissão Geral

A verdadeira conversão passava pela revisão geral de vida e pela confissão geral¹⁵². Vicente de Paulo também experimentou tal pobreza aquando da confissão do pobre camponês de que anteriormente falámos¹⁵³. Muitos camponeses, à semelhança do que aconteceu com o de Folleville, não sabiam o que era este sacramento nem como praticá-lo. Outra dificuldade era a ignorância dos sacerdotes, pois em muitos casos, nem sabiam a fórmula da absolvição. Recordemos que os decretos de Trento ainda estavam a ser implementados em França e a existência dos seminários ainda era uma realidade muito recente. Para acrescentar a tudo isto, muitos dos penitentes, por vergonha, calavam os seus pecados¹⁵⁴.

“Por isso... há outro motivo para dar assistência às aldeias: é o caso daqueles que não fazem boas confissões e que calam propositadamente alguns pecados mortais; pois essa gente não recebe a absolvição e, ao morrer nesse estado, condena-se para sempre. E quantos encontramos que se calam por vergonha! Não deixam de ir confessar-se e comungar, mas dessas boas ações eles fazem outros tantos sacrilégios”¹⁵⁵.

Assim sendo, fazer uma boa confissão geral de toda a vida passada, era a prova de que o penitente tinha vontade de converter-se, ou seja, rompia com o passado e comprometia-se a viver de forma cristã no futuro.

¹⁵² A confissão geral é o resultado de uma revisão geral de vida, dos pecados cometidos, mas que ao longo da vida não foram objeto de confissão ou foram omitidos. A sua importância está relacionada com a preocupação dos fiéis com a salvação numa situação de morte iminente. A confissão geral tem duas implicações pastorais: por um lado, é importante uma boa preparação do clero para atender os fiéis em confissão; por outro lado, exige um acompanhamento bastante próximo e presente por parte dos pastores.

¹⁵³ O ancião de Gannes, que levou S. Vicente a pregar sobre a confissão em Folleville, o chamado primeiro sermão da missão (Cf. *Ibidem*, 697–700.)

¹⁵⁴ Ibáñez Burgos indica outro obstáculo: “a pastoral do medo” implementada por outros missionários e cita, por exemplo, como os sermões dos sacerdotes da missão são menos terroríficos que os dos capuchinhos: “ah lobo cruel, não devores a este cordeiro de Deus! Jesus é um cordeiro, certamente, mas converter-se-á nesse leão terrível, que um dia saberá vingar-se dos sacrilégios que cometestes” (J. M. IBÁÑEZ BURGOS, “Misión e identidad de la Congregación de la Misión”, 1987, em <http://vincentians.com/es/mision-e-identidad-de-la-congregacion-de-la-mision/> [em linha, consultado em 03-08-2018].

¹⁵⁵ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XI*, 388–389.

A confissão geral levava muitas vezes à superação de conflitos e discórdias, bem como à eliminação ou diminuição de tudo o que fossem comportamentos coletivos contrários à vida cristã.

c) Instituir a confraria da caridade

No final da missão fazia-se o sermão sobre a caridade e depois, com a prévia autorização do bispo e do pároco, fundava-se a confraria da caridade, onde se visse a sua utilidade. Escrevia Vicente a Joana Francisca de Chantal:

“Porque a nossa pequena companhia se instituiu para ir de aldeia em aldeia a pregar, catequizar... e fazer todo o possível para que os pobres sejam assistidos corporal e espiritualmente pela confraria da caridade... que estabelecemos nos lugares onde fazemos a missão e naqueles que a desejem”¹⁵⁶.

Estas confrarias eram uma forma flexível e aberta de responder à miséria de forma organizada. Já existiam antes de S. Vicente e estavam ligadas a uma capela ou a um altar. Beneficiavam de indulgências e dispunham até de indumentária própria. Vicente de Paulo acentuou-lhes o caráter laical e transformou-as em expressão viva da evangelização vicentina. Se a missão instruía, as confrarias assistiam os pobres materialmente. Geralmente eram formadas por senhoras da paróquia, embora houvesse também caridades mistas¹⁵⁷, que se comprometiam com a assistência dos pobres nos seus domicílios. Tanto material como espiritualmente, segundo podemos ver nos seus regulamentos:

“A associação da caridade se institui para dar de comer aos pobres doentes do lugar onde se estabeleça, para procurar que aqueles que estejam a morrer partam deste mundo com dignidade, e que aqueles que se curem façam o firme propósito de não ofender a Deus, e também para honrar nosso Senhor Jesus Cristo na pessoa dos pobres, e finalmente para cumprir o mandamento de nos amarmos uns aos outros como Ele nos amou”¹⁵⁸.

¹⁵⁶ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo I*, 550.

¹⁵⁷ Cf. S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo IV*, 71.

¹⁵⁸ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo X*, 620.

2.2.4. Evangelizar de maneira vicentina

a) Preparativos

Evangelizar é a forma de vida do missionário vicentino, contudo a realidade nem sempre permite que as missões possam ser feitas. Era muito importante adequar as missões ao ritmo de vida das populações. Por isso, nos meses das colheitas não se faziam missões, razão pela qual os missionários se dedicavam, de junho a outubro, ao estudo e preparação dos sermões.

Antes de partir para a missão, os missionários deviam ter a autorização do Bispo. Depois de a obterem apresentavam-se ao pároco mostrando a autorização obtida e pedindo a sua bênção e consentimento. Se o pároco não aceitasse, o missionário regressava a casa. Uma vez obtido o consentimento, o missionário, num domingo ou num dia festivo, subia ao púlpito durante a missa mais concorrida e anunciava a missão. De tarde, depois das vésperas, começavam as explicações sobre a confissão geral e chegava, entretanto, o resto da equipa missionária¹⁵⁹. Alugavam uma casa para os missionários e, se não havia móveis em número suficiente, traziam-nos num carro. O Irmão coadjutor encarregava-se de todos os serviços domésticos, já que a missão era gratuita¹⁶⁰.

b) Horários

A observância dos horários era fundamental para o bom funcionamento das missões, mas sobretudo para o bom funcionamento interno, ou seja, da equipa missionária. Para esse efeito Vicente deixava algumas recomendações:

“Observar inviolavelmente nas missões o seguinte: 1º levantar-se às quatro e deitar-se às nove; 2º fazer a oração; 3º rezar o ofício em comum; 4º ir para a Igreja e sair dela em conjunto; 5º dizer a missa na sua vez; 6º não sair da Igreja sem autorização do superior; 7º durante o almoço deverão fazer a leitura espiritual; 8º reunirão todas as sextas-feiras: 9º

¹⁵⁹ As equipas eram geralmente compostas pelo diretor, mais dois missionários, a que se juntava um Irmão coadjutor. Também podiam agregar-se outros elementos incluindo noviços e/ou estudantes da congregação ou dos seminários diocesanos.

¹⁶⁰ “Vicente considerou sempre a gratuidade das missões como norma da própria companhia. Enquanto os capuchinhos estavam obrigados a viver de esmolas, os missionários devem pregar gratuitamente (S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo III*, Sígueme, Salamanca, 1975, 227.). Para tal, insistia que cada casa tivesse as rendas suficientes para mantimento dos missionários com alimentação, casa, viagens e demais gastos. Procedendo deste modo, os missionários não sobrecarregavam as paróquias, evitavam que os párocos tivessem esse pretexto para recusar a missão e mantinha-os afastados da cobiça” (L. MEZZADRI, “Misiones Populares”, 394.) Cf. L. NUOVO, “Il Metodo Missionario Vincenziano”, 92–93.

não falar da confissão nem colocar nenhum caso de consciência em público sem autorização do superior”¹⁶¹.

A toda estas prescrições acrescentava-se um dia de descanso semanal¹⁶².

c) Temas da Missão

No período compreendido entre 1625 – data da fundação – e 1800, a Congregação da Missão manteve-se rigorosamente fiel ao esquema missionário fundacional. Os vicentinos não adotaram o método dialogal seguido pelos capuchinhos, em que dois pregadores debatiam entre si os temas propostos. Na assembleia de 1724 são proibidos abusos deste género em que caíram alguns missionários¹⁶³.

Desde o tempo da fundação, havia já um núcleo de temas aos quais se deveriam cingir os missionários. Esta era uma forma de os ajudar a preparar-se para o trabalho missionário. Contudo estas coletâneas nunca foram organizadas de uma forma sistemática. Só em 1712, no governo do Padre Jean Bonnet, se fez uma compilação de todos os temas e sermões. Aí se diz:

“Caros Irmãos, enviaremos 55 sermões como modelo para formar os novos missionários; não são absolutamente perfeitos, mas são razoavelmente sólidos, metódicos e proporcionais ao modelo de pregar a que queremos habituar os nossos jovens padres, em estilo simples e de tal maneira que se respeite o espírito da companhia e que seja acessível à pobre gente do campo”¹⁶⁴.

Os sermões¹⁶⁵ tratavam dos seguintes temas¹⁶⁶:

1. Sermão para o anúncio da missão: descreve aquilo em que consiste a missão e a sua importância.
2. Sobre a salvação: explora os motivos e os meios para alcançar a redenção da pessoa.
3. Sobre a penitência: aborda em que consiste a verdadeira penitência (arrependimento, confissão e satisfação).

¹⁶¹ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XI*, 28–29.

¹⁶² Tal como recomendou o Cardeal de Richelieu a S. Vicente (Cf. S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo I*, 471).

¹⁶³ Cf. L. NUOVO, “Il Metodo Missionario Vincenziano”, 84.

¹⁶⁴ *Ibidem*, 85.

¹⁶⁵ Os sermões de S. Vicente de Paulo estão disponíveis nas seguintes obras: S. V. DE PAULO, *Sermons de Saint Vincent de Paul. Tome Premier*, Ph. Baldeveck, Paris, 1859, 16–525; S. V. DE PAULO, *Sermons de Saint Vincent de Paul. Tome Second*, Ph. Baldeveck, Paris, 1859, 1–492.

¹⁶⁶ L. MEZZADRI, “Missiones Populares”, 396; L. NUOVO, “Il Metodo Missionario Vincenziano”, 85–86.

4. Sobre o exame: ensina como deve ser feito um bom exame de consciência.
5. Sobre o exame dos pecados: explica quais os tipos de pecados sujeitos a um exame de consciência.
6. Sobre o pecado: aborda a temática sobre o que é o pecado.
7. A palavra de Deus: sobre a importância da Sagrada Escritura na vivência da fé cristã.
8. A contrição: relativo ao arrependimento.
9. A confissão particular: sobre a confissão pessoal dos pecados.
10. A confissão geral: especificamente sobre a temática da confissão geral¹⁶⁷.
11. A morte: aborda a temática do fim da vida.
12. O julgamento particular: relativo ao julgamento, após a morte, das ações em vida.
13. O bom propósito: sobre o compromisso de mudança após a confissão.
14. A morte dos pecadores: relativo àqueles que se recusam a emendar-se.
15. A embriaguez: abordagem sobre o problema causado pela bebida naqueles que bebem demasiado.
16. Sobre calar os pecados por vergonha: concernente à omissão de pecados.
17. Os mandamentos da lei de Deus: explica os 10 mandamentos e o seu grau de importância.
18. A fé: sobre a confiança em Deus.
19. O juízo final: abordagem final, no último momento da vida, sobre as boas ou más ações.
20. As penas corporais do inferno: sobre os sofrimentos físicos resultantes do pecado.
21. As penas espirituais do inferno: sobre os sofrimentos espirituais resultantes do pecado.
22. A esperança: explica como esta virtude teologal nos ajuda a viver.
23. O juramento: sobre o compromisso.
24. A blasfêmia: relativo à desonra.
25. A santificação do domingo: ensina a importância do dia do Senhor.
26. O devido respeito às igrejas: apela para o respeito aos lugares Santos.
27. As boas obras: sobre fazer o bem.

¹⁶⁷ V. nota n.º 159.

28. O sacramento do matrimônio: ensina a responsabilidade e os fundamentos deste Sacramento.
29. Os deveres dos filhos para com os pais: sobre o respeito e o auxílio aos pais.
30. Os deveres dos patrões e das patroas: relativo às obrigações perante os empregados.
31. Os deveres dos servos e das servas: sobre a responsabilidade no serviço.
32. Os deveres dos pais e das mães para com os filhos: relativo à responsabilidade dos pais.
33. A ira: concernente ao estado de fúria.
34. As pessoas casadas: sobre as responsabilidades matrimoniais.
35. O amor de Deus: relativo à misericórdia de Deus.
36. A oração: sobre a oração enquanto caminho de encontro com Deus.
37. O amor aos inimigos: sobre o perdão e o acolhimento de todos.
38. O amor ao próximo: sobre a importância de pôr em prática o Sacramento do Amor.
39. A fuga das ocasiões: relativo à assunção das responsabilidades.
40. O roubo: reflete sobre o pecado e o mal de tomar o que pertence a terceiros.
41. A restituição: relativo à importância de devolver o que não nos pertence.
42. O atraso da penitência: sobre o protelar da penitência.
43. A satisfação: relativo ao cumprimento da penitência.
44. A maledicência: explica como deve ser evitado falar sobre a vida alheia.
45. O escândalo: sobre as situações suscetíveis de atentar contra o pudor.
46. O paraíso: reflete sobre o lugar onde descansam as almas boas.
47. Sobre o sacrilégio na comunhão: relativo à comunhão indevida.
48. Devoção a Nossa Senhora: explica o culto mariano.
49. Sobre os afetos: aborda a temática das relações.
50. Sobre a prática do cristão: reflete sobre as obrigações da vida sacramental.
51. O sexto mandamento: sobre a castidade.
52. A recaída: aborda a questão do regresso ao pecado.
53. O fruto da comunhão: sobre o ato de comungar.
54. O regresso da procissão: relativo a vivência concreta dos atos celebrativos.
55. A perseverança: sobre a insistência fundada na fé.

Segundo Luigi Nuovo, estes temas remontam a época de S. Vicente, apesar de alguns deles serem posteriormente mais elaborados¹⁶⁸.

Vemos uma enorme variedade de temas desde os novíssimos: morte, juízo final, pecado, inferno, mas também vemos amplamente abordados temas como o amor de Deus e o amor do próximo. Verificamos que existe maior equilíbrio face aos assuntos tratados na época. No fundo,

“Os padres da Missão tinham fama de severos, mas não recorriam a imagens fantasiosas, aterradoras e impressionantes. Tudo aquilo que diziam tinha apenas por objetivo infundir o santo temor de Deus, aumentar a repugnância do pecado e do mal, sem reduzir a esperança e a confiança na misericórdia de Deus”¹⁶⁹.

d) Desenvolvimento da missão

Como vimos anteriormente, o tempo das missões estendia-se de outubro a junho, devido aos trabalhos dos camponeses. A duração de cada missão dependia muito do número de habitantes e das circunstâncias particulares. Assim o prescrevia o diretório: “normalmente, uma missão de 500 almas não deve durar mais do que quinze dias, ou mais do que três semanas, ocupando apenas três sacerdotes”¹⁷⁰.

Mais tarde este período foi-se alargando para cinco semanas e, em alguns casos, um mês e meio. Se não houvesse exceções, o Diretório¹⁷¹ prescrevia o seguinte: às 5 horas, pregação da manhã, nos dias de semana; ao domingo a pregação era durante a missa cantada. Das 13h às 14h era o pequeno catecismo, reservado aos mais novos. No fim do dia, às 20h/21h, era o grande catecismo, quando todas as pessoas regressavam dos campos e realizavam outras atividades. Todas as semanas os missionários tinham um dia de descanso, que era geralmente no dia em que havia mercado na localidade¹⁷².

Havia também um momento destinado às confissões. Estas, como já pudemos constatar, assumem uma grande importância no desenvolvimento da missão. Sobre isto o Diretório também prescrevia: “reservar-se-á um dia ou dois para confissões nas missões

¹⁶⁸ Cf. *Ibidem*, 87.

¹⁶⁹ *Ibidem*.

¹⁷⁰ *Ibidem*, 95.

¹⁷¹ Cf. L. MEZZADRI ET AL., “Regolamenti della missione vincenziana”, in L. MEZZADRI et al., *Le Missioni Popolari della Congregazione Della Missione Nei Sec. XVII-XVIII*, Edizioni Vincenziane, Roma, 2002, 639–670.

¹⁷² *Ibidem*, 660.

de quinze dias; nas restantes, mais longas, três ou quatro dias, segundo a necessidade que houver”¹⁷³.

A comunhão geral tinha um dia estabelecido para todos, que se solenizava. Durante a tarde, organizava-se a procissão do Santíssimo Sacramento. Durante a missão também eram feitas visitas aos doentes, aos hospitais e às cadeias.

A missão terminava com a missa de ação de graças, na qual os missionários pediam a bênção do pároco. As emoções vividas durante este acontecimento extraordinário nunca seriam duradoiras se não se continuasse a ação pastoral regular. Com efeito,

“sabemos por experiência que os frutos das missões são muito grandes, já que as necessidades das pobres gentes dos campos são extremas; mas, como os seus espíritos são rudes e de ordinário mal cultivados, facilmente se esquecem dos conhecimentos que lhes foram ministrados e das boas disposições em que ficaram”¹⁷⁴.

É por isso que, durante a missão, se trabalhava na sua continuidade por meio das confrarias da caridade, da instrução dos professores e, sobretudo, dos sacerdotes. Além disso, havia mais tarde a visita de um missionário de vez em quando. Procedia-se também à renovação da missão, que variava segundo o contrato, podendo ir de 3 a 15 anos. O mais comum era que a missão se repetisse a cada 10 anos.

e) O catecismo

Identificada por S. Vicente de Paulo a grande ignorância religiosa sobre as verdades da fé, ele fez da instrução religiosa o objetivo maior das missões. Afirmava numa carta ao padre Lambert: “todos estão de acordo em que os frutos da missão dependem do catecismo”¹⁷⁵.

A Congregação da Missão tinha o seu próprio catecismo, que era inspirado no *Catechismus Romanus*¹⁷⁶ e que os padres da missão eram obrigados a usar. Ainda assim, havia bispos ou sacerdotes que gostavam que se utilizasse o catecismo da própria diocese. Contudo, os missionários deveriam tratar os temas dos seus programas.

¹⁷³ *Ibidem*, 643.

¹⁷⁴ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo IV*, 46.

¹⁷⁵ *Ibidem*.

¹⁷⁶ SACROSANCTUM CONCILIUM TRIDENTINUM, “Catechismus Romanus”, 1796, em https://archive.org/details/bub_gb_AQWiCWRQYbgC [em linha, consultado em 03-08-2018].

Como vimos anteriormente, havia dois tipos de catecismos, o pequeno catecismo – que era destinado aos mais novos – e o grande catecismo – para os adultos¹⁷⁷. O pequeno catecismo era ensinado durante a tarde. O sacerdote permanecia no meio das crianças, sem subir ao púlpito, e falava-lhes com linguagem acessível. Depois da exposição geral, as crianças eram divididas em pequenos grupos, os quais eram interrogados sobre a doutrina que tinham ouvido. Repetiam-se as explicações e concluía-se com o ensino de orações e um cântico sobre os mandamentos. Esta última prática também se fazia no grande catecismo¹⁷⁸.

O grande catecismo era um ponto muito importante da missão. Começava de noite, quando os camponeses já tinham regressado do trabalho. O missionário subia ao púlpito e começava por recapitular o tema anterior. Só depois apresentava um novo tema. Em linhas gerais, os assuntos tratados eram os seguintes¹⁷⁹:

1. Discurso de Introdução
2. Criação
3. Fim da Criação
4. Fé
5. Santíssima Trindade
6. Pessoas da Trindade
7. Encarnação
8. Redenção
9. Eucaristia
10. Eucaristia
11. Pecado
12. Pecados venial e mortal
13. Efeitos do pecado
14. Penitência
15. Contrição
16. Propósitos
17. Acusação

¹⁷⁷ Cf. L. NUOVO, “Il Metodo Missionario Vincenziano”, 97. Esta distinção entre pequeno catecismo e grande catecismo distingue-se das noções do luteranismo, onde Lutero tinha um grande catecismo dirigido aos “especialistas” e até aos teólogos e um pequeno para o restante público (Cf. F. A. L. VAZ, “O catecismo no discurso da ilustração portuguesa do século XVIII”, *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias* X (1998) 217).

¹⁷⁸ Cf. L. NUOVO, “Il Metodo Missionario Vincenziano”, 98.

¹⁷⁹ Cf. *Ibidem*, 97–98.

18. Impedimentos à confissão
19. Satisfação
20. Indulgência
21. Preparação para a comunhão
22. Virgem Maria
23. Sinal da Cruz

Como podemos ver, os temas do catecismo contemplavam o essencial das verdades da fé (fé, sacramentos, Trindade...) O catecismo tinha uma parte de explicação e outra com perguntas e respostas, fazendo sempre referência a situações locais¹⁸⁰.

f) Os Missionários e o Diretor da Missão

No seu artigo sobre o método missionário vicentino, Luigi Nuovo diz-nos que os missionários eram homens apostólicos que se sentiam impelidos a anunciar o Evangelho de Cristo e que faziam da missão a sua existência como sacerdotes. Eram grandes conhecedores do povo, pois viviam com ele grande parte do ano. Eram competentes em matéria de pastoral, viviam com o povo, e por isso podiam avaliar as diferentes circunstâncias melhor que ninguém¹⁸¹.

O trabalho dos missionários também estava minuciosamente regulamentado¹⁸². Na verdade, o regulamento descrevia com detalhe a atuação e a função da equipa missionária, estabelecendo todo o tipo de regras que regiam o funcionamento da missão, desde o material necessário para cozinhar até aos temas da pregação. O regulamento dividia-se em cinco partes: 1) o que fazer antes de começar a missão; 2) trabalhos durante o dia no tempo da missão; 3) lembretes gerais; 4) normas para aqueles que pregam ou fazem a doutrina; 5) normas para o diretor da missão. Este diretório aplicava-se, de forma geral, a todas as missões.

Como vimos atrás, o grupo missionário era constituído pelo diretor e por missionários em número correspondente ao conjunto dos habitantes¹⁸³. Acompanhava-os também um Irmão coadjutor para auxiliar nos trabalhos domésticos. Era ainda permitido

¹⁸⁰ Cf. *Ibidem*, 98.

¹⁸¹ Cf. *Ibidem*, 88.

¹⁸² Cf. L. MEZZADRI ET AL., “Regolamenti della missione vincenziana”, 639–670.

¹⁸³ Cf. L. NUOVO, “Il Metodo Missionario Vincenziano”, 88–89.

levar clérigos¹⁸⁴ a quem eram confiados pequenos trabalhos como ler durante as refeições, servir de sacristão, avisar o confessor para celebrar a missa. Tratava-se neste caso de uma espécie de estágio para futuros missionários. Era comum também a participação de padres diocesanos nas missões quando a congregação era muito requisitada e não dispunha dos elementos necessários¹⁸⁵.

O diretor da missão era o animador e líder da equipa missionária. Normalmente era o superior da casa da Missão ou um missionário experimentado e apto para as tarefas da evangelização. O seu trabalho consistia em presidir à organização material e espiritual para que tudo corresse dentro da ordem, conforme mandava o diretório. Ao diretor competia dirigir o andamento da missão, fazer os avisos ao povo sobre a hora da pregação, da doutrina e das confissões. Devia sondar o terreno para ver as possibilidades de fundar a confraria da caridade e apurar qual o número de pobres e se era possível dar esmola a todos. Era o diretor que mantinha o diálogo com as instituições, o pároco e o bispo do lugar¹⁸⁶.

g) A metodologia da missão vicentina: o pequeno método

Como vimos a pregação da missão é a tarefa principal da Congregação da Missão. Os seus membros eram preparados para adquirirem as competências necessárias à participação na obra das missões. Ao invés da oratória de pregadores famosos, que gostavam de se escutar a si mesmos e de impressionar os ouvintes com citações em latim e em grego, em sermões intermináveis e rebuscados¹⁸⁷, Vicente de Paulo adotou um método de pregar a que chamou: “pequeno método”. Este pequeno método, como sugere o próprio nome, surge por oposição a um estilo pretensioso e altissonante:

¹⁸⁴ Naquele tempo, clérigos eram todos aqueles que entravam no estado clerical a partir da tonsura canónica.

¹⁸⁵ Cf. *Ibidem*.

¹⁸⁶ Cf. *Ibidem*, 90–91.

¹⁸⁷ Louis Châtellier analisou o modo de fazer missões populares no século XVII. São bastante ilustrativos os exemplos que dá sobre a metodologia da época: “O padre Honoré de Cannes, capuchinho, ... para levar com mais segurança à penitência, não duvidava em apresentar ao seu auditório, do alto púlpito, uma caveira que cobria sucessivamente com um barrete de magistrado, com uma cabeleira de senhora, com uma peruca de médico, ilustrando assim o que tinha para dizer sobre a morte e o juízo que se seguia... Também confessava.... A missão concluía com a colocação de uma grande cruz... O padre Segneri, Jesuíta italiano, apresentava-se em cena acompanhado de quatro clérigos. Um levava um látego, outro uma caveira, o terceiro tinha uma corda ao pescoço redor dos ombros, o quarto trazia uma coroa de espinhos na cabeça e levantava bem alto um cruxifixo. No decorrer da pregação, Segneri dirigia-se ora a um ora a outro dos seus colaboradores, para persuadir assim de que a morte era o desenlace inelutável... Muitos desconfiavam desta pompa e desta encenação. Temiam que, uma vez passada a surpresa, vencesse o cansaço ou, talvez, a ironia e a chacota” (L. CHÂTELLIER, *La Religion de los pobres. Europa en los siglos XVI-XIX y a formación del catolicismo moderno*, Desclee de Brouwer, Bilbao, 2002, 71–72, 78–80.)

“Se se trata de brilhar há que procurar a estima dos outros. Se sigo este método, dir-se-á: olha um pobre homem; o que há que fazer é dizer coisas bonitas, com uma atitude completamente distinta. Certo! Certo! Há que pregar de outro modo. Ai sim? O que é toda essa fanfarronice? Quer demonstrar que é um grande retórico, um maravilhoso teólogo? Coisa estranha! Com tudo isso, vai por mau caminho. Quiçá consiga a estima de algumas pessoas que mal o entendem. Mas para adquirir o apreço dos sensatos não é esse o melhor caminho”¹⁸⁸.

Mas afinal em que consistia o pequeno método? A pregação, devia ser simples, sólida e bem ordenada. Por isso, S. Vicente divide o sermão em três partes: motivos, natureza e meios. Nos motivos mostravam-se as razões e argumentos que levam o espírito a praticar a virtude ou a detestar o vício. Na natureza, descobre-se a beleza e esplendor da virtude proposta ou o horror e a maldade do vício condenado, com os atos que implicam¹⁸⁹. No que diz respeito aos meios, estes eram propostos para praticar a virtude e fugir do mal. Sobre este método, diz ainda S. Vicente:

“Pelo que a mim respeita, não soube nunca, nem sei atualmente, que seja necessário algo mais. Pois que é o que se faz quando queremos convencer alguém do amor e da prática de alguma coisa? Nada mais que isto: assinalam-se as grandes vantagens ou então as desvantagens do que fizer. Mostra-se o que está em jogo, a sua importância e beleza. Por fim apresentam-se os meios para o conseguir, já que não resta mais nada a fazer... E nisso consiste o nosso método; isso é o que faz o pequeno método”¹⁹⁰.

Segundo o José María Román, o pequeno método era muito mais que um esquema¹⁹¹. Era um estilo e uma linguagem. Supunha o regresso à pregação evangélica, ao estilo de Nosso Senhor, ao exemplo das reuniões familiares com tom discreto e natural, com uma linguagem que os ouvintes entendam. Abominam-se as citações pedantes, os autores profanos, ainda que só para confirmar as Escrituras. Era a prudência nas alusões, o respeito pelos hereges, expondo sem atacar, as verdades negadas por eles. Era a preocupação de eficácia na conversão das almas sem sombra de vanglória¹⁹².

¹⁸⁸ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XII*, Sígueme, Salamanca, 1986, 248.

¹⁸⁹ L. NUOVO, “Il Metodo Missionario Vincenziano”, 80.

¹⁹⁰ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XI*, 167–168.

¹⁹¹ Cf. J. M. ROMÁN, *San Vicente de Paul*, 354–357.

¹⁹² Cf. L. MEZZADRI, “San Vicente de Paúl y la Religiosidad Popular”, in *Vicente de Paúl. La inspiracion permanente*, CEME, Salamanca, 1982, 108, 108.

A missão vicentina foi regulamentada também através de um diretório elaborado em 1668¹⁹³, ano em que se realizou a terceira assembleia geral da Congregação da Missão e que continha os usos e normas relativos às missões populares a que nos temos referido. Os superiores gerais velaram sempre para que a congregação se mantivesse fiel a esta tradição. O padre Jean Bonnet, superior geral, em 1732, por ocasião da beatificação de S. Vicente de Paulo, dizia o seguinte:

“Que em todas as nossas funções sejamos animados do espírito da missão e do espírito do nosso Beato. Se pregamos, devemos fazê-lo com verdade, solidez, para pura glória de Deus e salvação das almas. Não se deve dizer nada de falso, exagerado ou controverso. É necessário pregar a pura palavra de Deus interpretada pelos santos padres. Não se deve dizer nada de duvidoso, cobarde, ou muito rebuscado. Impregnemos os nossos discursos com santos afetos, e; falemos com palavras edificantes e adaptados às pessoas que nos ouvem. Não nos deixemos afetar pela vã eloquência do século, mas comuniquemos com nobre simplicidade cristã e sempre atentos aos que nos ouvem”¹⁹⁴.

h) Síntese conclusiva das missões

Luigi Nuovo diz-nos que as missões populares tinham quatro finalidades: em primeiro lugar, as missões eram momentos extraordinários de evangelização, de conversão e de renovação da prática sacramental e da instrução religiosa. Em segundo lugar, eram ocasiões para a própria formação do clero a vários níveis: litúrgico, pastoral, catequético, pondo em prática as disposições do próprio Concílio de Trento. Em terceiro lugar, as missões tinham uma forte missão social, resolvendo numerosas disputas familiares e pacificando climas de tensão muitas vezes existentes. Por último, em quarto lugar, eram momentos de distensão, por oposição a outras formas de divertimento como o carnaval, o teatro, as tabernas, e romarias em que muitas vezes os comportamentos não eram compatíveis com a moral evangélica.

Ainda segundo Luigi Nuovo, e como fomos vendo até agora, existem cinco características que distinguem as Missões Populares Vicentinas na sua origem: em primeiro lugar eram missões paroquiais, ou seja, desenvolviam-se nas paróquias, as células base para a aplicação da missão. Tinham por objetivo conduzir aquela comunidade

¹⁹³ Uma cópia deste diretório pode ser consultada em: A. BOLLATI, *I Preti della Missione della casa di Firenze e le missioni popolari in Toscana dal 1703 al 1784*, Edizioni Vincenziane, Roma, 1995, 135–149.

¹⁹⁴ S. V. DE PAULO, *Sermons de Saint Vincent de Paul. Tome Second*, 7.

a uma vida mais cristã e autêntica. Em segundo lugar, era um trabalho em comunhão, um verdadeiro trabalho em equipa, pois não havia líderes absolutos, mas operários cujas tarefas eram intercambiáveis. Um aspeto interessante a este respeito é que no mesmo espaço e tempo tanto se podiam encontrar grandes pregadores como figuras mais simples. No caso da Congregação da Missão, não encontramos a exaltação do merecimento de pessoas singulares, mas da instituição como um todo. Quer o Diretório quer o Superior Geral recomendavam isto mesmo. Em terceiro lugar, a gratuidade das missões era um aspeto importante. Nenhum missionário podia pedir ou aceitar ofertas. Deviam dar testemunho, distribuindo os bens pelos pobres, ou se possível, fundando a confraria da caridade. Em quarto lugar, as missões eram catequéticas. Ao contrário do que se via na época, o importante para os vicentinos não era derramar lágrimas ou levantar os ânimos, mas ensinar as verdades da fé, principalmente àqueles que, sendo pobres e rudes, não tinham capacidade para entender discursos eloquentes em ordem à salvação. Em quinto e último lugar, a missão era comedida, ou seja, baseava-se no essencial. Era simples nas palavras, nas celebrações litúrgicas e nos gestos de devoção. Apesar de ser um momento extraordinário na vida da paróquia, devia ser vivido de maneira ordinária. Para esse efeito, procurava-se assegurar o prolongamento da missão através de pessoas capazes de continuar a evangelizar e a catequisar. Tudo isto obedecia ao propósito: de renovação eclesial, tornando a Igreja mais coerente e próxima do que foi anunciado e querido por Jesus Cristo¹⁹⁵.

2.3. Missão Popular Vicentina: uma história de hoje

É impossível dizer-se que as Missões Populares Vicentinas decorreram sempre da mesma forma sob os mesmos parâmetros e estruturas, contudo, pode-se dizer que a essência e as linhas fundamentais de tal dinâmica evangelizadora seguiu-se até à renovação conciliar.

Só depois do concílio Vaticano II e do apelo que este fez a renovação eclesial e as suas dinâmicas é que se possibilitou um repensar as missões populares. Na carta dirigida pelo Padre Reis à Província Portuguesa da Congregação da Missão podemos ver este intuito:

“Chegados, pois, a altura de viver o ideal de renovação expresso pelas novas constituições, pareceu oportuno ao Superior Geral fazer-se um balanço geral do estado presente das

¹⁹⁵ Cf. *Ibidem*.

atividades da congregação, pois, a desta passa pela daquelas, já que o agir é revelador do ser. Nada mais natural, portanto, do que começar por aquelas atividades que a nossa tradição sempre considerou como as nossas mais específicas”¹⁹⁶.

O Próprio Superior Geral, num encontro geral dedicado as missões populares em Bogotá, afirmava a importância das mesmas para a renovação da vida pastoral da Igreja, citando o documento do Papa João Paulo II *Catechesi Tradendae* (cf. CT 47) em que destaca a importância das missões para uma renovação da vida Cristã. Diz, ainda, que as missões são o meio no qual a congregação é e pode perseverar. Apesar das dificuldades dadas pelas circunstâncias atuais não se pode perder o carácter itinerante no qual a congregação nasceu e no qual deve permanecer¹⁹⁷.

O Documento de Bogotá (1983) foi uma primeira reflexão sobre experiências de missão realizadas na Colômbia, USA, Venezuela e Argentina. Estas províncias tinham colocado em andamento um projeto de missão renovada que consiste sobretudo numa missão popular em três tempos: uma missão preparada e anunciada – pré-missão; uma missão vivida – tempo forte; uma missão continuada – pós-missão. Este modelo de missão contava ainda com uma forte incidência, já não tanto na pregação, mas na constituição de comunidades familiares, ou seja, de assembleias domésticas onde os leigos assumem a tarefa de serem eles mesmos evangelizadores. A própria equipa missionária passa a ser uma equipa mista, composta de sacerdotes, leigos e Irmãs¹⁹⁸.

Em Portugal, a primeira aplicação prática deste estilo de missões foi em 1985 na diocese de Beja, nas paróquias da região pastoral de Almodôvar¹⁹⁹. Foi esta experiência de missão que possibilitou a encarnação deste novo projeto missionário que perdura até aos dias de hoje.

2.3.1. Resposta a uma crise

Este modelo de missão renovada vem como resposta a decadência das missões no pós Concílio Vaticano II. As missões populares atravessaram uma crise profunda na

¹⁹⁶ CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, *Missões Populares. Clero. Leigos. Encontro de Visitadores em Bogotá*, Texto Policopiado, Bogotá, 1983, 1.

¹⁹⁷ Cf. *Ibidem*, 5.

¹⁹⁸ Cf. J. SHANAHAN, “La proclamación y la conversión al mensaje de Cristo”, *Vicentiana* 4–5 (1997) 270.

¹⁹⁹ Cf. J. M. B. DE LEMOS, “Assuntos Nossos”, *Boletim Informativo da Missão Vicentina* 1 (1984) 3.

assembleia geral extraordinária de 1968-1969; muitas eras as vozes críticas e ouviam-se vozes que diziam o seguinte:

“Com o facto das missões serem o ministério próprio da companhia, nem as perguntas que sobre elas fazem-se no questionário parecem estar a altura desta importância, nem as respostas parecem estar escritas com muito entusiasmo”²⁰⁰.

Face a isto, o Superior Geral faz uma síntese de algumas causas que poderiam ter levado a esta crise e fá-lo com quatro perguntas:

“Somente as razões sociológicas e religiosas que fizeram este ministério seja menos útil que em tempos passados? Existe uma fácil seleção da nossa parte por outros ministérios mais genéricos? Existe um certo debilitamento do nosso zelo para a salvação dos pobres, ou uma certa falta de confiança na graça de Nosso Senhor Jesus Cristo? Existirá alguma falha, da nossa parte, de não haver inventado novos caminhos ou maneiras novas de chegar a mente e ao coração do homem moderno?”²⁰¹.

Depois de alguns anos de procura, chamados anos ponte, que foram sobretudo anos de reflexão e procura, e deram lugar a fase de transição entre a missão tradicional e este esquema de missão renovada. Em Portugal deu-se nos anos 80 com a ida da Congregação para o Alentejo, pois esse ambiente tinha mais possibilidade de frutificar dadas as características propícias para a aplicação deste novo modelo.

Depois documento de Bogotá e da análise destas experiências missionárias, a Congregação da Missão repensou o seu modo de missionar. É certo que este modelo foi adaptando-se às diversas realidades que os sinais dos tempos, a realidade e o ardor do Concílio assim o exigiam. Apresentaremos a estrutura e os temas tratados nas missões e o processo de desenvolvimento das mesmas desde 1985 até aos dias de hoje. O objetivo não é um estudo crítico sobre o modelo vigente, haverá espaço para isso mais a frente neste trabalho. O que se pretende aqui é a possibilidade de entender a evolução dos modelos de missão.

²⁰⁰ F. MENESES, “Ayer y hoy de las Misiones Vicencianas en España”, in *Misiones Vicencianas y la evangelizacion del Hombre de Hoy*, CEME, Salamanca, 1986, 284.

²⁰¹ *Ibidem*, 285.

2.3.2. Estrutura das missões renovadas

2.3.2.1. Uma Missão preparada e anunciada: Pré-missão

a) Início do processo

O processo da missão – pré-missão^{202 203}– inicia-se com um diálogo entre os responsáveis do lugar ou da zona que se pretende missionar. O Diretor ou algum outro membro da equipa missionária tenta neste diálogo intercambiar ideias sobre o porque da missão, colocar em comum as inquietudes, chegar a um acordo sobre um plano de conjunto, decidir os passos a dar.

Em todo o caso, devem ficar claros e assumidos, na sua generalidade, os objetivos e os métodos e, sobretudo, a finalidade da missão como um tempo forte de atividade pastoral que responde a um plano de evangelização que se quer continuar com todas as suas implicações na paróquia.

Dentro deste início do processo deve haver uma apresentação, ou seja, oferecer de forma, ainda que genérica aquilo que será o processo da missão, este que deverá adaptar-se as circunstâncias concretas da zona de missão.

b) Anúncio da missão

Uma vez solicitado por escrito e aceite o compromisso da missão e com o tempo suficiente para os trabalhos da pré-missão, passa-se para o anúncio. Este é feito na Igreja paroquial, na Eucaristia de Domingo; o pároco comunica a intenção de organizar um tempo forte de evangelização. Comunica também que vai começar o tempo de preparação. Convidando à participação numa reunião aberta a todas as pessoas. Esta reunião é feita por algum dos missionários.

A missão é anunciada também por cartas a todas as famílias. Esta carta é uma forma de chegar a todos e contar com todos. Convém que seja levada em mão, por

²⁰² Cf. PROVÍNCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, *Missões Populares Vicentinas. Agenda do Missionário*, Congregação da Missão - Setor das Missões Populares, Lisboa, 2001, 1–4.

²⁰³ Sobre os vários intervenientes que integram a missão, cf. PROVÍNCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, *Missões Populares Vicentinas. 1º Tema: O que é a Missão*, Congregação da Missão - Setor das Missões Populares, Lisboa, 2007, 6–10.

peças adultas da paróquia. É muito importante que desde o princípio se dê testemunho de proximidade e um tratamento personalizado.

c) Criação de uma comissão central

A comissão central é formada pelo pároco, o diretor da equipa missionária, delegados leigos e um secretariado da missão. Esta equipa tem como objetivos: estudar o plano da missão, organizar o estudo sócio-religioso da paróquia, rever e avaliar cada fase da missão, promover a difusão da mesma, tratar de toda a logística: materiais, gastos, alojamentos dos missionários, refeições etc...

d) Estudo da realidade

Para evangelizar desde a realidade, requer-se um conhecimento da situação e das necessidades das pessoas nas quais irá chegar a missão: expectativas, insatisfações, bloqueios ou dificuldades que impedem a comunicação, a vivência religiosa, a situação das famílias e da juventude, realidades positivas e problemas sociais da população, nível de participação dos leigos na vida da Igreja, etc. Deste modo, o pároco e os colaboradores leigos e religiosos devem estudar e refletir detalhadamente sobre a situação da paróquia e fazê-la saber à equipa missionária. Para os dados sócio-religiosos podem utilizar-se dados já elaborados desde organismos civis e eclesiais (diocese, paróquias, movimentos, associações, ...). Também pode fazer-se um inquérito ou outras formas de perceção da realidade.

e) Planos e sectores

Elabora-se o plano da paróquia e da população a missionar. A atividade missionária é dividida em sectores. À frente de cada sector nomeia-se um delegado, que tem como funções: coordenar as visitas, as informações necessárias, a procura de casas e animadores, preparar as catequeses com os animadores e donos das casas e visitá-las durante a missão.

f) Visitadores

Os visitadores têm uma importância muito grande, pelo facto de que são o rosto da missão. Por isso, a preparação desta equipa assume certa relevância. Deve ser

explicado como se desenvolve o encontro evangelizador. A esta equipa correspondem as seguintes tarefas: entregar a carta com o anúncio da missão; colaboração para o relatório sócio-religioso; pedir as casas para as reuniões; procurar os animadores para as assembleias, obter a informação sobre o número dos doentes e daqueles que pretendem receber visita. Estes são enviados numa das celebrações comunitárias.

g) Preparação dos animadores e donos das casas

É importante a consciencialização por parte do pároco e dos missionários sobre o papel evangelizador que assumem os animadores e donos das casas. Por isso, devem ser abertos e acolhedores, compreensivos e simples. Devem ajudá-los a superar os medos de realizar este serviço desconhecido por eles e que muitas vezes é questionado. Além dos temas das reuniões devem ter um conhecimento da realidade, dos objetivos da missão e dos conteúdos básicos da fé.

h) Calendarização da pré-missão

Para que tudo corra bem, é conveniente realizar este processo ao longo de um ano, aproximadamente, levando cada fase uma média de dois meses a realizar-se. Podem ser distribuídas da seguinte forma:

- 1ª fase: início do processo missionário. Diálogo com o pároco e com a equipa missionária sobre os objetivos, métodos, fases e tempos da missão. Solicitude e aceitação, por escrito, da missão.
- 2ª fase: avaliação da primeira fase. Encontro com os leigos responsáveis. Anúncio da missão. Formação dos agentes missionários. Preparação do relatório sócio-religioso.
- 3ª fase: avaliação da segunda fase. Formação de agentes.
- 4ª fase: avaliação da 3ª fase. Formação de agentes em vista das visitas. Celebração de envio dos visitantes. Primeira visita às famílias levando a carta do pároco e um díptico informativo. Procura de animadores e das casas para as assembleias.
- 5ª fase: avaliação da 4ª fase. Formação de animadores e donos das casas. Preparar a estampa com a oração da missão. Programar os atos gerais e específicos. Início da missão jovem e infantil.
- 6ª fase: avaliação da 5ª fase. Formação de animadores e donos das casas. Segunda visita às famílias, levando a estampa com a oração. A carta do Bispo e o programa

da missão. Anotar a visita aos doentes, idosos e necessitados. Procurar o alojamento para os missionários.

Este trabalho de pré-missão assume bastante importância. Podemos assegurar que a assistência dos atos, a qualidade das assembleias nas casas e, portanto, o êxito da missão, dependem do entusiasmo e da seriedade com que o pároco, sacerdotes e colaboradores leigos trabalharam neste tempo, concentrado na organização, propaganda, as visitas pessoais às famílias e aos jovens interessando-os pela missão, a seleção de bons visitantes, a busca de casas com poder de convocatória entre os vizinhos, preparação de animadores.

2.3.2.2. Uma Missão Viva: Tempo Forte

Numa missão de 18 dias, os processos seriam da seguinte forma: a preparação imediata (de quinta-feira a sábado) inclui a chegada e o acolhimento dos missionários, uma reunião inicial com o pároco e com os agentes responsáveis, para rever e complementar os trabalhos de pré-missão – o número das comunidades, as casas de reunião, a preparação última dos animadores, a revisão do material necessário (mapas, planos, cartazes das assembleias, lista de casas e os contactos dos animadores). Fazem-se também as últimas diligências de visita às escolas e entidades públicas.

a) Primeira Semana da Missão: Assembleias Familiares da Missão

A primeira semana²⁰⁴ tem início com a abertura da missão, que decorre na missa de envio dos animadores, dos donos das casas. O envio é realizado na Eucaristia paroquial, sendo habitualmente convidado Bispo local para presidir à Eucaristia (caso o Bispo não possa, assume o pároco). Como símbolo do envio, cada missionário recebe uma cruz, que simboliza o anúncio de Jesus Cristo.

Durante toda a semana, é celebrada a Eucaristia na parte da manhã, sendo aprofundadas cada uma das partes da Eucaristia: ritos de entrada, liturgia da Palavra, apresentação dos dons, oração eucarística, comunhão e ritos de conclusão.

Na primeira semana, a missão é realizada nas várias casas, a uma hora conveniente para todos. A finalidade é dar aos vizinhos a oportunidade de se aproximarem, de se

²⁰⁴ Sobre a organização do Tempo Forte da Missão, cf. PROVÍNCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, *Missões Populares Vicentinas. Agenda do Missionário*, 5–126; PROVÍNCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, *Missões Populares Vicentinas. 1º Tema: O que é a Missão*, 12.

conhecerem melhor e proporcionar um espaço para dialogarem sobre temas de interesse humano e cristão. No fundo, é um reviver da prática dos primeiros Cristãos (Rm 16; At 2, 4) e fundar as bases de um processo mais intenso de compromisso pessoal e de grupo, em comunidades de fé adultas e comprometidas. Na criação e organização de cada assembleia familiar colaboram os donos das casas, os animadores e outras pessoas capacitadas para convocar e animar. Cada assembleia é conduzida por animadores leigos, podendo ou não coincidir com o dono da casa (embora o ideal seja que não coincida). O número de participantes pode variar, segundo as circunstâncias do local. As comunidades devem ser heterogêneas (crianças, jovens, adultos e idosos, mulheres e homens), pois isso permitirá um maior enriquecimento resultante da partilha das diferentes experiências. É importante, na definição dos horários, ter em conta as disponibilidades dos vários participantes, para que todos possam participar nas reuniões. As reuniões não devem ter duração superior a uma hora. Os párocos e os missionários passam por todos os grupos durante um curto espaço de tempo, unicamente para saudar, animar e ajudar na resolução de alguma questão.

Para a missão infantil, haverá encontros dos missionários com as crianças na Igreja ou outro lugar, na hora mais conveniente, durante a primeira semana.

Serão também organizados encontros com animadores e com os donos das casas durante o dia, para rever e avaliar as assembleias realizadas e para preparar o dia seguinte.

No sábado, na parte da manhã, poder-se-á realizar alguma celebração de carácter mariano ou uma celebração penitencial, bem como uma festa com as crianças (com jogos, canções e outras atividades lúdicas). Pela tarde, realizar-se-á o encontro de comunidade de comunidades, que terá lugar na Eucaristia, a qual será enriquecida com diversos símbolos e testemunhos. No final, realiza-se um ágape fraterno.

Os missionários terão períodos de tempo destinados a atividades concretas: à oração pessoal e também com o conjunto da equipa missionária; à preparação da pregação: às reuniões de revisão e avaliação; ao diálogo, à consulta e à atenção pessoal; e também para fazer-se presente no ambiente local, nas visitas às famílias, aos pobres e aos doentes.

No domingo, a pregação será direcionada para o dia do Senhor e faz-se o convite para a segunda semana da missão, oferecendo um programa com os atos a realizar.

b) Segunda Semana da Missão

Nesta semana, as celebrações já não são na comunidade, mas na Igreja paroquial e, de segunda a sexta, decorrem as celebrações temáticas da missão, realizadas em horário que seja conveniente para todos. Estas celebrações consistem numa Eucaristia onde se salientam aspetos da vida cristã: celebração da Luz, da Água, da Palavra de Deus e da Família. Na sexta-feira realiza-se a celebração da reconciliação. No sábado, faz-se uma celebração mariana, a qual, na maioria das vezes, envolve uma procissão a Nossa Senhora. Estas celebrações vão acompanhadas de pregação por parte do missionário sobre os temas referidos.

Durante cada um dos dias desta segunda semana de missão realizam-se as visitas aos idosos e doentes, possibilitando o Sacramento da Reconciliação, da Eucaristia e da Unção dos doentes. Este último Sacramento pode, em alternativa, ser organizado numa celebração em conjunto, a definir conforme as circunstâncias.

Durante a semana deve haver espaço para um encontro com os jovens e crianças da catequese, bem como um encontro com os casais. Nestes encontros proporcionam-se dinâmicas próprias para o aprofundamento do sentido de grupo e de Igreja.

Antes de terminar a missão, o pároco, os colaboradores leigos e os missionários realizam uma reunião com a finalidade de avaliar o desenvolvimento da missão. Aqui, deve insistir-se na importância do pós-missão, refazer (se necessário) as assembleias familiares que vão continuar, nomear um delegado ou delegados, proporcionar os materiais, reuniões e celebrações e (fundamental) motivar ao compromisso os animadores e os donos das casas.

No domingo, último dia da segunda semana, toda a população reúne-se para a Eucaristia de encerramento e para a despedida dos missionários.

2.3.2.3. Uma Missão Continuada: Pós-missão

a) Necessidade

Na missão popular torna-se importante o tempo de preparação como tempo que continua esta iniciativa de evangelização. Este tempo é uma espécie de desdobramento do tempo forte da missão. Caso a missão fique apenas reduzida ao tempo forte, então fica reduzida a uma ação pontual, como tantas outras que acontecem na vida da Igreja. A

missão é apenas um ponto de partida para renovação missionária. O pós-missão tem como objetivo potenciar um processo de evangelização através de pequenas comunidades²⁰⁵. Por isso, é necessário que as comunidades continuem o processo iniciado e que a sua atenção e acompanhamento constituam uma verdadeira opção por parte dos responsáveis da paróquia.

b) Materiais

A equipa de missões populares tem diversos materiais, entre os quais se encontram os diversos temários que possibilitam que as comunidades familiares possam continuar o aprofundamento do sentido de missão. Caso o pároco ou até mesmo as dinâmicas diocesanas ou eclesiais disponham de outros elementos de formação também podem ser incluídos nesta dinâmica de pós-missão. O importante é o crescimento e a formação na fé, bem como a experiência de vida fraterna e a participação na vida da Igreja.

c) Delegados

Quando o número de assembleias é numeroso, ao terminar a missão devem ser feitos alguns ajustes e distribuídas funções para que todas as comunidades e grupos formados na missão possam gerir o pós-missão, ou seja, ver as necessidades, resolver os problemas, fazer a comunicação com o secretariado das missões populares.

d) Reuniões e celebrações

A periodicidade das reuniões é determinada por cada assembleia familiar: mensal, quinzenal ou semanal. É conveniente a preparação comum dos temas e das celebrações para que todos sejam capazes de ir ao mesmo ritmo. Cada trimestre, coincidindo com o Advento, a Quaresma e o final do ano, todas as comunidades poderiam juntar-se para uma celebração Eucarística, para reavivar a experiência de comunidade de comunidades.

²⁰⁵ Cf. PROVÍNCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, *Missões Populares Vicentinas. 1º Tema: O que é a Missão*, 13–15.

e) Acompanhamento e renovação da missão

Quando a missão completa um ano deve ser feita uma renovação da mesma, avaliando-se o progresso alcançado e impulsionando os mais desvigorados. Retenha-se, contudo, que a todo o momento o pároco pode achar conveniente (por exemplo, com motivo de alguma celebração paroquial) que algum missionário se faça presente e que acompanhe. Isto é também acompanhar o processo de pós-missão.

2.3.3. Temas da Missão

Os temas da missão dividem-se em consonância com a estrutura da própria missão. Já não são apenas um conjunto de temas para a pregação, mas sobretudo temas catequéticos. Não é algo estático ou fixo, mas sim temas inspirados na mentalidade e na nova teologia saída do Concílio Vaticano II. Abordam-se alguns temas centrais da fé, como por exemplo: Deus Pai, Jesus Cristo redentor, a Virgem Maria, o Batismo, Sociedade e os seus problemas, entre outros considerados relevantes. Embora existam estes temas-modelo pré-definidos, a missão pode, por exemplo, ser adaptada ao tema da diocese ou a outros que as circunstâncias revelem ser conveniente.

Os temas do tempo de pré-missão são os seguintes²⁰⁶:

1. O que é a Missão?
2. Os ministérios na comunidade do Novo Testamento
3. Igreja Comunhão e Ministérios
4. Missão Popular Seus Ministros

Os temas do tempo forte da missão são os seguintes:

1. A religião preocupa-nos? Ela o que é?
2. Jesus, O filho de Maria é o Redentor
3. Maria, Mãe da família Cristã
4. Nós que cremos em Jesus, Formamos uma grande Família
5. Jesus quem és tu?
6. Cristo, Sim!? Igreja, Não!?
7. Onde está o teu coração
8. Cristãos para a nossa sociedade

²⁰⁶ Sobre os temas de todos os tempos de missão, cf. PROVÍNCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, *Missões Populares Vicentinas. 1º Tema: O que é a Missão*.

Os temas do tempo de pós-missão são os seguintes:

1. Palavra de Deus dom Vindo do Pai
2. Missão: Ide e ensinai. Consagrai a vida e os irmãos.
3. Comunhão: Partilha de bens
4. Família – Igreja doméstica, como rezas, como vives?
5. Compromisso na comunidade
6. Jesus é Deus que veio como salvador dos homens
7. Jesus na Adolescência e na Juventude
8. Jesus, o Homem Novo, nascido do Espírito, no Batismo
9. No Batismo Jesus sentiu que Deus o chamava para salvador
10. No Batismo, Deus Revelou-se como Pai e Jesus sentiu-se Filho
11. Um dia, passado com Jesus, em Cafarnaum
12. Jesus dá início ao reino de Deus
13. Jesus e os que sofrem
14. Jesus e os Pobres
15. A Morte de Jesus
16. Ressurreição em Jesus e na Humanidade
17. A caminho de Emaús
18. Como nos começos do cristianismo
19. Deus, que é comunhão, tudo criou em comunhão
20. Quebrou-se a comunhão entre os homens
21. No mundo dividido Deus está do lado dos pobres e oprimidos
22. Deus inicia a restauração da Humanidade chamando um homem, formando um povo e dando-lhe a sua lei
23. Deus decide viver em Aliança com os homens
24. Deus envia o Messias Salvador e prepara a sua vinda.
25. A Igreja é comunidade em comunhão
26. A Igreja está a mudar?
27. Encher de Serviços e ministérios a comunidade paroquial empenhando a todos

2.4. Síntese

Depois da apresentação deste esquema de missão, é de ressaltar as diferenças e a continuidade do projeto missionário começado por S. Vicente de Paulo e continuado pelos seus seguidores. Luigi Nuovo, na sua síntese sobre as missões populares, dá-nos uma abordagem geral do que eram as missões no tempo de Vicente. Como vimos anteriormente, ele refere que estas tinham, essencialmente, três finalidades: primeira, momentos extraordinários de evangelização; segunda, formação do clero e aplicação do Concílio de Trento; terceira, missão social.

No que diz respeito ao primeiro ponto, podemos continuar a dizer que a missão é uma ação extraordinária de evangelização. Ou seja, a missão consiste no anúncio intenso e gozoso do Evangelho de Cristo confiado à Igreja, tanto aos cristãos, como a quem se distancia ou vive longe da fé. Permanece a finalidade de convidar todos os homens a escutar a Boa Nova e a converter-se a Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, de ajudar os cristãos à vivência da verdadeira fé.

No segundo ponto, que diz respeito à formação do clero e à aplicação conciliar, podemos afirmar que ambas sofreram alterações na atualidade. Com efeito, a missão continua a contribuir para uma certa visão missionária da pastoral. João Paulo II resume assim no seu documento *Catechesi Tradendae*:

“As missões tradicionais, abandonadas muitas vezes precocemente e que são insubstituíveis para uma renovação periódica e vigorosa da vida cristã: é necessário retomá-las e rejuvenescê-las” (CT 47).

Ou seja, as missões são ainda um instrumento de formação, no que diz respeito a aplicação da mensagem conciliar (agora, do Concílio Vaticano II) de uma Igreja em Missão.

No terceiro ponto, as missões têm uma dimensão social. É nisto que as Missões Populares Vicentinas se destacam, como lugares de promoção humana. Se a caridade instituída por S. Vicente de Paulo, como vimos, ganhava forma na realização da missão, hoje em dia as “missões devem ser dirigidas em primeiro lugar aos pobres e com os pobres”²⁰⁷. Certamente com respostas adequadas aos novos tempos e circunstâncias. É este o distintivo das Missões Populares Vicentinas relativamente a outros modelos de missão.

²⁰⁷ PARTICIPANTES NO MÊS VICENTINO, “La misión popular. Una respuesta vincenciana para la nueva evangelización. Documento final”, *Vincentiana* 4–5 (1997) 442.

Por último, as Missões Populares Vicentinas assumem outras cinco notas que desde a sua origem se mantêm: em primeiro lugar, são missões paroquiais, ou seja, desenvolvem-se nas paróquias, sendo esta a célula preferencial para o método evangelizador com o objetivo de levar a uma vida cristã mais autêntica. Em segundo lugar, continuam a ser um trabalho em comunhão e em equipa, agora mais alargado, dada a heterogeneidade das equipas missionárias compostas por leigos, sacerdotes e religiosos. Em terceiro lugar, as missões continuam a ser uma oferta, pois nenhuma missão fica impedida de se realizar por questões relacionadas com o aspeto económico, na medida em que a missão vive da generosidade e também da boa-vontade de muitos: “toda a atividade pastoral seja vincadamente vicentina: pelo zelo apostólico, pela solidariedade com os mais pobres e com as diversas formas de pobreza”²⁰⁸. Em quarto lugar, os conteúdos da missão continuam a querer cumprir o objetivo de mostrar as verdades da fé. Com efeito, como podemos verificar nos diversos temas da missão renovada, o núcleo das verdades do cristianismo permanece lá espelhado: ou seja, crer em Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo; crer na Igreja, na Virgem Maria. Todas as outras catequeses derivam deste núcleo. Sempre numa linguagem acessível a todos, possibilitando a formação de agentes evangelizadores. Por último – e isso podemos verificar na segunda semana da missão – o carácter simples das pregações, a beleza das celebrações litúrgicas e atos de piedade, sempre com sobriedade.

Como podemos ver, a Missão Popular Vicentina manteve a sua essência neste modelo renovado, mas com formas e métodos diferentes. A fidelidade à missão não significa estabilidade nos seus métodos nem nas suas formas, mas uma forma de ver os sinais dos tempos e adaptar a missão às novas exigências do mundo. Por outras palavras, as de José Maria Ibáñez Burgos:

“A fidelidade ao espírito do fundador e aos elementos constitutivos da comunidade não pode, pois prescindir do conjunto de formas sociais e culturais que a dita comunidade desenvolve através dos tempos”²⁰⁹.

O objetivo deste capítulo foi o de apresentar um enquadramento histórico das Missões Populares Vicentinas e confrontar as primeiras missões com as missões renovadas. A análise sobre a eficácia das missões resultantes da referida renovação será

²⁰⁸ PROVÍNCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, *Estatutos Provinciais*, PPCM, Lisboa, 2015, 9.

²⁰⁹ J. M. IBÁÑEZ BURGOS, “Misión e Identidad de la Congregacion de la Mision”, in *Misiones Vicencianas y la evangelizacion del Hombre de Hoy*, CEME, Salamanca, 1987, 139.

um assunto a abordar no quarto capítulo, após análise dos dados recolhidos através de entrevistas a Párocos e Bispos, em cujas paróquias se realizaram já missões populares segundo este novo modelo.

3. MISSÃO POPULAR VICENTINA – DIMENSÃO TEOLÓGICA, PASTORAL E ESPIRITUAL

A análise sistemática efetuada, em que se refletiu sobre a missão da Igreja e sobre uma Igreja em missão, permitiu perceber que a missão é a sua vocação mais alta, porque Deus na sua interioridade assim o vive; e na sua exterioridade, através de Jesus Cristo, no-la deu a conhecer. Depois, passámos para a vivência dessa missão num carisma específico e, para tal, refletimos sobre a história de Vicente de Paulo e da sua intuição missionária, que perdura ao longo destes 400 anos. Tendo isto como pano de fundo, falta definir as chaves teológicas essenciais que permitem ver aspetos fundamentais: primeiro, a evangelização vicentina como anúncio da Boa Nova de Deus; segundo, a evangelização vicentina como compromisso social a partir da Caridade; e, terceiro, a evangelização vicentina a partir do ponto de vista laical e, por fim, dedicaremos algumas linhas ao tema da espiritualidade missionária vicentina.

3.1. Evangelização Vicentina: Anúncio da Boa Nova de Deus

3.1.1. Quem se anuncia?

Para perceber a dinâmica evangelizadora da Missão Popular Vicentina é necessário inseri-la na missão e dinâmica missionária de Cristo evangelizador dos pobres. Como se disse anteriormente, toda a missão tem a sua origem no amor de Deus Pai, que, por Sua vontade, associou os homens através da vida do Seu Filho e convoca-a pelo Espírito Santo atualizador de toda a História salvífica. Portanto, toda a obra missionária emana da Trindade.

Tendo em conta a Encarnação, que nos possibilita o acesso primordial à realidade de Deus, podemos conceber a missão na sua forma mais concreta, pois é a partir deste dado fundamental que os discípulos puderam anunciar e dar testemunho, porque não só viram e ouviram, mas a viveram.

É a realidade da Encarnação que vai ser a base de toda a dinâmica evangelizadora de Vicente de Paulo e, por conseguinte, da Missão Popular Vicentina. José Maria Ibáñez Burgos sintetiza esta ideia de uma forma muito clara:

“Vicente de Paulo associa a missão vicentina à missão de Cristo e quer realizar a evangelização, através da missão, no espírito de Jesus Cristo. Por isso, a atuação evangelizadora de Jesus seja o critério e o ponto de referência da ação evangelizadora Vicentina”²¹⁰.

Por palavras de São Vicente: “A companhia, através das missões, tratou de imitá-lo, não somente fazendo o que Ele veio fazer na terra, mas fazendo da mesma forma que Ele o fez”²¹¹. Tendo tudo isto presente, percebe-se que a missão vicentina é algo eclesial pois procede da vontade de encarnar ao longo do tempo a missão de Cristo, missão esta que é a missão da Igreja.

3.1.2. Evangelizar com conteúdo

O encontro de Vicente de Paulo com Jesus Cristo nos pobres, como vimos através dos acontecimentos de Châtillon e Folleville, fez necessariamente com que a sua vida e obra fosse de anúncio. Nesta ótica, e em referência a ação evangelizadora de Jesus, a missão vicentina evangeliza os Homens anunciando-lhes a doutrina salvadora de Jesus²¹².

Recordando o episódio de Folleville, vemos a linha missionária de Vicente bastante clara: mostrar as verdades da fé. Conhecendo essas verdades teriam ganho a salvação, por suas palavras:

“Tu suscitaste uma companhia para isto, enviaste-a aos pobres e queres que ela Te dê a conhecer a eles como único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo como teu enviado ao mundo, para que, por este meio, alcance a vida eterna”²¹³.

Para tornar efetivo o Evangelho, no seu conteúdo, Vicente de Paulo e a Congregação da Missão contavam com a metodologia da época: a pregação e a catequese. Este anúncio

“Não é esta ou aquela ação, esta ou aquela palavra evangélica, mas a Pessoa de Cristo. Ações e palavras relatadas no Evangelho, muito mais que enunciados doutrinários ou catálogos de sinais, são para Vicente De Paulo expressão de uma pessoa viva, de uma regra iluminadora de pensamento, de uma atividade produtoras de vida de uma comunhão com um mistério de amor”²¹⁴.

²¹⁰ J. M. IBÁÑEZ BURGOS, “Misión e identidad de la Congregación de la Misión”, 184.

²¹¹ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XII*, 5.

²¹² Cf. J. M. IBÁÑEZ BURGOS, “Misión e identidad de la Congregación de la Misión”, 188.

²¹³ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XII*, 81–82.

²¹⁴ J. M. IBÁÑEZ BURGOS, “Misión e identidad de la Congregación de la Misión”, 194.

Isto significa que só através da Pessoa de Cristo se pode interpretar a missão. Por outras palavras, a evangelização é o anúncio da Pessoa de Cristo. Como dizia S. Vicente: “Cristo é a regra da Missão”²¹⁵.

A catequese e a pregação são os meios utilizados na missão vicentina como meios verbais de evangelização. E o seu valor emerge no anúncio que estes fazem do Evangelho como Palavra de salvação. Portanto, quanto mais encarnado for este método, mais revelador se torna. As palavras do Papa Francisco, no diretório Homilético, ajudam a entender isto mesmo: “A homilia não é um sermão sobre um tema abstrato”²¹⁶. E porque passámos para uma sociedade mais exigente de formas e conteúdos, a pregação e a catequese tem de ser capazes de chegar a todos. Têm de espelhar o Evangelho de Jesus que é vida e libertação para todos.

Todos os meios de anúncio evangélico utilizados na Missão Popular Vicentina têm de apresentar Deus como centro e, como se disse anteriormente, um Deus encarnado, um Deus que faça parte da realidade social, cultural e pessoal do Homem.

Jesus Cristo, como enviado do Pai ao mundo, é o núcleo de toda a pregação Vicentina. Podemos dizer que anunciar Jesus Cristo é uma expressão abrangente; no fundo, é o objetivo de toda a Igreja. Apesar da pregação vicentina se identificar com toda a missão eclesial, há uma dimensão que a caracteriza que é a referência à encarnação:

“É através do movimento de rebaixamento que Jesus Cristo se assume como um ser histórico, enviado pelo Pai para realizar a sua vontade de serviço, de transformação e libertação, de salvação dos homens e principalmente aos mais pobres”²¹⁷.

A forma de evangelizar do vicentino consiste num espírito de caridade perfeita, numa atitude de adoração e de entrega ao Pai, de amor compassivo e misericordioso com os homens. O referido em Lc 4, 18 constitui o lema da própria Congregação: “O Espírito do Senhor está sobre mim porque me ungiu para evangelizar os pobres”.

3.1.3. Formas de pregação e o seu conteúdo

Face ao que foi dito anteriormente, detenhamo-nos agora nos diversos tipos de pregação e seus conteúdos. Face à impossibilidade de análise de todas as pregações e

²¹⁵ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XII*, 130.

²¹⁶ CONGREGAZIONE PER IL CULTO DIVINO E LA DISCIPLINA DEI SACRAMENTI, “Direttorio Omiletico”, 2014, em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20140629_direttorio-omiletico_it.html#I_L'OMELIA, [em linha, consultado em 05-08-2018] [18-7-2018].

²¹⁷ J. M. IBÁÑEZ BURGOS, “Misión e identidad de la Congregación de la Misión”, 197–198.

catequese que a missão comporta, apenas faremos uma análise geral da mensagem transmitida. Analisaremos apenas duas das três vertentes que nos propõe Pablo Dominguez, ou seja, a Catequese e a Pregação, não nos detendo sobre a Caridade.

3.1.3.1. Catequese

A catequese, segundo a Missão Popular Vicentina, tem como objetivo primordial levar as pessoas a um encontro com Cristo, mostrando, para isso, o essencial do conteúdo da fé para a adesão a este encontro. O método utilizado vai na linha daquele que São Vicente pedia para as pregações: ideias claras e distintas e simplicidade no discurso. Esta simplicidade não significava, contudo, um discurso simplório. Hoje em dia, a Missão Popular Vicentina assume o método da seguinte forma: parte da apresentação do tema; depois, prossegue abordando a realidade humana; tudo isto é iluminado pela palavra de Deus e, por fim, uma proposta de vivência prática, de atuação de acordo com a Palavra escutada e meditada²¹⁸.

As atuais catequese do tempo forte da missão são compostas por vários temas, sobre os quais vamos refletir de seguida. O seu núcleo é kerigmático, ou seja, centra-se sobretudo no anúncio da pessoa de Jesus Cristo e da sua Igreja. Os temas iniciais são temas gerais sobre a religião e os seus fundamentos. Os temas seguintes partem desta exposição inicial e desenvolvem quem é a pessoa de Jesus e a Sua Igreja. O primeiro tema fala sobre a religião, a sua definição e as suas preocupações. Começa por explicar que em todo o homem há sementes de religiosidade e reflete sobre o papel da religião na vida de cada um²¹⁹. O segundo tema fala de Jesus como Filho de Maria e Salvador dos homens. Tem como objetivo dar a conhecer quem é Jesus, o que dizemos d'Ele, e aquilo que, na verdade, Ele é, bem como os meios pelos quais podemos conhecê-Lo (Sagrada Escritura, tradição, entre outros)²²⁰. O terceiro tema – Maria como Mãe da família cristã – é bastante importante sobretudo nas zonas onde a devoção mariana é mais forte, pois clarifica quem é Maria e o seu verdadeiro significado para a Igreja. Apresenta Maria enquanto modelo de discipulado, clarifica alguns títulos atribuídos a Maria e explica por que é também a nossa Mãe²²¹. O quarto tema é sobre a Igreja enquanto grande família que reúne todos os filhos de Deus através do Batismo. Neste tema, apresenta-se a Igreja como povo de Deus

²¹⁸ Cf. PROVÍNCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, *Catequese das Comunidades Familiares*, Congregação da Missão - Setor das Missões Populares, Lisboa, 7–11.

²¹⁹ Cf. *Ibidem*, 7–8.

²²⁰ Cf. *Ibidem*, 12–13.

²²¹ Cf. *Ibidem*, 17–19.

e como comunhão, abordando-se, também, a questão da responsabilidade dos seus membros e a diferença de carismas ao serviço de uma missão comum²²².

Todas estas catequese apresentam a centralidade do *Kerigma*, tal como o Papa Francisco apresenta no n.º 165 da *Evangelii Gaudium*:

“A centralidade do querigma requer certas características do anúncio que hoje são necessárias em toda a parte: que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa, que não imponha a verdade mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas. Isto exige do evangelizador certas atitudes que ajudam a acolher melhor o anúncio: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena”.

Para além dos temas expostos – relacionado com a centralidade do *kerigma* – existem outros temas que podem ser objeto de reflexão nas catequese, numa segunda etapa da missão (pós-missão). Os temas acima expostos são, contudo, aqueles que servem de modelo para a semana do tempo forte da missão.

3.1.3.2. Pregação

O objetivo da pregação, atualmente e como no tempo de São Vicente, é transmitir as verdades da fé, as formas de o fazer eram diversas. A Congregação da Missão escolheu para si uma forma, um método, possivelmente inspirado em Descartes: consistia em mostrar tais verdades da fé de uma forma clara e distinta sem os enfeites utilizados na pregação do tempo. Hoje em dia, o requisito principal para a pregação é a simplicidade, para a qual também apela o Papa Francisco nas palavras sobre a Homilia na *Evangelii Gaudium*:

“A simplicidade tem a ver com a linguagem utilizada. Deve ser linguagem que os destinatários compreendam, para não correr o risco de falar ao vento. Acontece frequentemente que os pregadores usam palavras que aprenderam nos seus estudos e em certos ambientes, mas que não fazem parte da linguagem comum das pessoas que os ouvem” (EG 158).

Portanto, o método de Vicente de Paulo mantém a sua atualidade. A simplicidade no método e também a simplicidade do pregador são as chaves necessárias para que a

²²² Cf. *Ibidem*, 22–25.

pregação não se “converta num espetáculo de divertimento. Não corresponde à lógica dos recursos mediáticos” (EG 138).

Quanto ao conteúdo das pregações, atualmente as Missões Populares Vicentinas têm os seguintes temas: a Palavra de Deus, a Fé, a Igreja, a Família, a Reconciliação e Nossa Senhora²²³. Esta ordem tem carácter arbitrária; contudo, vemos que a linha orientadora é a linha do Credo. Isto é, aborda-se, em primeiro lugar, a Palavra de Deus e propõe-se como centro de toda a vida cristã. Uma Palavra proclamada, mas sobretudo uma Palavra encarnada através de Jesus. Hoje diríamos, como o Papa Francisco, que:

“É preciso formar-se continuamente na escuta da Palavra. A Igreja não evangeliza, se não se deixa continuamente evangelizar. É indispensável que a Palavra de Deus ‘se torne cada vez mais o coração de toda a atividade eclesial’” (EG 174).

Tendo isto em conta, a pregação deste tema incide sobretudo na Palavra de Deus como Palavra proclamada (Deus), Palavra encarnada (Jesus Cristo), escrita (homens) e atualizada (Espírito Santo)²²⁴.

Outro dos temas das pregações é a questão da Fé. No fundo, é mostrar quais são as verdades fundamentais da fé, em que acreditamos: em Deus, em Cristo e na Igreja. No fundo, o que se procura na pregação, ao falar destes três temas, é estabelecer o cânon entre uma fé verdadeira e realmente católica e aquilo que é acessório.

No tema relativo à Igreja aprofunda-se a nossa dimensão batismal e apela-se para a necessidade da vivência dessa mesma fé batismal, conforme é realçado pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*:

“Lembramos o âmbito das ‘pessoas batizadas que, porém, não vivem as exigências do Batismo’, não sentem uma pertença cordial à Igreja e já não experimentam a consolação da fé. Mãe sempre solícita, a Igreja esforça-se para que elas vivam uma conversão que lhes restitua a alegria da fé e o desejo de se comprometerem com o Evangelho” (EG 14).

Neste tema, parte-se da imagem do poço, do depósito e da torneira: poço (Cristo, sacramento do Pai, que revela o Pai e traz a vida de Deus); depósito (a Igreja, Sacramento de Cristo); e a torneira (sete Sacramentos, atos de salvação de Cristo, pela Igreja).

No âmbito da pregação relativa à Família, apela-se à renovação dos compromissos matrimoniais e ao desenvolvimento dos três seguintes temas: tema do amor de Deus, que

²²³ Cf. PROVÍNCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, *Missões Populares Vicentinas. Agenda do Missionário*, 66–121.

²²⁴ Cf. *Ibidem*, 65–66.

se dá através da aliança, da misericórdia, da oração e da reflexão; relação entre pais e filhos; em terceiro lugar, os atentados ao amor.

De acordo com o Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Amoris Lætitia*:

“É salutar prestar atenção à realidade concreta, porque ‘os pedidos e os apelos do Espírito ressoam também nos acontecimentos da história’ através dos quais ‘a Igreja pode ser guiada para uma compreensão mais profunda do inexaurível mistério do matrimónio e da família’” (AL 31).

Tal como no tempo de S. Vicente, a missão mantém o carácter penitencial. Por isso, existe um dia dedicado a uma celebração de natureza penitencial. Esta tem como objetivo levar o povo cristão a uma conversão. A pregação é desenvolvida através de três pontos específicos: a minha relação com Deus, a minha relação com o próximo e relação comigo mesmo. Para além disso, trata de apresentar a conversão como meio para voltar a estabelecer uma relação de amor reconhecendo a paternidade de Deus e, por conseguinte, a nossa fraternidade com o próximo.

O último tema da pregação é um tema mariano. Neste tema, tenta clarificar-se o papel de Maria, apresentando-a como discípula e como nosso modelo de fé:

“Ela é a mulher de fé, que vive e caminha na fé, e ‘a sua excecional peregrinação da fé representa um ponto de referência constante para a Igreja’. Ela deixou-Se conduzir pelo Espírito, através dum itinerário de fé, rumo a um destino feito de serviço e fecundidade. Hoje fixamos n’Ela o olhar, para que nos ajude a anunciar a todos a mensagem de salvação e para que os novos discípulos se tornem operosos evangelizadores” (EG 287).

3.2. Evangelizar é fazer efetivo o Evangelho: Caridade

O objetivo de toda a missão é anunciar o evangelho, ou seja, anunciar a Jesus Cristo. Para Vicente, isto realiza-se dando a conhecer Deus aos Pobres, anunciando-lhes Jesus Cristo, dizer-lhes que o Reino de Deus está próximo e que esse reino é para os pobres²²⁵. Um dos objetivos das missões – como se constatou – era, além de instruir os camponeses, fundar a Confraria da Caridade. No fundo, tratava-se não só de evangelizar a vida dos camponeses através da verdade que chama à conversão, mas também pela caridade que completa e fortalece esta evangelização.

²²⁵ Cf. S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XII*, 80.

Se a missão é fazer o que Cristo fez, então há que fazê-lo não só através de palavras, mas também de obras. A dedicação aos pobres vai ser não só a chave mestra que faz das missões vicentinas algo novo, no seu tempo, mas aquilo que vai identificar o próprio espírito da Congregação. Afirmar Vicente de Paulo: “somos sacerdotes dos pobres. Deus nos escolheu para eles. Isto é capital para nós, o resto é assessorio”²²⁶. Há uma insistência da parte de Vicente de Paulo em assinalar os destinatários da missão: para ele, são preferencialmente e, não exclusivamente, os pobres. Para fundamentar tal, recorramos a três linhas que nos permitirão justificar tal preferência:

3.2.1. Desde o sentido teológico

Celestino Fernandez, no seu artigo sobre a pobreza no dicionário de espiritualidade vicentina, diz-nos que “a opção preferencial pelos pobres antes de ser um mandamento e um compromisso é uma realidade de fé ou uma verdade teológica”²²⁷. Isto significa que os pobres são causa primeira de Deus, antes de qualquer opção. A causa dos pobres é causa de Deus. Hoje em dia, com a banalização da expressão “pobre”, é de especial urgência recuperar o sentido da mesma, pois falar de pobre na realidade de Deus é algo fundamental. Não se pode descobrir Deus sem esta mútua relação com os pobres: “Deus revela-se na história como Deus dos Pobres e esse Deus assim revelado é o único Deus que existe”²²⁸. Este favorecimento dos pobres não simples condescendência de Deus, mas porque está na Sua essência fazer-se seu defensor. Assim sendo, Deus seria injusto se colaborasse com a injustiça; mais ainda: Deus não poderia deixar ser solidário ou manter-se silêncio diante das realidades da miséria humana.

É nesta perspectiva que S. Vicente coloca a sua forma de ver o pobre: “Deus é o protetor dos pobres”²²⁹. Aquando da fundação da Congregação, ele pretende que os sacerdotes da missão sejam responsáveis por esta herança vinda de Deus, como dizia: “a companhia tem os pobres como herança e deve-se entregar totalmente a eles”²³⁰.

A opção vicentina pelos pobres é a expressão concreta da opção de Deus. José Maria Ibáñez Burgos faz uma síntese desta ligação entre Deus e os pobres ao modo de Vicente:

²²⁶ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XI*, 55.

²²⁷ C. FERNÁNDEZ, “Pobres Servicio”, em M. P. FLORES ET AL., in *Diccionario de Espiritualidad Vicenciana*, CEME, Salamanca, 1995, 482.

²²⁸ *Ibidem*.

²²⁹ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo IX*, 1057.

²³⁰ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XI*, 387.

“A audácia de algumas expressões, como que não há diferença entre amar a Deus e amar aos pobres ‘desse modo’, ou seja, não se pode Amar a Deus ‘se não amamos os que Ele amou’: os errantes; que a doação a Deus não é para lhe prestar culto mas ‘para cuidar dos pobres’, mostra a integração da caridade na sua vida, integração que consiste em amar a Deus no pobre e amar o pobre em Deus (...) enquanto continuarem a separar estas realidades, a defesa dos pobres irá por outros caminhos muito diferentes dos da Igreja de Cristo”²³¹.

Portanto, a ligação entre os Pobres e Deus é algo ontológico: a defesa dos pobres faz parte da própria essência de Deus. Pois, Deus não poderia deixar de defender a justiça. Se assim fosse, toda atividade da Igreja cairia por terra, pois a caridade, a verdadeira Caridade, procede deste sentido teológico; se assim não for, fazem sentido as palavras do Santo Padre, Papa Francisco, quando diz:

“A Igreja – repito mais uma vez – não é uma organização assistencial, uma empresa, uma ONG, mas uma comunidade de pessoas, animadas pela ação do Espírito Santo, que viveram e vivem a maravilha do encontro com Jesus Cristo e desejam partilhar esta experiência de profunda alegria: partilhar a Mensagem de salvação que o Senhor nos trouxe”²³².

Vicente de Paulo tinha bem presente que todos poderiam prestar serviço aos pobres, mas nem todos poderiam fazê-lo com a perspectiva de fé que ele revela quando fala às filhas da Caridade:

“Julgais, por acaso, minhas filhas, que Deus espera de vós que leveis somente aos vossos doentes um pouco de pão, de carne, de sopa e remédios? De modo algum, minhas filhas, foi essa sua intenção: Na pessoa dos pobres escolheu-vos para lhe prestar serviço a Ele mesmo...”²³³.

Assim sendo, podemos concluir com as palavras de Henri Bremond: “Não foram os pobres que levaram Deus a Vicente de Paulo, mas foi Deus que o levou aos pobres”²³⁴.

²³¹ J. M. IBÁÑES BURGOS, “La Caridad en San Vicente de Paúl”, in *La caridad carisma vicenciano*, CEME, Salamanca, 1993, 235–273, 261–262.

²³² PAPA FRANCISCO, “Mensagem de Sua Santidade o Papa Francisco para o Dia Mundial das Missões 2013”, 2013, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20130519_giornata-missionaria2013.pdf [em linha, consultado em 04-08-2018].

²³³ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo IX*, 229.

²³⁴ H. BRÉMOND, *Histoire littéraire du sentiment religieux en France depuis la fin des guerres de religion jusqu'à nos jours*, Bloud et Gay Éditeurs, Paris, 219.

3.2.2. Desde o sentido Cristológico

Não se pode entender a caridade vicentina, sem prestar atenção à realidade de Cristo, dada a relação intrínseca entre Jesus Cristo e os pobres. A vida e a missão de Cristo estão intrinsecamente ligadas a esta realidade. O Papa João Paulo II, na carta *Novo Millennio Ineunte*, diz o seguinte: “Se verdadeiramente partimos da contemplação de Cristo, devemos saber vê-Lo sobretudo no rosto daqueles com quem Ele mesmo Se quis identificar” (NMI 49). É através da realidade dos pobres que podemos ver Cristo, porque tanto a sua vida como a sua missão não poderiam contradizer a verdade de Deus.

A missão de Deus é implementar o seu Reino e fê-lo através de Jesus. Como vimos no primeiro capítulo, essa implementação não se fez unicamente com palavras, mas com obras concretas, obras essas que determinam não só a chegada do reino, mas revelam a pessoa de Jesus e a sua ação messiânica entre os Homens: “O espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque me ungiu: enviou-me para levar a boa-nova aos Pobres” (Is,61,1). Ação essa que ele mesmo destinou aos Seus discípulos. O Papa Francisco na exortação apostólica *Gaudete et Exsultate* atualiza esta ideia transformando-a na regra de comportamento de todo aquele que segue a Jesus:

“No capítulo 25 do Evangelho de Mateus (vv. 31-46), Jesus volta a deter-se numa destas bem-aventuranças: a que declara felizes os misericordiosos. Se andamos à procura da santidade que agrada a Deus, neste texto encontramos precisamente uma regra de comportamento com base na qual seremos julgados: ‘Tive fome e destes-Me de comer, tive sede e destes-Me de beber, era peregrino e recolhestes-Me, estava nu e destes-Me que vestir, adoeci e visitastes-Me, estive na prisão e fostes ter comigo’ (25, 35-36)” (GE 95).

É através desta identificação total da pessoa de Cristo com os pobres que se fundamenta a missão vicentina. Se a missão é a continuação da missão de Cristo e se a missão de Cristo foi levar a Boa Nova aos pobres, então, para Vicente de Paulo o sentido da missão vicentina passa por isto mesmo: levar a Boa Nova aos pobres, mas não só com palavras, mas com obras. Diz ele:

“Que os padres se dediquem ao cuidado dos pobres, não foi isto o que fez nosso Senhor e fizeram muitos santos que não apenas oravam pelos pobres, mas também os consolavam, socorriam e curavam? Não são nossos irmãos? E se os padres os abandonam, quem os assiste ?”²³⁵.

²³⁵ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XI*, 393.

Esta forma de ver a Cristo nos pobres fundamenta-se em dois conceitos fundamentais: O Realismo e Encarnação. Para Vicente de Paulo, o realismo consiste na descoberta da manifestação da vontade de Deus; isto é, ler os acontecimentos da história à luz de Deus. Isto permite a Vicente de Paulo reafirmar a convicção de que a sua ação é conforme ao espírito de Deus.

Outra realidade que fundamenta a sua visão de Cristo no pobre é o mistério da Encarnação. É o Deus encarnado em Jesus Cristo que, como ser histórico, foi enviado pelo Pai a reconciliar e a salvar os Homens. Esta obra de Salvação é a mesma que Vicente quer continuar, ou seja, a obra de Jesus Cristo evangelizador dos pobres. Para continuar esta missão de Cristo, para prolongá-la no espaço e no tempo, é necessário, segundo Vicente de Paulo, revestir-se do Espírito de Jesus Cristo. No fundo o que aqui se realça é que só através deste revestimento de Jesus Cristo é possível continuar a Sua missão histórica.

É através desta visão de Cristo encarnado que Vicente vai fundamentar a sua fé e, fruto dessa fé, criar uma nova hermenêutica de compreensão da presença de Cristo na pessoa dos pobres²³⁶.

3.2.3. Dimensão Eclesiológica

Dentro desta linha, é importante traçar a dimensão eclesiológica desta opção vicentina pela pessoa dos mais pobres. Neste sentido, devemos entender a Igreja como prolongamento da obra de Jesus. Portanto, Cristo, a Igreja e os Pobres são três realidades numa só essência. É através desta via que Vicente de Paulo entende a credibilidade da Igreja. Esta credibilidade que ele mesmo quis quando fundou a Congregação da Missão: “Que alegria é para nós, missionários, poder mostrar que o Espírito Santo guia a sua Igreja trabalhando, como nós trabalhamos, pela instrução e santificação dos Pobres”²³⁷.

Ou, como diria hoje o Papa Francisco:

“Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus ‘manifesta a sua misericórdia antes de mais’ a eles. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem ‘os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus’ (EG 198).

²³⁶ Cf. J. M. IBÁÑES BURGOS, “Vicente de Paul, realismo y encarnacion”, 1982, em <https://vincentians.com/es/vicente-de-paul-realismo-y-encarnacion/> [em linha, consultado em 04-08-2018].

²³⁷ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XI*, 730.

Assim, podemos falar de dois aspetos: de uma Igreja pobre e de uma Igreja para os pobres, na medida em que Cristo foi pobre pela sua Encarnação e entregou a Sua vida aos pobres, na Sua missão. Se a Igreja é a continuação da ação de Jesus, logo está na sua constituição mais profunda a sua opção pelos mais fracos. É esta a eclesiologia de Vicente de Paulo: “a Igreja é uma comunidade de Caridade, que continua o espírito de caridade perfeita de Cristo, não é uma promessa de poder, mas a Igreja serve e pobre, a Igreja dos pobres”²³⁸. Por este motivo, é que poderemos dizer e de acordo com máxima que referimos anteriormente, que quando se está com os pobres e se coloca todo o empenho no seu serviço, podemos estar seguros de permanecer na Igreja de Cristo²³⁹. Na encíclica *Dives in Misericordia* esta ideia é corroborada pelo Papa João Paulo II:

“A Igreja vive vida autêntica quando professa e proclama a misericórdia, o mais admirável atributo do Criador e do Redentor, e quando aproxima os homens das fontes da misericórdia do Salvador, das quais ela é depositária e dispensadora” (DM 13).

Desta eclesiologia vicentina deduz-se que:

“A atuação, a mensagem e o ser de uma Igreja autêntica consiste em ser, aparecer e atuar como uma Igreja-misericórdia; uma Igreja que, sempre e em tudo, é, diz e exercita o amor compassivo e misericordioso face a quem se sente miserável e perdido, para libertá-lo da sua miséria e da sua perdição. Somente nessa Igreja em Misericórdia se pode revelar o amor gratuito de Deus, que se oferece e se entrega a quem não tem nada mais que a sua pobreza”²⁴⁰.

Ou, como diria o Papa Francisco, “a Igreja deve ser um hospital de campanha depois de uma batalha”²⁴¹, isto é, uma Igreja de todos, para todos e especialmente os mais pobres. É nesta linha que a Igreja se funda e ganha a sua credibilidade, não pelo facto de que a ajuda aos pobres seja algo filantrópico, mas porque a Igreja de Jesus Cristo se fundamenta, em última instância, nesta realidade.

3.2.4. Missão e Caridade: duas realidades uma só essência

O específico da Missão Popular Vicentina, desde as suas origens, é a evangelização dos pobres através do serviço da caridade. Havia uma expressão popular

²³⁸ C. FERNÁNDEZ, “Pobres Servicio”, 484.

²³⁹ Cf. *Ibidem*.

²⁴⁰ *Ibidem*, 484–485.

²⁴¹ SPADARO, A., “Entrevista Exclusiva do Papa Francisco às revistas dos Jesuítas”, 2013, em <http://www.broteria.pt/revista-broteria/artigos/101-entrevista-exclusiva-do-papa-francisco-as-revistas-dos-jesuitas> [em linha, consultado em 04-08-2018].

acerca dos missionários que mostra de forma clara esta ideia: “enquanto todos aqueles que faziam missões deixavam no final uma cruz, os Padres da Missão deixavam a caridade”. Esta simples expressão popular pode certamente ser hoje uma afirmação bastante redutora e até mesmo discriminatória, tendo em vista as obras, congregações e associações que se dedicam a esta tarefa. Contudo, há 400 anos esta realidade não era assim. A missão tinha um carácter mais teórico, ou seja, de instrução nas verdades da fé, na confissão geral e na comunhão²⁴². Porém, as missões vicentinas, apesar deste carácter teórico tinham sobretudo uma dimensão prática. Ou seja, a Missão Popular Vicentina, na linha do que já foi referido, “insiste no vínculo que une a fé e a caridade, ou seja, a caridade verifica e completa o conteúdo do anúncio humanizador e salvador do Evangelho de Jesus de Nazaré”²⁴³.

Esta forma de ver a realidade da missão era bastante recalcada por Vicente, que, muitas vezes, relembra os missionários:

“Se algum de nós pensa que está na Congregação da Missão para evangelizar os pobres, e não para aliviá-los, para remediar as suas necessidades espirituais e não as temporais, respondo que devemos assisti-los de todas as maneiras, por nós e pelos outros”²⁴⁴.

Para Vicente de Paulo não existe dicotomia entre evangelizar por palavras e por obras. Ambas fazem parte de uma única essência que é prolongar a missão de Cristo sobre a terra. Esta não é só tarefa dos Sacerdotes da Missão, mas sim de todos os cristãos, que, evangelizados, evangelizam vivendo o Evangelho no compromisso social pelos pobres. Uma fé que atua na caridade. Este, é o significado mais profundo que tinha a chamada “Confraria da Caridade”, fundada no final de cada missão.

As palavras do Concílio na constituição dogmática *Dei Verbum* são ilustrativas desta união entre palavras e atos, ou seja, entre missão e caridade e da relação intrínseca entre ambas:

“Esta ‘economia’ da revelação realiza-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido” (DV 2).

²⁴² Cf. L. MEZZADRI, “Storiografia delle missioni popolari”, 43–66.

²⁴³ J. M. IBÁÑEZ BURGOS, “Identidad de la Misión Vicenciana”, in *Misiones Vicencianas y la evangelización del Hombre de Hoy*, CEME, Salamanca, 1987, 206.

²⁴⁴ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo IX*, 315.

3.2.5. A Caridade Vicentina: do assistencialismo à promoção, da justiça ao amor, do conformismo à denúncia

José Maria Ibáñez Burgos afirma o seguinte: “Na espiritualidade vicentina a Deus e são amados ou atraídos Cristo no homem, no pobre. Isto porque o amor a Deus é inseparável do amor ao Homem”²⁴⁵. É na integração destes aspetos que se constitui a verdadeira Caridade. Os fundamentos desta integração já foram abordados: na relação de Deus com os homens, manifestada em Jesus Cristo e continuada pela sua Igreja através da ação do Espírito Santo. Esta relação de Amor é o que constitui a noção de Amor de Deus. Assim afirma o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*:

“Confessar um Pai que ama infinitamente cada ser humano implica descobrir que ‘assim lhe confere uma dignidade infinita’. Confessar que o Filho de Deus assumiu a nossa carne humana significa que cada pessoa humana foi elevada até ao próprio coração de Deus. Confessar que Jesus deu o seu sangue por nós impede-nos de ter qualquer dúvida acerca do amor sem limites que enobrece todo o ser humano. A sua redenção tem um sentido social, porque ‘Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens’. Confessar que o Espírito Santo atua em todos implica reconhecer que Ele procura permear toda a situação humana e todos os vínculos sociais” (EG 173).

A unidade deste amor desmesurado pelo o Homem constitui o serviço da fé na caridade criadora de Justiça. Este é o modo vicentino de compreender e viver o Evangelho. Mas também constitui, pela mesma razão, o núcleo e o objeto da evangelização na missão vicentina.

Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco afirma que:

“A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora” (EG 178).

Ou seja, a verdadeira caridade cristã, na sua raiz, procura, inventa, torna-se criativa e descobre os meios necessários para tornar realidade a promoção integral de todo homem.

Vicente de Paulo, numa conferência aos missionários dizia: “Deus nos conceda a Graça de comover os nossos corações para com os Pobres e de pensar que, ajudando-os,

²⁴⁵ J. M. IBÁÑEZ BURGOS, “Identidad de la Misión Vicenciana”, 209.

praticamos a Justiça e não a Misericórdia”²⁴⁶. A evangelização pela Caridade não é apenas uma questão de assistência, mas uma questão de dignidade, e sobretudo de Justiça. E se assim é, a verdadeira Caridade tem a encargo de inquietar os cristãos na sua missão social e política. O objetivo da caridade Cristã não é pura e simplesmente uma questão de assistência é uma questão de promoção.

“Nesta linha, se pode entender o pedido de Jesus aos seus discípulos: ‘Dai-lhes vós mesmos de comer’ (Mc 6, 37), que envolve tanto a cooperação para resolver as causas estruturais da pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres, como os gestos mais simples e diários de solidariedade para com as misérias muito concretas que encontramos” (EG 188).

Daí, podemos dizer que mais do que ajudar os pobres há que lutar e erradicar contra as causas promotoras da pobreza. S. Vicente dizia sobre este aspeto o seguinte:

“logo que alguém tenha forças para trabalhar, haverá que comprar-lhe alguns utensílios, conforme a sua profissão, mas sem dar-lhe nada mais. As esmolas não são para os que podem trabalhar, mas para os pobres doentes, os órfãos ou os idosos”²⁴⁷.

Tudo isto mostra que a verdadeira caridade é realmente promotora de Justiça. Mas na sua essência mais profunda o que é que significa dizer que a verdadeira caridade se realiza pela via da Justiça? Melhor dizendo: a justiça por si mesma realiza a caridade cristã? O Compêndio da Doutrina Social, no seu n.º 206, dá-nos a resposta:

“Não se podem regular as relações humanas unicamente com a medida da justiça: A experiência do passado e do nosso tempo demonstra que a justiça, por si só, não basta e que pode até levar à negação e ao aniquilamento de si própria, se não se permitir àquela força mais profunda, que é o amor, plasmar a vida humana nas suas várias dimensões”²⁴⁸.

A justiça tem que ser acompanhada do amor. Se a justiça restitui o que lhe é devido, o amor restitui a dignidade. Este amor, não o puro sentimentalismo, ou um amor compassivo desacompanhado de uma praxis. Por isso S. Vicente de Paulo afirmava:

“O amor afetivo é a ternura no amor... um coração que ama Nosso Senhor não pode sofrer a sua ausência e tem que unir-se com ele por esse amor afetivo, que produz, por sua vez, o

²⁴⁶ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo VII*, Sígueme, Salamanca, 1978, 98.

²⁴⁷ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo IV*, 180.

²⁴⁸ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, “Compêndio da Doutrina Social da Igreja”, 2006, em [http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#A](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#A%20justi%C3%A7a) justiça [em linha, consultado em 04-08-2018].

amor efetivo... há que passar do amor afetivo ao amor efetivo que consiste no exercício das obras de caridade”²⁴⁹.

Vicente resume o que significa o princípio de misericórdia, ou o princípio do amor. É daí que tudo emana: a união com Cristo e com Deus na pessoa do pobre por via do afeto, ou seja, da comoção do coração diante das necessidades. Contudo, se for apenas isto, levará a atitudes meramente paternalistas. Há que passar ao amor efetivo, ou seja, ao amor operante capaz de mediar e realizar a misericórdia de Deus que é a junção ente amor e justiça.

Tudo isto deve vir acompanhado da denúncia profética. De que vale ter consciência das injustiças, se não se levanta a voz contra elas? A denúncia e a mudança de estruturas tornam operante o amor efetivo. Ao longo da história de Vicente, podem encontrar-se inúmeras ações que demonstram que, apesar de todas as suas obras, não se cansava de denunciar as barbaridades de uma sociedade injusta. São exemplos disto mesmo: a entrevista ao primeiro-ministro Cardeal de Richelieu para pedir que acabasse com a Guerra²⁵⁰; a sua oposição pública e radical à política exploradora do povo rural traçada pelo Cardeal Mazarino: “Monsenhor encha-se o mar e acalmará a tempestade”²⁵¹; a sua grande e inteligente carta ao Cardeal Mazarino, pedindo a sua demissão, pois considerava-o o grande causador do sofrimento do povo²⁵²; o apelo feito ao Papa Inocêncio X para intervir em favor da paz durante a fronda²⁵³. Em prol da justiça, Vicente de Paulo padeceu de um exílio da cidade de Paris durante cinco meses²⁵⁴. Portanto, a luta pela justiça e a defesa dos mais necessitados implica a tomada de decisões, auxiliadas pela prudência e impulsionadas pela coragem. A passividade perante as injustiças é motivo de crítica. O Papa Francisco, no n.º 207 da *Evangelii Gaudium*, diz:

“E qualquer comunidade da Igreja, na medida em que pretender subsistir tranquila sem se ocupar criativamente nem cooperar de forma eficaz para que os pobres vivam com dignidade e haja a inclusão de todos, correrá também o risco da sua dissolução, mesmo que fale de temas sociais ou critique os Governos. Facilmente acabará submersa pelo mundanismo espiritual, dissimulado em práticas religiosas, reuniões infecundas ou discursos vazios” (EG 2017).

²⁴⁹ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo IX*, 534, 593.

²⁵⁰ Cf. L. ABELLY, *La Vie du vénérable serviteur de Dieu, Vincent de Paul*, Florentin Lambert, Paris, 1664, 169–170.

²⁵¹ P. COSTE, *El Grande Santo del gran siglo. El Señor Vicente*, CEME, Salamanca, 1991, 404.

²⁵² Cf. S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo IV*, 440, 444.

²⁵³ Cf. *Ibidem*, 427–429.

²⁵⁴ Cf. S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo III*, 373, 380, 394, 396, 413, 417.

Como se pode verificar, é importante e essencial a denúncia profética das injustiças. A passividade e o comodismo não podem tolher um cristão. Mesmo sabendo que em prol da justiça sacrificamos tudo e até mesmo a própria vida, são inspiradoras as palavras de Vicente de Paulo, quando um padre lhe escreve narrando as dificuldades que encontra na sua comunidade:

“Lembra-vos, padre, de que vivemos em Jesus Cristo pela morte de Jesus Cristo e que devemos morrer em Jesus Cristo pela vida de Jesus Cristo, e que a nossa vida deve estar oculta em Jesus Cristo e cheia de Jesus Cristo, e que para morrer como Jesus Cristo, é preciso viver como Jesus Cristo...”²⁵⁵.

3.3. Missão Vicentina e a sua nota laical

O Concílio Vaticano II, na sua constituição dogmática *Lumen Gentium* recuperou a imagem de Igreja como Povo de Deus (LG 9). Imagem esta, que ficou esquecida durante séculos e que foi recuperada da poeira do tempo explicando ao mundo e à Igreja que Deus, antes de qualquer hierarquia, constituiu um povo. Portanto, nesta dinâmica de comunhão todos são chamados à colaboração para a edificação deste mesmo povo.

Até então, os clérigos assumiam as funções eclesiais e aos leigos pouco ou mesmo nada intervinham na realidade da Igreja e, portanto, a estes não cabia qualquer missão. Hoje, esta realidade mudou em muitas partes da Igreja. Em muitos casos, esta mudança deve-se às circunstâncias de escassez de sacerdotes e, portanto, os ministérios que os leigos assumem não refletem a consciência de tal ministerialidade, mas sim uma solução para os atuais problemas. Outro aspeto a aprofundar é a consciência de que a consagração de todo o povo fiel (inclusivamente dos sacerdotes) é batismal. Tendo isto em conta, ainda há muito para fazer no que diz respeito à promoção laical.

3.3.1. A missão dos leigos

Todos os documentos que emanam do Concílio Vaticano II referem a consagração do mundo como tarefa específica da missão laical: “Os leigos devem assumir como tarefa própria a renovação da ordem temporal” (PP 81). Esta conceção dos leigos como instrumentos de Deus para a santificação do mundo é fundamental para compreender a teologia do laicado. Conceção essa que se baseia na própria eclesiologia: Igreja como

²⁵⁵ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo I*, 295.

“Povo de Deus”, “Comunhão”. Na definição dogmática *Lumen Gentium*, no n.º 31, aparece-nos a definição de leigo:

“Por leigos entendem-se aqui todos os cristãos que não são membros da sagrada Ordem ou do estado religioso reconhecido pela Igreja, isto é, os fiéis que, incorporados em Cristo pelo Batismo, constituídos em Povo de Deus e tornados participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, exercem, pela parte que lhes toca, a missão de todo o Povo cristão na Igreja e no mundo” (LG 31).

Apesar de o documento começar pela forma negativa, ou seja, mostrando aquilo que o leigo não é, é importante olharmos para a segunda parte da definição, ou seja, para aquilo que é dito de forma positiva: leigo como batizado, incorporado em Cristo, participante da missão profética, sacerdotal e real, exercendo esta missão na Igreja e no mundo. Desta visão podem tirar-se as seguintes ilações: a relação com Cristo, com a Igreja e com o mundo.

Na sua relação com Cristo, o leigo é batizado e ungido pelo Espírito, tal como os religiosos e sacerdotes iniciados por meio dos Sacramentos participam na ação salvífica que Ele confiou à Igreja. Portanto, os cristãos leigos são assimilados a Cristo, configurados à imagem de Jesus. Essa configuração dá-se pela associação dos leigos à tripla missão de Jesus (sacerdotal, profética e real). O próprio Concílio assume esta estrutura:

“O supremo e eterno sacerdote Cristo Jesus, querendo também por meio dos leigos continuar o Seu testemunho e serviço, vivifica-os pelo Seu Espírito e, sem cessar, os incita toda a obra boa e perfeita” (LG 34).

Assim sendo, falar do leigo configurado com Cristo é falar da tripla missão que Cristo viveu e na qual os leigos participam de forma inerente. Isto é, em primeiro lugar, os leigos, consagrados a Cristo e ungidos pelo Espírito Santo, participam no ofício sacerdotal. Em segundo lugar, como:

“O grande profeta, que pelo testemunho da vida e a força da Palavra proclamou o reino do Pai, realiza a sua missão profética, até à total revelação da glória, não só por meio da Hierarquia, que em Seu nome e com a Sua autoridade ensina, mas também por meio dos leigos” (LG 35).

Finalmente, com Cristo Rei, os Leigos, “servindo a Cristo também nos outros, [conduzem] os seus irmãos, com humildade e paciência, àquele Rei, a quem servir é

reinar” (LG 36). Trata-se de uma consagração do mundo a Deus através dos acontecimentos da Vida.

O axioma de Henri-Marie de Lubac – que diz que a “Eucaristia faz a Igreja” – expressa, na verdade, a ideia de que o batizado/confirmado é Igreja em virtude da participação na realidade Eucarística. É a Eucaristia que envia o homem ao mundo e que faz o corpo de Cristo. Como disse o Papa Bento XVI, no seu Discurso inaugural da assembleia dos bispos em Aparecida,

“Lembro aos leigos que são também Igreja, assembleia convocada por Cristo para levar seu testemunho ao mundo inteiro. Todos os homens e mulheres batizados devem tomar consciência de que foram configurados com Cristo Sacerdote, Profeta e Pastor, através do sacerdócio comum do Povo de Deus”²⁵⁶.

Assim sendo, a Igreja, convocada por Cristo, tem este papel *congregador*, ou seja, de formação de um povo, e um papel *anunciador*, isto é, de levar ao mundo inteiro a Boa Nova recebida. É nesta conjuntura que os leigos se inserem, como exemplo e anúncio. Esta dinâmica é espelhada na Eucaristia: constituídos Corpo de Cristo, os cristãos são convertidos em homens de Igreja. Esta visão teológica de uma Igreja que nasce da Eucaristia, de uma Igreja que é Povo de Deus, que é comunhão, traz consigo o reconhecimento efetivo da igual dignidade de todos os batizados. Os leigos

“não podem ser somente os seus fruidores e executores passivos, mas constituem os protagonistas da mesma, no momento vital da sua realização, assim como colaboradores preciosos dos Pastores na sua formulação, graças à experiência adquirida no campo e às próprias competências específicas”²⁵⁷.

Dentro desta visão do leigo, é importante ressaltar esta formulação teológica para compreender o seu lugar na Igreja. Contudo, não se pode interpretar tais progressos eclesiológicos como uma visão meramente democrática ou de confronto com a missão dos pastores. Há uma múltipla colaboração e sinodalidade, mas não pode haver uma

²⁵⁶ PAPA BENTO XVI, "Discurso do Papa Bento XVI. Sessão Inaugural dos Trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe", 2007, em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html [em linha, consultado em 04-08-2018].

²⁵⁷ PAPA BENTO XVI, "Discurso do Papa Bento XVI ao Congresso Internacional promovido pelo Pontifício Conselho 'Justiça e Paz' para o 50º Aniversário da 'Mater et Magistra' de João XXIII", 2011, em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20110516_justpeace.html [em linha, consultado em 04-08-2018].

sobreposição. No fundo, não deve haver uma clericalização do laicado nem uma laicização do clero²⁵⁸.

Na relação com o mundo: os leigos vivem dentro do mundo, desempenham a sua própria profissão e contribuem para a sua santificação. Portanto, os leigos, com o seu apostolado procuram dilatar o reino de Deus a partir da situação concreta que ocupam na sociedade civil. Esta conceção deriva da índole secular. Sobre este aspeto o Papa Paulo VI refere:

“Tem uma autêntica dimensão secular, inerente à sua íntima natureza e missão, cuja raiz mergulha no mistério do Verbo encarnado e que se concretiza de formas diversas para os seus membros”²⁵⁹.

Deste modo, todos os membros da Igreja (incluindo os membros do clero) têm a sua dimensão secular. No entanto, o Concílio designou essa modalidade própria e peculiar dos leigos com a expressão “índole secular”, de modo a que se torne o espaço da sua ação:

“A índole secular do fiel leigo não deve, pois, definir-se apenas em sentido sociológico, mas sobretudo em sentido teológico. A característica secular é vista à luz do ato criador e redentor de Deus, que confiou o mundo aos homens e às mulheres, para tomarem parte na obra da criação, libertarem a mesma criação da influência do pecado e santificarem a si mesmos no matrimónio ou na vida celibatária, na família, no emprego e nas várias atividades sociais” (CL 15).

A teologia do laicado fica resumida a três chaves de interpretação: o mistério de Cristo, da comunhão eclesial e da missão. É importante não cair na mera interpretação sociológica da dimensão secular. Salvador Pié-Ninot desenvolve a dimensão missionária em chave de ministerialidade. Para não cair neste perigo de análise sociológica, é importante que sempre utilizemos a terminologia “leigo” estamos a referir-nos em primeiro lugar de um cristão²⁶⁰. O próprio *Código de Direito Canónico* de 1983 aborda a partir desta noção de fiéis entendendo que estes podem ser clérigos ou leigos, afirmando igual radicalidade de todos pelo batismo (cf. CIC 204).

²⁵⁸ Cf. S. MADRIGAL TERRAZAS, “Identidad Eclesial del Laico en el Mundo: ‘Id También Vosotros a Mi Viña’ (Mt 20,4)”, in *Laicado y Misión*, PPC, Madrid, 2017, 103–107.

²⁵⁹ PAPA PAULO VI, “Discurso di Paolo VI ai Rappresentanti degli Istituti Secolari Sacerdotali e Laicali”, 1972, em https://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1972/february/documents/hf_p-vi_spe_19720202_istituti-secolari.html [em linha, consultado em 04-08-2018].

²⁶⁰ Cf. S. PIÉ-NINOT, *Eclesiologia. La Sacramentalidad De La Comunidad Cristiana*, 296–297.

3.3.2. Leigos em Missão

O específico do ser do leigo é saber-se chamado a exercer a sua missão no mundo em iguais e naturais condições do resto da humanidade.

“Ao conceito canónico *chistifideles*, que se aplica a todo o povo de Deus, acrescenta-se esta precisão: os leigos são *chistifideles* que vivem no mundo e nas circunstâncias normais da vida”²⁶¹.

É nas realidades temporais que os leigos adquirem especiais competências. Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*, falou da vocação específica dos leigos no coração do mundo e da sua tarefa principal, que descrevia como “pôr em prática todas as possibilidades cristãs e evangélicas escondidas, mas já presentes e operantes, nas coisas do mundo”, e acrescenta o seguinte:

“O campo próprio da sua atividade evangelizadora é o mesmo mundo vasto e complicado da política, da realidade social e da economia, como também o da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos ‘mass media’ e, ainda, outras realidades abertas para a evangelização, como sejam o amor, a família, a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento” (EN 70).

Se a índole secular é o específico da identidade do leigo cristão na modalidade que lhe é própria, então cada uma das outras formas de vida cristã deve definir-se na relação com a sua secularidade, pois ninguém pode viver o seguimento de Cristo fora do mundo²⁶². A secularidade é condição de toda a Igreja, pois a Igreja é para o mundo. É uma dimensão que espelha de maneira eminente a missão de evangelizar o mundo. A Igreja, visível e espiritual no tempo (cf. LG 8), é o:

“pequeno rebanho, é, contudo, para todo o género humano o mais firme germe de unidade, de esperança e de salvação. Estabelecido por Cristo como comunhão de vida, de caridade e de verdade, é também por Ele assumido como instrumento de redenção universal e enviado a toda a parte como luz do mundo e sal da terra (cfr. Mt. 5, 13-16)” (LG 9).

Leigos, pastores, religiosos são todos cidadãos da cidade terrena e da cidade celeste (Cf. GS 43).

No decreto *Apostolicam Actuositatem*, ao falar do apostolado dos leigos diz: “A Igreja exerce-o de diversas maneiras, por meio de todos os seus membros, já que a

²⁶¹ S. MADRIGAL TERRAZAS, “Identidad Eclesial del Laico en el Mundo: 'Id También Vosotros a Mi Viña' (Mt 20,4)”, 100.

²⁶² Cf. *Ibidem*, 101.

vocação cristã é também, por sua própria natureza, vocação ao apostolado” (AA 2), ou seja, o apostolado dos leigos é participação da mesma missão salvífica da Igreja (cf. LG 33). Tendo por base esta conceção, falta saber o que é que inclui tal missão. Para tal centrar-nos-emos na realidade da Igreja na Europa, essa que de forma mais geral nos diz respeito, e partiremos da Exortação pós-sinodal da *Ecclesia in Europa*. Este documento começa por mencionar o objetivo: o anúncio do Evangelho da esperança e uma Igreja toda ela enviada em missão. Para tal, o contributo dos leigos é insubstituível, na medida em que, “por eles a Igreja de Cristo faz-se presente nos mais variados sectores do mundo, como sinal e fonte de esperança e de amor” (EE 41). Na Exortação, é reconhecido o trabalho silencioso dos leigos, na política, na realidade social, na economia, na cultura, na ecologia, na vida internacional, na família, na educação, nas profissões, no trabalho e no sofrimento.

Em suma, este documento fala da missão dos leigos enunciando uns princípios síntese: por um lado, a missão dos leigos como sinal sacramental da presença da Igreja no mundo, como levedura na massa, de modo que o desenvolvimento da sua vocação cristã contribui recíproca e decisivamente para a renovação da Igreja. Por outro lado, refere-se que os leigos prestam serviços na evangelização das estruturas do mundo desenvolvendo também um verdadeiro serviço eclesial quando desempenham ministérios laicais²⁶³. Estes ministérios resultam do reconhecimento

“dos dons de todos os membros da Igreja e da colaboração adequada aos carismas que receberam. Na verdade, a missão da Igreja não é realizada apenas pelo clero, mas participada por todo o povo de Deus animado pelo Espírito Santo”²⁶⁴.

Sobre este ponto, a exortação *Christifideles Laici* é bastante elucidativa clarificando a necessidade, a pertinência e o fundamento de tais ministérios:

“Os pastores podem, segundo as normas estabelecidas pelo direito universal, confiar aos fiéis leigos certos ofícios e certas funções que, embora ligadas ao seu próprio ministério de pastores, não exigem, contudo, o carácter da Ordem” (CL 23).

Com efeito, de acordo com Código de Direito Canónico:

“Onde as necessidades da Igreja o aconselharem, por falta de ministros, os leigos, mesmo que não sejam leitores ou acólitos, podem suprir alguns ofícios, como os de exercer o

²⁶³ Cf. S. PIÉ-NINOT, *Eclesiologia. La Sacramentalidad De La Comunidad Cristiana*, 305–308.

²⁶⁴ M. P. DOMINGUES, “Nota Pastoral 'Corresponsabilidade Ministérios Laicais'”, em <http://diocese-santarem.pt/wp-content/uploads/2014/09/2013-09-Nota-Pastoral-Corresponsabilidade-e-Ministérios-Laicais.pdf> [em linha, consultado em 04-08-2018].

ministério da palavra, presidir às orações litúrgicas, conferir o Batismo e distribuir a Sagrada Comunhão, segundo as prescrições do direito” (CIC n.º 69)

Nos termos da exortação *Christifideles Laici*:

“Todavia, o exercício de semelhante tarefa não transforma o fiel leigo em pastor: na realidade, o que constitui o ministério não é a tarefa, mas a ordenação sacramental. Só o sacramento da Ordem confere ao ministro ordenado uma peculiar participação no ofício de Cristo, Chefe e Pastor, e no Seu sacerdócio eterno. A tarefa que se exerce como suplente recebe a sua legitimidade, formal e imediatamente, da delegação oficial que lhe dão os pastores e, no seu exercício concreto, submete-se à direção da autoridade eclesiástica” (CL 23).

Portanto, os ministérios laicais fundamenta-se na própria consagração batismal e na própria missão da Igreja, sendo fomentados pelo princípio da colaboração e da corresponsabilidade. Não são cargos, são serviços, não são ordenações, mas ministérios. Também é bastante redutor afirmar que tais ministérios são instituídos porque existe escassez de sacerdotes. Os ministérios têm a sua fundamentação no próprio ser batizado: “com efeito, por força da sua condição batismal e da sua vocação específica, na medida própria de cada um, participam no múnus sacerdotal, profético e real de Cristo” (CL 23).

3.3.3. Leigos, marcados pelo selo da Caridade

O Papa João Paulo II, na exortação apostólica escrita depois da celebração do Sínodo dos Bispos sobre a vocação e missão dos leigos, afirma que o serviço da caridade pertence de forma conatural ao ser do leigo, chamado à transformação da realidade pela força do Evangelho. Refere-se nos seguintes termos:

“A caridade para com o próximo, nas expressões antigas e sempre novas das obras de misericórdia corporais e espirituais, representa o conteúdo mais imediato, comum e habitual da animação cristã da ordem temporal que constitui o empenho específico dos fiéis leigos” (CL 41).

Este compromisso desponta na consciência e na descoberta de um Deus de Amor: “Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele” (Jo 4,16). Portanto, a raiz mais profunda da vida da Igreja e, por conseguinte, de todo o cristão está na partilha deste amor de Deus, especialmente com os mais necessitados. Pois, quando se acredita na Boa Nova de Jesus, não se pode virar as costas à realidade da pobreza, pois está em causa, segundo a Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, o seguinte:

“a dignidade da pessoa humana, cuja defesa e promoção nos foram confiadas pelo Criador, tarefa a que estão rigorosa e responsavelmente obrigados os homens e as mulheres em todas as conjunturas da história” (SRS 47).

Jesus Cristo, Boa Nova para os pobres, veio ao mundo para manifestar este amor de Deus para com eles: “a proclamar a libertação dos cativos e a dar vista aos cegos, a libertar os oprimidos e a proclamar um ano de graça do Senhor” (Lc 4,18). Jesus Cristo fez deste amor algo distintivo: “Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35). Este propósito, é destinado a todos, para “que todos sejam um só (...) em nós [para que] o mundo creia” (Jo 17,21). Portanto e, como vimos anteriormente, o serviço dos pobres é a maneira tornar presente Jesus. É uma expressão irrenunciável da ação evangelizadora da Igreja. A chamada diaconia, ao serviço da caridade, faz parte integrante do anúncio da obra salvadora.

S. Vicente de Paulo concretizou estas convicções:

“Só Nosso Senhor pode deixar-se arrastar pelo amor às criaturas até deixar o trono do seu Pai para vir a tomar um corpo sujeito às mesmas debilidades. E para quê? Para estabelecer entre nós, pelo seu exemplo e pela sua palavra, a caridade para com o próximo”²⁶⁵.

Como irmãos, os cristãos devem sentir este apelo à proximidade, ou seja,

“Estar ao lado das multidões pobres, a discernir a justiça das suas solicitações e a contribuir para as satisfazer, sem perder de vista o bem dos grupos, no quadro do bem comum” (SRS 39).

Esta chamada à partilha foi constante ao longo da história, com expressões diferentes, é certo, mas sempre com a mesma fidelidade a este propósito, porque a “lei fundamental da perfeição humana e, portanto, da transformação do mundo, é o novo mandamento do amor” (GS 38).

Assim sendo, visto que a caridade pertence à vida da Igreja, os leigos vivem a sua vocação e missão de transformação das realidades temporais com a força do Evangelho através do serviço da Caridade.

“Com a caridade para com o próximo, os fiéis leigos vivem e manifestam a sua participação na realeza de Jesus Cristo, isto é, no poder do Filho do homem que não veio para ser servido, mas para servir” (CL 41).

²⁶⁵ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XI*, 555.

A realidade laical insere-se em toda a lógica da vida da Igreja. Portanto, se a Igreja é e vive em missão, se esta ganha forma na caridade, o leigo cristão tem como missão mais profunda, tal como a Igreja, levar a cabo tal desafio evangelizador pela caridade. Os modos como essa transmissão da fé e promoção humana é feita são variadíssimos, assim nos diz a *Lumen Gentium*:

“O apostolado dos leigos é participação na própria missão salvadora da Igreja, e para ele todos são destinados pelo Senhor, por meio do Batismo e da Confirmação... Mas os leigos são especialmente chamados a tornarem a Igreja presente e ativa naqueles locais e circunstâncias em que só por meio deles ela pode ser o sal da terra. Deste modo, todo e qualquer leigo, pelos dons que lhe foram concedidos, é ao mesmo tempo testemunha e instrumento vivo da missão da própria Igreja” (LG 17).

3.3.4. Uma Missão comum

Na Carta do Papa Francisco ao Cardeal Marc Ouellet, o Santo Padre faz uma afirmação bastante importante para a fundamentação de uma missão em comum:

“Olhar para o Povo de Deus é recordar que todos fazemos o nosso ingresso na Igreja como leigos. O primeiro sacramento, que sela para sempre a nossa identidade, e do qual deveríamos ser sempre orgulhosos, é o batismo. Através dele e com a unção do Espírito Santo, (os fiéis) ‘são consagrados para serem edifício espiritual e sacerdócio santo’ (Lumen gentium, 10). A nossa primeira e fundamental consagração tem as suas raízes no nosso batismo. Ninguém foi batizado sacerdote nem bispo. Batizaram-nos leigos e é o sinal indelével que jamais poderá ser cancelado. Faz-nos bem recordar que a Igreja não é uma elite de sacerdotes, consagrados, bispos, mas que todos formamos o Santo Povo fiel de Deus”²⁶⁶.

Partindo da consagração batismal, é possível estabelecer esta relação e colaboração entre a vida ministerial e laical. Estabeleceremos cinco pontos que fundamentam esta mútua relação, fundamentando-nos no artigo de Benjamin Romo, que adverte para o facto de estes cinco pontos não serem exclusivos, mas que, segundo ele, são os mais sugestivos²⁶⁷.

²⁶⁶ PAPA FRANCISCO, “Carta do Santo Padre ao Cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina”, 2016, em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html [em linha, consultado em 04-08-2018].

²⁶⁷ B. ROMO, “Religiosos y Laicos, una misión común en la iglesia y la Sociedad”, 2002, em <http://vincentians.com/es/religiosos-y-laicos-una-mision-comun-en-la-iglesia-y-la-sociedad/> [em linha, consultado em 04-08-2018].

O primeiro, é a missão que, como vimos anteriormente, é uma atividade inerente à sua constituição. Portanto, se a Igreja tem como tarefa inerente a evangelização, logo não é um trabalho meramente exclusivo dos sacerdotes ou religiosos, mas todos – religiosos e leigos – partilham a tarefa de ser missionários no mundo e, a partir do seu próprio carisma anunciam Jesus Cristo. O segundo ponto é a inserção da missão dos leigos no mundo. Os leigos assumem a presença de Deus no mundo, nesse sentido a partilha do carisma entre os leigos é algo positivo, pois é levar o Evangelho através deles a muitos lugares do mundo, onde a vida religiosa e sacerdotal não foi capaz de entrar. Em terceiro lugar, a missão é o caminho para a santidade, essa que é vocação de todos os batizados. Portanto,

“para ser santo, não é necessário ser Bispo, sacerdote, religiosa ou religioso (...) todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra” (GE 14).

Santidade, que se define na perfeição da caridade. Partilhar esta vocação comum coloca religiosos, sacerdotes e leigos no caminho do seguimento de Jesus para trabalhar juntos na edificação do reino. A quarta característica é a família, e os jovens são chamados a desempenhar um papel especial na missão da Igreja. É na família, “Igreja doméstica” (LG 11), que o Evangelho se transmite, especialmente aos mais pequenos. Por outro lado, temos os jovens, onde está o futuro e o potencial evangelizador. Portanto, a partilha através destes dois campos é fundamental. Em último lugar, o espírito do Senhor está a abrir novos caminhos para a atividade missionária dos leigos. O documento *Vita Consecrata* constata como as comunidades religiosas hoje vivem o seu carisma partilhando-o com os leigos:

“Hoje alguns Institutos, frequentemente por imposição das novas situações, chegaram à convicção de que o seu carisma pode ser partilhado com os leigos. E assim estes são convidados a participar mais intensamente na espiritualidade e missão do próprio Instituto” (VC 54).

Um dos valores da Igreja é o intercâmbio de dons, para participar de forma mais eficaz na vida da Igreja e do mundo. Portanto, os diversos carismas não podem ficar enclausurados como algo impoluto, mas devem ser partilhados como Dom de Deus que não se fecha em si mesmo²⁶⁸.

²⁶⁸ Cf. *Ibidem*.

3.3.5. Vicente e o laicado

São Vicente, no seu tempo, descobriu no laicado uma colaboração preciosa para fazer subsistir a missão, tanto no aspeto económico, como caritativo e evangelizador. Para entender melhor esta ideia deve recorrer-se à história para perceber a importância do laicado até mesmo para a fundação das próprias instituições. Poder-se-ia dizer que a condução da sua história pessoal e santificação da sua vida deve-se a uma forte intervenção laical. Na verdade, a senhora de Gondi, mulher a qual S. Vicente deve a inspiração de fundar a Congregação da Missão – aliás ele próprio dizia que foi ela a fundadora –, foi uma das principais ativistas e promotoras da obra das missões: “Aí padre Vicente, quantas almas se perdem! O que é que podemos fazer!”²⁶⁹. Em Châtillon, foram todas aquelas pessoas que alertaram o seu pároco, Vicente de Paulo, para a situação dramática de uma família pobre, doente e a abandonada. E daí surgiu a pergunta: “não seria melhor que a população se organizasse para pôr fim a esta situação de miséria?” E daqui nascem as Caridades. Pelo o encontro de Vicente de Paulo com Luísa de Marillac, senhora viúva, e Margarida Naseau – jovem camponesa – conseguiu fundar uma companhia orientada diretamente para o serviço dos pobres: as Filhas da Caridade.

Assim, Vicente deixou-se interpelar por estes leigos dando origem a toda a sua obra. O seu potencial organizativo e o talento para captar energias, permitiu-lhe separar as dimensões sociais de outros aspetos que lhe andam ligados. Com os leigos resolve as questões apresentadas, pedindo-lhes, depois, que assumam as suas próprias responsabilidades:

“Ânimo, Minhas Senhoras a compaixão e a caridade fizeram-vos adotar estas Criaturas como vossos filhos, fostes as suas mães segundo a graça desde que as suas mães segundo a natureza os abandonaram, vede agora se vós os quereis abandonar também? Deixai de ser as suas mães e convir-vos-eis em suas juízas?”²⁷⁰

Este é um dos muitos exemplos da sua capacidade de responsabilização de todos, devolvendo a responsabilidade a quem é devida.

A preocupação pela formação de leigos foi dos atos mais importantes de Vicente de Paulo, pois ele sabia muito bem que para o serviço da caridade era necessárias pessoas formadas e que a caridade não era só dar o prato da sopa, mas também a instrução dos pobres e para isso necessitava de pessoas capazes:

²⁶⁹ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XI*, 699.

²⁷⁰ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo X*, 943.

“Claro, isto requer uma formação: as reuniões mensais da confraria terão, entre outras, esta finalidade”. (...) Além disso, cada uma das Senhoras cuidará de formar-se (...) as que saibam ler lerão todos os dias, pausada e atentamente, um capítulo do livro do Senhor Bispo de Genebra intitulado ‘Introdução à Vida Devota’, e elevarão de vez em quando o seu espírito a Deus (...)”²⁷¹.

Outra especificidade desta relação de Vicente com o laicado é relativamente ao respeito pela posição e pelo contributo que cada um pode dar. Ele sabia que era difícil, para a nobreza, um trabalho com contacto direto com os pobres. Contudo, fez com que esta, a partir da sua condição social, pudesse exercer o seu contributo e a sua santificação. O caso típico é o da Senhora de Gondi e até mesmo da Rainha Margot, entre outras que, na sua maioria, constituíam a Associação das Damas da Caridade:

“Algumas piedosas Senhoras e outras virtuosas senhoras da burguesia da cidade de Châtillon-les-Dombes, diocese de Lyon, desejosas de obter essa misericórdia de Deus de chegar a ser verdadeiras filhas suas, decidiram de comum acordo, assistir espiritual e corporalmente os enfermos da sua cidade”²⁷².

Tudo o que são Vicente fez com os leigos foi potenciar a sua missão pois ele sabia que, com a promoção dos leigos, chegaria a lugares que não poderia chegar através dos Padres ou das Filhas da Caridade.

3.3.6. Promoção da Mulher

Como, certamente, se pode verificar, S. Vicente rodeou-se de bastantes pessoas e, dentro do seu núcleo de relações, vemos que as mulheres ocupam um lugar de destaque, pois a elas se devem praticamente todas as fundações de Vicente de Paulo. Isto, hoje em dia, poderia ser um mero dado, mas, se olharmos para a história e para o mundo da época, vemos que isto não é assim tão secundário.

Para S. Vicente de Paulo, não existe maior dignidade do que aquela de servir os pobres e esse é o seu critério. Sendo assim, não há diferença ou supremacia entre homens e mulheres:

“E como a associação de homens e a de mulheres não são mais que uma mesma, que tem um mesmo padroeiro, (...) e somente é o ministério que as divide (...) e posto que nosso Senhor não tira menos glória do ministério das mulheres que dos homens (...) por isso, os

²⁷¹ *Ibidem*, 580, 584.

²⁷² *Ibidem*, 574.

servidores dos pobres terão o mesmo interesse pela conservação e crescimento da associação das mulheres, como da sua”²⁷³.

Noutro texto, reafirma esta sua convicção de forma ainda mais explícita:

“É que desta maneira entrareis na prática das viúvas da Igreja Primitiva, que consiste no cuidar corporalmente os pobres, como elas cuidavam, e também a atenção espiritual das pessoas do vosso sexo, tal como elas as atediam. No qual tereis uma espécie de dispensa daquela proibição que fez o apóstolo São Paulo na primeira carta aos Coríntios, capítulo 14: 2 ‘que as mulheres se calem nas Igrejas, pois não está permitido falar ali’ e na primeira carta a Timóteo, capítulo 2: ‘não permito à mulher ensinar’”²⁷⁴.

Outro dado importante é que, apesar de S. Vicente valorizar o papel da mulher, Vicente é espelho de um tempo. Ele percebia bem que a igualdade da mulher não implicava a igualdade de funções, como percebia também que, para colaborar nas obras de caridade, necessita da colaboração do marido, pois era necessária a sua autorização. Vicente de Paulo num dos exercícios espirituais às Senhoras da Caridade, reflete esta ideia de uma forma bastante subtil, mas ao mesmo tempo deixando uma margem de manobra da ação da mulher:

“Saber em consiste o procedimento da mulher com o seu marido. Ora bem, consiste amar a seu marido mais que todas as coisas depois de Deus; em Segundo lugar, comprazer-se e obedecer-lhe em tudo que não seja pecado”²⁷⁵.

Como se verifica no texto, S. Vicente de Paulo diz que as mulheres devem obediência aos maridos. Contudo, não de qualquer forma, quando afirma “tudo que não seja pecado” está a justificar a liberdade da mesma.

Para Vicente, o papel da mulher na Igreja é tão importante que, no seu tempo, teve a ousadia de afirmar o seguinte:

“Há uns oitocentos anos que as mulheres não têm nenhuma ocupação pública na Igreja. Antes, existiam as que tinham o nome de diaconisas (...) terminou este uso e o vosso sexo ficou privado de toda ocupação (...); e aqui está a mesma providência que se dirige atualmente a algumas de vós (...)”²⁷⁶.

Portanto, não só é motivo de escândalo, o falar do seu papel na Igreja, mas também o denunciar a falta de atenção da mesma no que diz respeito ao serviço da mulher. Não é

²⁷³ *Ibidem*, 602–603.

²⁷⁴ *Ibidem*, 902.

²⁷⁵ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo II*, 160.

²⁷⁶ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo X*, 953.

de todo descabido afirmar que Vicente de Paulo foi um visionário relativamente ao papel da mulher. Hoje, nas palavras do Papa Francisco podemos ouvir o eco das de Vicente de Paulo:

“Estou convicto da urgência de oferecer espaços às mulheres na vida da Igreja e de acolhê-las, tendo em consideração as específicas e diferentes sensibilidades culturais e sociais. Por conseguinte, é desejável uma presença feminina mais difundida e incisiva nas comunidades, de modo que possamos ver muitas mulheres comprometidas nas responsabilidades pastorais, no acompanhamento de pessoas, famílias e grupos, assim como na reflexão teológica”²⁷⁷.

Portanto, a relação de S. Vicente de Paulo com as mulheres era de mútua colaboração e respeito, não diminuindo a sua importância pela sua condição sexual, cultura e económica. O importante era levar a caridade de Cristo a tudo e a todos e, para tal, a condição social e o critério sexual não era, para ele, barreira.

3.3.7. Missão colaborativa

O carisma vicentino não é só propriedade da Congregação da Missão ou das Filhas da Caridade, mas de muitos leigos que se associaram ao longo do tempo à vivência do carisma de S. Vicente. Neste sentido, a afirmação até pode ser feita de outra forma: foi a Congregação da Missão e a Companhia das Filhas da Caridade que beberam do carisma laical, não fosse a primeira associação a ser fundada uma associação de leigos – as Confrarias da Caridade. Portanto, na realidade vicentina não existe divisão nem submissão da vida laical à vida consagrada; aliás, todos os ramos derivam e vivem a sua dimensão secular e formam aquela que é chamada *Família Vicentina*. Este termo aponta para realidade mais profunda, ou seja, o reconhecimento de que somos filhos espirituais do mesmo pai.

Em Portugal bebem deste carisma a Congregação da Missão, as Filhas da Caridade, a Associação Internacional da Caridade²⁷⁸, a Juventude Mariana Vicentina²⁷⁹, a Associação da Medalha Milagrosa, a Sociedade de São Vicente de Paulo e os Colaboradores da Missão Vicentina. Estes últimos são os missionários leigos que

²⁷⁷ PAPA FRANCISCO, "Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária do Pontifício Conselho para a Cultura", 2015, em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/february/documents/papa-francesco_20150207_pontificio-consiglio-cultura.html [em linha, consultado em 04-08-2018].

²⁷⁸ Nome atual dado às antigas Confrarias ou Damas da Caridade.

²⁷⁹ Nome atual da Associação dos Filhos e Filhas de Maria.

participam e colaboram nas Missões Populares Vicentinas em Portugal. “Não existe em nenhum dos ramos, nada que se pareça com uma ordem terceira clássica”²⁸⁰.

O que une então todos os ramos desta família? As instituições vicentinas têm como elo de ligação a missão de levar a Boa Nova aos pobres. Todos os filhos de Vicente têm como carisma o encontro com Cristo no pobre; este é o núcleo de toda a sua espiritualidade²⁸¹.

Portanto, existe uma rede de colaboração animada neste espírito de família. Assim sendo, concretizaremos de forma muito breve esta experiência de colaboração vicentina na dinâmica missionária.

A equipa de missões é composta, desde o princípio, por missionários da Congregação da Missão, das Filhas da Caridade e por membros leigos, que podem vir dos diferentes ramos laicais da Família Vicentina, os quais são encaminhados através da equipa dos Colaboradores da Missão. Dentro destes membros leigos estão pessoas casadas, viúvas, solteiras, homens e mulheres. Nesta equipa está representada a diversidade de membros e ofícios do corpo de Cristo e da Igreja. Este carácter eclesial de participação e de corresponsabilidade é algo que chama a atenção e promove, pela presença, um meio de evangelização. No tempo de pré-missão, os leigos desenvolvem um trabalho testemunhal de anúncio, mostrando que esse anúncio é para todos. Durante o tempo forte da missão distingue-se três momentos básicos: dias de encontro com as pessoas, anúncio da mensagem e grupos de encontro. Esta participação é sobretudo uma evangelização de pessoa a pessoa (*EN 46*). Visitam-se as famílias e as assembleias familiares, atendem-se os problemas que surgem, detetam-se as situações de pobreza e atendem-se os doentes. Em várias situações servem a comunidade nos diversos ministérios laicais. Os seculares são colaboradores fundamentais para a formação, se possível, de grupos de casais, e também contribuem para a elaboração de materiais para a missão. No pós-missão, a colaboração laical vai na linha do acompanhamento de grupos²⁸². Estas experiências levaram ao crescimento de grupos laicais, no caso português, e – como já referimos – temos os Colaboradores da Missão, que foram criados em 1996 para promover a formação de seculares para a participação nas missões

²⁸⁰ J. CORERA, “Compartir el carisma vicentino con los laicos”, 2016, em <http://vincentians.com/es/compartir-el-carisma-vicentino-con-los-laicos/> [em linha, consultado em 04-08-2018].

²⁸¹ Cf. *Ibidem*.

²⁸² PARTICIPANTES NO MÊS VICENTINO, “La misión popular. Una respuesta vicensiana para la nueva evangelización. Documento final” 370–371.

populares, colaborando espiritual e monetariamente para a realização das mesmas. A nível internacional foram fundados os missionários seculares vicentinos, que não estão presentes em Portugal, cujo enfoque são as missões *ad gentes*.

Como vimos anteriormente, todo o membro da Igreja é importante e insubstituível na sua missão evangelizadora. A dignidade do cristão deriva do Batismo e, portanto, tem como obrigação evangelizar. A missão deve integrar o leigo no seu projeto evangelizador. Por isso, o esquema atual de missões não se pode desenvolver sem a sua participação ativa. Certamente o como e a forma podem não ser as melhores, mas, em todo o caso a sua participação é algo imprescindível para a realização da missão²⁸³.

3.4. Linhas de uma Espiritualidade missionária vicentina

O Papa Francisco, na exortação apostólica *Gaudete et Exultate*, diz-nos o seguinte:

“Um compromisso movido pela ansiedade, o orgulho, a necessidade de aparecer e dominar, certamente, não será santificador. O desafio é viver de tal forma a própria doação, que os esforços tenham um sentido evangélico e nos identifiquem cada vez mais com Jesus Cristo. Por isso, é usual falar, por exemplo, duma espiritualidade do catequista, duma espiritualidade do clero diocesano, duma espiritualidade do trabalho. Pela mesma razão, na *Evangelii Gaudium*, quis concluir com uma espiritualidade da missão, na *Laudato Si* com uma espiritualidade ecológica, e na *Amoris Lætitia* com uma espiritualidade da vida familiar” (GE 28).

Sendo assim, tentaremos expor uma espiritualidade vicentina, que se guiará sobretudo por aquela que Vicente assumiu para a missão. É uma espiritualidade centrada na figura de Cristo evangelizador dos pobres. Na sua introdução, as regras comuns assinalam isto mesmo:

“Pareceu-nos que aqueles que foram chamados a continuar a missão de Cristo, missão que consiste sobretudo em evangelizar os pobres, deveriam encher-se dos sentimentos e afetos de Cristo; mais ainda deveriam encher-se do seu mesmo espírito e seguir fielmente as suas pegadas”²⁸⁴.

²⁸³ Cf. B. COLINAS, “Nueva evangelización y misiones populares”, in *Vicencianismo y nueva evangelización. XIX Semana de Estudios Vicencianos*, CEME, Salamanca, 1993, 299.

²⁸⁴ CÚRIA GERAL DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, *Congregação da Missão. Constituições e Estatutos*, 103–104.

No fundo, o que S. Vicente propõe é uma espiritualidade do revestimento de Jesus Cristo. Para tal, existem duas direções bem claras: um amor filial ao Pai e a sua caridade para com o próximo.

3.4.1. Relação filial com Deus

“Demos graças a Deus”: assim começam muitas das suas conferências de S. Vicente à Congregação da Missão e às Filhas da Caridade, pois o santo da caridade tinha uma profunda confiança num Deus de Amor, diante do qual poderia colocar tudo. No diário escrito por Juan Gicquel, é contado como Vicente de Paulo, no dia 7 de junho de 1660, quatro meses antes da sua morte, disse aos Padres Almeràs, Berthe e Gicquel: “consumir-se por Deus, ter apenas bens e forças para gastá-los por Deus, é o que Nosso Senhor fez, que se consumiu por amor ao seu Pai”²⁸⁵.

S. Vicente quis que o Amor de Deus abarcasse tudo e escreve a Pierre Escart:

“(…) os meus desejos infinitos de que busquemos acima de tudo despojarmo-nos dos afetos a tudo quanto não é Deus, e que não nos fixemos às coisas mais do que Deus e segundo Deus, e que procuremos estabelecer primeiramente o seu reino em nós, e logo nos outros. É o que também lhe rogo que peça a Deus para mim (…)”²⁸⁶.

Esta relação filial do missionário com Deus manifesta-se especialmente de duas formas:

3.4.1.1. A devoção à providência

Para S. Vicente, Deus ama de uma forma profunda o homem. A confiança na sua providência é algo central na vida de um missionário. Numa carta a Bernard Coding Vicente realça a necessidade de o missionário se abandonar à ação de Deus:

“O restante irá chegando a seu devido tempo. A graça tem as suas ocasiões. Coloquemo-nos nas mãos da providência de Deus e não nos empenhemos em ir a frente dela. Se Deus quer dar-me algum consolo na nossa vocação, é este: creio que devemos procurar em todas as coisas a providencia (…)”²⁸⁷.

A confiança na divina providência dá-se a conhecer ao missionário pela capacidade de ler os acontecimentos num plano mais amplo, esperando com paciência e

²⁸⁵ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo X*, 222.

²⁸⁶ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo II*, 89.

²⁸⁷ *Ibidem*, 381.

perseverança. Porém, S. Vicente alerta-nos dizendo que esta disposição não é algo desencarnado, mas utilizando os meios que Deus coloca à nossa disposição para cumprir os seus fins. Diz a Marc Coglée, em 1652, que gosta de seguir a seguinte máxima:

“Servir-se de todos os meios lícitos e possíveis para a glória de Deus, como se Deus não tivesse que ajudar-nos, de tal modo que tudo se espere da sua divina providência, como se não tivéssemos nenhum meio humano”²⁸⁸.

3.4.1.2. Fidelidade à Oração

O apelo de Vicente aos seus seguidores a permanecer em oração é constante. Para ele, a oração é a fonte de toda atividade do missionário: “dá-me um homem de oração e será capaz de tudo”²⁸⁹. Assim como Jesus estava unido ao Pai na oração, também todo o missionário deve estar unido a Deus na oração, imitando o exemplo de Cristo. Deste modo, assinala-se o seguinte nas regras comuns: “ainda que não possamos imitar de todo a Cristo, que, além de rezar noite e dia, passava a noite em oração, imitá-lo-emos segundo permita a nossa debilidade”²⁹⁰.

Toda a estabilidade emocional, vocacional, depende da união do missionário com Cristo na oração. Apesar de associarmos Vicente de Paulo à vida ativa cheia de obras e afazeres, não se pode esquecer que, para fazer tudo o que ele fez, foi necessária a contemplação. É a partir desta unidade entre ação e contemplação que se pode ver a Cristo.

O espírito missionário implica – usando as palavras das constituições – ser “contemplativo na ação e apóstolo na oração”²⁹¹. Para Vicente, este é o caminho: viver conforme Jesus Cristo e, por conseguinte, operar como Ele:

“Bem, ponhamos muito interesse nesta prática da oração, já que por ela nos vêm todos os bens. Se perseveramos na nossa vocação é graças a oração; se temos êxito nas nossas tarefas, é graças à oração; se não caímos no pecado, é graças à oração; se permanecemos na caridade, se nos salvamos, tudo isto é graças a Deus e à oração”²⁹².

²⁸⁸ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo IV*, 346.

²⁸⁹ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XI*, 778.

²⁹⁰ CÚRIA GERAL DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, *Congregação da Missão. Constituições e Estatutos*, 145.

²⁹¹ *Ibidem.*, 39.

²⁹² S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XI*, 285.

3.4.2. Caridade para com o próximo

O amor do missionário deve ser afetivo e efetivo, a sua dedicação aos pobres deve ser corporal e espiritual. Como vimos anteriormente, a visão evangelizadora de Vicente é bastante ampla, pois tem de passar pela ação concreta, das palavras aos atos. Este modo de amar vicentino assume características especiais. De tais características Vicente de Paulo fala nas cinco virtudes. Segundo ele, estas cinco virtudes representam “a força e o poder das máximas evangélicas, entre as quais – já que são muitas em número – [escolheu] aquelas que são próprias do missionário”²⁹³. São elas: Simplicidade, Humildade, Mansidão, Mortificação e Zelo. Estas virtudes, diz Vicente, devem ser como as “potências da alma”²⁹⁴. Se estas virtudes são o espelho daquilo que deve ser o missionário, então faremos uma abordagem de como deve ser um missionário, clarificando o que significa cada uma:

a) Simplicidade

Jesus, missionário do Pai, é a máxima simplicidade. De onde deriva esta virtude? É simples, “dizer as coisas como são, sem nada ocultar”²⁹⁵. Para S. Vicente esta virtude assume uma grande importância e, como tal, chama-a de “meu Evangelho”²⁹⁶.

Hoje, tal como no tempo de Vicente de Paulo, simplicidade significa dizer a verdade. É uma qualidade muito importante para a vida do missionário. “A autenticidade, ou a transparência, cativam o homem e a mulher modernos a quem estamos chamados a servir”²⁹⁷.

A simplicidade relaciona-se ainda com outros significados.

“Inclui o testemunho da verdade, ou da autenticidade pessoal que faz com que a vida do missionário esteja de acordo com as palavras. Leva consigo a busca da verdade como um caminhante, mais do que possuí-la como um dono”²⁹⁸.

Tal como no tempo de Vicente, a simplicidade significa também pureza de intenção. No fundo, passa pela prática da justiça e da caridade e, tal como recomendava

²⁹³ *Ibidem*, 586.

²⁹⁴ *Ibidem*, 591.

²⁹⁵ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo I*, 200.

²⁹⁶ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo IX*, 546.

²⁹⁷ R. P. MALONEY, “La Misión”, 1997, em <http://vincentians.com/es/la-mision/> [em linha, consultado em 05-08-2018].

²⁹⁸ *Ibidem*.

S. Vicente aos missionários, quando os alertava para praticar um estilo de vida simples, usar uma linguagem simples, especialmente na pregação.

b) Humildade

“Jesus, Missionário do Pai, ensina-nos a humildade”²⁹⁹. A humildade supõe o reconhecimento de que tudo o que é feito por nós vem de Deus. Traz consigo a consciência da nossa pequenez. Vicente convidava os missionários a contemplar quanto humilde foi Cristo, que na sua vida se rebaixou a si mesmo³⁰⁰.

Se nos tempos de S. Vicente a humildade é reconhecer a nossa condição humana e salvífica, hoje tal urgência emerge em reconhecer a gratuidade do amor de Deus. No fundo, trata-se de reconhecer que tudo é graça. Esta virtude da humildade ajuda o missionário a ver toda a sua atividade como um serviço. No fundo, “manifesta-se também no desejo de ser evangelizados pelos pobres que, como diz S. Vicente, são nossos mestres e senhores”³⁰¹.

c) Mansidão

Foi o próprio Jesus que referiu como manso. Para S. Vicente era uma virtude a ter muito em conta. Ele, por experiência pessoal, definia-se como uma pessoa rude e de trato difícil. Por isso, propunha esta virtude, porque ele mesmo a procurava sempre viver. A mansidão consiste em controlar os movimentos de cólera encontrando os meios adequados para o trato baseados no amor.

Hoje, de igual modo, a mansidão permite ao missionário controlar a cólera positivamente. Tal como os outros, também os que se dedicam à missão tem sentimentos repentinos. O que S. Vicente propõe é a utilização dessa cólera de forma positiva. A sua indignação perante as situações é o que vai permitir a tomada de decisões, como por exemplo a indignação perante a situação da família pobre de Châtillon, que vai permitir a fundação das caridades. Sobre o seu temperamento, Vicente de Paulo alerta os missionários que a mansidão é um caminho que ele mesmo teve de fazer e que é algo que demora o seu tempo:

²⁹⁹ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XI*, 745.

³⁰⁰ Cf. *Ibidem*, 411.

³⁰¹ R. P. MALONEY, “La Misión”.

“Dirigi-me a Deus pedindo-lhe insistentemente que mudasse o meu humor seco e repulsivo, e que me desse um carácter manso e benigno; e, por graça de nosso Senhor, com um pouco de atenção da minha parte para reprimir os fervores da natureza, libertei-me do meu humor negro”³⁰².

Vicente de Paulo sabe muito bem que, através desta virtude, se poderia combinar o amor e a firmeza. Diz ele a Luísa de Marillac: “se a doçura do seu espírito necessita um pouco de vinagre, peça-o emprestado ao espírito de Nosso Senhor. Ele sabia tomar uma decisão agri-doce quando era necessário”³⁰³.

d) Mortificação

Jesus é um exemplo de sacrifício para o missionário. “padres, tenhamos sempre este exemplo diante dos nossos olhos e não percamos nunca de vista a mortificação de Nosso Senhor, já que estamos obrigados a mortificar-nos para o poder seguir”³⁰⁴ Para Vicente de Paulo a mortificação consiste “sujeitar as paixões à razão”³⁰⁵.

Hoje a mortificação normalmente é mal compreendida, associa-se mortificação a flagelação, ou repressão, quando o que Vicente de Paulo pretende é mostrar o valor do ascetismo, ou seja, a renúncia de uma coisa boa por outra. “Leva consigo a definição das nossas metas missionárias e canaliza as nossas limitadas energias para elas.”³⁰⁶ Na realidade mortificar-se pode implicar, muitas vezes, dar resposta às chamadas da comunidade, à aceitação de uma missão; fidelidade às exigências da mesma quando muitas vezes estas escolhas estão em conflito com outras mais agradáveis.

e) Zelo

O Zelo é o amor ardente do missionário que culmina no amor de Jesus. “Peçamos a Deus que dê à companhia esse espírito, esse coração que nos faz ir a qualquer parte, esse coração do filho de Deus, o coração de Nosso Senhor (...)”³⁰⁷. Este fogo é o que permite ao missionário ir a todas as partes para desempenhar a sua missão. Se a missão pode tudo, é porque está entranhado nos missionários o gérmen da onnipotência de Cristo.

³⁰² L. ABELLY, *La Vie du vénérable serviteur de Dieu, Vincent de Paul*, 667.

³⁰³ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo I*, 408.

³⁰⁴ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XI*, 524.

³⁰⁵ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo X*, 694.

³⁰⁶ R. P. MALONEY, “La Misión”.

³⁰⁷ S. V. DE PAULO, *Obras Completas. Tomo XI*, 190.

O zelo é a virtude da ação missionária. “Se o amor de Deus é um fogo, o zelo é a chama. Se o amor de Deus é o sol, o zelo são os seus raios”³⁰⁸. É o amor de Deus posto em ação, numa ação dedicada e comprometida com fervor e alegria no que se faz. Este zelo missionário mostra-se, hoje, na disponibilidade, no desejo de ir a qualquer parte pelo serviço do Evangelho. É um amor que se torna inventivo, criativo, perseverante e fiel.

“Como consequência, nestes tempos de mudanças rápidas, o zelo missionário está disposto a comprometer-se na formação permanente a fim de se adaptar às novas obras, ou às novas circunstâncias, às novas idades da vida... O zelo, ao ser contagioso, estende-se, manifesta-se com entusiasmo em angariar outros trabalhadores para a messe”³⁰⁹.

3.4.3. Uma espiritualidade atual

A missão evangelizadora ao modo vicentino é uma proposta espiritual assente em objetivos concretos, tal como diz o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*:

“Do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração. Estas propostas parciais e desagregadoras alcançam só pequenos grupos e não têm força de ampla penetração, porque mutilam o Evangelho. É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade” (EG 262).

Esta proposta de Francisco coaduna-se na perfeição com aquilo que Vicente propõe aos missionários e que a tradição vicentina solidificou ao longo dos tempos. Para Vicente, toda a espiritualidade assenta na capacidade de uma configuração total com Cristo. Na sua explicação sobre as virtudes missionárias, dá a entender isso mesmo. Assim como Cristo viveu todas essas virtudes, da mesma forma o missionário deve viver. Esta configuração com Cristo é, no fundo, a espiritualidade missionária da Igreja, tal como afirma no n.º 264 da *Evangelii Gaudium*: “A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-Lo cada vez mais” (EN 264).

³⁰⁸ *Ibidem*, 590.

³⁰⁹ R. P. MALONEY, “La Misión”.

3.5. Síntese

Se, no capítulo anterior, abordámos a dimensão evolutiva e as raízes históricas da Missão Popular Vicentina, neste capítulo aprofundámos a dimensão teológica, pastoral e espiritual da missão popular. Porque se trata de uma dissertação em teologia, é essencial abordar de um ponto de vista teológico os temas tratados. Neste sentido, os temas referentes à Missão Popular Vicentina são fundamentalmente as notas características que se desenvolveram neste capítulo: evangelizadora, caritativa, laical e espiritual.

É a partir destas características que podemos estabelecer a medida para o cumprimento desta atividade evangelizadora, pois todas estas estão interlaçadas entre si: sem evangelização teríamos uma missão fechada em si mesma; sem caridade, seria uma missão estéril (Cf. Tg 2, 26); sem a participação dos leigos, seria uma missão sem realidade; sem a espiritualidade, a missão seria mera ação social.

É a união destas quatro características – que se encontram em conformidade com o magistério atual – que potencia a eficácia de uma Missão Popular Vicentina.

Neste capítulo pretendemos também apresentar a justificação do próprio lema congregacional, ou seja, “evangelizare pauperibus misit me”. Passar do amor afetivo a um amor efetivo através da caridade; efetivar esse amor através do compromisso dos leigos numa dinâmica evangelizadora.

A confrontação histórica e teológica dar-se-á na análise prática da Missão Popular Vicentina, que será levada a cabo no próximo capítulo da presente dissertação.

4. A MISSÃO POPULAR HOJE: ANÁLISE PRÁTICA DA MISSÃO POPULAR VICENTINA

O novo capítulo, que agora se inicia, pretende fazer uma análise de campo sobre a situação atual das Missões Populares. Se, até ao momento, o nosso estudo se centrou na narrativa das origens e dos fundamentos da Missão Popular Vicentina e nos seus aspetos teológicos, neste capítulo iremos confrontar tudo isso com a realidade existente, com a verdade do concreto.

A pergunta que nos move neste momento é: será que a Missão Popular Vicentina é um meio adequado de evangelização para este novo tempo? Para respondermos a tal pergunta, optámos por recorrer aos recursos disponibilizados pelas ciências sociais, pois julgamos que a reflexão sobre a experiência de quem fez a missão permitirá elucidar-nos sobre a pertinência deste projeto missionário nos dias de hoje.

A chamada missão renovada tem mais de 30 anos e, com ela, muitas são as perguntas que surgem: será que durante estes 30 anos as mudanças ocorridas na sociedade e na Igreja nos obrigam a repensar a missão? Será correto chamar missão renovada a algo que não é renovado há mais de 30 anos? Será que este método de evangelização ainda produz frutos? Muitas questões surgem sobre este estudo, a algumas das quais tentaremos dar uma resposta, ainda que assumidamente limitada. No fundo, pretendemos proceder a uma avaliação daquela que é a missão primordial de uma instituição que faz da missão popular um baluarte há mais de 400 anos, no mundo e 300 anos, em Portugal.

4.1. Teologia e Ciências Sociais

A teologia é a ciência da fé, e esta tem como objetivo fundamental indagar de forma racional sobre a verdade salvífica, ou seja, sobre a Revelação de Deus aos Homens. A teologia como ciência que busca o saber de Deus, e, no nosso caso, a partir da experiência cristã, faz-nos perguntas cruciais que reflete esta busca de compreensão da fé^{310 311}. Para tal, a teologia deve ser interdisciplinar e histórica. “Interdisciplinar, pois,

³¹⁰ Cf. L. M. F. RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 211.

³¹¹ Cf. C. NOVOA M., “La teología es una ciencia histórica e interdisciplinar”, *Theologica Xaveriana* 141 (2002) 136.

deve dialogar com os outros saberes; e histórica, porque tem que encarnar-se nos grandes desafios da sociedade, como fez Jesus”³¹².

Assim sendo, esta relação da teologia com as outras ciências obriga o teólogo a ser mediador entre a fé e o mundo e a articular o saber teológico com a realidade que nos é dada a conhecer pelas ciências humanas. No fundo, trata-se de conjugar os dados da Revelação, nos diversos tempos, conjugando diversas formas, sobretudo, aqueles onde o Homem articula a sua realidade³¹³.

Podemos dizer que as “as ciências humanas fazem parte integrante do discurso teológico porque a tensão que existe entre os seus diversos sentidos faz emergir o ‘sentido de Deus’”³¹⁴. Se é verdade que ‘teologicamente’ o Deus revelado é o Deus da História, é oportuno considerar os elementos que descrevem esta última parte que comporta o “discurso sobre Deus, mesmo se a teologia possui uma finalidade que a distingue dos outros discursos”^{315 316}.

4.2. Métodos das ciências Sociais

As ciências humanas descrevem a realidade respondendo às perguntas da própria teologia. Para tal, a análise empírica da realidade é fundamental para compreender tal realidade. Os métodos para a compreensão desta dividem-se em três grandes grupos: quantitativos, qualitativos e mistos.

“Os métodos quantitativos centram-se na descrição causal da realidade, mas não nos permitem conhecer o significado das respostas obtidas. Não permitem perceber o sentido que uma prática ou uma crença, por exemplo, tem para quem a pratica. Por seu turno, os métodos qualitativos permitem ao investigador perceber o significado que uma determinada prática tem para o investigado, não se limitando a descrever o fenómeno, mas procurando que o investigador diga o significado que este tem para si. Por isso, os métodos quantitativos ganham em amplitude de amostra, ao passo que os qualitativos ganham em profundidade compreensiva; nos quantitativos as respostas são enquadradas num esquema prévio do investigador, ao passo que nos qualitativos a percepção que o investigador tem à

³¹² *Idem*.

³¹³ Cf. L. M. F. RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 211.

³¹⁴ *Idem*.

³¹⁵ *Idem*.

³¹⁶ Cf. A. SILVA; M. FOSSÁ, “Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos”, *Qualit@s Revista Eletrónica* 17 (2015) 6-7.

priori cede lugar à que o investigado tem da realidade. Os métodos mistos procuram, de acordo com o objeto de investigação, tirar o melhor partido de cada um dos anteriores”³¹⁷.

Dentro dos métodos apresentados, a teologia, nomeadamente a teologia prática, opta preferencialmente pelos métodos qualitativos porque, na diversidade de significações que o mundo comporta e na partilha de valores e significações que este contém, é importante dar primazia, no processo de investigação, aos pontos de vista subjetivos^{318 319}.

Neste nosso trabalho, temos como objetivo de estudo compreender a importância das missões populares para um contexto de nova evangelização, e, portanto, depois da teorização sobre o assunto, torna-se importante a utilização destes métodos de análise da realidade social, para darmos uma resposta, hoje, sobre esta temática.

4.3. Método utilizado: a entrevista

4.3.1. Pergunta de investigação

Depois de longo trabalho de investigação percebemos que a missão é o núcleo da Igreja e a sua essência. Depois de vermos como Vicente de Paulo encarou esta missão no seu instituto missionário (história, fundamentos, concretização e opções), de seguida vimos a dimensão teológica e espiritual da Missão Popular Vicentina mostrando os seus núcleos fortes, ou seja, as suas peculiaridades. Contudo, o nosso trabalho ficaria incompleto sem uma reflexão sobre a forma como a missão é realizada hoje. Por esse motivo, iniciaremos esta fase do nosso percurso com a pergunta fundamental: **São as Missões Populares Vicentinas um meio evangelizador no contexto atual?**³²⁰

4.3.2. Entrevista

Para dar resposta à pergunta fundamental, recorreremos, entre os vários métodos que a análise social nos oferece, à entrevista. Com a entrevista procurou-se compreender,

³¹⁷ L. M. F. RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 212–213.

³¹⁸ *Ibidem*, 213.

³¹⁹ Cf. H. GÜNTHER, “Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?”, *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 22 (2006) 202-207; e J. COUTARD, “Entretien, focus group et analyse de contenu”, in G. ROUTHIER; M. VIAU, *Précis de théologie pratique*, Novalis, Montréal, 2004, 102-104.

³²⁰ Cf. A. SILVA; M. FOSSÁ, “Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos”, *Qualit@s Revista Eletrónica* 17 (2015) 2-8.

de uma forma mais profunda o ponto da situação atual. A opção pela entrevista teve por base a vontade de perceber com mais detalhe algumas questões que estas conversas nos poderiam esclarecer. Apesar disso, a entrevista não pretende abarcar tudo, nem todos os assuntos serão tratados. Com estas entrevistas, o que pretendemos abarcar é apenas o que diz respeito à experiência da missão popular em geral. Não se pretende, por conseguinte, abordar outros conteúdos que não sejam a missão e a sua execução.

Para a formalização da entrevista, procurámos delinear um caminho para a condução da mesma. Para isso, elaborou-se um questionário dividido em áreas temáticas e, dentro dessas áreas temáticas, colocaram-se questões guia. Estas questões eram orientadoras, pois, numa entrevista é necessário ter em conta a variedade e riqueza de experiências e, portanto, a ordem e, muitas vezes, a temática leva-nos a que determinados assuntos sejam explorados, mesmo que estejam fora do guião, mas que de certa forma ajudam a compreender determinados pontos temáticos. Ressalve-se, no entanto, que o questionário serviu simplesmente como guia para a entrevista, de maneira a recolher de forma homogénea a informação dos entrevistados, não tendo perguntas com um carácter rígido e taxativo.

No que diz respeito ao objeto de análise, decidimos estudar algumas paróquias que receberam Missões Populares Vicentinas nos últimos anos. A escolha dessas paróquias deveu-se, sobretudo, a dois critérios: primeiro, o da temporalidade, ou seja, analisaremos apenas aquelas que receberam missão popular mais recentemente (nos últimos dez anos), para uma maior atualidade nas conclusões; segundo, o critério da territorialidade, pois tentámos uma diversidade geográfica na escolha das paróquias, tendo paróquias das seguintes dioceses Beja, Portalegre - Castelo Branco, Santarém, Viseu e Vila Real. Esta diversidade permite um leque de opiniões e de vivências mais abrangente e, por conseguinte, um menor reducionismo na hora de tirar conclusões.

O universo sobre o qual versou a nossa entrevista é um conjunto de dez sacerdotes e dois bispos. Foi feito um esforço por incluir quer sacerdotes vicentinos, quer sacerdotes diocesanos, de forma a garantir uma amostra mais eclética. Nas entrevistas foram ouvidos os párocos, pelo facto de ser o pároco aquele que melhor conhece a situação paroquial e, nesse sentido, ser quem se apresenta mais capacitado para poder ajudar na reflexão sobre a missão realizada na sua paróquia. Por outro lado, tendo a missão sido realizada a pedido dos párocos, consideramos igualmente importante refletir sobre as motivações que estiveram na base dessa opção, bem como sobre os resultados que consideram ter sido alcançados. A inserção de dois bispos neste leque de entrevistas justifica-se por terem

sido pastores de duas dioceses que receberam Missões Populares Vicentinas; por isso, estavam em condições de poder dar voz relativamente a esta opção pastoral na sua diocese. Refira-se, ainda, que no caso da Diocese de Beja, a realização da Missão Popular Vicentina se tratou de uma opção de fundo no que diz respeito ao desenvolvimento da pastoral diocesana.

Estas entrevistas foram realizadas pessoalmente, nos diversos locais, escolhidos pelos intervenientes. Foi realizada a gravação das mesmas em formato áudio. Depois de gravadas as entrevistas, todas foram transcritas e apresentadas em anexo³²¹.

A entrevista é constituída por perguntas abertas e, como já foi referido, esta opção pretende sobretudo – e atendendo à variedade de experiências dos entrevistados – possibilitar uma maior capacidade de resposta e uma maior liberdade crítica e de análise da realidade³²².

4.3.3. Questionário para as entrevistas

O questionário³²³ dividiu-se em cinco áreas e, dentro de cada área, encontramos perguntas que conduzem o entrevistado a dissertar sobre a temática enunciada. As perguntas vão no seguimento da estruturação da própria missão popular na atualidade³²⁴. As áreas temáticas são as seguintes: motivações da Missão, modelo de Igreja e situação paroquial, tempos da Missão, identidade da Missão Popular Vicentina e avaliação³²⁵.

A primeira área temática de análise – motivações da missão – tem como objetivo examinar os motivos que levaram à realização da Missão Popular Vicentina em determinada paróquia. Para tal, há quatro perguntas que nos direcionam: com que motivo escolheu a missão para a sua paróquia? Que objetivos traçou com a missão na sua paróquia? De quem foi a iniciativa? Porque a missão vicentina e não outra?

Através deste núcleo de perguntas pretendemos perceber: em primeiro lugar, as motivações que originaram a requisição da missão popular; em segundo lugar, se foi algo proposto ou imposto, até porque, se foi algo imposto, à partida condiciona a própria realização da missão; em terceiro lugar, qual o objetivo que se pretendia alcançar com a

³²¹ Cf. H. GÜNTHER, “Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?”, 206; e R. DUARTE, “Entrevistas em pesquisas qualitativas”, *Educar* 24 (2004) 220-224.

³²² Cf. V. BONI; S. QUARESMA, “Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais”, *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC* 2 (2005) 71-78.

³²³ O questionário que serviu de base às entrevistas encontra-se no Anexo I à presente dissertação.

³²⁴ Cf. Capítulo 2 da presente dissertação.

³²⁵ Cf. A. SILVA; M. FOSSÁ, “Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos”, 7-11.

missão e, a partir daí, a forma como e para a qual foi requisitada; em quarto lugar, perceber a preferência da escolha das missões vicentinas no panorama das missões que são oferecidas e, sabendo a motivação dessa escolha, captar o conhecimento primário ou as características base que o requerente tem para a preferência da missão vicentina em detrimento das outras missões.

A segunda área temática refere-se ao modelo de Igreja e a situação paroquial. Através deste ponto queremos descobrir o modelo eclesial que funciona ou que se pretende que funcionasse na paróquia para perceber se a Missão Popular ajuda, ou não, a conseguir esse modelo de Igreja. Tendo em conta que a Igreja é, por si própria, missionária³²⁶, pretende-se saber se esta consciência está presente nas diversas realidades paroquiais e nos seus pastores. Para isso, colocam-se três perguntas: primeira, que modelo de Igreja procura para sua paróquia? Com esta pergunta percebemos como o entrevistado vê a Igreja, e só através da sua visão do que é a eclesiologia é que podemos perceber aquilo que a missão pode ou não alcançar. A segunda pergunta: em que situação se encontrava a paróquia antes e depois da missão: movimentos, dinâmicas, caridade? Esta questão é o confronto da primeira, ou seja, a distinção entre o ideal e o real da situação paroquial. conhecendo esta distinção, saberemos a tarefa da missão naquela realidade e, por isso, surge a terceira pergunta desta área: a missão popular ajudou a encontrar esse modelo? Com esta pergunta vemos a ambição que cada pároco tem com a realização da missão e, através disso, poderemos medir a viabilidade do projeto missionário. Ou seja, entre aquilo que é a missão popular e aquilo que se pretende com ela.

A terceira área temática tem a ver com os tempos que formam a missão, isto é, o desenrolar da missão³²⁷. As perguntas vão na sequência deste ritmo: pré-missão, tempo forte da missão e pós-missão. O que se pretende nesta parte é confirmar se os esquemas da Missão Populares Vicentina têm confirmação no seu atuar. Para tal, analisamos o pré-missão, para percebemos como este é realizado, preparado, anunciado; como decorreu com os diversos protagonistas, animadores, visitantes e donos das casas, bem como a formação destes mesmos agentes. É importante perceber este pré-missão nestas dinâmicas para percebemos de que forma a missão foi pensada e através de que meios se vai realizar. Através da pré-missão já temos uma ideia de como vai decorrer o resto da missão.

³²⁶ Cf. Capítulo 1 da presente dissertação.

³²⁷ Cf. Capítulo 2 da presente dissertação.

O modo como nos colocamos na pré-missão vai orientar-nos para o modelo de missão a realizar. Ou seja, a aceitação ou não deste modelo vai mostrar algo sobre a vigência do mesmo, bem como sobre a vivência das próprias pessoas. Quando perguntamos pela aceitação, ou pela dinâmica da missão desenvolvida na casa das pessoas, estamos a questionar o próprio modelo da missão popular, visto que uma grande parte se dá nas comunidades familiares³²⁸.

Mas, se no pré-missão temos apenas uma visão pouco definida, pois a missão está na sua fase preparatória, no tempo forte confirmamos se tal planificação da missão se verificou realmente. A partir deste momento já é algo definido. Portanto, a pergunta relativamente ao tempo forte prende-se sobretudo com a adesão ao modelo da Missão Popular Vicentina, quer relativamente aos conteúdos³²⁹ quer relativamente às formas³³⁰.

A entrevista sobre o núcleo forte da missão não estaria cumprida se não se interrogasse o entrevistado sobre como decorreu o pós-missão, pois dele, depende o êxito da mesma. Ao interrogarmo-nos sobre o pós-missão, pretendemos saber se a Missão Popular Vicentina trouxe uma nova vivência à vida e estrutura paroquial.

A quarta área temática, é relativa à identidade da Missão Popular Vicentina. Portanto, o objetivo é saber se a Missão Popular Vicentina é promotora de caridade e de um laicado mais participativo e ativo para a missão³³¹. As perguntas desta área temática vão analisar não só se a missão é aplicável na sua integralidade e fidelidade, mas se aquilo que é identitário e distintivo da própria Missão Popular Vicentina continua a sê-lo. Portanto, quando perguntamos sobre os conteúdos da missão, a dimensão da caridade e a participação dos leigos, é para dar resposta aquilo que é o objetivo da Missão Popular Vicentina. Nisto constatamos se esta está a realizar, ou não, o seu labor.

Por último, a quinta área temática é de cariz avaliativo. Pretendemos neste ponto avaliar de forma concreta a realidade geral da missão. Para tal, colocamos as seguintes perguntas: entre aquilo que tinha em mente com a missão e aquilo que foi realizado houve muita discrepância? Em geral, recomenda a Missão Popular Vicentina a outros párocos? O que mudaria? Faria uma missão de novo? Com estas perguntas queremos, em primeiro lugar, ver as ressonâncias do antes e depois da missão entre aquilo que tinha em mente e aquilo que realmente aconteceu. Depois, colocamos as outras perguntas com um sentido

³²⁸ Cf. Capítulo 2 da presente dissertação.

³²⁹ Cf. Capítulos 2 e 3 da presente dissertação.

³³⁰ Cf. Capítulo 2 da presente dissertação.

³³¹ Cf. Capítulo 3 da presente dissertação.

indireto, crítico e construtivo, para perceber o que falhou, o que se pode fazer para melhorar, e se a missão tem força para continuar a ser um meio de evangelização.

4.4. Análise da informação recolhida com as entrevistas

Para analisarmos as entrevistas, vamos dividir em áreas de análise, tal como fizemos com as perguntas do questionário. O objetivo é perceber as linhas comuns que nos dão as respostas, para podermos retirar as ilações necessárias para redarguir à nossa pergunta de investigação. Colocaremos cinco áreas de análise: a primeira, relativa as motivações para a realização da missão; a segunda, sobre a situação eclesial; a terceira, sobre a estrutura da missão; a quarta, sobre a identidade da Missão Popular Vicentina; e, por último, sobre as perspetivas da missão. No final, far-se-á uma síntese conjunta que recolha de forma linear o pensamento resultante das entrevistas realizadas, com vista a dar resposta à nossa pergunta de investigação³³².

4.4.1. Motivações para a realização da missão

Analisando todas as entrevistas, percebe-se que o que motiva um padre para a realização da Missão Popular Vicentina é a renovação. Renovação, essa, que pretende sobretudo uma dinamização paroquial. Como refere o Padre Pedro Guimarães “sentimos que seria um grande desafio dinamizar as paróquias através da missão e aquilo que ela representa é basicamente o motivo principal que nos levou a realizar essas missões”³³³. A dinamização passa, segundo o Padre Miguel Ferreira, por “proporcionar às pessoas um tempo intenso de vivência Cristã, que permitisse também chegar um pouco fora. Ir além das pessoas que habitualmente vão a Igreja, conseguir chamar outras pessoas ao encontro com Deus”³³⁴. Ou seja, a Missão Popular Vicentina tem como objetivo, segundo a maioria dos párocos com quem falámos, a dinamização paroquial, a qual passa pelo chamamento daqueles que estão afastados, para uma vivência intensa da vida Cristã. Utilizando as

³³² Cf. H. GÜNTHER, “Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?”, 205-206; e A. SILVA; M. FOSSÁ, “Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos”, 7-12.

³³³ A transcrição completa da entrevista ao Padre Pedro Guimarães encontra-se no Anexo II à presente dissertação.

³³⁴ A transcrição completa da entrevista ao Padre Miguel Ferreira encontra-se no Anexo III à presente dissertação.

palavras do Padre José Alves, poderíamos dizer que a missão popular pretende “quebrar um pouco a rotina de uma pastoral já gasta”³³⁵.

Temos aqui o cerne da nossa questão, ou seja, a Missão Popular Vicentina como meio revitalizador e de dinamização paroquial. Esta é a grande motivação que provoca os párocos a pedir a missão popular. Se essa transformação se realiza, isso já é outra questão a que pretendemos responder.

Nesta linha de renovação, coloca-se a questão das motivações para a escolha da Missão Popular Vicentina em detrimento de outras. No que diz respeito aos párocos da Congregação da Missão, a resposta é evidente, pois, como membros daquele instituto missionário, é uma forma de colocar a sua especificidade em ato. Contudo, no que diz respeito, aos párocos diocesanos, existem outras motivações: motivações pessoais – “foi mais uma relação pessoal (...) que por várias congregações em hipótese e depois olha vou escolher esta por isto. Não! Foi mais uma relação pessoal”³³⁶ (Padre Manuel Machado); conhecimento – “eram os que eu conhecia, ainda não conheço outra assim com mais iniciativa”³³⁷ (Padre Abílio Raposo); presença – “de facto, a Congregação da Missão teve aqui um papel fundamental, talvez por esta sua vocação, pela presença que tiveram no Alentejo”³³⁸ (Padre Manuel António); opção – “pedi-lhes para ir para lá (...) e então pedi para fazermos missões (...) tendo como missão principal animar (através) das missões populares”³³⁹ (Padre Diamantino Marques); enquadramento no seu projeto pastoral – “porque era o que tinha de mais próximo com o projeto em que eu estava incardinado”³⁴⁰ (Padre Joaquim Costa); ou pela divulgação – “conhecendo o projeto da missão popular por uma ou outra crónica do jornal diocesano” (Padre Miguel Ferreira). Portanto, não vemos em nenhuma destas opções algo vinculado a uma multiplicidade de escolhas, mas a razões concretas, objetivas e circunstanciais. Algo muito importante que nos é dado perceber é que as missões populares, como dinâmica pastoral não é algo muito conhecido, significa, e não generalizando, que a publicidade dada a esta dinâmica de evangelização

³³⁵ A transcrição completa da entrevista ao Padre José Alves encontra-se no Anexo IV à presente dissertação.

³³⁶ A transcrição completa da entrevista ao Padre Manuel Machado encontra-se no Anexo V à presente dissertação.

³³⁷ A transcrição completa da entrevista ao Padre Abílio Raposo encontra-se no Anexo VI à presente dissertação.

³³⁸ A transcrição completa da entrevista ao Padre Manuel António encontra-se no Anexo VII à presente dissertação.

³³⁹ A transcrição completa da entrevista ao Padre Diamantino Marques encontra-se no Anexo VIII à presente dissertação.

³⁴⁰ A transcrição completa da entrevista ao Padre Joaquim Costa encontra-se no Anexo IX à presente dissertação.

depende sobretudo da presença da Congregação da Missão naquelas determinadas zonas. Portanto, os meios de divulgação são limitados à presença da Congregação da Missão e a um conhecimento pessoal de determinados membros da Congregação que influenciaram a sua realização.

Outro ponto de análise é relativo à requisição da Missão Popular Vicentina. Em todas as entrevistas vemos que a missão parte é opção do pároco. E, no caso diocesano, do Bispo. Assim sendo, e face ao ponto anterior, vemos que a missão popular é requisitada de uma forma bastante livre. Apesar de no caso de Beja ter sido opção diocesana, os Párocos não estavam obrigados a tal, segundo o Padre Abílio Raposo: “O Bispo é que motivou os padres a pedir as missões para as várias paróquias e, nessa altura, fiz também, mas podemos dizer que foi por iniciativa minha. Não era obrigado a fazer. É evidente que muitos padres não fizeram”³⁴¹. Portanto, se as missões são requisitadas livremente, reflete que algo pretenderão com elas, ou seja, que não houve coação, mas uma disponibilidade e abertura para abrir as paróquias a uma nova dinâmica pastoral que na maioria dos casos é desconhecida nas suas consequências.

4.4.2. Modelo de Igreja e situação paroquial

Como vimos ao longo do primeiro capítulo, a Igreja é por si missionária, e a sua essência funda-se na missão. Vimos que essa consciência missionária nem sempre foi clara ao longo dos tempos, mas que nos últimos anos se tem reafirmado essa importância, quer na consciência eclesial, quer na própria documentação do magistério. Nas diversas entrevistas nota-se isso mesmo. Ou seja, há uma procura de uma Igreja ao estilo do Vaticano II, segundo o Padre Manuel Machado: “o modelo da Igreja que eu pretendia, que eu pretendo ainda, porque não mudei de opinião, nem de convicções, dessa matéria é o modelo do Vaticano II, ou seja, uma Igreja comunhão, a Igreja que tem consciência de ser um povo e, portanto, um povo de comunhão e para a comunhão e, naturalmente, a partir da comunhão gerando a consciência da missão. Portanto é aquele modelo do Povo de Deus da *Lumen Gentium*, do Vaticano II”³⁴².

Na mesma linha vão todos os entrevistados, realçando a importância do modelo missionário como o modelo que procuram para a sua paróquia, bem como a

³⁴¹ A transcrição completa da entrevista ao Padre Abílio Raposo encontra-se no Anexo VI à presente dissertação.

³⁴² A transcrição completa da entrevista ao Padre Manuel Machado encontra-se no Anexo V à presente dissertação.

corresponsabilidade: “quero uma Igreja próxima das pessoas, aí muito no seguimento do que o Papa Francisco hoje nos propõe, mas também tenho procurado uma Igreja assente na corresponsabilidade” (Padre Miguel Ferreira). Esta corresponsabilidade que assenta numa maior responsabilização dos leigos tal como afirma o Padre Bruno Cunha: “uma Igreja cada vez mais pertencente aos leigos (...) que não seja tão clerical”³⁴³.

Como vemos, existe uma procura para adaptar a paróquia para um modelo de Igreja mais concernente com os tempos de hoje e, na maioria, veem a missão como uma possibilidade de que esse modelo de Igreja seja conseguido: “creio que este modelo [refere-se às missões populares] de uma igreja mais próxima do povo, baseada em comunidades, creio que faz todo o sentido na nossa realidade do Alentejo” (Padre Manuel António). Alguns dos entrevistados vão ainda mais longe afirmando, por exemplo, como faz o Padre Manuel Machado: “é aquele modelo do povo de Deus da *Lumen Gentium*, do Vaticano II. Eu sabia que nos esquemas de trabalho da missão popular esse modelo de Igreja estava presente”.

Na sequência das entrevistas, vemos ainda outro fator muito importante relativamente à situação paroquial. Na generalidade dos entrevistados, constatamos que um dos objetivos que pretendem alcançar com a missão na sua paróquia é que a missão leve a uma maior participação das pessoas na vida da paroquial: “encontrei-me na Brogueira com muito pouca prática, sobretudo com gente muito idosa, portanto (a missão) era uma tentativa de chegar a mais gente e ver se levava mais pessoas” (Padre Diamantino Marques).

Certamente, o desejo de todo o pároco é que a missão, como atividade de evangelização, chame mais gente à Igreja e que leve a um maior número de participantes, nomeadamente na Eucaristia. Contudo, na maioria dos nossos entrevistados vemos que isso não aconteceu e o que aconteceu foi muito aquém: “numa das paróquias, pessoas que não iam, começaram a ir, isso é verdade. (...) noutra paróquia a missão foi muito difícil” (Padre Miguel Ferreira). Neste sentido, afirma o Padre José Gonçalves³⁴⁴: “conheço gente que se aproximou nessa ocasião (...) mas, depois, às vezes não é muito fácil”.

Portanto, vemos que os objetivos da missão popular se relacionam bastante com aquilo que os párocos desejam para a sua paróquia, ou seja, uma corresponsabilização

³⁴³ A transcrição completa da entrevista ao Padre Bruno Cunha encontra-se no Anexo X à presente dissertação.

³⁴⁴ A transcrição completa da entrevista ao Padre José Gonçalves encontra-se no Anexo XI à presente dissertação.

laical, com uma maior participação na vida da Igreja, com uma dinamização missionária da vida paroquial, com uma igreja que vai ao encontro. Contudo, as opiniões, apesar de não serem radicalizadas, dizem que a missão decepciona depois nos seus resultados. Isto deve-se, por um lado, ao desejo de que a missão seja uma solução para os problemas da falta de participação, criando expectativas demasiado elevadas, no que diz respeito aos resultados que a missão vai produzir, chegando até a uma pequena obsessão numérica. Por outro lado, vemos que a missão não pode ser apresentada como uma solução que vai revolucionar a dinâmica pastoral da Igreja, porque, como vemos na maioria das respostas, isso não aconteceu.

4.4.3. A missão e os seus tempos

Como vimos nos capítulos anteriores, a missão desenvolve-se em três tempos: o pré-missão, o tempo forte da missão e o pós-missão. O pré-missão consiste no anúncio e na preparação da missão nas suas estruturas. O tempo forte corresponde a duas semanas de presença na paróquia a missionar. Estas duas semanas são divididas da seguinte forma: na primeira, desenvolvem-se na paróquia a formação de comunidades familiares, ou seja, núcleos constituídos em casas das pessoas onde aprofundam temas da vida cristã. A segunda semana desenvolve-se na Igreja paroquial, onde são feitas celebrações temáticas com pregação. O pós-missão é a continuação do que foi recebido no tempo forte, principalmente a nível catequético, com as comunidades familiares da missão, agora como seu principal agente.

É importante perceber se este esquema de missionação ainda se ajusta à realidade, pois aqui está o cerne desta proposta de evangelização.

4.4.3.1. Pré-missão

Relativamente ao pré-missão, na maioria, todos os entrevistados falam deste tempo com pouco entusiasmo e com um certo marasmo. Alguns afirmam que este tempo “não teve assim uma preparação especial” (Padre Diamantino Marques), outros afirmam que nem sempre foi assim, ou seja, “nem sempre havia esse pré” (Padre Abílio Raposo). Alguns falam da dificuldade: “foi muito complicado para as comunidades agarrarem o pré-missão” (Padre Miguel Ferreira). Em alguns casos, “houve assim muitas resistências (...) até à última da hora” (Padre Bruno Cunha). Existem casos de sucesso, como é o caso do Padre Joaquim Costa, que nos diz que já tinha uma estrutura bastante rodada e

que o esquema da missão encaixava no modelo de Igreja que ele já tinha implementado. O Padre José Alves fala-nos deste período de pré-missão como um processo evolutivo, desde a desconfiança sobre a missão até ao reconhecimento enquanto processo de evangelização potencialmente valioso.

Contudo, o que nos apercebemos, no geral, é que a vivência dominante deste período de pré-missão não é bastante frutífera, apesar de todos reconhecerem que o tempo de pré-missão é fundamental para o desenvolvimento da mesma.

Podemos aperceber-nos de alguns dilemas que levam a esta problemática. Em primeiro lugar, há um anúncio bastante rudimentar pouco adaptado aos tempos de hoje: o porta-a-porta e a sua confusão com as Testemunhas de Jeová; o envio de cartas num tempo que pede uma maior abertura a tudo o que seja digital, nomeadamente, a tudo o que diz respeito ao uso dos meios eletrónicos e digitais, como telemóvel, redes sociais e outro tipo de plataformas. É interessante que em nenhuma das entrevistas é mencionado e focado com grande relevo as formas de anúncio, nem os recursos às plataformas digitais como instrumento de trabalho. O anúncio realizado na Igreja paroquial é bastante redutor, pois não se torna abrangente para aqueles que estão fora do núcleo que participa nas celebrações eucarísticas.

Outras das dificuldades mencionadas foram a fraca disponibilidade das pessoas em disponibilizar as casas para as reuniões familiares e assumir a animação das mesmas comunidades. Julgamos que estas duas dificuldades estão interligadas, pois o problema é o mesmo. O Padre Abílio Raposo fala-nos desta problemática da seguinte forma: “nos últimos anos as pessoas fecharam-se um bocadinho, e mais entrar dentro da casa das pessoas é difícil, hoje em dia é difícil e está a piorar dia para dia. Antigamente as pessoas não tinham esse pudor de mostrar a casa, não querem que vão lá para dentro espreitar o que é que elas têm. Têm mais bibelôs, têm menos bibelôs, se tem mais uma estante menos uma estante ou o sofá está novo ou está roto (...) eu falei nisso, também aos padres Vicentinos, que era a questão das assembleias familiares têm que ser repensadas e bem pensadas é porque realmente as pessoas foram-se recusando muito. Nós para arranjar numa rua uma casa que recebesse os vizinhos às vezes era difícil. Muito difícil”.

Um testemunho que espelha bastante o espírito de quase todos os entrevistados. A situação atual revela dificuldades, o novo modelo de sociedade caracterizada, como diz o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, pela autorreferencialidade (EG 95) leva a que muita gente já não se sinta à vontade com determinados mecanismos de evangelização, nomeadamente, tudo o que diga respeito a entrada do “outro” na minha esfera pessoal.

Neste seguimento, tudo o que se refere a logística da missão – alojamento e refeições – tem a tendência a seguir a mesma linha. Os entrevistados, na sua maioria, referiram que esse aspeto não foi tão difícil, principalmente no que diz respeito à oferta das refeições à equipa missionária. Aliás, houve casos, como o de São Salvador, em que esta disponibilidade foi um aspeto bastante positivo: “por um lado, para oferecer almoço e jantar à equipa missionária e aos sacerdotes houve abertura, não tivemos dificuldade quanto a isso. Foi uma coisa natural” (Padre Bruno Cunha). Certamente, esta naturalidade resulta de a refeição ser algo breve e esporádico que faz com que as pessoas não tenham esse problema de a oferecer.

Outro ponto relevante é também a formação dos próprios agentes missionários. A sua preparação ao nível de conteúdos fica deficitária com o difícil desenvolvimento da pré-missão. Em muitos casos podem, utilizando a expressão do Padre José Alves, cair em meros “leitores de ficha”. Nota-se que esta preparação dos agentes, em alguma parte dos casos, foi descurada, não pela falta de material, mas pela problemática da falta de adesão. O investimento na animação missionária é algo que não pode ser descurado. Neste sentido, é interessante que os casos de sucesso se verificam onde existe um maior envolvimento do pároco, conforme realçam os Padre Pedro Guimarães, Joaquim Costa e Abílio Raposo. Como diz o Padre Manuel António, “a pré-missão só funciona de facto, se houver gente que possa fazer a animação das comunidades e, portanto, é fundamental investir na escolha das pessoas, porque um mau animador, animador impreparado, para não dizer outra coisa, no fundo pode por em causa esse trabalho”.

Outro aspeto relativo ao pré-missão e que ao longo das entrevistas foi muito realçado é a importância de um conhecimento precedente da realidade, tal como afirma o Padre Diamantino: “agora julgo que precisávamos de (...) fazer um certo estudo sobre a linguagem desta gente, quais são os valores desta gente, as necessidades desta gente”. Conhecer o público para o qual a ação se dirige é fundamental para a realização da missão popular e para que toda ação não seja desencarnada e desajustada à realidade existente. A missão popular deve ser uma ação inculturada.

Em suma, e utilizando as palavras do Padre Bruno Cunha: “a preparação da Missão é essencial para o sucesso da missão”.

4.4.3.2. Tempo forte

O tempo forte segue a tendência da pré-missão. No que diz respeito à primeira semana da missão e ao desenvolvimento das comunidades, esta depende muito de como é preparada: se a sua preparação tiver sido com sucesso, o tempo forte, principalmente a primeira semana, têm a tendência para correr bem. O caso não acontece quando se dá o contrário, ou seja, quando o pré-missão não corre como o esperado. O Padre Miguel Ferreira, na sua entrevista, diz-nos: “numa das paróquias em duas partes da terra eu consegui que as reuniões familiares fossem na sede do rancho, numa parte da terra que é muito distante da Igreja e, por aí, pessoas que normalmente não vão a Igreja foram a esses encontros”. Existe esta tentativa de colocação das comunidades familiares em locais neutros, contudo, o nível de adesão não é relevante. O Padre Bruno Cunha, nesta mesma linha e com os fracos resultados na adesão às comunidades familiares na paróquia de São Salvador, tentou o projeto de realizar comunidades familiares através dos grupos da paróquia. Uma comunidade com as conferências vicentinas, com o centro social, com os escuteiros e a catequese, mas não teve sucesso, tendo sido reduzida a taxa de participação.

O que ainda resiste de alguma forma é a segunda semana da missão. Nas entrevistas não existe um espírito tão derrotista quando se fala desta segunda semana. Há casos, como relata o Padre Manuel Machado, em que as “Igrejas estavam a abarrotar”. O Padre Abílio Raposo afirma até que foi nessa segunda semana que teve a oportunidade de encontrar as camadas mais jovens.

Estas duas semanas, juntamente com aquilo que vimos na análise da pré-missão, permite-nos retirar uma ideia que se torna transversal: toda a atividade da missão que tenha um carácter efêmero, tem adesão. Pelo contrário, em tudo aquilo que envolva um compromisso e durabilidade, a adesão é menor. Vemos também que este desequilíbrio na adesão se reflete porque na primeira semana há uma maior exposição pessoal, enquanto na segunda as pessoas dissolvem-se no anonimato de uma assembleia eucarística.

4.4.3.3. Pós-missão

Utilizando a expressão do Padre Abílio Raposo, poderíamos definir o tempo da pré-missão como “o calcanhar de Aquiles”. Segundo ele, são “calcanhares de barro que partem facilmente e aquilo que aconteceu na esmagadora maioria foi isso”. A maioria dos nossos entrevistados fala deste tempo de pós-missão com bastante decepção pois não veem

este projeto como algo duradouro. Há três razões nas quais podemos verificar o insucesso deste pós-missão: o primeiro é decorrente daquilo que foi dito, ou seja, não havendo um bom começo, dificilmente haverá um bom fim. O problema da pré-missão é o problema do pós-missão. O segundo tem a ver com a algo também já referido, que é a durabilidade. Ou seja, a ambição que este projeto das assembleias familiares seja algo permanente, quando vemos através da experiência que assim não é: “se não houver continuidade nenhuma acaba, mas fica sempre alguma coisa. Penso eu. Às vezes queríamos que ficasse mais. Era muito bom, sobretudo as comunidades ficarem assim, a reunirem-se, etc... isso nem sempre é fácil. Se calhar, também é como tudo: começa, cresce, desenvolve-se e depois vai morrendo” (Padre José Gonçalves). O terceiro aspeto que leva a justificar a nossa afirmação é que a missão popular não é clara na promoção efetiva das pessoas nas estruturas. Nas entrevistas ao Padre Pedro Guimarães e ao Padre José Alves, há um determinado momento em que um dos frutos da missão foi a responsabilização de algumas pessoas nos serviços da paróquia ou, pelo menos, uma abertura para tal. O Padre Abílio Raposo mostra preocupação sobre este tema, falando que é necessária uma promoção no que se refere à responsabilização das pessoas na paróquia. Outros entrevistados não mencionam essa abertura para essa responsabilização. Torna-se evidente que a missão, para produzir frutos, tem de encarnar na estrutura vigente, ou seja, a paróquia, e não ser apenas um apêndice.

Mas, se é certo que estes três pontos fazem a síntese do que é o pós-missão, poderíamos mostrar que o sentimento dominante é o de que a missão foi apenas um “levantar o pó” ou “um tempo de graça” que “deu para conhecer a paróquia”. Estas expressões, no sentimento geral dos entrevistados, mostram-se como uma espécie de consolo por algo que se defrauda nas suas expectativas. É verdade que nem todos têm este sentimento. E a utilização destas expressões não diminuem o valor que elas contêm. Contudo, é notório que há muitas dificuldades ainda por resolver, principalmente, no que diz respeito àquilo que se pretende com a realização da missão, bem como o desfasamento entre aquilo que é a missão em si, com as suas estruturas e procedimentos, com a realidade social envolvente.

4.4.4. Identidade da Missão Popular Vicentina

A Missão Popular Vicentina tem três pontos que compõe a sua identidade, ou seja, que fazem parte da sua génese; são eles: a catequese, a promoção laical e, de uma forma especial, a caridade.

No que se refere à catequese, como vimos anteriormente, o conteúdo da fé é sempre o mesmo e, como tal, a este nível tais catequeses não são alvo de nenhuma objecção ou confrontação. Há, sim, ao longo das entrevistas uma ou outra interpelação relativamente à forma. Refere o Padre José Alves que “mudaria essencialmente, eu não digo tanto os temas, mas a maneira de os apresentar. Eu tornaria a ficha da catequese das primeiras semanas (...) mais simples”.

Nas entrevistas, é notória a importância que os párocos dão às catequeses, e de como estas constituem um ponto forte da missão: “depois uma coisa que é básica em todas as comunidades, e nas comunidades onde não houver, essa comunidade tem os dias contados para a morte que é a catequese” (Padre Abílio Raposo). Portanto, toda a dinâmica evangelizadora deve primar por a formação da sua comunidade. E, como podemos confrontar com todos os entrevistados, é algo a Missão Popular Vicentina tem como valor.

No que diz respeito à promoção laical, vemos que a própria estrutura da missão permite um espaço para que tal aconteça. Quando falamos dos animadores, visitantes, e mesmo a constituição da equipa missionária, tudo é prova de que tal espaço existe. A questão que não ficou suficientemente clara – e isto deve-se possivelmente ao facto de as entrevistas terem sido feitas apenas a sacerdotes –, é se, de facto, esse espaço é realmente aproveitado ou não. Isto é, se os leigos efetivamente assumem de forma plena as suas funções e se é um trabalho real de promoção da sua missão na Igreja.

Mas a Missão Popular Vicentina tem uma característica ainda mais peculiar que é a caridade. Desde as suas origens, vemos que é algo distintivo relativamente aos diferentes institutos que realizavam obras semelhantes. Mas será que ainda hoje é assim? A nossa resposta dá-se em três linhas: aqueles que corroboram esta peculiaridade, aqueles que não e aqueles que sim, mas com formas diferentes.

Segundo as nossas entrevistas, vemos que existem aqueles para quem a principal atividade é a caridade: “estive francamente presente e até posso dizer mais como testemunho. Penso que é das dimensões que mais fazem as pessoas aderir à missão, ou seja, as pessoas gostam de ver que, sim senhor, que há muita oração, que há muita

reflexão, que há reflexões bíblicas, que há reflexões eclesiais, mas precisam de ver isso complementado na ação caritativa. Eu acho que a grande mais valia da missão vicentina é mesmo exatamente a missão da caridade, sem dúvida nenhuma. E penso que é uma faceta muito importante que devem fomentar e que devem sempre valorizar o mais que puderem, porque é isso que agarra muitas pessoas” (Padre Manuel Machado).

Outros dizem que não notaram que a dimensão da caridade fosse uma nota característica da Missão Popular Vicentina: “não notei que fosse o objetivo principal em nenhuma das missões que foram feitas. Nunca notei que fosse esse o objetivo fundamental” (Padre Abílio Raposo).

Existe outro grupo que nota que a missão promove a caridade, mas de outra forma: “isso acho que fica muito evidenciado com (...) uma das tarefas que a equipa missionária tem que é a visita aos doentes, visita às instituições sejam elas quais forem, visita aos idosos, todas essas instituições, enfim que se dedicam ao serviço dos mais fragilizados isso para colmatar e para fazer essa referência que deve estar sempre presente na identidade da missão popular e sempre esteve presente que é a dimensão da caridade. Claro que, para nós, nestas duas missões que houve essa dimensão só ficou praticamente visível na visita aos doentes, porque quanto a conferências vicentinas ou quanto à caridade em si já existe (...) o que se poderia ter feito mais e não se fez era uma tentativa de dinamização”.

Portanto, existe uma ideia dominante que é a de que caridade é algo importante na missão da Igreja. Contudo, não se espelha da mesma forma: se no tempo de Vicente de Paulo a caridade era algo que necessitava de ser fundada e organizada, hoje esta está presente na maioria das paróquias e certamente a missão descuida-se pois tem essa ideia formada em que já não é necessário fazer mais nada. No entanto, há que encontrar novas formas para que esse pilar – que é a caridade – não seja algo confuso, mas algo claro na identidade da missão popular e daqueles que a requisitam.

4.4.5. Avaliação

Quando falamos em avaliação, no fundo queremos perceber algumas questões que poderão indicar o futuro do que é a missão vicentina. Ao longo das entrevistas é notória uma linha comum. Relativamente à avaliação da missão, a maioria dos entrevistados refere que faria uma missão de novo; contudo, alguns ressaltam que fariam de forma diferente, ou seja, com algumas remodelações. Esta resposta confirma aquilo que ao longo

das entrevistas se vai mencionando que é a necessidade de um maior conhecimento da realidade. Esta mesma menção é uma das críticas que alguns dos entrevistados fazem à Missão Popular Vicentina: “julgo que é um problema de evangelização de hoje que nós precisamos de refletir muito bem (...) estes métodos. Não ponho em dúvida o valor da missão. Ver, conhecer bem cada terra onde se vai, porque não são todas iguais” (Padre Diamantino Marques).

Neste sentido, verificamos que os entrevistados consideram a missão como um valor, mas que algo falha, pois, os resultados não são os que se esperariam de uma ação pastoral deste género. Entre as expectativas e a realidade vemos ao longo das entrevistas que existe algum desfasamento. Por um lado, vemos que as expectativas dos párocos são ambiciosas, mas também é real que a missão popular não dispõe de determinadas competências para o fazer. Não se pode encarar a missão popular como possuidora de um sebastianismo pastoral, que resolverá problemas de fundo de toda a pastoral da Igreja.

Outro aspeto bastante interessante e transversal a todos os entrevistados é que todos eles recomendariam a missão a outros colegas e que na maioria voltariam a fazer de novo. Entre estas opiniões, temos de excluir uma certa defesa da instituição por parte dos seus membros, mas quanto aos restantes entrevistados nem todos afirmaram isso com o mesmo entusiasmo, porque as justificações precediam de certos clichés que apesar de serem válidos, revelam algum desencanto: “para mim foi um tempo de graça era uma coisa que o Padre João Maria repetia muito, que a missão é um tempo de graça. A missão foi um tempo de graça para a paróquia, para aquela comunidade, para as pessoas que lá estavam, para mim, como pároco, portanto se as duas missões valerem por isso eu acho que já valem muito” (Padre Miguel Ferreira).

Na sua entrevista, D. Augusto César³⁴⁵, Bispo Emérito da Diocese de Portalegre – Castelo Branco e membro da Congregação da Missão, realça um tema que nos parece bastante pertinente: a questão da formação. Segundo este Bispo, parece haver uma formação insuficiente dos membros que compõem a equipa missionária, concretamente no que se refere às Irmãs e aos leigos: “(...) penso que a Congregação por exemplo das Filhas da Caridade (...) deve destinar duas ou três irmãs que acompanhem as missões populares mas, para isso, elas devem ter reuniões de formação com o padre que vai fazer as missões. (...) penso que era preciso haver uma formação, portanto, durante um ano ou dois. (...) E os leigos a mesma coisa”. Por outro lado, destaca que, em alguns casos, o

³⁴⁵ A transcrição completa da entrevista a D. Augusto César encontra-se no Anexo XII à presente dissertação.

pouco comprometimento dos párocos com o pós-missão impediu que fosse alcançado um maior sucesso nas comunidades: “é preciso de facto que o pároco seja alguém que assuma a importância e sobretudo que saiba pegar nas pessoas, sejam poucas, ou sejam muitas que sigam e que agem por convicção e então com elas que comece a trabalhar e a dar continuidade à missão”.

Já D. Vitalino Dantas indicou, na sua entrevista³⁴⁶, que não se espera que a missão popular mude as estruturas e que crie uma nova concepção de Igreja; com efeito, considera que a missão popular é simplesmente um meio que tem a potencialidade de conduzir as pessoas à Igreja. Dá como exemplo o caso de Beja, onde considera ter sido a Missão Popular Vicentina a impulsionadora do Sínodo Diocesano: “não podemos dizer que houve uma mudança de estruturas ou de concepção de Igreja, mas houve uma aproximação muito grande entre o povo e os missionários, quer fossem padres, Bispo, consagrados, consagradas ou leigos. Porque a Igreja, portanto, é realmente a comunidade de todos os batizados; de todos aqueles que seguem Jesus Cristo; de cada um segundo a sua vocação, e essa aproximação houve. Eu creio que até foi daí que surgiu a ideia também de se realizar um sínodo Diocesano, que foi o primeiro sínodo quase 250 anos da história da restauração da Diocese, por isso, creio que em muito lados se sentiu que a Igreja estava presente não apenas pelo Bispo ou pelo padre, mas também pelos leigos e pelos cristãos”. Destacou ainda, entre outros aspetos, que o esquema das Missões Populares Vicentinas lhe parece adequado, mas que deveria ser adaptado de acordo com as comunidades a que se destina: “eu creio que o esquema ou sistema das missões populares pode-se manter, mas tem de se adequar um bocadinho às pessoas que vivem num determinado local. Se há pessoas que são mais afastadas da Igreja, temos que as ajudar, naquilo que são os rudimentos da fé; e a palavra de Deus é sempre um alimento forte para as comunidades”.

4.5. Conclusões

A primeira conclusão que é possível retirar do trabalho realizado é relativa ao método que utilizámos para a recolha de dados para a reflexão, ou seja, a entrevista. Com efeito, foi possível concluir que, para uma análise mais completa, necessitaríamos de um maior número de entrevistados, mas sobretudo de uma maior variedade, ou seja, de uma análise de todos os agentes que intervêm na missão, desde a equipa missionária a todos

³⁴⁶ A transcrição completa da entrevista a D. Vitalino Dantas encontra-se no Anexo XIII à presente dissertação.

aqueles que participam nos seus diversos graus. Se tal análise fosse realizada dessa forma, certamente o nosso estudo teria uma base mais consistente. Contudo, e na impossibilidade de chegar a todos esses intervenientes, optou-se por fazer aos párocos das paróquias onde a Missão Popular Vicentina foi realizada. Apesar desta opção, ao longo das entrevistas podemos retirar algumas conclusões que nos vão ajudar a responder à nossa pergunta de investigação.

Podemos concluir que a missão popular é uma ação evangelizadora, extraordinária, que não pretende abarcar tudo, nem ser uma solução para resolver os problemas estruturais que a pastoral de hoje exige. A missão popular possui um projeto próprio com características próprias, moldável na sua aplicação, mas não nos seus princípios.

Percebemos que a missão assenta em fundamentos sólidos, que é a mensagem de Cristo e do seu reino, concretizados sobre a forma de anúncio, ou seja de missão. Este anúncio terá uma maior ou menor profundidade – e, em consequência, uma maior ou menor possibilidade de atingir o propósito evangelizador e catequético da missão – consoante a preparação dos agentes missionários. Após os testemunhos recolhidos, foi possível concluir que esta formação deve ser intensificada, sobretudo no que às Irmãs e aos leigos diz respeito.

Vemos que, apesar dos pilares da sua fundamentação serem sólidos, a sua concretização revela-se deficitária: o seu anúncio não é um anúncio para todos, ou seja, não se adequa uma sociedade que vive apetrechada de tecnologia. A missão não convive com o fenómeno digital; as catequeses são adequadas a nível de conteúdo, mas a sua forma, revela alguns problemas, nem a linguagem satisfaz os mais simples, mas tão pouco chega a satisfação daqueles com mais formação. A formação das assembleias familiares torna-se cada vez mais difícil, apesar de muitas vezes a missão romper com isso e criar proximidade, nota-se que em muitos lugares a criação destas comunidades torna-se praticamente impossível.

Em alguns contextos, a missão popular deve mostrar mais flexibilidade no seu desenvolvimento, e fazer uma análise mais profunda da realidade existente, para que a sua resposta seja encarnada e efetiva. Esta flexibilidade deve ter, nomeadamente, em conta o ambiente em que se realiza a missão, uma vez que esta, se deve desenvolver de forma diferente consoante o ambiente urbano ou rural.

Para que a missão, possa ser uma resposta duradora é necessário que apesar da sua natureza extraordinária produza frutos ordinários. Portanto a missão popular deve desaguar naquilo que é a pastoral ordinária que a paróquia oferece.

A missão deve evidenciar mais as suas potencialidades e, como o Padre Manuel Machado referiu, a caridade deve ser a característica na qual a missão deve investir. A Igreja, na pessoa do Papa Francisco, tem realçado muito esta dimensão; portanto, a missão popular não pode permanecer na incerteza desta sua característica. É certo que a ação caritativa é algo que em muitas paróquias já está instituída, mas também é certo que há novas formas e métodos de promover a caridade e a justiça social. A missão popular deve descobri-los e fazer deles o seu baluarte, tal como o seu fundador o fez. Os pobres, por desgraça, são uma constante no mundo, logo são uma tarefa constante da missão.

Sabemos também que a missão popular tem duas valências: *ad intra*, ou seja, proporcionar a todos aqueles que estão evangelizados uma renovação daquilo que é a fé; mas, e sobretudo nos dias de hoje, a missão deve ser um primeiro anúncio para aqueles que estão mais afastados, devendo, por isso, a missão incidir sobre esses.

Um dos fatores que pode contribuir para uma melhor realização da Missão Popular Vicentina é o compromisso do Pároco com o projeto missionário, em todo o processo da missão, quer na sua preparação, no seu desenvolvimento e, sobretudo, no pós-missão.

Por fim, volta-se de novo à pergunta que nos propusemos responder: são as Missões Populares Vicentinas um meio evangelizador no contexto atual? Podemos concluir que as missões são um meio evangelizador, mas não podemos dar, com tanta certeza, uma resposta positiva à segunda parte da questão. É verdade que a missão popular é um meio evangelizador, mas não podemos confirmar a sua atualidade com a mesma certeza. Isto leva-nos a concluir que deve ser feita uma análise metodológica da missão, mas sobretudo que esta deve ter a capacidade para ler os sinais dos tempos. Como dissemos anteriormente, não se trata de um problema de conteúdo, mas de forma. James Mallon, no seu livro *Una Renovación divina*, chama a atenção para isto mesmo:

“esta mudança necessária é, por isso, uma mudança de cultura. No documento de Aparecida de 2007, que analisei no capítulo quarto, os bispos da América Latina (entre eles o futuro Papa Francisco) concluíram que aqueles que deixaram a Igreja Católica para unirem-se a Igrejas Não Católicas, não o fizeram por razões teológicas, mas por razões vivenciais. Não se trata de mudar a nossa teologia, mas de como vivemos uma teologia da vida cristã que já é rica. Esta mudança cultural leva consigo uma mudança muito, mas muito profunda.

Significa mudar aquilo que nos parece normativo para a vida cristã. significa uma total conversão dos nossos valores vividos, não meramente os valores que declaramos. Comparado com esta mudança, todos os outros, incluindo o fecho de Igrejas, são simplesmente acessórios”³⁴⁷.

Estas palavras são aplicadas, no seu profundo sentido, à missão popular e, como foi anteriormente referido, o problema fundamental da Missão Popular Vicentina não é uma questão de conteúdos, mas de formas. Significa mudar tudo aquilo a que se chama renovado e colocar em ato a verdadeira renovação. Mas não basta apenas uma renovação de tudo que é esquemático, é necessária a conversão missionária, porque a missão é para pessoas e feita por pessoas. A conversão passa por todos os protagonistas que assumem a Missão como um desafio, mas de forma especial a Congregação da Missão, de cuja atividade recebeu o nome.

³⁴⁷ J. MALLON, *Una Renovación Divina. De una parroquia de mantenimiento a una parroquia misionera*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2017, 99.

CONCLUSÃO

Estudar a Missão Popular Vicentina é ir à essência da missão da Igreja e questionar a sua forma de atuar na realidade do nosso tempo. Uma das características para a identificação de um cristão é a sua missão neste mundo. Homem, mundo e Deus são três realidades que não podem ser entendidas separadamente. Porém, nem sempre esta relação se encontra numa sintonia harmoniosa, e é a isto que a missão popular quer responder.

O nosso trabalho consistiu numa tripla tarefa. A primeira foi realizada no primeiro capítulo, onde estabelecemos os fundamentos teológicos da missão. A segunda tarefa, que abordámos no segundo e terceiro capítulos, foi aprofundar as origens da Missão Popular Vicentina, descrevendo aquilo em que consiste e como se desenrolou histórica e teologicamente. A terceira tarefa, que se encontra no quarto capítulo, consistiu em contrastar tudo isto com a vivência da missão em ato, analisando as diferentes perspetivas que hoje a missão popular assume.

Julgamos ser acertado dizer que a Missão Popular Vicentina se funda no acontecimento teológico, cristológico e eclesiológico. Esta é a base de toda a missão cristã. Uma missão que se funda na Trindade, que se desvela na história. A missão popular repete este dinamismo desde a sua fundação, em 1617, acentuando estas mesmas características; uma missão que se funda num Deus de Amor e que, por esse amor encarnou em Jesus Cristo e que se continua a manifestar na Igreja na pessoa dos mais pobres. A missão popular surge como uma resposta a uma crise de valores, de fé, mas sobretudo uma crise de amor, entendido no seu sentido mais profundo que é caridade. Portanto, não é excessivo concluir que a missão popular se identifica e prolonga a missão da Igreja.

A missão popular tem como núcleo uma trilogia: evangelização, promoção laical e caridade. Esta trilogia está alinhada com aquilo que hoje a Igreja pretende destacar: uma evangelização que chegue a todos, que os leigos assumam mais protagonismo e que tudo isto seja em favor daqueles que, como diz o Papa Francisco, se encontram na cultura do descarte.

Esta dissertação refletiu sobre tudo isto, e pretendeu ainda comparar os seus pressupostos com a situação existente, recorrendo, para isso, às ciências sociais com vista a encetar uma análise de campo. Após a realização da recolha da informação e da reflexão

sobre as respostas recebidas, a conclusão a que chegámos é que, de facto, as características da Missão Popular Vicentina, os seus fundamentos e aquilo que a constitui é algo que não se coloca em causa. Antes pelo contrário, pois vemos que dá resposta às urgências atuais e que reflete ainda hoje uma necessidade para a Igreja e para a sociedade. Contudo, existem respostas que a Missão Popular Vicentina não consegue dar, que se devem substancialmente à falta de adaptação e de avanço nas suas formas de missionar: “para odres novos vinho novo”³⁴⁸.

Nesse sentido, cremos que é importante destacar algumas marcas que este estudo nos oferece, importantes numa reflexão pastoral e que podem constituir um desafio aos pastores, nomeadamente aos missionários: a perceção de que a missão é uma atividade eclesial, que se desenvolve na Igreja e que a sua irrupção na história se deu para chamar a atenção para a questão de que a missão e a caridade andam intimamente unidas e que são a mesma realidade. Missão e caridade brotam da mesma essência, que é o Amor de Deus na sua vontade de comunicar-se aos homens; é neste sentido que a Missão Popular Vicentina se distingue no meio de tantas outras e faz com que a sua pertinência não se fixe num contexto histórico, mas se prolongue ao longo do tempo, sempre com características próprias sem se desviar da sua essência. É esta continuidade que fez despertar o interesse por este tema, pois através da descoberta da sua relevância para a Igreja e para o mundo, fez-nos perguntar pelo hoje desta realidade.

Mas que hoje é este? Hoje, a missão popular é uma estrutura consolidada por uma tradição bastante significativa e, como vimos, sofreu alterações ao longo do seu decurso. A última teve lugar há trinta anos, a chamada missão popular renovada. Durante este tempo, foram muitos os acontecimentos que tiveram lugar na vida da Igreja e da sociedade. Muitos fatores foram marcando o tempo e, por consequência, a Missão Popular Vicentina. Os grandes acontecimentos eclesiais resultantes do Concílio Vaticano II ditaram um novo enquadramento para a missão popular e, por conseguinte, um novo fôlego. Depois de um tempo de reflexão, a missão consolida-se e torna-se um meio para responder aos anseios do Homem. Contudo, este exercício não pode ficar dependente do sucesso num determinado período tempo, mas exige uma constante renovação e adaptação.

O nosso estudo permitiu chegar a algumas e importantes conclusões sobre a atualidade da Missão Popular Vicentina e viu que, apesar de os seus fundamentos serem

³⁴⁸ Cf. Mt 9,17; Mc 2,22; e Lc 5,38.

claros, o seu modo de atuar revela algumas insuficiências, fazendo com que esta ação pastoral não dê uma resposta completa aos anseios que a vida da Igreja atual reclama. Isto não significa uma perda de valor, mas sim que é necessária uma maior consciencialização da sua importância na Igreja e no mundo.

Não é fácil apontar caminhos, mas existem pontos fundamentais em que a missão deve refletir com bastante atenção: a relação com a sociedade, ou seja, perceber o homem de hoje, os seus hábitos, a sua religiosidade, os fenómenos sociais que o rodeiam, pois só através do conhecimento daquele a quem se quer chegar podemos encontrar o modo de como chegar a ele. Procurar novos meios de resposta para chegar a públicos diferentes, uma vez que a cultura mudou e a distinção entre o rural e o urbano é muito ténue, tendo-se a tecnologia o habitat de muitos e um espaço que necessita de uma resposta por parte daqueles que têm a missão de levar a boa nova de Deus a todos os homens. Assistir os mais pobres deve ser a prioridade da Missão Popular Vicentina, ir às periferias de que fala o Papa Francisco, espaços que a missão deve hoje privilegiar, pois não o fazer é negar-se a si mesma, na sua identidade mais profunda, tendo em conta que a Missão Popular Vicentina nasce da caridade. Exige-se um diálogo e a promoção da cultura para que a missão, como meio de evangelização, possa chegar a todos. Os pobres camponeses também são todos aqueles desprovidos de cultura, ou aqueles para quem essa mesma cultura é portadora de desumanidade. Formar homens e mulheres de fé é objetivo que a missão popular deve potenciar. Por outro lado, a formação não é algo acessório, mas sim imprescindível para o sucesso da missão popular. Na verdade, não se pode dar aquilo que não se tem, e a dinâmica de evangelização da missão necessita de homens e mulheres formados para serem testemunhas da Palavra de Deus e deem razões da sua fé e da sua vida. Leigos comprometidos com a missão inerente a sua condição de batizados; Sacerdotes pastores ao serviço do povo sem laivos de clericalismo; Jovens atraídos e cativados pelo Evangelho envolvidos na responsabilidade de o dar a conhecer numa missão evangelizadora, para tal, exige-se que a missão continuamente se reinvente. A Missão Popular Vicentina, como já referimos neste estudo, pode e deve-se manter fiel aos seus princípios, pois estes são valiosíssimos e atuais, mas apostando numa nova linguagem, num novo modelo, e numa criatividade cativante.

O nosso trabalho não pretendeu, e por isso, não seja visto como uma análise pessimista, mas um pequeno contributo para uma maior reflexão e consciencialização sobre a realidade atual da Missão Popular Vicentina, com vista a lançar as bases para uma possível renovação. Pretendemos, com o estudo realizado, alertar para a necessidade de

iniciar um processo de atualização dos moldes atuais da missão e, ao mesmo tempo, oferecer um instrumento de reflexão que possa ajudar a Congregação da Missão – que faz da missão popular núcleo da sua vida – nessa adaptação aos tempos atuais. É tempo de olhar o passado com satisfação, o presente com reflexão, mas o futuro com a paixão e esperança de fazer mais e melhor.

BIBLIOGRAFIA

1. Documentos do Magistério

BENEDICTUS PP. XV, “Epistola Apostolica Maximum Illud”, in *AAS* 11 (1919) 440-455.

BENEDICTUS PP. XVI, “Adhortatio Apostolica Postsynodalis Verbum Domini”, in *AAS* 102 (2010) 681-787.

Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima, 2015.

Catecismo da Igreja Católica, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, ‘*Como Eu Vos Fiz, Fazei Vós Também*’ Para Um Rosto Missionário Da Igreja Em Portugal, Secretariado Geral da Conferência Episcopal, Moscavide, 2010.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “O Espírito Santo, Senhor que dá a vida”, em *Documentos Pastorais*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2002, 50–81.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Código de Direito Canónico*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1983.

CONGREGAZIONE PER IL CULTO DIVINO E LA DISCIPLINA DEI SACRAMENTI, “Direttorio Omiletico”, 2014, em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20140629_direttorio-omiletico_it.html#I_L'OMELIA_ [em linha, consultado em 05-08-2018] [18-7-2018].

FRANCISCUS PP., “Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Amoris Lætitia”, in *AAS* 108 (2016) 311-446.

FRANCISCUS PP., “Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate sobre a chamada à santidade no mundo atual”, 2013, http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html [em linha, consultado em 05-08-2018].

IOANNES PP. XXIII, “Litterae Encyclicae Princeps Pastorum”, in *AAS* 51 (1959) 833-864.

IONNES PAULUS PP. II, “Adhortatio Apostolica Catechesi Tradendae”, in *AAS* 71 (1979) 1277-1340.

IONNES PAULUS PP. II, “Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Christifideles Laici”, in

- AAS* 81 (1989) 393-21.
- IONNES PAULUS PP. II, “Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Ecclesia In Europa”, in *AAS* 95 (2003) 649-719.
- IONNES PAULUS PP. II, “Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Vita Consecrata”, in *AAS* 88 (1996) 377-486.
- IONNES PAULUS PP. II, “Epistula Apostolica Novo Millennio Ineunte”, in *ASS* 93 (2001) 266-311.
- IONNES PAULUS PP. II, “Litterae Encyclicae de Perenni vi Mandati Missionalis”, in *AAS* 83 (1990) 249-340.
- IONNES PAULUS PP. II, “Litterae Encyclicae de Spiritu Sancto in vita Ecclesiae et Mundi”, in *AAS* 78 (1986) 809-900.
- IONNES PAULUS PP. II, “Litterae Encyclicae Sollicitudo Rei Socialis”, in *AAS* 80 (1988) 513-586.
- PAPA BENTO XVI, “Discurso do Papa Bento XVI ao Congresso Internacional promovido pelo Pontifício Conselho ‘Justiça e Paz’ para o 50º Aniversário da ‘Mater et Magistra’ de João XXIII”, 2011, em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20110516_justpeace.html [em linha, consultado em 04-08-2018].
- PAPA BENTO XVI, “Discurso do Papa Bento XVI. Sessão Inaugural dos Trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe”, 2007, em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html [em linha, consultado em 04-08-2018].
- PAPA FRANCISCO, “Carta do Santo Padre ao Cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina”, 2016, em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html [em linha, consultado em 04-08-2018].
- PAPA FRANCISCO, “Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária do Pontifício Conselho para a Cultura”, 2015, em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/february/documents/papa-francesco_20150207_pontificio-consiglio-cultura.html [em linha, consultado em 04-08-2018].
- PAPA FRANCISCO, “Mensagem de Sua Santidade o Papa Francisco para o Dia Mundial

- das Missões 2013”, 2013, em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20130519_giornata-missionaria2013.pdf [em linha, consultado em 04-08-2018].
- PAPA JOÃO PAULO II, “Discurso do Papa João Paulo II na Abertura da XIX Assembleia do CELAM”, 1983, em https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html [em linha, consultado em 01-08-2018].
- PAPA PAULO VI, “Discurso di Paolo VI ai Rappresentanti degli Istituti Secolari Sacerdotali e Laicali”, 1972, em https://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1972/february/documents/hf_p-vi_spe_19720202_istituti-secolari.html [em linha, consultado em 04-08-2018].
- PAPA PAULO VI, “In Aede Sixtina habita, Beatissimo Patre Sacrum concelebrante, tertio ineunte generali Coetu Episcoporum Synodi”, in *Acta Apostolicae Sedis. Commentarium Officiale*, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1974.
- PAULUS PP. VI, “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, in *AAS* 68 (1976) 5-76.
- PAULUS PP. VI, “Litterae Encyclicae Populorum Progressio”, in *AAS* 59 (1967) 257-299.
- PIUS PP. XI, “Litterae Encyclicae Rerum Ecclesiae”, in *AAS* 18 (1926) 65-83.
- PIUS PP. XII, “Epistula Encyclica Saeculo Exeunte Octavo”, in *AAS* 32 (1940) 249-260.
- PIUS PP. XII, “Litterae Encyclicae Evangelii praecones”, in *AAS* 43 (1951) 497-528.
- PIUS PP. XII, “Litterae Encyclicae Fidei Donum”, in *AAS* 49 (1957) 225-248.
- PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, “Compêndio da Doutrina Social da Igreja”, 2006, em http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#A_justiça [em linha, consultado em 04-08-2018].
- SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, “Constitutio Dogmatica de Divina Revelatione Dei Verbum”, in *AAS* 58 (1966) 817-836.
- SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, “Constitutio Dogmatica de Ecclesia Lumen Gentium”, in *AAS* 57 (1965) 5-71.
- SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, “Decretum de Activitate Missionali Ecclesiae Ad Gentes da Igreja”, in *AAS* 58 (1966) 947-990.
- SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, “Decretum De Apostolatu Laicorum Apostolicam Actuositatem”, in *AAS* 58 (1966) 837-864.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, “Decretum de Oecumenismo Unitatis Redintegratio”, in *AAS* 57 (1965) 90-112.

SACROSANCTUM CONCILIUM TRIDENTINUM, “Catechismus Romanus”, 1796, em https://archive.org/details/bub_gb_AQWiCWRQYbgC [em linha, consultado em 03-08-2018].

2. Monografias

ABELLY, L., *La Vie du vénérable serviteur de Dieu, Vincent de Paul*, Florentin Lambert, Paris, 1664.

BARTH, K., *Die Kirchliche Dogmatik, IV/1*, Theologischer Verlag, Zürich, 1940.

BLÁZQUEZ PÉREZ, R., *La Iglesia*, Sígueme, Salamanca, 2017.

BOLLATI, A., *I Preti della Missione della casa di Firenze e le missioni popolari in Toscana dal 1703 al 1784*, Edizioni Vincenziane, Roma, 1995.

BRÉMOND, H., *Histoire littéraire du sentiment religieux en France depuis la fin des guerres de religion jusqu'à nos jours*, Bloud et Gay Éditeurs, Paris.

BUENO DE LA FUENTE, E., *La Iglesia en la encrucijada de la misión*, Ed. Verbo Divino, Estrella, 1999.

CANTALAMESSA, R., *Horizontes para uma Nova Evangelização*, Paulus, Lisboa, 2013.

CHÂTELLIER, L., *La Religion de los pobres. Europa en los siglos XVI-XIX y a formación del catolicismo moderno*, Desclee de Brouwer, Bilbao, 2002.

CONGAR, Y., *El Espíritu Santo*, Herder, Barcelona, 1983.

CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, *Missões Populares. Clero. Leigos. Encontro de Visitadores em Bogotá*, Texto Policopiado, Bogotá, 1983.

CORERA, J., *Servir a los pobres es ir a Dios*, Ed. La Milagrosa, Madrid, 1999.

COSTE, P., *El Grande Santo del gran siglo. El Señor Vicente*, CEME, Salamanca, 1991.

CÚRIA GERAL DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, *Congregação da Missão. Constituições e Estatutos*, Cúria Geral da Congregação da Missão, Roma, 1984.

DE PAULO, S. V., *Conferencias espirituales a las Hijas de la Caridad*, CEME, Salamanca, 1983.

DE PAULO, S. V., *Obras Completas. Tomo I*, Sígueme, Salamanca, 1972.

DE PAULO, S. V., *Obras Completas. Tomo II*, Sígueme, Salamanca, 1973.

DE PAULO, S. V., *Obras Completas. Tomo III*, Sígueme, Salamanca, 1975.

DE PAULO, S. V., *Obras Completas. Tomo IV*, Sígueme, Salamanca, 1976.

- DE PAULO, S. V., *Obras Completas. Tomo IX*, Sígueme, Salamanca, 1972.
- DE PAULO, S. V., *Obras Completas. Tomo V*, Sígueme, Salamanca, 1977.
- DE PAULO, S. V., *Obras Completas. Tomo VII*, Sígueme, Salamanca, 1978.
- DE PAULO, S. V., *Obras Completas. Tomo VIII*, Sígueme, Salamanca, 1979.
- DE PAULO, S. V., *Obras Completas. Tomo X*, Sígueme, Salamanca, 1982.
- DE PAULO, S. V., *Obras Completas. Tomo XI*, Sígueme, Salamanca, 1974.
- DE PAULO, S. V., *Obras Completas. Tomo XII*, Sígueme, Salamanca, 1986.
- DE PAULO, S. V., *Sermons de Saint Vincent de Paul. Tome Premier*, Ph. Baldeveck, Paris, 1859.
- DE PAULO, S. V., *Sermons de Saint Vincent de Paul. Tome Second*, Ph. Baldeveck, Paris, 1859.
- ESQUERDA BIFET, J., *Misionología. Evangelizar en un mundo global*, BAC, Madrid, 2008.
- FISICHELLA, R., *La Nueva Evangelización*, Sal Terrae, Santander, 2012.
- FLORISTÁN, C., *Teología práctica. Teoría y praxis de la acción pastoral*, Sígueme, Salamanca, 2009.
- FORTE, B., *La transmisión de la fe*, Sal Terrae, Maliaño, 2015.
- GUIJARRO OPORTO, S., *La primera evangelización*, Sígueme, Salamanca, 2013.
- IBÁÑEZ BURGOS, J. M., *Vicente de Paúl y los pobres de su tiempo*, Sígueme, Salamanca, 1977.
- JUSTO, E. J., *La Libertad de Jesús*, Sígueme, Salamanca, 2014.
- KASPER, W., *Iglesia Católica*, Sígueme, Salamanca, 2013.
- MALLON, J., *Una Renovación Divina. De una parroquia de mantenimiento a una parroquia misionera*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2017.
- MARTINS, J. S., *Ide e anunciai. Fundamentos e desafios da missão hoje*, Paulus, Lisboa, 2008.
- NUNES, J., *Teologia da Missão. Notas e Perspetivas*, Obras Missionárias Pontifícias, Lisboa, 2008.
- ORCAJO, A.; PÉREZ FLORES, M., *San Vicente de Paúl II. Espiritualidad y seleccion de escritos*, BAC, Madrid, 1981.
- PÉREZ FLORES, M., *Revestirse del Espíritu de Cristo*, CEME, Salamanca, 1996.
- PIÉ-NINOT, S., *Eclesiología. La Sacramentalidad De La Comunidad Cristiana*, Sígueme, Salamanca, 2015.
- PROVÍNCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, *Estatutos Provinciais*, PPCM,

- Lisboa, 2015.
- PROVÍNCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, *Missões Populares Vicentinas. 1º Tema: O que é a Missão*, Congregação da Missão - Setor das Missões Populares, Lisboa, 2007.
- PROVÍNCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, *Missões Populares Vicentinas. Agenda do Missionário*, Congregação da Missão - Setor das Missões Populares, Lisboa, 2001.
- PROVÍNCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, *Catequeses das Comunidades Familiares*, Congregação da Missão - Setor das Missões Populares, Lisboa,.
- RAMOS, J., *Teologia Pastoral*, BAC, Madrid, 2013.
- RATZINGER, J., *La fraternidad de los cristianos*, Sígueme, Salamanca, 2015.
- RODRIGUES, L. M. F., *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016.
- ROMÁN, J. M., *San Vicente de Paul*, BAC, Madrid, 1981.
- SANTOS HERNÁNDEZ, A., *Teología sistemática de la misión. Progresiva evolución del concepto de misión*, Ed. Verbo Divino, Estrella, 1991.
- FEINER, J.; LOHRER, M. (dir.), *Mysterium Salutis. Manual de teologia como historia de la salvación, Volumen II, Tomo I*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1969.

3. Obras coletivas

- CASTAÑO FÉLIX, Á., “Teología de la misión”, in CARVAJAL BLANCO, J. C. (coord.), *La Misión de la Iglesia*, Monte Carmelo, Burgos, 2011, 29–53.
- CHALUMEAU, R., “San Vicente de Paúl y la obra de los Seminarios”, in *Vicente de Paúl evangelizador de los Pobres, II Semana de Estudios Vicencianos*, CEME, Salamanca, 1973, 97–117.
- COLINAS, B., “Nueva evangelización y misiones populares”, in *Vicencianismo y nueva evangelización. XIX Semana de Estudios Vicencianos*, CEME, Salamanca, 1993, 269–299.
- COUTARD, J., “Entretien, focus group et analyse de contenu”, in ROUTHIER, G.; VIAU, M., *Précis de théologie pratique*, Novalis, Montréal, 2004, 99–104.
- FERNÁNDEZ RAMOS, F., “La Evangelización Cristiana”, in *Vincencianismo y Nueva Evangelizacion*, CEME, Salamanca, 1993, 35–81.
- FERNÁNDEZ, C., “Pobres Servicio”, in FLORES, M. P. ET AL, in *Diccionario de*

- Espiritualidad Vicenciana*, CEME, Salamanca, 1995, 475–495.
- IBÁÑEZ BURGOS, J. M., “La Caridad en San Vicente de Paúl”, in *La caridad carisma vicenciano*, CEME, Salamanca, 1993, 235–273.
- IBÁÑEZ BURGOS, J. M., “Misión e Identidad de la Congregacion de la Misión”, in *Misiones Vicencianas y la evangelizacion del Hombre de Hoy*, CEME, Salamanca, 1987, 133–180.
- IBÁÑEZ BURGOS, J. M., “Identidad de la Misión Vicenciana”, in *Misiones Vicencianas y la evangelizacion del Hombre de Hoy*, CEME, Salamanca, 1987, 181–213.
- IZCO, J. A., “Fundamentos y razgos bíblicos de la misión cristiana”, in AA.VV. (ed.), *La Misionología hoy*, Ed. Verbo Divino, Estella, 1987, 79–111.
- LÉON-DUFOUR, X., “Apóstoles”, in LÉON-DUFOUR, X. (ed.), *Vocabulario de Teología Bíblica*, Herder, Barcelona, 1965, 82–86.
- MADRIGAL TERRAZAS, S., “Identidad Eclesial del Laico en el Mundo: ‘Id También Vosotros a Mi Viña’ (Mt 20,4)”, in *Laicado y Misión*, PPC, Madrid, 2017, 87–131.
- MENESES, F., “Ayer y hoy de las Misiones Vicencianas en España”, in *Misiones Vicencianas y la evangelizacion del Hombre de Hoy*, CEME, Salamanca, 1987, 281–304.
- MEZZADRI, L. ET AL., “Regolamenti della missione vincenziana”, in L. MEZZADRI ET AL. (ed.), *Le Missioni Popolari della Congregazione Della Missione Nei Sec. XVII-XVIII*, Edizioni Vincenziane, Roma, 2002, 639–670.
- MEZZADRI, L., “San Vicente de Paúl y la Religiosidad Popular”, in *Vicente de Paúl. La inspiracion permanente*, CEME, Salamanca, 1982, 108.
- MEZZADRI, L., “Storiografia delle missioni popolari”, in MEZZADRI, L. ET AL., in *Le Missioni Popolari della Congregazione Della Missione Nei Sec. XVII-XVIII*, Edizioni Vincenziane, Roma, 2002, 39–66.
- MEZZADRI, L., “Misiones Populares”, in FLORES, M. P. ET AL., *Diccionario de Espiritualidad Vicenciana*, CEME, Salamanca, 1995, 389–397.
- MEZZADRI, L., “Storia delle missioni popolari”, in MEZZADRI, L. ET AL., *Le Missioni Popolari della Congregazione Della Missione Nei Sec. XVII-XVIII*, Edizioni Vincenziane, Roma, 2002, 29–38.
- MUÑOZ LEON, D., “Modelos de la misión en las primeras comunidades cristianas”, in AA.VV., *La Misionología hoy*, Ed. Verbo Divino, Estella, 1987, 112–137.
- NUOVO, L., “Il Metodo Missionario Vincenziano”, in MEZZADRI, L. ET AL., *Le Missioni Popolari della Congregazione Della Missione Nei Sec. XVII-XVIII*, Edizioni

- Vincenziane, Roma, 2002, 79–104.
- RUIZ CAMPOS, M., “La Iglesia evangelizada evangeliza, la Iglesia que evangeliza es evangelizada”, in CARVAJAL BLANCO, J. C. (ed.), in *La misión evangelizadora de la Iglesia*, PPC, Madrid, 2016, 42–70.
- SODING, T., “El Evangelio del reinado de Dios. La predicación de Jesús y la misión de los discípulos”, in AUGUSTIN, G. (ed.), *El desafío de la nueva evangelización*, Sal Terrae, Santander, 2012, 99–136.

4. Artigos de periódicos

- BONI, V.; QUARESMA, S., “Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais”, *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC* 2 (2005) 68-80.
- DUARTE, R., “Entrevistas em pesquisas qualitativas”, *Educar* 24 (2004) 213-225.
- FISICHELLA, R., “La Nueva Evangelización ¿Qué es?”, *Humanitas* 67 (2012) 434–449.
- GARCÍA MAESTRO, J. P., “El ‘modelo evangelizador’ propuesto por la exhortación apostólica *Evangelii Gaudium*”, *Corintios* XIII 149 (2014) 13–32.
- GÜNTHER, H., “Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?”, *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 22 (2006) 201-210.
- IZQUIERDO, C., “El anuncio y la transmisión del Evangelio en *Evangelii Gaudium*”, *Scripta Theologica* 46/2 (2014) 443–459.
- JUNCOS, DANIEL; LIBERTI, L., “*Evangelii Nuntiandi* y *Evangelii Gaudium*: ¿El mismo paradigma misionero? Continuidades, novedades y desafíos”, *Revista Teologia* Tomo LII 1 (2015) 49–71.
- LE MOS, J. M. B. DE, “Assuntos Nossos”, *Boletim Informativo da Missão Vicentina* 1 (1984) 3.
- NOVOA M., C., “La teología es una ciencia histórica e interdisciplinar”, *Theologica Xaveriana* 141 (2002) 135–146.
- PARTICIPANTES NO MÊS VICENTINO, “La misión popular. Una respuesta vincenciana para la nueva evangelización. Documento final”, *Vincentina* 4–5 (1997) 440–444.
- RAMOS GUERREIRA, J. A., “A los quince años de la ‘*Evangelii Nuntiandi*’. Luces y sombras”, *Misión Abierta* 5 (1990) 51–66.
- RATZINGER, J., “La Nueva Evangelización”, *Altar Mayor* 23 (2013) 516.
- SHANAHAN, J., “La proclamación y la conversión al mensaje de Cristo”, *Vicentina* 4–5

(1997) 264–274.

SILVA, A.; FOSSÁ, M., “Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos”, *Qualit@s Revista Eletrónica* 17 (2015) 1-14.

VAZ, F. A. L., “O catecismo no discurso da ilustração portuguesa do século XVIII”, *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias* X (1998) 217–240.

5. Webgrafia

CLEMENTE, M., “Evangelizar de novo. Converter sempre!”, 2012, em http://www.diocese-porto.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1986:conferencias-quaresmais&catid=153:textos-e-apresentacoes&Itemid=242 [em linha, consultado em 04-08-2018].

CORERA, J., “Compartir el carisma vicenciano con los laicos”, 2016, em <http://vincentians.com/es/compartir-el-carisma-vicenciano-con-los-laicos/> [em linha, consultado em 04-08-2018].

DOMINGUES, M. P., “Nota Pastoral 'Corresponsabilidade Ministérios Laicais'”, em <http://diocese-santarem.pt/wp-content/uploads/2014/09/2013-09-Nota-Pastoral-Corresponsabilidade-e-Ministérios-Laicais.pdf> [em linha, consultado em 04-08-2018].

IBÁÑES BURGOS, J. M., “Vicente de Paul, realismo y encarnacion”, 1982, em <https://vincentians.com/es/vicente-de-paul-realismo-y-encarnacion/> [em linha, consultado em 04-08-2018].

IBÁÑEZ BURGOS, J. M., “Misión e identidad de la Congregación de la Misión”, 1987, em <http://vincentians.com/es/mision-e-identidad-de-la-congregacion-de-la-mision/> [em linha, consultado em 03-08-2018].

MALONEY, R. P., “La Misión”, 1997, em <http://vincentians.com/es/la-mision/> [em linha, consultado em 05-08-2018].

ROMO, B., “Religiosos y Laicos, una misión común en la iglesia y la Sociedad”, 2002, em <http://vincentians.com/es/religiosos-y-laicos-una-mision-comun-en-la-iglesia-y-la-sociedad/> [em linha, consultado em 04-08-2018].

SPADARO, A., “Entrevista Exclusiva do Papa Francisco às revistas dos Jesuítas”, 2013, em <http://www.broteria.pt/revista-broteria/artigos/101-entrevista-exclusiva-do-papa-francisco-as-revistas-dos-jesuitas> [em linha, consultado em 04-08-2018].

ANEXOS

ANEXO I

Entrevistas para o trabalho de dissertação

1. Porquê a Missão?

- Com que motivo escolheu a missão para a sua paróquia?
- que objetivos traçou com a missão na sua paróquia?
- De quem foi a iniciativa?
- Porque a missão vicentina e não outra?

2. Modelo de Igreja e Situação Paroquial

- Que modelo de Igreja procura para sua paróquia?
- A missão popular ajudou a encontrar esse modelo?
- Em que situação se encontrava a paróquia antes e depois da missão: movimentos, dinâmicas, Caridade?

3. Tempos da Missão

3.1. Pré Missão

- Como viveu o tempo de pré missão?
- Como foi preparada?
- Como foi anunciada?
- Os diversos protagonistas: animadores, donos das casas, visitantes, a população como viram a missão?
- Como foi a formação dos agentes?

3.2. Tempo Forte

- Como se desenvolveu a dinâmica das comunidades de base? Aderência? Conteúdos catequéticos? Animadores? Casas?
- A semana das celebrações, como foram expostos os temas? Aderência? A participação dos leigos nas celebrações?

3.3. Pós-missão

- A comunidades continuaram a reunirem-se?
- Houve formação e recursos para as reuniões?
- Houve ações concretas fruto da missão?
- Existiu alguma revitalização?

4. Identidade da Missão Vicentina

- Os conteúdos apresentados
- Em que aspetos a missão vicentina promoveu a caridade ou a formação de um espírito caritativo?
- O papel dos leigos foi fundamental para o desenvolvimento da missão? O que fizeram?
- A participação dos leigos mostrou-se em que? Houve maior consciência do seu papel na igreja?

5. Avaliação

- Em Geral recomenda a missão popular vicentina a outros párocos?
- Entre aquilo que tinha em mente com a missão e aquilo que foi realizado houve muita discrepância?
- O que mudaria?
- Faria uma missão de novo?

ANEXO II

Transcrição da entrevista efetuada ao Padre Pedro Guimarães

Data: 25 de agosto de 2018

Local: Seminário de São José, Felgueiras

JOÃO SOARES: Padre Pedro Guimarães, porque razões escolheu a missão para a sua paróquia?

P. PEDRO GUIMARÃES: Olha, o primeiro motivo foi porque, em casa como comunidade, sentimos, como vicentinos e de acordo com a realidade que tínhamos no Alentejo em algumas paróquias mais rurais, que seria um grande desafio dinamizar as paróquias através da missão e aquilo que ela representa: este basicamente foi o motivo principal que nos levou a realizar essas missões.

JOÃO SOARES: E que objetivos tinha quando pediu a missão para a paróquia?

P. PEDRO GUIMARÃES: O objetivo era dinamizar a paróquia, dinamizar a paróquia porque sentimos que as paróquias tinham algumas características que podiam ser melhoradas, sobretudo no encontro com as pessoas que não estavam na igreja, ou que não conheciam nem estavam envolvidas na vida comunitária. Assim, o primeiro grande objetivo foi esse mesmo: que, através da missão popular, a Igreja se tornasse presente junto da comunidade civil e isso através dos pais das crianças da catequese e dos mais idosos ou doentes, que nós, através deles, conseguíssemos chegar a outras pessoas e assim criássemos uma dinâmica de Igreja presente na comunidade.

JOÃO SOARES: E de quem foi a iniciativa para a realização?

P. PEDRO GUIMARÃES: A iniciativa partiu do responsável das missões, foi quem conversou com o pároco, naquele caso comigo. Decidimos que seria naquele ano, um ano interessante para fazer devidamente a missão.

JOÃO SOARES: Porquê a missão vicentina e não outra?

P. PEDRO GUIMARÃES: Bom, isto parece um pouco óbvio, mas a razão é que, em primeiro lugar, somos vicentinos. Depois também porque a própria Diocese de Beja tinha o compromisso, com os padres vicentinos, de levar a cabo missões populares ao longo da diocese e, olha, estamos em casa e em família.

JOÃO SOARES: Relativamente ao modelo de Igreja, que modelo de igreja procurava para a sua paróquia?

P. PEDRO GUIMARÃES: Posso dizer que o modelo assentava em três características: a primeira, uma Igreja aberta e capaz de ir ao encontro de quem não conhece ou não está envolvido. O Sul tem estas características e este modelo de Igreja capaz de estar aberta e ir ao encontro. A segunda, uma Igreja também capaz de criar dinâmica em comunidade, através de assembleias familiares, por um lado, mas também, por outro, das várias celebrações que a missão obrigava e que podia, e que ajudou a criar mais sentido celebrativo na própria comunidade. A terceira era o compromisso que ela foi capaz de criar em várias pessoas, despertando para os ministérios e serviços eclesiais.

JOÃO SOARES: E a missão ajudou a encontrar esse modelo?

P. PEDRO GUIMARÃES: Sim, sim, sem dúvida. Sobretudo, estou a lembrar-me de duas paróquias que tinham bastantes potencialidades no que toca ao número de pessoas, mas que não estavam envolvidas na Igreja e que me abriu portas e caminhos, enfim poder contar com eles e eles próprios sentirem ser Igreja e começarem a tomar parte da mesma comunidade.

JOÃO SOARES: Em que situações e relativamente a essas paróquias que tiveram missão..., podia fazer um antes e um depois da missão?

P. PEDRO GUIMARÃES: Olha, antes da Missão, para um pároco, o caminho era um pouco mais difícil no que toca ao conhecimento das pessoas e na realidade até social. Isto, por um lado. Por outro, também antes eram paróquias talvez pouco dinâmicas, no que toca ao trabalho conjunto e às diversas responsabilidades que cada serviço podia assumir: leitores, catequistas, caridade... Isto antes da missão. Depois da missão o que vimos foi uma interação melhor entre os grupos, uma sensibilidade também para estar abertos e encontrar mais pessoas levando-lhes a fé e desta forma também a

tentar criar esta ponte para os comprometer e fazer descobrir a fé em Igreja, como comunidade cristã.

JOÃO SOARES: Relativamente aos tempos da missão são divididos em três: pré, pós e durante a missão tempo forte, relativamente à pré missão, como é que foi vivido o tempo de pré missão, ou seja, como é que foi preparada, como é que foi anunciada?

P. PEDRO GUIMARÃES: Daquilo que me recordo, nós seguimos o esquema tradicional, ainda que, na avaliação que eu faço, a pré missão centrou-se muito no compromisso de pároco ou dos padres que lá estavam e de uma equipa de trabalho. Recordo perfeitamente que foi criada uma equipa de trabalho, uma equipa capaz de organizar as diversas áreas afim de levar a cabo a divulgação e o compromisso. Mas o aspeto mais positivo de que me recordo e que de facto foi fundamental para a boa dinamização da pré missão foi, de facto, a criação de uma equipa de trabalho capaz de concretizar tudo aquilo a que nos tínhamos comprometido.

JOÃO SOARES: Os diversos protagonistas, ou seja, os animadores, os donos das casas, os visitantes e a população, como é que aderiram e como é que viram a missão?

P. PEDRO GUIMARÃES: Olha, a missão foi encarada de forma muito positiva, porque era uma novidade e eles tinham a recordação de, há cerca de 30 anos, ter sido feita uma outra, pelo menos os mais velhos lembravam-se. O primeiro impacto foi positivo, o segundo não tão positivo. É que são terras pequenas e nem sempre nos animadores e nos donos das casas de acolhimento há, digamos, uma certa confiança e liberdade para criar esta comunidade, porque há sempre atritos ou desconfianças ou até histórias passadas que limitam até ao desenrolar da própria missão. Isso foi um desafio também, ou seja, a missão popular ajudou a conhecer a terra e até a ultrapassar, por vezes, alguns atritos do passado ou então também a clarificar que, de facto, não podia ser daquela forma e tivemos de encontrar alternativa. Isto para dizer que normalmente escolher os animadores ou os donos das casas é um desafio. É necessário conhecer a história, conhecer a terra, conhecer as pessoas e tentar ou contornar ou então resolver os conflitos, afim de que prevaleça o bem da Igreja e a missão em si.

JOÃO SOARES: Falou dessa equipa de trabalho, mas, contudo, estes agentes que também já falámos, como é que foi essa formação, a formação dos agentes?

P. PEDRO GUIMARÃES: Quanto à formação dos agentes, e como equipa, tínhamos reuniões regulares. Começaram por ser mensais, com alguns meses de antecedência. Depois, foram sendo mais regulares, umas vezes comigo, como pároco, outras vezes, com o responsável das missões. Até parece-me, inclusive, que alguém da equipa acabou por estar presente, mas, basicamente, resumia-se em encontros regulares em que a formação ia sendo feita e a formação integrada e transversal, seja ela espiritual, seja também prática e daquilo que nos esperava e da forma que era necessário e o que havia para fazer, tais como aspetos práticos e dinâmicos para a própria missão .

JOÃO SOARES: Relativamente ao tempo forte, como desenvolveu a dinâmica das comunidades de base, ou seja, houve adesão, os conteúdos eram ajustados àquela realidade ou nem por isso?

P. PEDRO GUIMARÃES: Olha, houve adesão, de facto. Houve algumas surpresas positivas, porque vimos pessoas que não estávamos á espera, mas também, por outro lado, também por vezes criámos expectativas de ver outras pessoas que não encontrámos, ou seja, às vezes criamos expectativas e devemos estar mais abertos á surpresa. O aspeto talvez também mais complicado é que nem sempre os conteúdos se adequam á realidade. E também porque um grupo ou uma comunidade é feita de pessoas de várias idades, de várias gerações, com diferenças de pertença e de conhecimento da Igreja e os conteúdos nem sempre vão ao encontro de todos. Talvez que, em alguns casos, os conteúdos possam ter sido um pouco rígidos ou também o animador e a própria dinâmica também não souberam tornar as coisas mais elásticas. Eu senti que em alguns momentos talvez tenha havido uma grande discrepância entre conteúdo e dinâmica ou perceção de conteúdo.

JOÃO SOARES: Relativamente também à segunda semana, a das celebrações, como é que correu? Foram bem expostos os temas da pregação, a participação foi boa? Como é que correu essa segunda semana?

P. PEDRO GUIMARÃES: Eu tenho impressão de que correu bem. Correu bem porque, de facto, são momentos celebrativos que atraem sempre mais gente. Recordo-me que elas tiveram grande impacto e acabaram por deixar grande saudade. Mas há um aspeto que eu acho um pouco mais limitado: elas, depois, não têm consequências. São, de facto, extraordinárias, são muito temáticas, são catequese, mas depois não se voltam a fazer.

JOÃO SOARES: Relativamente ao pós-missão, as comunidades continuaram a reunir-se?

P. PEDRO GUIMARÃES: Durante algum tempo sim. Posso dizer que durante pelo menos uns dois anos elas se reuniram, grande parte delas. Depois, foram “morrendo”, isto porque o próprio animador, por vezes, por motivos também profissionais ou até de saúde ou outros motivos, desiste. Assim, as comunidades tiveram o tempo limitado, umas um tempo mais curto, outras mais longo, penso que não ultrapassaram dois anos, durante os quais elas foram-se reunindo mensalmente.

JOÃO SOARES: E nesse pós-missão como é que foi em nível de recursos formativos, a nível de ações concretas?

P. PEDRO GUIMARÃES: Nós temos um plano, até haviam formações diocesanas realizadas a nível de vigaria ou arciprestado, essas mais gerais. Depois, também havia caderno formativo com temas que eles próprios recebiam, numa primeira fase e, depois, esses foram-se acabando. Depois, só se mantiveram as reuniões aciprestais, com o tema através do diretor das missões, que era o Padre Agostinho, até que, com o diluir do tempo e da escala de energia, mas também depois por a aposta, talvez mais minha particular, essas pessoas foram começando gradualmente a serem responsabilizadas em serviços e, na Igreja, fomos trocando, digamos, comunidade por serviços, tais como leitores, visita a doentes e então a formação passou de assembleias familiares para formação mais de ministérios.

JOÃO SOARES: Relativamente à identidade da missão vicentina, em concreto sabemos que há um aspeto que diferencia de todos os outros, ou seja, a Congregação da Missão não fundou missões populares, apenas arranjou um modo diferente de as fazer e naquele tempo S. Vicente dizia que, em vez de deixarmos uma cruz, devemos deixar a caridade organizada. Relativamente a esta essência da missão popular notou que a missão popular vicentina promoveu a caridade ou formação do espírito caritativo?

P. PEDRO GUIMARÃES: Olha, quanto à caridade, àquela tradição criada para estarmos habituados ou àquela que era a origem, não muito. Não muito porque também a realidade assim que vivemos ou em que estamos também, se calhar, não obrigava a isso. Mas a disponibilidade para estarmos atentos e visitar ou pelo menos fazer a ponte de ligação com pessoas idosas e doentes essa sim e essa também talvez seja a grande

característica da missão popular, de que eu me recordo, nós fomos capazes de ficar com uma rede que nos permitiu conhecer, visitar e manter a relação com os mais vulneráveis, em idade em saúde.

JOÃO SOARES: Relativamente também a outro aspeto que a missão vicentina promove é a participação dos leigos, ou seja, o protagonismo dos leigos na própria ação evangelizadora, na missão popular que realizou isso revelou-se em quê? Numa consciência do seu papel na Igreja?

P. PEDRO GUIMARÃES: Sim, sobretudo porque esse papel começou com a tal equipa que foi capaz de se reunir com o pároco, até dar quase a origem de um conselho pastoral paroquial, onde eles próprios se sentiram mais Igreja e também sentiram, digamos, que também descobriram as potencialidades de criar comunidade, em que eles eram os protagonistas. E isso ficou bem visível, de facto, no número de pessoas que assumiram as responsabilidades e que começaram a fazer parte, digamos, de corpo inteiro, na própria missão da paróquia, na forma de estar e de ser na paróquia que viviam, na aldeia onde viviam .

JOÃO SOARES: Relativamente a uma avaliação geral, que recomendaria a missão popular vicentina a outros párocos?

P. PEDRO GUIMARÃES: Recomendaria, por um lado, primeiro uma capacidade de perceber o que é que queremos, enquanto Igreja, porque a missão é algo exigente. Ela também precisa de ser, digamos, adaptada a cada realidade e a cada tempo e, por outro lado, exige, de facto, da parte do pároco e da parte da comunidade cristã, uma grande consciência de missão e, se isso não for conseguido, ou não houver essa disponibilidade, pois não recomendo.

JOÃO SOARES: Entre tudo aquilo que tinha em mente com a missão e entre aquilo que foi realizado e, passado estes anos, houve muita discrepância naquilo que pensava para aquelas comunidades?

P. PEDRO GUIMARÃES: Olha, não houve, porque, da nossa parte, sempre houve um compromisso e uma consciência de que o trabalho era continuado, ou seja, como talvez vicentinos e missionários, a sensibilidade sempre foi dar continuidade e enveredar por essa linha da missão. Por isso, não senti grande diferença, antes pelo

contrário, pois que eu posso avaliar que houve um caminho contínuo e crescente na dinâmica missionária que fomos capazes de criar naquelas comunidades.

JOÃO SOARES: De toda a estrutura e de tudo o que é a missão popular vicentina o que é que mudaria?

P. PEDRO GUIMARÃES: Olha, eu mudaria atualmente algumas coisas, sobretudo acho que ela tem que ser mais maleável um pouco, não pode ser tão estática, porque realmente as realidades variam muito. Acho que a missão popular, hoje, não consegue dar resposta a uma cidade, por exemplo. Por outro lado, também a cidade, hoje, também está diferente. Pensemos, de facto, nas assembleias familiares e na dinâmica de encontro. Acho que elas devem ser repensadas. Por outro lado, também a própria equipa missionária acho que deve ser repensada, porque, se a equipa não tem formação ou não é uma equipa atualizada e não tem, sobretudo, jovens, não falo de pessoas novas, mas falo da casa dos 20 e os 30 anos... Julgo também que é uma missão que também não consegue chegar a todos e, por outro lado, acho que deveria apostar mais na dimensão da caridade.

JOÃO SOARES: última pergunta: faria uma missão de novo

P. PEDRO GUIMARÃES: Faria, mas com algumas adaptações, bastantes, de acordo com a realidade onde estivesse evidentemente.

ANEXO III

Transcrição da entrevista efetuada ao Padre Miguel Ferreira

Data: 16 de agosto de 2018

Local: Residência Paroquial da Lapa, Lapa

JOÃO SOARES: Esta entrevista destina-se à parte prática da dissertação em teologia e é sobre as missões populares. A primeira pergunta que lhe vou colocar, Padre Miguel, é a seguinte: por que razões é que escolheu a missão para as suas paróquias?

P. MIGUEL FERREIRA: Nestas paróquias que tenho ao cuidado achei que era importante, ali pelo meu terceiro ano de cá estar, proporcionar às pessoas um tempo intenso de vivência cristã, que permitisse também chegar um pouco fora, ir além das pessoas que habitualmente vão a igreja, conseguir chamar outras pessoas ao encontro com Deus. E possibilitar também a mim, eu próprio como pároco, ter uma forma de também fazer isso, e solitariamente isso não é muito fácil de fazer. Solicitei fazer a missão na paróquia de Vale da Pedra e da Lapa, pois conheci o projeto da missão popular por uma ou outra crónica do jornal diocesano, porque foram a um sítio ou dois e depois falei com o padre João Maria nesse sentido. Como eram quinze dias, sendo paróquias com alguma dispersão de pessoas, achei que quinze dias era melhor que um fim de semana, como é uma daquelas missões habituais dos jovens, que são muito de repente e quando as pessoas dão pela missão já a missão terminou. Há muitos jovens que eu também acompanho que têm essa particularidade, a meu ver. A missão popular, sendo durante quinze dias, e quinze dias em que um padre e duas religiosas ou uma religiosa e um leigo consagrado, foi mais ou menos o que aconteceu, estão na paróquia e possibilitam outro contacto com as pessoas e eu com eles.

JOÃO SOARES: No fundo os objetivos que traçou para a missão foram aqueles que já mencionou, não é? Conhecer melhor a paróquia...

P. MIGUEL FERREIRA: Proporcionar um tempo mais intenso de vivência cristã.

JOÃO SOARES: A iniciativa foi sua?

P. MIGUEL FERREIRA: A iniciativa foi minha, sim

JOÃO SOARES: As missões vicentinas e não outras deveram-se ao facto daquele anúncio que viu no jornal ...

P. MIGUEL FERREIRA: Mas depois gostei do esquema da missão vicentina, depois estive com o padre João Maria para conhecer melhor e com outro, os quais, na altura, vieram almoçar comigo.

JOÃO SOARES: O padre Zé Carlos ou o padre João Maria?

P. MIGUEL FERREIRA: Não, foi com um padre que foi vosso superior há uns anos atrás.

JOÃO SOARES: O padre Álvaro ou padre Agostinho?

P. MIGUEL FERREIRA: O padre Agostinho.

JOÃO SOARES: Falando agora do modelo de Igreja em si, que modelo de Igreja procurava quando entrou nas suas paróquias?

P. MIGUEL FERREIRA: Eu procuro o modelo de Igreja que me parece ser aquele que nos é proposto pela grande Igreja. Quero uma igreja próxima das pessoas, aí muito no seguimento do que o Papa Francisco hoje nos propõe, mas também tenho procurado muito uma Igreja assente na corresponsabilidade, tenho procurado expandir um bocadinho, não centrar tudo no pároco, mas também não centrar tudo nas outras pessoas. Portanto, procuro fomentar uma Igreja assente na corresponsabilidade pastoral.

JOÃO SOARES: A missão popular, de certa forma, ajudou a conseguir esse modelo que queria ou proporcionou uma abertura a esse modelo?

P. MIGUEL FERREIRA: Proporcionou a abertura a esse modelo. Só queria dizer duas coisas simples: as pessoas que eu escolhi na altura até para organizar a logística da missão popular, onde é que os missionários iam comer em cada dia, etc... eram

peessoas que não tinham qualquer tarefa na comunidade cristã. Em vez de ser a coordenadora da catequese e a senhora do coro, o braço direito e o braço esquerdo habituais. escolhi pessoas sem qualquer tarefa na Igreja, que iam a missa. Tentei que fossem sempre de lugares diferentes da terra, para também irem chamando vizinhos e assim para receberem o padre e chegar até aos padres, eu ia quase sempre e aproveitava para fazer essa refeição com elas.

JOÃO SOARES: Em que situação fez a missão na sua paróquia? Foi quando entrou nas paróquias ou já era...

P. MIGUEL FERREIRA: No meu 3.º ano.

JOÃO SOARES: No fundo também era recente, não é?

P. MIGUEL FERREIRA: Sim.

JOÃO SOARES: Em que situação é que encontrou as paróquias? Consegue fazer um antes e um depois da missão? Em que situação se encontravam as paróquias depois? Em que é que a missão ajudou a melhorar?

P. MIGUEL FERREIRA: Oh João, nestas coisas de missões eu tenho muita prática, pois já noutra paróquia recebi durante três anos um projeto de missão e também acompanho missões juvenis noutras paróquias. Eu não sei até que ponto é que muitas vezes há grandes frutos. Frutos há na missão contínua, ou seja, num padre e num grupo de pessoas, ou seja, por exemplo, vocês no Concelho de Salvaterra, o padre João Maria lembro-me que foi um homem que teve ali um eco muito positivo, pela sua maneira simples de estar e chegou a muita gente. Estas missões de quinze dias que eu acho que é o grande contributo delas, penso eu, na minha opinião e na minha experiência como pároco que as recebi..., o contributo foi dado naqueles quinze dias de vivência maior na paróquia. Numa das paróquias, pessoas que não iam à Igreja começaram a ir, isso é verdade. Numa das paróquias teve uma, uma paróquia diferente e teve uma receção muito diferente da missão. Noutra paróquia a missão foi muito difícil, quer o antes, quer durante a missão, quer o pós-missão, que já lá irei. Mas houve uma, a paróquia de Vale da Pedra, houve pessoas que não iam à Igreja e passaram a ir. Há ali agora quatro ou cinco pessoas com prática dominical que foi claramente fruto da missão. Cinco ou seis já é bom.

JOÃO SOARES: Padre Miguel, agora voltando àquilo que já ia referir, vamos agora falar propriamente dos tempos da missão: do pré missão, da missão no tempo forte e do pós-missão. Vamos ao pré missão. Na pré missão como é que foi vivido este tempo? Ou seja, como é que foi preparada? Anunciada? Como é que correu a formação dos animadores? Dos agentes? Como é que foi a questão das casas, das comunidades, de encontrar toda essa...

P. MIGUEL FERREIRA: Estas duas missões tiveram pré missão, não é? Mas foi muito complicado para as comunidades agarrarem o pré missão. Foi o padre João que veio cá. Fez duas ou três celebrações, duas ou três reuniões. Numa das reuniões nem sequer havia pessoas. Não houve animadores. Nas duas missões inverteu-se a estrutura do tempo da missão. Aquela semana, que seria a segunda semana, a celebração fez-se primeiro, foi uma coisa que tanto o Padre João como o padre ... que não me lembro o nome, um padre novo que depois veio para a missão, depois também falou comigo por telefone e e-mail. (P. Fernando). Pronto. Achamos que seria bom inverter os tempos. O pré missão não foi assim típico, não sei se típico, ou seria de esperar. As famílias conseguiram-se. Uma família em cada paróquia acolheu as pessoas, os missionários. A refeições também foi fácil. Agora a reuniões foi muito difícil.

JOÃO SOARES: E essa formação, principalmente dos animadores, foi feita naquela primeira semana?

P. MIGUEL FERREIRA: Não. Nem sequer houve. Não houve assim os encontros, numa das paróquias foi sempre na Igreja.

JOÃO SOARES: A questão de formar aquelas comunidades familiares, também foi fácil de as fazer?

P. MIGUEL FERREIRA: Na prática, não se conseguiu. Numa das paróquias, em duas partes da terra, eu consegui que houvesse reuniões familiares na sede do rancho, numa parte da terra, que é muito distante da Igreja, e assim pessoas que normalmente não vão a Igreja foram a esses encontros.

JOÃO SOARES: O que custa sobretudo é ir a casa, não tanto as instituições?

P. MIGUEL FERREIRA: Sim. Aqui nesta zona há uma dificuldade muito grande das pessoas irem às casas das outras pessoas.

JOÃO SOARES: A questão, por exemplo do tempo forte, vimos que as comunidades foram difíceis, a adesão delas também? Foi muita, foi pouca...?

P. MIGUEL FERREIRA: No fundo, num sítio houve duas comunidades e noutra houve uma, sediada na igreja paroquial. Na outra paróquia, houve uma comunidade na Igreja paroquial e outra na sede do rancho. Com o tempo de andarem na rua a visitarem as pessoas e a visita aos doentes foi uma coisa muito bem conseguida. Aquele tempo do café permitiu que depois algumas pessoas fossem descobrindo a missão como achava que ia acontecer durante quinze dias, não é? Até foram às celebrações. Depois foram as reuniões, na semana seguinte.

JOÃO SOARES: E a semana das celebrações foi mais frutífera? Correu bem?

P. MIGUEL FERREIRA: Foi tendo etapas, foi tendo gente que habitualmente não vai à igreja. Por exemplo, uma celebração que teve, se se pode dizer isto, algum êxito, chegou mais gente, foi a celebração dos casais. Da família, portanto.

JOÃO SOARES: Relativamente ao pós-missão, quais são os frutos que tira da missão? Ou seja, relativamente, não só às comunidades, mas também à formação. Houve ações nessa pós-missão? Como é que tem sentido os frutos da missão ou desta continuidade da missão, porque a missão não é só aquele tempo forte, a missão também continua. Como é que vê isso, como é que tem corrido nas paróquias esse tempo de pós-missão?

P. MIGUEL FERREIRA: Numa das paróquias não teve assim lá grande consequência. De facto, nem as pessoas continuaram a ir, pronto. Noutra paróquia, de facto houve ali quatro ou cinco pessoas que passaram a ir. As outras houve ali uma formação que tiveram e, portanto, até como colaboradoras pastorais noutras áreas isso depois se nota. Não houve assim um pós-missão assim detalhado, completo, se calhar porque depois eu também, como pároco, acabo por ter outras solicitações e pronto.

JOÃO SOARES: Agora falando do específico do que é a missão popular vicentina e neste ponto, como está a fazer agora? Pedia-lhe que não tivesse medo de dizer aquilo que pensa, porque preciso mesmo desta realidade, desta análise crítica. Qual é a sua opinião sobre os conteúdos que foram apresentados?

P. MIGUEL FERREIRA: Eu acho que os conteúdos que foram apresentados para aqui, para estas duas paróquias, eu também nesse aspeto, achei adequado, pronto. No entanto, eu acho que começamos a ter de chegar a pessoas para as quais eu acho que algum discurso tem de ser mudado. O meu Bispo diocesano, na altura, esteve cá e disse que as missões começaram em boa parte com as missões populares, não são as vossas, dos vicentinos. Aquela experiência de estar quinze dias numa paróquia, o Bispo contou a experiência e disse que muito ajudava os párocos a entrar na paróquia e a conhecer a paróquia. Eu senti isso. Agora, eu acho que há algumas formas e algum discurso que temos que mudar.

JOÃO SOARES: O específico da missão popular vicentina, isto muitas vezes até pode nem ser dito, não é? Mas dizia-se que, noutros tempos, enquanto que outros Institutos ou modos de fazer missão, nós não fomos inventores da missão popular. Outros Institutos deixavam uma cruz na igreja, punham a data e ali ficava. No nosso caso, ficava a caridade organizada na paróquia. Era esse o objetivo da missão. Hoje em dia, em muitos casos, as paróquias já têm grupos caritativos que ajudam e fazem isso. O discurso deve ser também esse, de promover esses grupos e, sobretudo, potenciar essa linguagem relativamente aos mais pobres. Notou isso? Ou passou completamente ao lado esse discurso, essa maneira de trabalhar?

P. MIGUEL FERREIRA: O discurso sim, agora um discurso feito proposta e uma proposta ao alcance de todas as pessoas, não é? Que fosse prática essa realidade não senti e nem sequer vi a perguntar, embora de facto aqui já está organizada essa dimensão da caridade, com uma lacuna que é inter-paroquial.

JOÃO SOARES: Relativamente também ao papel dos leigos na participação da missão, notou algum empenho da parte deles? Notou que o seu papel foi importante? Que colaboraram? Ou ficaram apenas como meros assistentes? Como é que foi o papel deles na missão, quer daqueles que vieram como missionários, quer daqueles que também ficaram como animadores e como, digamos, à frente das comunidades?

P. MIGUEL FERREIRA: Os dois que vieram da parte da missão mesmo colaboraram sempre com o padre. Viu-se que tinham uma parte que era específica deles. Acho que isso era muito bom e aí chegaram, tanto num caso como noutro. Estou agora a lembrar-me do nome de um. Os leigos da paróquia também, pronto, embora os leigos da

paróquia tiveram uma coisa que não se conseguiu. Depois disse isso na altura. Viram isto como mais uma coisa.

JOÃO SOARES: Em geral, e agora numa perspetiva mais geral, o que é que achou da equipa missionária?

P. MIGUEL FERREIRA: Eu achei a equipa missionária muito boa, tanto num caso como noutro.

JOÃO SOARES: Mudaria alguma coisa na estrutura? Na forma? Nos tempos? Se tivesse de fazer de novo mudaria algo?

P. MIGUEL FERREIRA: Não! Não mudaria. Alias eu acho que aí está. Até o sermos capazes de mudar em função da realidade e de um pré missão que não se conseguiu fazer, porque houve resistências ao pré missão, não é? Numa das paróquias a missão foi muito uma teimosia evangélica minha e do padre João. As pessoas não queriam, a paróquia não queria a missão. Eu próprio já tinha dito isso, a paróquia achei-a difícil. Quando fui ao padre Agostinho, pus o jogo em cima da mesa. Mesmo sendo difícil, decidimos não desistir da missão da paróquia antes do tempo, porque também era um sinal de..., já pus missão para as outras paróquias também punha para aquela para mim. Também era uma questão muito de ministério, que, como expressão de amor por aquela paróquia, também da minha parte teria missão como as outras e, portanto, a partir do momento em que, mesmo no fundo em que não houve pré missão, pouco tempo antes da missão conseguiu-se um casal que recebia os três missionários e duas senhoras tratavam da refeição e depois houve uma série de dificuldades que eu ainda as contornei e pronto, fizemos missão e, portanto, só para mim esta atitude do padre João Maria, que ficou nessa paróquia no pré missão e depois, como disse que ia para a paróquia ali, mostra esta capacidade de mudar, que eu já acho bom.

JOÃO SOARES: Quando houve a missão, e desculpe a redundância, já falou no início, é bom referir de uma forma mais concreta, esses objetivos que tinha traçado: do conhecimento que já falou da paróquia, de renovar um bocadinho para dar um ar novo, um ar fresco à paróquia. Sente que hoje ainda vive disso ou sente que o ânimo baixou e voltou tudo à normalidade?

P. MIGUEL FERREIRA: Aí está, mais uma vez há os dois casos. Um caso sim, não é? Num caso sim, quer daquilo que conheci da paróquia e que hoje ainda mantenho esse conhecimento e aprofundei, quer por algumas pessoas que se aproximaram e se renovaram. Noutro caso, não, pronto, eu também já não..., as portas que se abriram com a missão depois tornaram-se a fechar, não é? E, de facto, as pessoas que vieram colaborar com a missão e que permitiram que houvesse missão, do ponto de vista logístico... assim muito fruto, realidades muito concretas da vida da igreja. O mesmo grupo apostólico da paróquia que foi contra a missão, depois, tornou a assumir tudo novamente e, portanto, aí não houve essa... Agora, eu continuo a achar que o que foi feito para as pessoas e que as pessoas receberam naqueles quinze dias foi um tempo de graça e isso não se apaga.

JOÃO SOARES: O Sr. padre disse uma coisa que me parece que é fundamental explorarmos: que era um tempo de pré missão foi uma adaptação, ok? No tempo forte também houve um certo reajuste, mas no tempo do pós-missão, ou seja, esta parte de continuar esta dinâmica missionária no início tinha-me dito que vê algumas dificuldades. O que é que nota? Que dificuldades são essas? O que é que nota? O que é que acharia que poderia fazer?

P. MIGUEL FERREIRA: Eu acho que tem a ver com que, quer numa paróquia quer outra, não houve essa questão dos formadores e que aí, penso eu, o pré missão é que faz a diferença para o pós-missão. Se houver formadores que assumam isto no pré missão, depois o tempo da missão, que é para todos, os formadores continuam. Não tendo havido um pré missão que formasse formadores, o tempo da missão foi um tempo para toda a gente e pronto.

JOÃO SOARES: Recomendaria a missão a outros colegas seus?

P. MIGUEL FERREIRA: Eu recomendaria a missão aos colegas meus e eu mesmo, um dia mais tarde, noutras paróquias não ponho nada de parte. Eu acho, ó João, que é uma coisa que aí, a mim, pareceu-me, eu tive contacto convosco na altura, tem de se aceitar que às vezes as coisas valem o que valem. Por exemplo, eu tenho para mim que foi um tempo de graça. Era uma coisa que o padre João Maria repetia muito, que a missão é um tempo de graça. A missão foi um tempo de graça para a paróquia, para aquela comunidade, para as pessoas que lá estavam, para mim, como pároco. Portanto, se essas duas missões valerem por isso, eu acho que já valem muito e acho que o Evangelho é

assim, não é? O Novo Testamento também, os frutos são para mais tarde, são para outros e, se calhar, daqui por dez ou quinze anos, poderão haver frutos da missão. Portanto, agora eu acho que a missão é um tempo de graça, de facto, e se houver pessoas naqueles quinze dias, e eu aqui vi muito isso em alguns homens, se houver pessoas naqueles quinze dias que vão à Igreja, vão a um grupo de formação bíblica da palavra durante aqueles quinze dias, mesmo que depois não tornem a ir, estiveram com Nosso Senhor naqueles quinze dias.

JOÃO SOARES: Ou seja, proporcionar que a missão seja um tempo, pelo menos, como dizem, de levantar o pó...

P. MIGUEL FERREIRA: Levantar o pó, exactamente.

ANEXO IV

Transcrição da entrevista efetuada ao Padre José Alves

Data: 13 de setembro de 2018

Local: Casa S. Vicente de Paulo, Orgens - Viseu

JOÃO SOARES: Realizou uma Missão popular na sua Paróquia onde esteve, certo, em Chaves?

P. JOSÉ ALVES: É verdade.

JOÃO SOARES: Por que razão escolheu a missão para a Paróquia?

P. JOSÉ ALVES: Eu escolhi esta atividade Pastoral, a Missão Popular, porque me parece a mais adequada para fugir um pouco à rotina de uma Pastoral só sacramental. De quem está à espera, de quem vem à igreja para pedir sacramentos e outros sem ser sacramentos, fundamentalmente, foi isso. Quebrar um pouco a rotina duma Pastoral já gasta.

JOÃO SOARES: Que objetivos traçou, através da Missão? Objetivos concretos ou um objetivo fundamental que tenha traçado?

P. JOSÉ ALVES: O objetivo fundamental era criar um certo dinamismo na Paróquia, na comunidade cristã. Que as nossas Paróquias entrem numa rotina desgastante e criar um certo dinamismo. Este dinamismo cria-se através de uma Pastoral de Grupos, animados por um projeto que depois se materializa e concretiza em temas que são oferecidos aos grupos mês a mês.

JOÃO SOARES: A iniciativa foi sua ou foi concertada, digamos assim?

P. JOSÉ ALVES: A iniciativa foi minha. Naturalmente, baseada na experiência passada e naquilo que é um trabalho específico do Instituto a que eu pertenço, a Congregação da Missão.

JOÃO SOARES: Esta pergunta parece óbvia, mas porquê esta Missão Popular Vicentina e não outra?

P. JOSÉ ALVES: Não, outra quê?

JOÃO SOARES: Outro tipo de Missão.

P. JOSÉ ALVES: Porque estou convencido que é o, digamos assim, a modalidade mais adequada para a animação de uma Paróquia, através da criação de grupos.

JOÃO SOARES: Relativamente à Igreja, que modelo de Igreja procurava para a sua Paróquia?

P. JOSÉ ALVES: O modelo de Igreja em que haja uma maior participação do Cristão, dos fiéis. Uma das coisas de que às vezes as pessoas se queixam é que na celebração tradicional da eucaristia, como é óbvio, as pessoas não participam muito, não falam, não agem, estão nos seus bancos. Nos bancos da igreja não respondem, ao passo que numa sala, nestes grupos paroquiais de reflexão, de estudo, saídos da Missão Popular, eles são convocados a participar, a dizer a sua opinião, a dizer o que pensam, a dizer o que sentem, a partir da leitura da Palavra do Senhor, ou através da leitura de algum documento da hierarquia.

JOÃO SOARES: A Missão Popular ajudou-o a encontrar esse modelo que procurava?

P. JOSÉ ALVES: Ajudou-me. Não quer dizer que tenha atingido a plenitude, mas ajudou. Isso de facto, depois não continuei, por exigências de mudanças de serviços, mas eu acho, penso que, depois de uns anos a trabalhar este modelo, a Paróquia sairia certamente diferente.

JOÃO SOARES: Consegue fazer um antes e um depois da Missão? Ou seja, em que situação se encontrava a Paróquia antes e depois da Missão?

P. JOSÉ ALVES: Consigo. É uma coisa muito interessante que verifiquei é que, depois da Missão, encontrei as pessoas muito mais disponíveis para os trabalhos e para os serviços. Antes, não eram tão disponíveis. Depois da Missão, encontrei uma

disponibilidade muito maior para organizar as procissões, para os trabalhos de limpeza, para o serviço de atendimento, para a catequese... encontrei muito mais disponibilidade.

JOÃO SOARES: Relativamente à Missão, à Missão em si. A Missão divide-se naqueles três tempos: pré-missão, o tempo forte e pós-missão. Falemos agora da pré-missão. Como foi vivido o tempo de pré-missão, de preparação da Missão Popular na Paróquia?

P. JOSÉ ALVES: Esse tempo de pré-missão é sempre um tempo de expectativa, de interrogação “vamos ver no que isto vai dar”. E, naturalmente, acontece que encontramos pessoas que dizem: “Isto não vai dar em nada”. Mas, à medida que vamos fazendo esta preparação para a Missão, as pessoas vão-se deslumbrando, vão vendo qualquer coisa e, da dúvida, ou melhor, passam depois a dar o certo benefício da dúvida. E depois, normalmente, quando se começa a Missão, estás numa expectativa muito grande de que alguma coisa de novo vai sair. Eu penso que é interessante ver uma evolução durante estes dois a três meses de preparação para a Missão.

JOÃO SOARES: Foi fácil encontrar os animadores, os visitantes? Foi fácil a dinâmica da formação de comunidade?

P. JOSÉ ALVES: Não, não é fácil. Não é fácil, porque há aqui muitos medos: há o medo de assumir a responsabilidade de um grupo, há o medo de abrir a sua casa, há o medo de ir à casa dos outros. Portanto, não é fácil. Mas uma das vantagens da Missão é destruir estes medos, tornar as pessoas mais abertas umas às outras.

JOÃO SOARES: E isso foi possível?

P. JOSÉ ALVES: Isso é possível? É.

JOÃO SOARES: Relativamente à formação dos agentes, como é que ela foi realizada? Houve um tempo de preparação? Foi o senhor Padre que deu a formação? Os conteúdos apresentados eram aqueles que vinham no programa geral da Missão? Como é que foi feito este programa de formação?

P. JOSÉ ALVES: Pronto, a preparação dos agentes penso que estás a pensar, julgo que estás a pensar dos animadores dos grupos. Naturalmente os animadores dos grupos têm que ser bem preparados, porque senão eles transformam-se em leitores da

ficha; não pode ser isso, não é. E é interessante, não podem ser apenas... As pessoas têm uma formação humana muito básica, muito primária, a maior parte das vezes. E então o que é que se fazia? Imaginava-se que os grupos, os animadores dos grupos eram uma comunidade e com eles fazia-se daquele conjunto de pessoas, diga-se, dos animadores dos grupos, uma comunidade da Missão e tratava-se o tema com eles. E naturalmente quem estava a tratar do tema, pelo menos no princípio, era um dos responsáveis da Missão, ou eu, ou o missionário. Imaginemos que vocês são uma comunidade e é assim que vocês vão depois orientar a comunidade. Portanto, eles passaram pela experiência de pertencer a uma comunidade para depois saber como é que deveriam animar a comunidade.

JOÃO SOARES: Mas isso foi o Padre Alves que colocou na ... Ou já foi o que vinha dado através da equipa da Missão.

P. JOSÉ ALVES: Não! Na equipa da Missão ou mesmo na Agenda, chamada a Agenda da Missão, não está assim tão claro. Mas, através das experiências que tive de Missões que também orientei, cheguei à conclusão que era preciso descer a estes pormenores, porque só dizer: “vocês vão animar deste jeito, daquele e daquele e daquele”, não dá. A melhor maneira de os preparar é fazer com eles uma comunidade, dois ou três dias antes. Mais, e depois isto dá muito trabalho porque, depois de eles irem, depois de se fazer a reunião da comunidade, normalmente é à noite, vínhamos fazer a avaliação. E depois da avaliação, para o dia seguinte fazia-se uma comunidade com aqueles que iam ser animadores, para tratar do tema do dia seguinte. O tema do dia seguinte é este... e a gente tratava-o ali numa comunidade construída pelos animadores das comunidades. Porque só assim eles ficam preparados para depois dirigirem bem a sua comunidade, senão, não o fazem.

JOÃO SOARES: Relativamente ao tempo forte. Como é que desenvolveu a dinâmica das comunidades familiares? Houve adesão? Os conteúdos eram apropriados? Os animadores conseguiram atingir os objetivos?

P. JOSÉ ALVES: Em relação ao tempo forte, a Missão tem duas semanas. A primeira semana são as comunidades nas casas das Famílias, as comunidades nas Famílias. Portanto, na Família previamente escolhida ou que se dispôs a isso, com animador, que pode ser lá da casa, mas, na maior parte das vezes, é de outra casa. Penso

que as catequeses têm que ser revistas, serem mais acessíveis, mais simples e encontrar outro jeito de tornar as pessoas mais participativas. E é importante, e nem sempre isto acontecia, pôr uma ficha de catequese na mão de cada pessoa e não apenas na mão do animador.

JOÃO SOARES: Estamos a falar também de ambientes rurais.

P. JOSÉ ALVES: Rurais? Sim. Estamos a falar da primeira semana. A segunda semana é diferente, são os mesmos, normalmente são os mesmos temas da primeira semana, que foram refletidos naqueles grupos familiares, mas depois são tratados de uma maneira, de outra maneira diferente, a nível celebrativo. O Batismo, a Eucaristia, a Penitência, a Família são tratados de uma maneira celebrativa. E isso exige uma criatividade muito grande, para que, de facto, a mensagem que foi refletida em grupos agora passe através da Celebração e basta uma maneira alegre, uma maneira que entre pelos olhos dentro e que chegue ao coração.

JOÃO SOARES: Relativamente ao pós-missão, as comunidades continuaram a reunir-se?

P. JOSÉ ALVES: No meu caso, sim. Na missão que eu recebi como pároco, nas duas Paróquias continuaram. Numa Paróquia tinha vinte e duas e ficaram dezasseis. Já prevíamos que algumas caíssem. E, durante os dois anos que estive na Paróquia, continuaram a reunir-se. Noutra Paróquia eram seis, de seis ficaram cinco, uma caiu. E essas cinco também se reuniram durante dois anos.

JOÃO SOARES: Que atividades ou o que é que fazia para manter vivas as comunidades?

P. JOSÉ ALVES: Uma coisa muito simples. Eu aí já me dei conta de que eles, com textos muito grandes com perguntas, não. Então eu fazia uma coisa muito simples: um texto do evangelho, que era normalmente um texto acessível ou um texto de algum documento da hierarquia. Estou-me a lembrar que eu pegava muito na “Alegria do Evangelho”, sobretudo aqueles textos mais apelativos e que eram capazes de interessar mais às pessoas. O texto ia ao cimo de uma página. Depois as pessoas liam o texto vagarosamente, um leitor e as outras pessoas iam observando o texto, riscando o que não entendiam, assinalando o desejo de fazer uma pergunta sobre aquela afirmação que lá

tinha. O importante era manter as pessoas, enquanto estavam a ouvir o texto, mantê-las interessadas. E depois, acabada a leitura do texto, ficávamos um bocadinho em silêncio. Depois abria-se o diálogo, quem é que riscou, quem é que sobrescreveu alguma parte do texto... E as pessoas iam dizendo: “olhe, eu não entendi bem o que isto quer dizer”, “eu não percebi esta afirmação”, ou “eu não concordo”, ou “gostei muito desta afirmação”... E abria-se ali um diálogo. Naturalmente, o moderador ou o animador tem de saber muito bem equilibrar os tempos para que ninguém se torne proprietário da palavra e absorva completamente a reunião. Eu penso que é uma boa maneira de manter as pessoas interessadas, ao fim e ao cabo, no estudo, num exame sobre aquele texto, o texto que foi proposto.

JOÃO SOARES: No fundo, envolve uma ação concreta do pároco?

P. JOSÉ ALVES: Claro. Naturalmente que os textos eram escolhidos pelo pároco e, depois, não podiam ser textos de uma maneira a, como dizer? Avulso. O pároco deve dizer: “o que é que eu durante este ano quero transmitir através das comunidades, aos seus participantes? Quero transmitir esta ideia”. E escolher textos em que haja uma sequência, porque só assim é que há catequese. Não podem ser textos avulsos, do tipo, “agora lembrei-me disto”, depois “lembro-me daquilo”, coisas completamente desconexas. Eu, na *Evangelii Gaudium*, selecionei textos que tinham uma sequência, desde a Verdade na Igreja, a Celebração dos Sacramentos, a Participação na Eucaristia, a Vida Familiar... Havia ali uma sequência de catequese.

JOÃO SOARES: No fundo, os temas foram adequados depois à realidade Paroquial, tentou fazer isso. Por isso, o Padre Alves está a dizer que adotou esse estilo. No fundo, rejeitou aqueles temas que eram chamados temas pós-missão?

P. JOSÉ ALVES: Sim, porque acho que são demasiado elaborados, com uma preocupação teológica grande, e está certo, mas que não se ajustam de maneira nenhuma à capacidade dos nossos Cristãos. E não fazem parte do seu centro de interesse, não é? Discussões teológicas... Agora, coisas práticas no que diz respeito à vivência da Fé, naturalmente que lhes desperta muita mais atenção.

JOÃO SOARES: Padre Alves, já falou que as comunidades voltavam-se a reunir. Já falou na formação que tentou dar. Houve depois alguma ação concreta, que notou que esse pós-missão trouxe? Concretizou-se em alguma coisa?

P. JOSÉ ALVES: Sim! Ainda não sei se eu, - eu penso que já disse esta ideia -, mas eu reafirmo. Foi exatamente nas pessoas que participaram na missão que eu encontrei depois os melhores colaboradores. Foi lá que eu fui buscar os catequistas e as catequistas, os ministros da comunhão, os visitantes dos doentes; foi lá que eu encontrei as pessoas mais disponíveis entre estes que participaram na missão, encontrei pessoas mais disponíveis para depois colaborarem na Igreja; ao fim e ao cabo, na construção da Igreja como o corpo de Cristo.

JOÃO SOARES: Agora, relativamente a este ponto sobre a identidade da Missão Vicentina. Sabemos que não fomos nós, a Congregação da Missão, que inventámos as Missões.

P. JOSÉ ALVES: Não!

JOÃO SOARES: Não inventámos, mas as nossas Missões têm a sua característica, que era a seguinte: as Missões através da Caridade. Acha, considera que a Missão une, promove esse espírito caritativo e essa dimensão caritativa, ou não?

P. JOSÉ ALVES: Claro! São Vicente de Paulo não foi absolutamente original nas Missões Populares. Já os Padres Capuchinhos tinham as Missões Populares, são Carlos Borromeu, em Milão, desenvolveu Missões Populares, os Jesuítas também tiveram qualquer coisa parecido com as Missões Populares. O que é que a Missão Popular, em São Vicente de Paulo, tem de específico? Nós hoje dedicamos quinze dias ao tempo forte da Missão Popular. Antigamente não tinham tempo determinado, a Missão Popular podia durar um mês ou um mês e meio, isso no tempo de São Vicente de Paulo. Mais tarde, por exemplo naquele relatório que nós temos sobre as Missões Populares no século XVIII, de facto, elas eram só de quinze dias, em quinze dias com pregações de manhã, com pregações à tarde e, depois, pregações específicas para este ou para aquele sector de comunidade. Mas, portanto, São Vicente de Paulo não foi original em absoluto. A missão só terminava quando – e isto são palavras dele – quando os participantes da Missão conhecessem todas as verdades necessárias à salvação, quer dizer, ficassem instruídos quanto à Fé e depois, se tivessem feito a reconciliação com Deus, através da chamada confissão geral e a reconciliação com as pessoas, as pazes entre os vizinhos. A Missão não terminava enquanto houvessem pessoas desavindas. E depois, no fim da Missão, criava-se sempre a Confraria da Caridade. O que era a Confraria da Caridade? Era uma

associação entre os paroquianos, em que eles, os membros dessa associação, se responsabilizavam por tratar dos seus pobres e dos seus doentes. Chamava-se a isso Associação da Caridade.

JOÃO SOARES: Sabemos ...

P. JOSÉ ALVES: Isto é que é o específico.

JOÃO SOARES: Voltando outra vez. Hoje em dia, isso mantém-se? Ou seja, o específico da Missão, principalmente no que diz respeito à Caridade, mantém-se? Sabemos que já há grupos caritativos, é certo, mas promover esse espírito e promover essas ações, a Missão consegue isso?

P. JOSÉ ALVES: Eu penso que, não sei se em todas as Missões, isso acontece. Mas eu penso que é ir às fontes, ir ao nosso específico, promover exatamente esta dimensão caritativa, através da visita aos doentes durante a Missão. Acho que isso fazem muito bem. É certo que há atividades que esta tal Associação da Caridade fazia. Hoje são assumidas por instituições de solidariedade social constituídas. Os centros sociais paroquiais e outras instituições que existem, as misericórdias, outras instituições que existem na Paróquia, e penso que não é necessário andar a sobrepor-se, criar mais instituições, com uma instituição igual à outra, não é? Agora o que disseste, isso sim, é importante: “fomentar este espírito caritativo”, não é? E porquê? Porque a Missão só é verdadeira quando depois se transforma em Caridade. Se a palavra não nos transforma em Caridade, foi uma palavra oca, que soou. Reparem, é o que diz São Paulo: “eu posso ser isto ou aquilo, posso fazer muitas coisas, mas, se eu não tiver Caridade, sou como o bronze que retina, como o... Não sou nada”. Diz ele: “Se não tiver Caridade não sou nada.”. Pronto, também na Missão, se não for orientada para um aprofundamento e uma vivência maior, pôr as pessoas a viver intensamente a Caridade, naturalmente que não houve Missão. E, pior ainda, se no fim da Missão há um desaguado sobre a maneira como ela vai terminar, porque uns querem a festa de um jeito, outros querem a festa de outro modo, naturalmente que isso... Não houve Missão. Podem ter havido pregações bonitas, mas Missão não houve.

JOÃO SOARES: Padre Alves, outro aspeto, relativamente ao papel dos leigos na atividade Missionária. Sabemos que São Vicente de Paulo foi um dos Pioneiros a

promover os leigos. Acha que hoje em dia, a Missão continua com esse Espírito, promoção dos leigos? Isso materializa-se em quê?

JOÃO SOARES: Ora bem. São Vicente de Paulo foi, decidida e inequivocamente, um promotor dos leigos, do laicado. Não foi tanto na Missão, porque não consta que ele tivesse levado leigos para a Missão. Isso é um achado do Concílio vaticano II e dos tempos modernos. Ele promoveu os leigos de outras formas.

JOÃO SOARES: As associações de Caridade?

P. JOSÉ ALVES: As associações da Caridade, por exemplo.

JOÃO SOARES: Que eram fruto da Missão.

P. JOSÉ ALVES: Que eram fruto da Missão. Mas quando eu digo que ele não levou os leigos para a Missão é nesse sentido, de ir ensinar a catequese, de ir pregar. Até porque, segundo as normas canónicas do tempo, isso não lhes era permitido, não é? Agora, tanto quanto a mentalidade do tempo permitia, tanto quanto a mentalidade do tempo permitia, aí naturalmente foi um grande promotor dos leigos. Agora, se os leigos que vão connosco à Missão estão preparados para fazer Missão? Eu penso que muitos não estão. Alguns vão ajudar na visita aos doentes, nas visitas às escolas, na organização das festinhas que se fazem, sobretudo na segunda semana, porque é precisa muita mão-de-obra para organizar todo o enquadramento celebrativo, não é? Mas para assumir, por exemplo, a responsabilidade de preparar os animadores dos grupos, dia a dia, naquela primeira semana, todas as noites, para que eles, no dia seguinte, possam animar o seu grupo, eu penso que os nossos leigos não estão preparados para isso, ainda.

JOÃO SOARES: E resultado disso transforma-se um pouco, sem querer, não é? Outra vez um pouco centrada nos clérigos, não é? Nos Sacerdotes e nas Irmãs que acompanham, não é?

P. JOSÉ ALVES: Sim! Eu, naturalmente que o grande, o grande sustentáculo da Missão é o Sacerdote. É isso, é verdade. Mas eu penso que, mais que uma obsessão por levar leigos, é preciso levar leigos bem preparados, não é? E, se calhar, às vezes é preferível não levar.

JOÃO SOARES: Não estranhariam por exemplo um leigo anunciar a Missão ou preparar a Missão?

P. JOSÉ ALVES: Não! Não! Não! Pelo contrário. Eu acho que deveríamos chegar a isso. Ou poderíamos chegar a isso. E repara, temos pessoas preparadas e capazes disso, há pessoas com o curso de teologia como o meu, por conseguinte capazes de preparar uma Missão. Desde que depois sejam capazes de adquirir alguma prática, porque eu também não sabia, só consegui depois com alguma prática, que fui tendo, não é?!

JOÃO SOARES: Em termos gerais, recomendaria, hoje em dia, este esquema, este estilo de Missão a outros párocos?

P. JOSÉ ALVES: Eu continuo profundamente convencido de que é um instrumento, não será o único, mas um instrumento para a renovação das nossas Paróquias, das nossas Comunidades Cristãs. Mas, depois, o pároco que aceitar ou pedir uma Missão, que diga adeus ao descanso, porque depois nunca mais vai ser..., vai ter muito trabalho. Vir como pároco é para trabalhar, naturalmente, vai ter muito trabalho, mas depois também vai ter muito mais colaboradores. Porque depois vai acompanhar todas estas comunidades.

JOÃO SOARES: Uma das críticas que fazem à Missão é que é um tempo bonito, aqueles quinze dias, mas depois tudo desaparece. É isso que o Padre Alves quer referir, que é o trabalho do pároco para que isso não seja apenas um levantar de pó e continuar com o estilo missionário na Paróquia?

P. JOSÉ ALVES: Eu não digo que tudo desaparece, tudo desaparece, isso depende muito do empenhamento do pároco. Ou do pároco ou do encarregado da Pastoral da zona, se ele for capaz de manter os animadores unidos, motivados, fornecendo-lhes material naturalmente que a Missão... A Missão não acaba ao fim daqueles quinze dias. Ao fim daqueles dias acabou o Tempo Forte, o segundo momento. Depois, a Missão vai continuar dois, três, quatro anos, conforme alguns cuidados dos grupos.

JOÃO SOARES: Mas agora o Padre Alves disse uma coisa importante. Coloca tempo, ou seja, acha que é possível manter esse tipo de comunidades durante tanto tempo?

P. JOSÉ ALVES: Como hei de dizer? Nada é eterno, só Deus é eterno. Portanto, não vamos agora imaginar que se criaram os grupos da Missão e isto agora é por todos os

séculos dos séculos. Não! Tudo tem um limite e é natural. Mas repara, eu vi, eu acho que todos os pastores deveriam ficar muitíssimo contentes e avaliar como resultado positivo se conseguirem manter os grupos da Missão. Eles podem funcionar dois a três anos. Porque, se funcionarem dois a três anos, tiveram ali uma centena, umas dezenas, atualmente, umas centenas de pessoas a refletir todos os meses, coisa que não se conseguiria numa celebração tradicional na igreja.

JOÃO SOARES: Ok. Em termos gerais, Padre Alves, relativamente ao que era a estrutura, ao que era a maneira de se fazer. O que é que mudaria na Missão?

P. JOSÉ ALVES: Eu mudaria, essencialmente, eu não digo tanto os temas, mas a maneira de os apresentar. Eu tornaria a ficha de catequese das primeiras semanas, da primeira semana, a ficha da catequese mais simples. Mais simples. Depois, isso não era mudar, mas era introduzir, e não seria durante o Tempo Forte, seria depois na pós-missão. De tempos a tempos, reuniria as comunidades para que elas, “para eles é muito importante”, “olha aqueles ainda funcionam”, “olha aqueles ainda se reúnem”, e sei lá, uma vez por ano, duas vezes por ano ou então dois em dois meses, ou três em três meses, conforme a Paróquia. Por exemplo: “Hoje há uma assembleia geral com todos os grupos da Missão”... Fazendo as coisas, por um lado, o aspeto de convívio e, por outro lado, o aspeto de catequese, agora para toda a gente, não é?

JOÃO SOARES: Uma última pergunta. Se tivesse uma Paróquia de novo, faria outra vez a Missão?

P. JOSÉ ALVES: Sim! Com certeza que sim. Sim. Depende também do enquadramento da Paróquia. Eu já tive aqui uma experiência numa Paróquia Urbana, uma Paróquia Urbana em construção, e tive a experiência de uma Paróquia Rural. Este tipo de Missão dá mais para as Paróquias Rurais. Todavia, eu também tive uma experiência de algo parecido, organizado cá em Lisboa, para as Paróquias Urbanas de Lisboa, em que se fizeram sete fichas de catequese – penso que foi no ano 2000 –, sobre a Redenção, no Jubileu no ano 2000. E esse conjunto de catequeses foi distribuído pelas Paróquias. E pediu-se às Paróquias que organizassem grupos. Esses grupos não resultaram de pregação de nenhuma Missão. Fez-se o anúncio de que iríamos constituir grupos de reflexão e criaram-se, neste caso concreto, criámos dois grupos, que se aguentaram durante bastante tempo. Depois, eu não sei se acabámos de refletir sobre os sete temas. Mas eu penso que

sim, que levaram os sete temas ate ao fim, mas aí houve apenas dois grupos. Mas foi uma experiência interessante. Isto para dizer que também é possível isso.

JOÃO SOARES: Só que em moldes, em que moldes?

P. JOSÉ ALVES: Não, em moldes diferentes, a linguagem era diferente, a temática também, porque os participantes, eu estou agora a lembrar-me de um grupo em que eu participava, aliás participei nos dois, mas um era nos espaços da Paróquia não tem tanto... tem interesse, mas não é assim tão grande. O outro era, de facto, numa casa particular e esse reunia-se numa casa particular, ali mesmo à frente da Paróquia, naqueles prédios cor-de-rosa. Eram umas quinze a vinte pessoas. Iam, desde uma porteira, até a um investigador de um Instituto Superior Técnico, desde um jovem, até uma pessoa de setenta, oitenta anos. Portanto, eram grupos muitos variados. Ou melhor, os participantes eram com idades variadas e interesses variados. Eu penso que foi pena depois aquilo não continuar. Mas não continuou.

JOÃO SOARES: Também passa por um diálogo pela cultura.

P. JOSÉ ALVES: É. Sim! Sim!

ANEXO V

Transcrição da entrevista efetuada ao Padre Manuel Machado

Data: 24 de agosto de 2018

Local: Casa paroquial de Pedras Salgadas, Padre Machado

JOÃO SOARES: Padre Machado, nas suas paróquias teve Missão Popular. Por que razão escolheu a missão popular para a sua Paróquia? Porquê?

P. MANUEL MACHADO: Porque já conhecia alguns Padres da Congregação da Missão, concretamente o Padre Álvaro, com quem trabalhei, trabalhámos juntos na Pastoral Juvenil, aqui em Vila Real durante alguns anos e foi mais através dele que eu pedi à Congregação da Missão para fazer as missões populares nas minhas paróquias, nas minhas comunidades. Penso que a grande razão foi essa, foi ter já alguma relação com pessoas ligadas à Congregação e pessoas que tiveram, o P. Álvaro até ser nomeado Provincial... que tinham alguma influência dentro da organização da vossa Congregação. Foi mais uma relação pessoal, que, digamos assim, que por várias Congregações em hipótese e depois, olha, vou escolher esta por isto. Não! Foi mais uma relação pessoal.

JOÃO SOARES: Que objetivos traçou para a missão na Paróquia? O que é que pretendia?

P. MANUEL MACHADO: O que eu pretendia, acima de tudo, era abanar um bocadinho, digamos assim, a consciência eclesial das pessoas, porque não foi difícil dar-me conta de que, por mais boa vontade que houvesse em muita gente nas comunidades, por mais disponibilidade que houvesse, notava uma certa carência naquilo que nós chamamos consciência eclesial, ou seja, a consciência de ser Igreja. Neste sentido, sou igreja e, portanto, sou corresponsável na missão da igreja, aqui na minha terra, no meu meio, neste ambiente social, neste ambiente familiar, enfim, ou seja, despertar e abanar, passe o termo, a consciência eclesial das pessoas em geral.

JOÃO SOARES: Relativamente ao modelo de igreja que pretendia, a missão ajudou a concretizar esse modelo?

P. MANUEL MACHADO: O modelo de igreja que eu pretendia penso que é mais razoável, ou seja, um modelo da igreja que eu pretendia, que eu pretendo ainda, porque não mudei de opinião, nem de convicções dessa matéria, é o modelo do Vaticano II, ou seja, a igreja comunhão, a igreja que tem consciência de ser um povo e, portanto, um povo de comunhão e para a comunhão e, naturalmente, a partir da Comunhão, gerado a partir da consciência da Missão. Portanto, é aquele modelo do Povo de Deus da *Lumen Gentium*, do Vaticano II. Eu sabia que, nos esquemas de trabalho da Missão Popular, esse modelo de igreja estava presente, está presente.

JOÃO SOARES: Em que situações se encontrava a paróquia a nível de movimentos, de dinâmicas, antes da realização da Missão? Como é que encontrou a paróquia quando chegou lá?

P. MANUEL MACHADO: Encontrei a paróquia, como disse há bocadinho, ou deixei entender um pouco, “tradicionalista”, ou seja, aquele tipo de organização um bocadinho generalista, sem dar grande relevo e a importância que isso deve ter nas comunidades, aos movimentos, às associações apostólicas, aos grupos apostólicos, eventualmente algum secretariado ou outro mesmo que com representação Paroquial. E, de facto, tive a grande preocupação, tive e não sei se consegui nem se não tive essa preocupação, de fomentar um dinamismo nos grupos apostólicos da comunidade, de modo a que todos se sentissem corresponsáveis, ou seja, neste setor ou naquele setor. Eu, nesta área da evangelização, ou noutro lugar, somos todos corresponsáveis da mesma Missão. É certo que é da minha grande preocupação passar daquele modelo de igreja mais tradicional para um modelo de Igreja mais ativa, mais missionária e mais..., pronto, com uma consciência mais apostólica.

JOÃO SOARES: Padre Machado, os tempos da Missão popular vicentina desenvolvem-se em três ritmos, o pré missão, o tempo forte e o pós-missão. Foquemo-nos, agora, no pré missão. Como é que foi vivido este tempo de pré missão? Ou seja, como é que ela foi preparada? Como é que foi anunciada? Como foi esta questão dos animadores? Como funcionou? A questão dos donos das casas? A questão das comunidades? Como funcionou tudo isto?

P. MANUEL MACHADO: Eu aqui tenho de fazer uma distinção, que é assim: eu já tive missão nas Paróquias onde estava anteriormente e naquelas onde estou atualmente. Onde estava anteriormente, eram Paróquias onde se conseguiu um bom nível de dinamismo apostólico e de evangelização, porque sentia que havia muitas pessoas interessadas, porque havia muitas famílias interessadas em colaborar, porque havia pessoas individuais interessadas em dar o seu contributo e assumir exatamente tudo aquilo que fazia parte da missão. Portanto, não foi difícil preparar, fazer tudo aquilo que faz parte da pré missão. Não foi difícil. E, portanto, nas paróquias onde eu estive antes de vir para aqui, para São Martinho do Bornes, senti muito mais apoio, muito mais colaboração, muito mais interesse, muito mais, digamos, dinamismo, por parte das pessoas em geral. Aqui tornou-se um pouco mais difícil, bastante mais difícil, porque há menos pessoas, digamos, assim dentro do âmbito da igreja e, mesmo sendo menos pessoas, pessoas que estão mais longe daquilo que, enfim, que nós pretendemos que as pessoas alcancem e, portanto, senti aqui algumas dificuldades nestas atuais paróquias onde me encontro. Tive algumas dificuldades para mobilizar as pessoas, e para fazer interessar as pessoas. Porque foi uma coisa que, dá impressão, caiu assim completamente de novo e não estavam, digamos, assim, não estavam preparados para poderem acolher esta iniciativa. De qualquer modo, fez-se e alguma coisa sempre fica.

JOÃO SOARES: Voltando ao pré missão: aquela dinâmica, esta parte da pergunta, do acolhimento das Comunidades, por parte, por exemplo, abrir uma casa, ter esta dimensão mais de família, é difícil? Torna-se difícil?

P. MANUEL MACHADO: É uma dinâmica difícil, mas volto a dizer o mesmo, ou seja, não sei se por quantidade de pessoas envolvidas, se pela quantidade de famílias praticantes, em comparação, senti muito mais facilidade onde estava anteriormente, em Mondim, em Paradança, do que aqui, em São Martinho e em Pensalvos e em Parada de Monteiros. Não é fácil abrir as portas das casas das pessoas, não é fácil. A experiência diz-me que, quando as pessoas dão esse passo e abrem as portas, depois acabam por se sentir recompensadas. Esta é a minha experiência. Claro que não digo sejam 100% dos casos, mas na maioria dos casos as pessoas sentem-se compensadas, no sentido de que valeu a pena, ou seja, aquele medo que eu tinha, ou aquele temor que eu tinha, aquela indecisão, afinal não tinha razão de ser e vale a pena, porque gera muito mais comunhão, muito mais proximidade entre as pessoas.

JOÃO SOARES: relativamente à formação dos animadores, como é que viu? Viu oportuno os temas? Viu que não eram oportunos? Foi fácil encontrar animadores?

P. MANUEL MACHADO: Regra geral os temas encontrei que eram oportunos. Se foi fácil, é fácil encontrar animadores? Pois, eu vou sempre ao mesmo, ou seja, em Mondim de Basto foi mais fácil, até porque há um leque maior, muito maior, de pessoas que colaboram ou, pelo menos, no meu tempo colaboravam na Pastoral Paroquial. Aqui, foi mais difícil. De qualquer modo, enfim, penso que se encontrou o mínimo necessário e naturalmente sempre com algum sacrifício das pessoas e com uma grande boa vontade que também devo realçar e devo, enfim, sublinhar e agradecer, não é? Mas não é tarefa fácil encontrar animadores disponíveis, porque as pessoas tendem muito a dizer: “eu não sou capaz”, ou “eu não posso”, ou “eu não sei”, “isso não é para mim”, e coisas assim desse género. Mas quando as pessoas assumem também, volto a dizer, penso que acabam por dar conta e por concluir que, enfim, que é uma tarefa importante e que vale a pena investir nela.

JOÃO SOARES: Relativamente ao tempo forte, aquelas duas semanas intensivas de evangelização, como é que foi vivido nas realidades que teve? Houve adesão? As pessoas nas comunidades como é que reagiam? A semana da pregação como é que se desenvolveu?

P. MANUEL MACHADO: Em Mondim de Basto e até Paradança foi, entre aspas, um sucesso, no sentido de adesão das pessoas. Eu lembro-me de que nalgumas celebrações as igrejas estavam a abarrotar, as pessoas gostavam mesmo de participar e, portanto, tenho que dizer que achei que a adesão foi mesmo muito boa, muito boa. francamente positiva. Eu, pessoalmente, achei que aqui nesta zona das Pedras Salgadas já foi um bocadinho mais complicado, porque, como eu disse há pouco, e é bom sempre ter isso em conta, como, enfim, o contexto aqui, a prática religiosa é mais baixa, muito mais..., é menos intensa que lá em baixo, no baixo Tâmega, onde eu estive, não é? Portanto, para mim era mais fácil e mais gratificante, entre aspas, organizar esta dinâmica da Pastoral com a Congregação da Missão no baixo Tâmega, do que aqui nesta realidade do centro 2 do Concelho de Vila Pouca, onde a realidade também difere muito de zona para zona. Mas aqui, nesta região das Pedras Salgadas, há pouca dinâmica eclesial e, portanto, tudo o que se puder fazer para excitar um pouco esta consciência, ativar um pouco esta consciência eclesial, missionária, do testemunho da Fé, da prática da Fé, da

partilha da Fé, será sempre muito bom, porque temos realmente uma realidade difícil aqui, uma realidade bastante mais difícil.

JOÃO SOARES: Relativamente ao pós missão, as comunidades continuaram ativas? A reunirem-se? Houve alguma mudança na estrutura paroquial? Conseguiu-se fazer alguma coisa? Alguma atividade? Como correu o pós-missão?

P. MANUEL MACHADO: Notei que é sempre o período menos empolgante. Porque, enquanto estão os Missionários, enquanto os Missionários apoiam, enquanto os Missionários, enfim, dão o seu testemunho e empurram e fomentam, as pessoas andam encantadas. Depois que os missionários saem, vão e ficam apenas ligados pelos textos que mandam para os grupos. A dinâmica vai-se perdendo e aquele entusiasmo que se viveu durante o tempo forte vai-se perdendo também, e isso me trouxe, tanto no baixo Tâmega como aqui, na realidade onde me encontro agora, portanto, a parte mais difícil tem que ser mesmo assim, é mesmo o pós-missão, ou seja, continuar a missão depois da missão, não é? É a parte mais difícil, porque ou o pároco tem muito dinamismo e bastante disponibilidade para estar sempre presente e apoiar e ver e não sei que mais, e ajudar e empurrar e não sei quê, ou então as comunidades tendem a enfraquecer, até que depois a maioria vai desaparecendo, não é? A não ser que uns os anos depois possa haver uma nova missão. Mas é a parte mais difícil de aguentar, ou seja, a perseverança, a continuidade é a parte mais difícil.

JOÃO SOARES: Padre Machado, relativamente às características da própria missão. Isto muita gente desconhece, ou muita gente notou, ao longo da missão, é o seguinte: a missão vicentina tem uma característica peculiar, desde o tempo de São Vicente até hoje, não somos inventores de missões nenhuma, elas já existiam, que era enquanto que os Capuchinhos insistiam numa dimensão bíblica, os Redentoristas, os Passionistas, mais relacionados com a paixão de Cristo..., a missão popular vicentina deveria ter a característica de deixar a caridade. Sabemos que nas paróquias já há grupos caritativos, na maioria delas. Contudo, esse espírito, ou a linguagem, podemos assim dizer, caritativa, linguagem de proximidade e, nesta linguagem de fomentar o espírito caritativo, esteve presente? Ou notou que realmente poderia estar mais?

P. MANUEL MACHADO: Esteve francamente presente e até posso dizer mais como testemunho: penso que é das dimensões que mais fazem as pessoas aderir à missão,

ou seja, as pessoas gostam de ver que, sim senhor, há muita oração, há muita reflexão, há reflexões bíblicas, há reflexões eclesiais. Mas precisam de ver isso complementado na ação caritativa. Eu acho que a grande mais valia da missão vicentina é mesmo exatamente a missão da caridade, sem dúvida nenhuma, e penso que é uma faceta muito, muito importante que devem fomentar e que devem sempre valorizar, o mais que puderem, por que é isso que agarra muitas pessoas.

JOÃO SOARES: Essa dimensão notou-se: na visita aos doentes?

P. MANUEL MACHADO: Durante toda a própria missão, notava-se que as pessoas ficavam muito, digamos assim, tocadas com todo aquele odor da Caridade que a missão transpirava, seja visitas aos doentes, seja nas visitas aos idosos, seja na preocupação com os mais pobres, com as situações de maior carência, aqui ou ali, nesta ou naquela família, mas notava-se um gosto especial nessa dimensão. Como realmente, digamos assim, como síntese de tudo aquilo que é missão, ou seja, tudo se exprime depois na ação da caridade, na caridade pastoral e na caridade concreta, direta, junto das pessoas. Para mim, se me perguntarem: Qual é a grande mais-valia da Missão vicentina? Eu digo que é mesmo a dimensão da Caridade e que vale a pena apostar nela.

JOÃO SOARES: relativamente à missão, esta não se faz só de padres, não só os padres devem ser os agentes, a missão também se faz de leigos e são a sua maioria. Como notou o papel dos leigos, quer na participação da missão, quer na continuidade da missão, quer daqueles que vieram na equipa missionária?

P. MANUEL MACHADO: Em geral, gostei muito da participação dos leigos. Julgo que é uma faceta também importante, ou seja, as pessoas nas comunidades paroquiais que recebem o dinamismo da missão verem que isto não é só coisa de padres, nem de Bispos, nem de missionários, padres ou freiras, mas é uma questão exatamente de consciência de missão de todos e, portanto, envolver os leigos nas missões populares para que os leigos também possam falar às pessoas das Comunidades, como leigos, como pai de família, como mãe de família, até como leigo consagrado ou leiga consagrada. Acho que isso também é muito, muito importante. Em geral, vi sempre muito positivamente a participação dos leigos em todas as missões onde já participei, colaborei.

JOÃO SOARES: Ajudou-os a assumir responsabilidades?

P. MANUEL MACHADO: Sim! Sem dúvida nenhuma, sem dúvida nenhuma, seja, no fundo, para os leigos das Comunidades na presença dos leigos que vêm acompanhados dos padres da Missão, é um testemunho que toca as pessoas: se estes fazem porque é que eu não posso fazer também? Ou seja, é importante que os leigos participem.

JOÃO SOARES: Em termos de avaliação, e passamos para este último ponto. Em geral, recomendaria a missão popular a outros padres?

P. MANUEL MACHADO: Sem dúvida. Pena tenho eu de atualmente também as minhas capacidades já não serem como há vinte ou trinta anos atrás, mas pena tenho eu de estar assim num meio tão pouco eclesial, digamos assim, pelo menos para aquilo que eu gostaria, não é? Mas recomendo vivamente, mesmo para quem tenha paróquias, enfim, mais difíceis, como é o caso aqui, e para quem tenha, de facto, comunidades que tenham germen de dinamismo apostólico, dinamismo evangélico, recomendo vivamente a realização das missões populares.

JOÃO SOARES: Padre Machado, outra pergunta: entre aquilo que tinha em mente com a missão e aquilo que foi realmente conseguido com ela, houve muita discrepância?

P. MANUEL MACHADO: Não! É evidente, como eu já disse há bocadinho, nas minhas anteriores paróquias, na região de Mondim, quase nem notei discrepância, ou seja, quase não notei. Aqui notei, porque é um meio muito mais árido. A razão é essa, ou seja, nós temos de saber se estás a trabalhar no meio onde praticamente toda a gente corre para a igreja, ou no meio onde uma mínima percentagem corre para a igreja. É evidente que já sabes que tens que usar umas armas um bocadinho diferentes, não é? E, portanto, a discrepância foi maior aqui, como é natural, mas, mesmo assim, eu não estou disposto a dizer que nunca mais promova a missão, desde que seja possível. Desde que seja possível, promovo de novo.

JOÃO SOARES: Padre Machado, o que é que mudaria, quer na estrutura, quer algum conselho que possa dizer?

P. MANUEL MACHADO: O que eu gostava mesmo de mudar, e não posso prometer, era no pós missão dar mais apoio. Isso era o que eu mudaria de todo o coração, mas sinto que talvez não possa prometer isso.

JOÃO SOARES: Praticamente já respondeu à última pergunta, que era: faria uma missão de novo?

P. MANUEL MACHADO: Faria, sim, sem dúvida nenhuma, se houver oportunidade sem dúvida nenhuma. Sim.

JOÃO SOARES: Pronto, padre Machado, é isto. Eu gostei muito que falasse desta experiência como pároco recetor de missões.

P. MANUEL MACHADO: Muito bem.

ANEXO VI

Transcrição da Entrevista efetuada ao Padre Abílio Raposo

Data: 14 de agosto de 2018

Local: Igreja Paroquial de Santa Maria, Vila Nova de Santo André

JOÃO SOARES: Padre Abílio, entre as várias missões que há, nas Paróquias onde esteve sabemos que optou por fazer algumas missões populares e até mesmo para o Padre Abílio realizou algum, certo? A nível próprio, digamos, mas porque razões escolheu a missão para as suas Paróquias? Porque razão?

PADRE ABÍLIO: Em primeiro lugar, a missão é a ação da Igreja na evangelização, é evidente que nós temos de ir de evangelizar: “ai de mim se não evangelizar”, dizia S. Paulo. Então, no fundo, temos de optar por um caminho de evangelização, no fundo, a gente vai evangelizando todos os dias, porque optar por este estilo de missão popular vicentina, não é ao que estás a referir-te? Olha, primeiro, porque já conhecia desde criança, desde criança. Um padre vosso, o padre Martins, foi quem fez as missões populares quando eu era miúdo na minha aldeia. E a partir daí de certa forma fiquei marcado por esse estilo de missão. Depois, a segunda grande missão que me marcou, também ainda enquanto jovem, foi em Vila Viçosa. As missões populares vicentinas também foram adotadas ali. Já foi uma adaptação que a Diocese de Évora fez aqui, já nos finais dos anos 80, que também fez esse tipo de catequeses familiares, encontros, nas quais eu participei também como formando, dando catequeses às pessoas, nas famílias, e que tinha praticamente o esquema muito idêntico ao dos vicentinos, à missão vicentina. Eu acho que isso fez com que depois, na minha vida pastoral, como pároco, avançasse um pouco por aí. Como disseste, havia outras possibilidades. Realmente, a igreja tem um leque muito grande de modos de evangelizar, mas foi aquela que, no fundo, se calhar me marcou mais ao longo da minha infância, adolescência e juventude, a que me marcou mais foi esta. Por isso é que eu vi frutos que engraçado dessas missões. Pronto, já como padre, já lá vão 20 anos e, com mais os de Seminário

maior já lá vão 30 e tal anos, e então tenho visto que realmente algumas pessoas voltaram à igreja, voltarem a rezar, fruto das missões populares.

JOÃO SOARES: Quando optou por fazer uma missão na sua Paróquia, que objetivos tinha com a realização da Missão?

PADRE ABÍLIO: Olha, de modo geral, eu acho que quase sempre foi quando eu iniciei um trabalho numa paróquia, primeiro no 1º e 2º anos foi um bocadinho para conhecer a realidade e por ver a necessidade de chegar mais longe, não só àquelas pessoas que estavam já dentro da igreja, mas chegar um pouco mais longe, ir até às famílias, às casas. E a missão popular toca aí, entra dentro das casas das pessoas. E então eu achei que na altura era um bom caminho para chegar a mais gente, já não só nas celebrações sacramentais, mas ir ao diálogo, ir conversar, ir junto das pessoas, estar com elas lá e esta missão era a maneira de eu chegar. Foi isso que eu pensei. Quando eu fiz as missões populares foi para ir mesmo, ir ao encontro e, a partir daí, conseguir até ir a alguns sítios, como o Brejão, por exemplo. Estive lá com o padre Pereira, já com a missão vicentina. Lá foi construída comunidade, porque lá havia duas ou três pessoas ligadas, que vinham à Sede, mas eu queria construir comunidade lá mesmo. E que havia três ou quatro pessoas que se juntavam e, com a missão, aumentou um bocadinho o grupo, aumentou realmente, mais uma vez fruto dessa missão que fizemos lá.

JOÃO SOARES: No fundo, a iniciativa partiu sempre da sua parte de todas as missões que fez, ou não?

PADRE ABÍLIO: Não sei se foi alguma a nível diocesano, mas, de um modo geral, foram sempre minhas, de um modo geral. Estava a ver se me lembrava de alguma. Sei que houve uma que, de facto, pode ser um misto: foi quando o Padre Agostinho veio para aqui, para a Diocese, trabalhar nas missões, que o Bispo disse os padres que quisessem tal, tal... O bispo é que motivou os padres a pedir as missões para as várias paróquias e, nessa altura, fiz também. Mas podemos dizer que foi por iniciativa minha, não era obrigado a fazer. É evidente que muitos padres não fizeram, mas eu fiz. Assim, podemos dizer que, de um modo geral, foi sempre por pedido meu.

JOÃO SOARES: Também já falou, mas porque há várias oportunidades que a igreja oferece... Apesar de já ter referido, de várias missões possíveis, por exemplo,

Redentoristas, Passionistas, ou várias Congregações que fazem missões, até os Capuchinos, porquê, apesar deste leque vasto, optou por esta e não por outras?

PADRE ABÍLIO: Olha, vou ser sincero contigo, e acho que já referi isso há pouco. Em primeiro lugar, não conheço as outras. Nunca conheci nenhuma. Nunca trabalharam por aqui neste campo missionário simplesmente comigo. Não sei se com outro padre, mas comigo nunca me foi apresentado. Olha, temos este estilo de missão se o padre quiser nós podemos, enquanto que os vicentinos fizeram isso e apresentaram-se aos bispos e mostraram o projeto. Tinham um projeto, mostraram-no aos Bispos dizendo que estavam disponíveis para aplicar aqui, se quisessem. Em linhas gerais, se calhar foi isto que aconteceu, não sei... Tu saberás, se calhar, melhor isso do que eu, mas acho que foi isso que aconteceu com o D. Manuel Falcão, quando pediu as missões populares, na continuidade de umas mais antigas, da década de 50, com o Bispo D. José Patrocínio Dias, em que também houve missões populares na diocese e há mais antigas ainda que não sei com quem foram, não sei se foram vicentinas, se foram com outras congregações, se foram só diocesanas, não sei, mas no tempo das décadas de 40, 50 do século passado, com D. José Patrocínio Dias houve outras. Mas no tempo do dom Manuel Falcão, não sei bem qual foi o conhecimento que ele teve, não sei como é que foram apresentadas, mas foi as que eu conheci, com o meu bispo. E foram as que entraram aqui na diocese, foram as que tiveram grande impacto no tempo do D. Manuel Falcão. Mais ainda, foram aquelas, e digo-o publicamente, foram aquelas que fizeram crescer a prática dominical na diocese. Foram realmente as missões vicentinas. As missões populares vicentinas foram as que fizeram com que a prática dominical, que estava extremamente baixa e baixa na mesma, subisse uns quantos pontos percentuais, com as missões populares vicentinas. Por isso, este é o primeiro ponto que eu acho que é do conhecimento que eu tive do passado. Dos outros não conheço. Em segundo lugar, eu tenho essa noção de que elas dão fruto, por isso se há tipo de missão, se há um tipo de trabalho que está a dar fruto, porque é que eu vou estragá-lo? Porquê alterá-lo? Podem vir outro tipo de missões, outro tipo de missionários a virem e não tens nenhum fruto. Arrisco-me a perder aquilo que tenho, porque pode não ser adequado para este tipo de povo do Alentejo, pode, pá. Há os receios do missionário também, não é? Há os medos do missionário. Então, se esta é boa e funciona, se calhar é melhor mantê-la, não é?

JOÃO SOARES: Agora vamos mais para o que é a Igreja, mais o que é a situação paroquial. Nas paróquias onde está, pois, certamente, esta não é a primeira, é este modelo de procura para a sua paróquia. Este modelo, o modelo missionário, que modelo é que você quer quando entra numa paróquia? O que imagina para ela, para a dinâmica pastoral da mesma?

PADRE ABÍLIO: Olha, é evidente que a nossa primeira ação, como pastores, é evangelizar. Os instrumentos, como já disseste há bocadinho a nível de missão, são muitos. A Igreja não é só as missões populares, a igreja é um caminhar contínuo missionário, que é feito através de todos os grupos existentes na Paróquia. E um Pároco, quando chega, vê o que é que existe, vê o trabalho que está sendo feito. Vai incentivar aquele que está bem encaminhado, que está dando frutos. Se há algo mais deficitário tenta remodelá-lo, tenta incentivá-lo e, depois, uma coisa que é básica em todas as comunidades e, nas comunidades onde não houver, essa comunidade tem os dias contados para a morte, é a catequese. Se não houver catequese, a catequese nas várias faixas etárias, não é?, desde o início da entrada da escola até à hora da nossa partida para o céu, não é?, que é a catequese da infância, da adolescência e da juventude e da catequese adultos... Por norma, numa formação de uma evangelização prática, eu sempre tenho apostado na catequese de adultos, com duas vertentes, na catequese adulta: uma, direcionada para os sacramentos que é para pessoas que se aproximam da igreja para pedirem o batismo de adultos ou crisma. Então, faço um grupo específico com esse tipo de pessoas para dar uma noção básica, ou seja, uma evangelização básica, começar a dizer-lhes quem é Jesus Cristo, em primeiro de tudo, não é? E depois disso, para a frente, começar a falar da igreja. Pois, mais adiante falar dos sacramentos, da Sagrada Escritura, é evidente com os sacramentos, porque os sacramentos são consequência da minha conversão. Procuro os sacramentos, estou convertido. Os sacramentos vão reforçar a minha conversão e a minha fé. Então este é o itinerário, o itinerário, de modo geral: incentivar os grupos que estão, apetrechar a paróquia de catequese de adultos, se efetivamente não tiver, inserir e incentivar e, depois, eventualmente em algumas épocas nos tempos fortes, em alguns períodos, provavelmente uma ação missionária, mais forte e mais persistente, por exemplo, podem ser as missões populares, para não ficar ali parado, para não estagnar, mas para dar continuidade. Para mim, vejo a missão popular como um trampolim para dar o salto para a caminhada em igreja, para a inserção na comunidade e a vivência cristã.

JOÃO SOARES: É uma ajuda, então, digamos assim?

PADRE ABÍLIO: Eu acho que as missões populares são, no o fundo, essa ajuda que é necessário dar, de vez em quando. Sabes que, às vezes, quando penso nas missões populares, penso num padre que morreu há pouco tempo aqui na minha diocese, que era o padre Alves. O padre Alves era muito, muito dinâmico. Já morreu com 90 e tal anos. Era muito dinâmico. Ia para uma paróquia e mexia, mexia com as pessoas, mexia com tudo. Mexias as pessoas, ia para os cafés, ia para as ruas, falava com as pessoas, com a viola, levava pão, levava queijo, levava tudo e mexia com toda a gente. E ele levantava o pó. Havia, às vezes, paróquias que estavam assim, muito mortijas. Tinham a catequese das crianças, a missa e... acabou, não tinham mais nada. E ele ia mexer com aquilo tudo. Tinha que vir alguém que passasse o pó para que o pó não caísse outra vez em cima das coisas que continuasse um trabalho efetivo de evangelização. As missões populares são um bocadinho isto: levantam o pó mas, depois, nós temos que continuar o trabalho, não é? Porque, se esperamos que a missão popular realmente faça tudo e o padre continua ali na sua, no seu comodismo, a celebrar a missinha e mais nada, então aí não vale a pena, a missão popular não vale a pena, é perda de tempo.

JOÃO SOARES: Relativamente a questão de, e até pode dar exemplos concretos entre um antes e um depois da Missão. Consegue, muitas vezes, quando teve missão nas suas paróquias, ver um antes e um depois concreto, depois da realização de uma missão, ou muitas vezes a situação até piorou?

PADRE ABÍLIO: Piorar não, mas é evidente ver novidade, ver alguma coisa, alguma coisa diferente, com certeza. Vi e constatei. Se não tivesse constatado, então não teria requerido tantas vezes as missões populares para as minhas paróquias. É evidente que sim. É evidente. Eu costumo dizer que se há uma pessoa que não ia e começou a ir à Igreja, já valeu a pena uma missão de quinze dias, já valeu a pena aquele trabalho todo para a salvação da uma alma, valeu a pena, tudo vale a pena. Então, é evidente que sim. Já falei do Breijão. Era um grupo de três a quatro pessoas que se juntavam ali. Eu ia lá de vez em quando, não sei quê... E fizemos a evangelização, fizemos a missão popular e realmente cresceu, começou a ser mais um grupo de quinze pessoas a dezassete, vinte, às vezes, e tinha três a quatro crianças na catequese. É evidente que houve sinais, mesmo em Aljustrel, onde passei, mesmo em São Teotónio, onde também fizemos a missão. Às vezes, nas grandes cidades e vilas, as vezes, parece que a coisa não se nota muito, mas

depois, porque já são grupos maiores, de quarenta, cem ou duzentas pessoas que vão à missa habitualmente, se se acrescenta uma ou duas pessoas, parece que não se nota, não nos apercebermos delas. E comenta-se: “Ah! Afinal de contas, pensei que ia encher mais a Igreja...” A missão popular não é para encher Igrejas, não é. Missão Popular é para despertar a fé: esta é a noção que eu tenho. Despertar, acordar a pessoa que estava a dormir, como tu quando estás a dormir toca o despertador e tu apanhas um susto, não é? Estavas bem ferrado a dormir e então apanhas um susto. Eu penso que a missão popular é um bocadinho isso, não é? Despertar as pessoas que estão a dormir e levá-las depois à prática, procurar a catequese, procurar a formação, procurar depois de um caminho, integrar-se na igreja, através de um dos caminhos que a igreja tem dentro dela própria, do movimento de um grupo e, aí sim, há várias pessoas que ingressaram para vários serviços, devido a terem participado numa missão popular.

JOÃO SOARES: Sabemos os tempos da missão: há o pré missão, o tempo forte, depois o pós-missão: este é o esquema, digamos, da missão popular vicentina, uma missão anunciada, uma missão vivida, depois uma missão continuada. Relativamente ao pré missão, como é que, de um modo geral, como é que viu esse tempo de pré missão, como é que ela foi preparada, como é que ela foi anunciada? Como é que viu a toda aquela dinâmica dos visitantes, dos donos das casas, mesmo da população, mesmo própria formação dos agentes e das comunidades? Como é que viu toda essa dinâmica do pré missão? Ou como vê, ou aspetos positivos ou negativos desse tempo de pré missão?

PADRE ABÍLIO: Eu tenho a noção ou tenho a sensação de que nem sempre foi assim. Nem sempre havia esse pré, já outras mais antigas não tinham. Entretanto, foi-se remodelando. Deve ter sido adaptado um bocadinho. Realmente, essa pré- missão é importante, essa porta-a-porta, levar uma mensagem, o falar, é evidente que há aqui um medo, confusão com as testemunhas de Jeová e não sei quê, não sei que mais. Mas eu já falei nisso ainda nas últimas missões que tive, eu falei nisso e não tem problema. Levam santinhos, mandam fazer uma pagelazinha, com a imagem da padroeira daqui, de nossa Senhora e vocês levam imagens de Nossa Senhora de Fátima. E as pessoas não vão confundir, porque os testemunhas de Jeová não querem nada dessas coisas. Isso é próprio nosso e vocês vão e não tem problema. Esse é um primeiro momento... é já missão. Esse pré missão é já missão. É missão, não só para aqueles que vão receber os visitantes, mas também para os próprios visitantes, estão sendo eles próprios evangelizados, quando se

prepararam para fazer aquele serviço, para irem ao encontro das pessoas. Preparam-se para, de facto, para eles terem uma experiência. Muitos tiveram a sua primeira experiência missionária, porque, em tempos idos, isso era feito pelos padres e pelas religiosas, eles é que faziam e batiam de porta em porta e não sei que mais. Mas depois começou-se a fazer com a própria prata da casa. Não tinham grande experiência. A primeira grande experiência de fazer uma pré- missão foi em S. Teotónio. Foi com as pessoas da própria terra, da própria Paróquia, coordenadas e ajudadas pelo Padre Agostinho, que preparámos um grupo para ser missionário, sendo missionários e acompanhar nos vários locais, nas várias comunidades. E, ao fazer essa pré missão, já essas pessoas estiveram, elas próprias, a ser evangelizadas, elas próprias a receber o evangelho para, depois, irem. Por isso, a pré-missão é a parte fundamental para o êxito do resto. Para mim, tenho esta noção, se não houver uma pré missão bem organizada, bem orientada, bem preparada e bem executada pode falhar a missão central, a missão dos dias da ação evangelizadora pode falhar.

JOÃO SOARES: Mas aquele tipo dificuldades notou que apareceram, por exemplo, com a questão de entrar na casa das pessoas, relativamente ao facto das pessoas também, como já referiu, confundirem com Testemunhas de Jeová, muitas vezes também é a questão de não quererem comprometer-se muito, desconfiam do que será isto... Notava muitas vezes esse receio?

PADRE ABÍLIO: Sim, ultimamente sim, nos últimos anos as pessoas fecharam-se um bocadinho, e mais, entrar dentro da casa das pessoas é difícil, hoje em dia é difícil, está a piorar dia para dia. Antigamente, as pessoas não tinham esse pudor. Acho que as pessoas têm pudor de mostrar a casa, não querem que vão lá para dentro depois espreitar e ver o que é que elas têm, mais bibelôs, menos bibelôs, se têm mais uma estante, menos uma estante ou o sofá, se está novo ou se está roto... Eu acho também que uma das falhas daqui e da qual eu falei também aos padres vicentinos foi a questão das assembleias familiares. Têm de ser repensadas e bem pensadas. É porque, realmente, houve pessoas que se foram recusando muito. Nós, para arranjar numa rua uma casa que recebesse os vizinhos às vezes era difícil, muito difícil. Queixavam-se: “Ai o meu marido!” A desculpa de quase 70% era dos maridos, a maioria do Alentejo, em que o homem não vai à igreja. “Ai não, porque o meu marido não gosta dessas coisas” ... e não sei que mais. A mulher vai à missa, está lá uma das pessoas que vai à missa todos os domingos, a gente pede e ela diz que não, por causa do marido que não vai. “Ele deixa-me ir à missa, mas

não quer essas coisas e eu não posso, sabe?” ... A dificuldade de arranjar comunidades familiares é permanente. Às vezes, ali no tempo da missão, para os quatro ou cinco encontros, com alguma dificuldade, ainda se consegue. Mas permanentemente, mensalmente, para ficar para o futuro, é mais complicado, é bem mais complicado. Isso é um dos entraves. Isso e aquele das testemunhas de Jeová, isso e ir de porta a porta... Depois, no tempo de missão, de fato, o receber a missão em casa, convidar, se calhar, uma noite para lá irem, e tal e coisa, tudo bem. Se calhar ainda vá lá, mas para esse tipo havia muitos entraves, para as assembleias familiares na casa das pessoas, via-se muitos entraves. E o entrave principalmente era este: era as pessoas não quererem, de facto, mostrarem a sua própria casa, o que é que têm lá dentro, e desarrumar, sujar e não sei que mais, e porque era um grupo de cinco, dez pessoas que iam lá para dentro de sua casa e depois não sei quê, desarrumavam e, claro, era o próprio cônjuge que, muitas vezes, era um entrave também.

JOÃO SOARES: Quando se fala também da missão agora vamo-nos focar no tempo forte: temos a dinâmica das comunidades e, na segunda semana, temos a dinâmica das pregações. Contudo, na semana das Comunidades já falámos deste problema, que, muitas vezes, é o de receber nas suas casas, mas a nível, por exemplo, de adesão, de conteúdos, de chegar às camadas mais jovens, as comunidades familiares conseguem esse objetivo, ou não?

PADRE ABÍLIO: Segundo a experiência que eu tenho, não. Nas assembleias familiares a gente partia do princípio de que era para toda a família e vizinhos. Vizinhos que trouxessem também, mas a gente vê que nestes grupinhos aparecem crianças, adolescentes, um ou outro, às vezes, que vão com a mãe ou com o pai. Mas jovens é muito raro. Os jovens não aderem. Por acaso, não chegámos a fazer. Eu acho que, em todas as missões que fiz, nunca cheguei a fazer uma assembleia familiar de jovens, não me recordo que tenhamos feito. Ou não surgiu a ideia, ou não se fez, ou não havia matéria ..., não sei, não sei porque é que não se fez. Assembleias familiares nas casas era normal, um conjunto misto, com todos, mas realmente tem um grau de dificuldade grande as assembleias familiares com os jovens. Que depois apareçam alguns na segunda semana na igreja, já aparecem na segunda semana de pregações na igreja, aparecem alguns, até para fazerem animação, para tocar viola, fazer de Coro, para ajudar a cantar e não sei que

mais, já aparecem. Por isso, não sei. Não sei. Aqui, prontos, a camada juvenil, acho que é onde a missão é mais difícil de fazer, mas, nesses moldes.

JOÃO SOARES: E já que estamos a falar sobre os moldes e na semana das celebrações, vemos que, na primeira semana, até pode haver uma participação muito ativa de toda a equipa missionária, que é composta também por leigos e não só por sacerdotes. Mas na segunda semana, digamos, já não é tanto assim. Se calhar, a colaboração que às vezes esses leigos podem dar pode ser menor. Como é que vê essa participação? Acha que, muitas vezes, são reduzidos a espectadores, ou são membros ativos nessa dinâmica da missão?

PADRE ABÍLIO: Sim, se calhar poderá ser uma falha, digo eu. Não é que nessa perspetiva de que a segunda semana é na igreja, onde o Padre bota faladura, prega, o padre a pregar e as pessoas ali sentadas nos bancos a escutá-lo, a ouvi-lo, e a cantar, a ouvir a palavra de Deus. Se calhar, depois de uma semana de pregação em casa, das catequese, só um bocadinho de catequese é também o anúncio que é feito, mas depois vão para a igreja e lá pode-se correr o risco, se calhar vamos correr esse risco das pessoas voltarem aos bancos da igreja para escutar o padre a fazer a homilia na missa, não é? poderia haver algum reforço aí na participação, serem celebrações mais participadas por vários elementos das assembleias, sim! Sim, mas provavelmente, sim. Provavelmente, será o momento de pouca participação.

JOÃO SOARES: Já falámos do pré- missão, digamos, da semana mais intensa. Agora vamos falar um pouco dessa continuidade. Das experiências que teve, como é que depois foi o pós-missão? As comunidades continuaram a reunir-se? Houve recursos formativos para elas? Como é que se elaborou a dinâmica do pós-missão? Relativamente às comunidades familiares, ou mesmo ao próprio estilo de missão, pode não ser relativamente às comunidades, caso o objetivo da missão fosse continuar com as comunidades familiares, mas o que é que se fez do pós-missão, digamos assim?

PADRE ABÍLIO: É assim, o pós-missão para mim é o calcanhar de Aquiles das missões populares, é ter calcanhares de barro que partem facilmente e aquilo que aconteceu na esmagadora maioria foi isso. A missão veio e preparou tudo. Fala, anuncia, cria missões populares, mas depois deixa missões populares mais nada, esta é a estrutura física, não aquela espiritual, aquela que fica por ser interior, como eu já falei, pois que

algumas pessoas até começam a praticar por causa da missão. Não estou a falar disso. Estou a falar da estrutura que é criada e da orientação que é dada às pessoas para o futuro. Participam nas missões populares, participam nas assembleias familiares (desculpa), eu acho que aqui é que está o problema. A missão, claro, devia ser nesses quinze dias, em que é fundamental a presença do pároco. Claro que este deve acompanhar 100% esses quinze dias. Se pede a missão de 15 dias, é 100% ocupado com acompanhamento, porque se não a missão também não resulta. Se o pároco não está, não vale a pena, porque é por aquilo que vou dizer a seguir, no pós-missão, porque ao congregar as pessoas duas semanas intensivas o pároco já tem algum conhecimento pois até está algum tempo na Paróquia. Já conhece muita gente, conhece alguém, até pessoas que habitualmente não praticam. Ele conhece a vida das pessoas, até de terem ido receber algum sacramento, batizar os filhos, alguma coisa conhece-os. E a pós-missão ou a última, a segunda parte da missão, a segunda semana da missão devia começar a levar a abrir horizontes às pessoas. Não só aqueles temas que estão: sobre a igreja, sobre Jesus Cristo, vários temas que são dados sobre a aliança... , vários temas que são dados em toda a missão, que são temas que despertam, mas podia haver outros encontros para a apresentação da dinâmica da Igreja, onde é que eu posso inserir na igreja e aí encaminhar as pessoas para o pós-missão. Eu acho que falta aqui encaminhar. Só encaminhar as pessoas para assembleia familiares e deixá-las a “nadar” no oceano imenso, sem uma ilha onde elas possam descansar um bocadinho, para depois continuar até à eternidade, não funciona. Por isso, é que eu acho que um dos fracassos das missões populares vicentinas é este: o pós missão. Deviam, de facto, estruturar melhor um bocadinho, reestruturar, no sentido de abrir horizontes às pessoas, apresentar-lhes aquilo que a comunidade é, aí é que está a pré missão. Também, se calhar, na pré missão, aquando do contacto com o pároco, dizer primeiro, estudar a paróquia, aqueles que vêm a fazer a missão, primeiro devem estudar por ali assim inquirindo: Senhor Padre, qual é o serviço? Qual é a ação missionária que o Sr. Padre tem na sua paróquia? Quais os movimentos? Ou pretende criar algum para o futuro? A missão devia preparar tudo isto. Que aquando da primeira semana se faz aquilo das assembleias familiares e depois a comunidade, na segunda semana, as pessoas ... , se calhar ter alguns dias, ou de tarde, ou à noite, fora da celebração, dentro da celebração, haver outros momentos ao longo do dia. Painéis, por exemplo, painéis com os vários grupos e ações, em que a pessoa pode-se inserir no futuro, porque o futuro da missão não é só assembleias familiares. Não se pode fazer uma missão popular só pensando... “vão ficar sem assembleias familiares” ..., “vocês vão reunir para o resto da vossa vida e

alcançam o reino dos céus” ... Não pode ser assim! Eu acho que esta é uma grande falha das missões populares. Então, o padre mudou? Não! tentei em alguns casos específicos levar... Chamei algumas pessoas, que entraram, através das missões populares, noutros grupos e noutros movimentos e de outras coisas. Vou chamando algumas: “Vem cá! Não gostava de fazer parte da Cáritas Paroquial? Você tem jeito para isto, ainda você até é muito sensível para com a pobreza? Você até é tão jovem quer agarrar um grupo de acólitos? Você é uma pessoa boa, se calhar, ali para os cursos de cristandade. Não quer ir fazer um curso cristandade? Quer aprofundar aqui a missão Popular?” De facto, eu, uma vez ou outra, fui fazer uma coisa dessas. Mas eu acho que na missão já devia vir isso aqui na espinha dorsal da Missão Popular. Já devia vir isso, canalizar a pessoa para a igreja e não para uma assembleia familiar, mas para a igreja, para viver em igreja. Eu acho que é a noção que se quer dar e, se calhar, vocês têm e fazem, realmente têm, para participar em Igreja, mas eu acho para participar nos vários múnus, nos vários ramos, nos vários caminhos que a igreja nos apresenta. Deviam estar aqui inseridos também dentro, sem medo, sem medo, estar dentro da missão popular, para o pós-missão funcionar.

JOÃO SOARES: Falando agora relativamente aos conteúdos mais específicos da Missão popular Vicentina: há umas certas características que a identificam e que são próprias, não é? E que são desde a sua fundação. Uma delas é a caridade. Dizia-se, na altura, que, enquanto as outras deixavam uma cruz na igreja, nós temos a obrigação de deixar a caridade, fundada em cada Paróquia. Sabendo que em muitas Paróquias já existem também caridades fundadas, a missão popular, segundo a sua experiência, tocou neste aspeto? Ou falou nesta dinâmica também? Apelou a esta realidade da pobreza, da dimensão social da própria caridade da igreja? Ou das vezes que se foram apresentadas não notou tanto isso?

PADRE ABÍLIO: Não é objetivo principal, nunca notei que fosse o objetivo principal em nenhuma das missões que foram feitas, nunca notei que fosse o objetivo fundamental. Primeiro, porque, se calhar, já existiam grupos. Uma das coisas que eu tenho, como primeiro princípio básico é ter a ação socio-caritativa organizada nas minhas paróquias. Sempre tive. Desde sempre. Desde Aljustrel, Sines... Também já tinha quando agora passei por Sines, São Teotónio, agora aqui sempre tive o grupo sócio caritativo a funcionar em pleno. Onde era preciso remodelar, remodelei; onde foi preciso incentivar, incentivei. Ou seja, quando as missões populares chegaram, a parte sócio caritativa estava

a funcionar. Se foi incentivado? Não sei. Como eu tenho como princípio estar sempre a funcionar essa dimensão, não me apercebi que fosse o objetivo fundamental da missão.

JOÃO SOARES: Relativamente também a outros aspetos, por exemplo, o papel dos próprios leigos na atuação da Missão. Como viu a participação de vários leigos nas mais diversas partes da missão? Como é que identifica esse papel na própria missão popular vicentina?

PADRE ABÍLIO: Olha, não sei se vais perguntar mais à frente sobre isso, essa questão dos leigos, mas já que tocaste nisso, a minha experiência com uma missão popular vicentina foi criada por nós mesmos, com o apoio do Padre Agostinho. A presença do P. Agostinho, sempre em todos os tempos, depois, a medida na missão também, mas foi em que nós preparámos um grupo de pessoas que eu selecionei dentro da Comunidade. O único externo à missão à paróquia era o Padre Agostinho. Do resto, todos eram membros da comunidade, eram leigos e eram três religiosas, também da comunidade, também estavam integradas, estavam a viver na paróquia quatro religiosas e mais cinco ou seis leigos da paróquia, que fizemos participar na missão. Não vi ninguém de fora. Não pedimos a ninguém que viesse de fora. Não foi solicitada a presença, nem de religiosas vicentinas, nem de leigos que, às vezes, os vicentinos também trazem, de outras paróquias, para fazerem a experiência. No nosso caso, tive casos em que isso aconteceu, outras missões mais anteriores que aconteceu, leigos que vieram de fora, mas aquela experiência de São Teotónio foi com pessoas mesmo da terra. Foram e eram elas que faziam mesmo, eram elas que iam. Nós fazíamos esse tal pré missão, preparámo-las. Preparámos as catequeses com elas. As assembleias familiares foram preparadas, fizemos as catequeses e, depois, foram eles próprios que foram para o campo de trabalho, porta-a-porta, como depois na ação central, foram eles que participaram. Foram eles que dinamizaram, cantaram, anunciaram, falaram de Jesus Cristo, anunciaram as catequeses, seguiram catequeses, o esquema catequético. Participaram, pois, na segunda semana, na animação das celebrações. Há uma participação cada vez maior, uma participação dos leigos nas missões populares, sim! Cada vez maior.

JOÃO SOARES: Mas essa participação revela qualidade? Ou seja, são preparados? A missão ajuda-os a serem formados?

PADRE ABÍLIO: Sim. sim. Como estava a dizer-te, na pré missão, na preparação da missão, são formados. Nós tentamos passar-lhes o espírito da missão, o que é que se pretende. Depois, descemos concretamente a todo o conteúdo, todo o conteúdo da missão. Eles preparam-se com tempo de antecedência. Estudam a missão, estudam os conteúdos, são-lhes passados conteúdos e depois, na hora de intervir, são distribuídos os serviços, os trabalhos: quando é que cada um tem de intervir, quando é que cada um tem que fazer a catequese, qual é o dia que calha a este, quando é que calha àquele, quando é que calha ao outro... Cada um fazia, preparava. Mas eles queixavam-se: “Mas, senhor Padre, eu tenho vergonha!” , e não sei que mais... E eu respondia: “Não tem vergonha nada, reza ao Espírito Santo, que isso passa!”. Eu ali via pessoas que habitualmente nunca falavam e tinham vergonha de falar em público. Estou a lembrar-me de uma senhora, do Breijão, lá numa das comunidades e foi ela da catequese noutra comunidade todos pertencentes à mesma Paróquia, que tinha várias Comunidades, ela foi a outra comunidade dinamizar. Tem que ser: “Você vai! Vai lá. Você já sabe, já estudou a catequese, sabe o conteúdo, sabe isso tudo, você acredita nisso, tem fé, por isso, vá, o resto Nosso Senhor faz!”. O padre acompanhava, eu estava lá. Eu ia para uma, o padre Agostinho ia para outra. A gente acompanhava os leigos, evidentemente, estávamos ali, para, às vezes, tirar alguma dúvida que pudesse aparecer, que as pessoas mais difíceis não entendessem. Mas elas é que conduziam as catequese, como sabes, desde o princípio até ao fim. Eu só intervinha se fosse necessário. Sentava-me ali, ao lado, ouvindo aquilo. Só em caso de extrema necessidade é que eu intervinha. Mas eram eles que faziam tudo.

JOÃO SOARES: Em termos avaliativos, em geral, aquilo que você recebeu destas experiências missionárias. recomendaria a outros párocos, colegas seus a fazer? Ou acha que não?

PADRE ABÍLIO: Sim! Já! E já o fiz, de facto, mais de uma vez, até aqui em Setúbal, colegas meus de Setúbal ou que às vezes já tenho falado. Em Santarém, também um colega queria fazer uma dinamização da Paróquia. “Então, não tens por aí perto padres vicentinos ou irmãs vicentinas? Fala com eles. Têm um esquema de missão muito bom!” Falas e depois eu falo explico-lhes um bocadinho, qual é o tipo de missão e recomendo e ainda hoje continuo a recomendar. Por acaso, aqui em Santo André ainda não fiz, mas provavelmente no futuro muito próximo vou ter... Estou a pensar, de facto, avançar, não é? Já tenho feito pequenas coisas, por aqui e por ali. Ainda há pouco tempo fizemos nos

Brestos. Foram vocês que fizeram, não foi? (Eu fiz o de Deixa-o Resto.). Fizeram a de Deixa o Resto, prontos. Também por aqui já fizeram, já não no esquema habitual, mas foram os jovens. Foram os jovens que vieram, fizeram ali nos Brestos, no Deixa o Resto. Mas já veio um grupo também... (Eu fiz a de Deixa o Resto com o grupo ONJOYETO). Com ele foi aquele de Leiria, com o padre Agostinho. Então foi assim. Depois eles vieram de novo e fizeram nos Brestos. Nos Brestos também fizeram, mais ou menos no mesmo estilo. Mas é evidente que sim e aqui também espero. Se calhar, em breve terei de fazer de novo, mais porque a paróquia agora vai fazer 25 anos de inauguração da Igreja Paroquial e calha no ano a seguir aos 25 anos constituição como Paróquia. Vamos ter as duas comemorações, agora porque ela foi inaugurada a igreja num ano e passou a paróquia no ano seguinte. Por isso, dentro destas comemorações provavelmente vou avançar com uma ação desse género, uma missão popular, sim.

JOÃO SOARES: O padre Abílio já falou várias vezes também ao longo das equipas missionárias, apesar de você ter utilizado muito a prata da casa, como disse. Contudo, também vieram missionários. Já falamos do Padre Agostinho, que foi um dos grandes potenciadores daqui das missões. Mas já teve certamente missionários que vieram de fora, desses missionários que vieram de fora, padres, irmãs, leigos... Como é que os avalia? Vinham preparados? Muitas vezes não preparados? Seguros? Inseguros? Como é que avalia essa equipa missionária?

JOÃO SOARES: Olha, as primeiras equipas missionárias que vieram, por norma, eu faço assim. O P. Pereira, que é um dos vossos Anciãos da Missão também, mesmo as Irmãs vicentinas, algumas delas. Primeiro de tudo, a equipa trabalha comigo e vive na minha casa. Primeiro aspeto, na casa Paroquial. As equipas sempre ficaram hospedadas dentro da minha casa. Enviei as equipas para fora. Ficámos sempre juntos e ali nós íamos. Fazíamos as refeições juntos, estávamos juntos, preparámos as refeições juntos, rezávamos juntos, preparámos os trabalhos juntos e caminhávamos sempre juntos. E isso era muito importante, para mim, foi importante, porque me ajudava a mim também. Ajudava a entender a paróquia, porque tínhamos momentos de diálogo em que explicava terminadas coisas que eles não sabiam da paróquia E assim estavam mais próximos da realidade, e notei que, de facto, eles vinham preparados, com certeza que sim. Quanto às irmãs, como aos padres, vinham de facto preparados para a missão. Vinham com os

conteúdos aflorados, com a noção do esquema a pôr em prática. Sim. Sim, completamente.

JOÃO SOARES: Também ao longo da conversa já referiu bastantes pontos, mas o que é que mudaria se fosse ter que fazer remodelação das missões populares? o que faria?

PADRE ABÍLIO: Olha, e já disse várias coisas, uma delas é o pós-missão, que seria importante alterar o esquema da missão da segunda semana e inserir atividades com grupos paroquiais já constituídos ou algum que o pároco sugira a constituir com as pessoas que vieram, que vêm, das assembleias familiares, ou não, ou que apareçam para essa semana. Fazer Ateliers, fazer algo...É evidente que coroa-se o dia com a celebração temática que se tem habitualmente todas as noites. Mas, durante o dia, tentar fazer realmente esse encaminhamento para o pós-missão. Esse eu acho que é um dos pontos principais que eu iria alterar. Nas assembleias familiares, no fundo, na primeira semana aí é caso a caso. Há casos em que realmente terras pequeninas que se calhar as assembleias familiares até resulta, mas se calhar há outros casos em que essas assembleias familiares já não podem ser mesmo nas casas, têm que se ir para uma garagem. Que alguém tem uma garagem por ali perto, numa determinada zona da aldeia ou da vila em que ceda um empresta garagem que se faça ali uma sala de catequese para essa semana para que haja e dar responsabilidade a uma pessoa que viva ali ao lado, ser esse tal catequista, ser esse tal orientador, receba ali, em vez de ser na sua casa, que chame os vizinhos todos e que vá. Realmente encaminhar para um determinado sítio neutro. Que a neutralidade desta primeira semana é importante. Por isso, é que se vai para as famílias. Só na segunda semana é que se chama a igreja. A primeira semana realmente é fora do âmbito da igreja, para depois chamar à igreja e, se calhar, as assembleias familiares podem ser continuadas da forma que estão na primeira semana, mas em sítios diferentes: uma coletividade, uma associação... Até pode ser uma maneira de chegar e pedir emprestado uma sala, em sítios neutros, sítios onde até as pessoas vão habitualmente. Eu celebrava missa, em São Teotónio, numa das minhas comunidades, não tinha sítio, nem garagem tão pouco tinha, celebrava no balneário do clube de futebol. Por isso, o evangelho é anunciado em todo lado. Estas catequese, assembleias familiares, provavelmente, devem ser melhor reformuladas e, em cada local, aplicar um critério para cada local. Assim, de momento, quanto aos temas, não tenho assim presentes, de momento. Já há uns anos que

não tenho nenhuma missão. Não sei os temas. Não estou a ver bem os temas específicos. Mas isso também vocês têm esses critérios de igreja e sabem muito bem quais são os temas. Devem ser aplicados e colocados na primeira semana e na segunda.

JOÃO SOARES: Já respondeu praticamente a esta pergunta quando disse se gostava de fazer uma missão?

PADRE ABÍLIO: Sim, claro, com certeza, ,e como digo, para breve, não sei se será este ano. Como este ano vou ter o jubileu dos 25 anos da paróquia, da inauguração da Igreja e tudo isso não sei se terei essa possibilidade mas se calhar para que o jubileu sirva para trampolim para ano depois ver o que é que resultou disto tudo do jubileu mas se calhar começar a preparar qualquer coisa no sentido de que aqui arranjar material, matéria, com o apoio dos vicentinos. É evidente que acompanhar na pré missão, na missão e no pós-missão, acompanhar um bocadinho o estilo de missão vicentina, é claro que sim.

JOÃO SOARES: Padre Abílio, obrigado.

PADRE ABÍLIO: Boa sorte, então e bom trabalho.

JOÃO SOARES: Obrigado.

ANEXO VII

Transcrição da entrevista efetuada ao Padre Manuel António

Data: 14 de agosto de 2018

Local: Igreja Paroquial de Grândola, Grândola

JOÃO SOARES: P. Manuel António, o que é que acha, no sentido mais geral ou mais concreto, porquê os párocos, ou mesmo a própria diocese, escolhem as missões para as suas paróquias? Porque é que acha que elas são postas em prática nas paróquias?

P. MANUEL ANTÓNIO: Esta diocese tem que ser, naturalmente, uma diocese missionária, a igreja toda tem de ser missionária. Mas aqui, até pela própria realidade do Alentejo, creio que as missões devem ser uma forma de estar da igreja aqui no Alentejo, porque vivemos numa zona, para já, com uma taxa de praticantes que oscila entre os 5%, a nível da diocese, dependendo depois das zonas. Porque há um historial de Missões Populares que marcam a vida desta diocese, nos anos 40 com D. José Patrocínio Dias. Aliás, até na altura se associou as missões à vinda da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, que, em muitas comunidades, associou-se a missão à vinda da imagem de Nossa Senhora de Fátima, que foi um tempo em que muitos alentejanos se batizaram, pois que, por razões históricas, havia aqui um afastamento em relação à igreja institucional. Muita gente tinha fé, mas a verdade é que se a fé não for alimentada, com o trigo cresce o joio, cresce a superstição e as pessoas vão-se afastando. Penso que aqui é, de facto, assim. D. José Patrocínio Dias, nos anos 40 do século passado, teve a intuição da importância de Nossa Senhora para a fé dos alentejanos e, por isso, muitas missões tiveram, de facto, esta vertente da presença da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima. Quatro décadas depois, D. Manuel Falcão entendeu também que a dinâmica de renovação da igreja de Beja deveria passar pelas Missões Populares. De facto, isso aconteceu, foi o período depois de uma transição para a democracia, que despovoou muitas paróquias, porque muita gente, enfim, teve receio, muita gente se foi embora, talvez em muitos cristãos não houvesse uma convicção profunda, mas havia mais, digamos, uma certa conveniência: se o patrão ia à igreja havia, de certo modo, um

incentivo a que os empregados também fossem, muitas vezes não havendo uma fé pessoal. Quando as circunstâncias se tornaram adversas houve um despovoamento das igrejas e, de facto, D. Manuel Falcão, que veio para esta diocese em 1975, teve, de facto, a intuição de que era necessário mexer novamente com a vida da igreja de Beja e, de facto, creio que as missões tiveram o mérito de revitalizar esta diocese e foi um período de grande crescimento: passámos de 1,5 – 2-3% para 6%, mas com muita gente nova que se aproximou da igreja. Foi um período de grande dinamismo. Eu acho que as missões tiveram um papel fundamental. Depois, nos anos 90 do século passado, na década em que nos encontramos, aliás, na década de 2000 e seguintes, houve também periodicamente algumas missões. Talvez a modalidade tivesse que ser um bocadinho repensada, porque creio que numa igreja missionária como a nossa, que deve ser esta diocese, porque muita gente, eu penso que se continua a dizer que somos uma igreja de missão, mas depois não há atividades missionárias, é constantemente é um estribilho que se ouve, que há mais preocupação em manter os que temos, os cristãos que temos nas nossas comunidades do que fazer crescer a igreja, alargá-la. Eu penso que a missão, eu acompanhei-a de perto, nos anos 80, dois anos seguidos, comunidades que tinham sido missionadas nalgumas zonas da diocese, percorri vários concelhos e assisti, de facto, a autênticos milagres, em que as missões tinham conseguido mexer com a pequenina comunidade praticante e abri-la, de facto, à grande comunidade na qual a comunidade praticante se integrava e onde, muitas vezes, a igreja estava abandonada, com meia dúzia de pessoas; creio que houve aqui um papel importante e creio que esta atitude de atividade missionária é fundamental na vida da igreja, embora, se calhar, seja necessário fazer adaptações, porque, enfim, o mundo vai mudando. Por exemplo, neste momento a população no Alentejo continua a envelhecer e continuamos a não conseguir renovar a gente das nossas comunidades e, se calhar, é preciso fazer missões, tal como nos anos 40 e nos anos 80, pois a aposta que houve deu, de facto, bastante resultado. Aqui também, embora, naturalmente, tenha que haver alguma adaptação, porque no Alentejo é muito diferente, não é o mesmo estarmos a falar do litoral do Alentejo, em que há uma população grande, muita dela de outras proveniências, estou-me a lembrar da zona de Sines e de Santo André, que é uma população maioritariamente que veio de outras proveniências, de outros países, muita gente que veio de África, com outras zonas do Alentejo em que a maioria da população é a população natural do Alentejo, embora depois o fenómeno é o envelhecimento do interior e o rejuvenescimento do litoral. Portanto, a igreja tem que encontrar aqui formas de, através de uma atividade missionária, tem que ter em conta estas especificidades,

continue a mexer porque, no fundo, creio que isso é fundamental. Não nos podemos esquecer que continuamos a ser uma igreja com 5% de praticantes, com diferenças de uma comunidade para outra. Às vezes, o litoral e o interior da zona Norte da diocese ou a zona fronteira com o Algarve são comunidades muito diferentes no Alentejo.

JOÃO SOARES: Sabe dizer-me porque é que muitas destas escolhas e aqui também optaram, por exemplo, pela Congregação da Missão, neste caso a Missão Vicentina e porquê não outros, não é? Por exemplo, D. Manuel Falcão, mesmo até D. Patrocínio, e ultimament praticamente as missões que têm sido feitas são através da Congregação da Missão. O Padre Agostinho utilizou essa dinâmica. Sabe dizer-me porquê? Porque estavam aí ou porque é que aconteceu isso?

P. MANUEL ANTÓNIO: Eu creio que foi ao longo, embora houvesse, enfim, creio que os Redentoristas também tiveram aqui uma outra atividade mas, sobretudo, de facto, a Congregação da Missão teve aqui um papel fundamental, talvez por esta sua vocação, pela presença que tiveram no Alentejo, eu lembro-me, eu ainda jovem seminarista, lembro-me dos padres vicentinos no concelho de Almodôvar e terem criado ali uma experiência pioneira. Foi lá que eu conheci o Padre Agostinho. Ele tinha acabado de chegar da tropa e, de facto, era uma zona muito extensa, com muitos montes e, de facto, foi criada ali quase um protótipo de animação missionária, que acho que funcionou muito bem. Depois, a vinda para Santiago do Cacém, que é já um mundo um bocado diferente. Mas esta presença aqui no concreto da diocese, creio que foi fundamental na escolha que foi sendo feita e, de facto, aqui houve grandes missionários entre os padres, eu conheci alguns deles, acompanhei de perto e, de facto, este dinamismo, eu creio, portanto é o carisma, mas é um carisma que teve muito a ver com trabalho que foi feito aqui nesta diocese.

JOÃO SOARES: Também já referiu que, quando se procuram as missões, procura-se um modelo de igreja e, no fundo, a Missão Popular será que traz ou não esse modelo? Acha que a missão Popular é um fator para contribuir para um novo modelo de igreja? Aquele modelo missionário que falou, ou não?

P. MANUEL ANTÓNIO: Eu penso que sim, porque creio que uma das falhas de há muitas décadas é que foi instalada no Alentejo uma estrutura de igreja de cristandade que era a mesma aqui como era em qualquer diocese do País, com uma

diferença fundamental: é que, de facto, no centro, no norte, nas Ilhas, tínhamos comunidades em que praticamente a comunidade humana coincidia com a comunidade cristã e aqui não. De facto, aqui, por razões históricas, que têm a ver com todas as transformações, têm a ver até com o facto desta diocese ter estado extinta durante mil anos. Mil anos! Esta diocese, há provas testemunhais de haver já aqui comunidades cristãs nos séculos III e IV. Seguramente nos séculos V e VI tivemos em Beja o Bispo Aprígio Pacense, foi, de facto, um personagem que ainda hoje nos estudos bíblicos o comentário ao Apocalipse é uma obra de referência, de D. Aprígio Pacense e depois, com a invasão islâmica, a diocese de Beja, aliás, toda a comunidade cristã desapareceu e, quando se faz a reconquista cristã, Beja ficou unida a Évora durante mil anos. Estamos a preparar a restauração da diocese, dos 250 anos brevemente e tudo isto contribuiu para, enfim, criar aqui uma situação da igreja muito extensa e depois as transformações todas que aconteceram aqui, mais do que noutras zonas do Alentejo, nomeadamente, com a extinção dos jesuítas, a expulsão das ordens religiosas, a transição da monarquia para República..., tudo isto foi enfraquecendo a igreja. Aqui a atividade, digamos, pastoral dependia muito das ordens religiosas. Com a expulsão dos jesuítas e a supressão das ordens religiosas, houve aqui comunidades que ficaram abandonadas e depois as próprias circunstâncias dos Bispos, que só praticamente D. José Patrocínio Dias e já depois da II Guerra Mundial é que conseguiu, enfim, relançar novamente as bases de uma igreja. Então ele, aí uma das suas apostas foi, de facto, as Missões Populares. E D. Manuel Falcão, de facto, em novos moldes, achou que, de facto, era preciso mexer com esta estrutura e tornar a igreja mais próxima do povo, porque uma igreja piramidal, uma igreja clerical, uma igreja institucionalizada é uma igreja que não chega ao povo. Penso que esta é uma das grandes falhas que continua em alguns lugares, continuamos a ter uma igreja pouco participativa, aliás, tivemos aí também um projeto que mexeu um bocado com a vida da diocese: foi o Sínodo. Creio que é uma das notas do Sínodo. De facto, tem a ver com a pouca participação dos cristãos na vida da igreja e creio que aí a missão tem um papel fundamental, dizer que a igreja são as pessoas, descentrar a igreja da pessoa, do pároco e daquelas pessoas que o rodeiam mais proximamente. No fundo, era a realidade que nós tínhamos em muitas das nossas comunidades e creio que este modelo da missão que, digamos, que é uma igreja mais próxima do povo, creio que tem sentido e creio que nós podemos aprender mesmo sem haver... porque tem havido, mas não tem chegado a toda a diocese da mesma forma. Creio que este modelo de uma igreja mais próxima do povo, baseada em comunidades, creio que faz todo o sentido na nossa realidade do Alentejo.

JOÃO SOARES: Agora, concretizando mais uma outra realidade. Por exemplo, aqui em Grândola, quando cá chegou e viu, viu algum desenvolvimento, algum fruto que a Missão trouxe, que antes esta paróquia não tinha e depois da missão teve?

P. MANUEL ANTÓNIO: Sim, há. Há aqui um trabalho que foi feito e foi feito ainda durante uns anos, que é a criação de assembleias familiares, de assembleias pelos Montes e pelas Aldeias e eu tenho continuado esse trabalho, de certo modo, porque sentia que em Grândola... , Grândola é já um meio um bocadinho diferente e mais difícil nesse aspeto, mas, em muitas zonas da freguesia de Grândola, havia de facto Assembleias e, como esta freguesia é uma freguesia com muitos lugares, de 5 a 10 a 15 a 12 a 7, isto é, população muito dispersa. Eu, de certo modo, inspirei-me também num certo tipo das assembleias familiares, partindo do princípio de que, de facto, se uma das falhas que eu achava era no pós-missão, então era necessário garantir uma estrutura que funcionasse e é isso que eu aqui antigamente, e já estou aqui quase há 10 anos em Grândola e creio que este espírito de uma igreja de comunidades, de comunidades que têm consciência de serem uma comunidade que vai crescendo na fé, uma comunidade onde há pessoas que vão sendo batizadas, que vão casando, que vão fazendo o seu percurso, vão começando a comungar, vão sendo crismadas, mas à base de comunidades. Não, aqui em Grândola de facto a grande comunidade, mas, depois, nas aldeias e nos bairros, são, no fundo, o esquema, um esquema que tem muito a ver com o que eu aprendi também nas missões.

JOÃO SOARES: Agora sabemos que o p. Manuel António já referiu, mas o esquema da Missão são 3 passos, não é? Tem a preparação da Missão, que é o pré Missão, não é? Tem o tempo forte, que são aqueles 15 dias, mais ou menos, que fazem a divisão das comunidades e depois a segunda semana de pregação e depois tem o pós-missão. Daquilo que conhece, não é? ... Daquilo que... na sua opinião, o pré missão que importância é que acha que tem, principalmente, por exemplo, a questão de criar animadores, a questão das casas, a questão de procurar leigos para dirigirem essas próprias comunidades..., qual é a sua opinião relativamente a essa importância? Acha que, hoje em dia, há dificuldade ou não em arranjar tipo de pessoas para abrir uma porta, para abrir as suas casas, todas essas dinâmicas de preparação? Na sua visão, qual é a sua opinião acerca dessa pré-missão?

P. MANUEL ANTÓNIO: Eu acho que a pré-missão só funciona, de facto, se houver gente que possa fazer a animação das comunidades e, portanto, é fundamental

investir na escolha das pessoas, porque um mau animador, um animador impreparado, para não dizer outra coisa, no fundo, pode pôr em causa esse trabalho, não é? Depois, de continuação, porque creio que isto funcionou, funcionou durante muitos anos nalgumas comunidades, quando havia animadores que, de facto, tinham alguma preparação, alguma experiência e eram capazes de manter a fé daquelas comunidades. Quando isso não aconteceu, as missões, digamos, o pós-missão acabava por se esgotar. Portanto, creio que era fundamental, além disso, creio que é importante convencer o clero de que é preciso mudar uma perspetiva de igreja, uma igreja centrada no culto, centrada nas assembleias principais e é preciso abrir as comunidades àquilo que o Papa Francisco diz: chegar às periferias. Muitas destas comunidades, em muitas zonas do Alentejo, este esquema continua a funcionar, mas nas assembleias, nas celebrações que se vão fazendo, muitas destas comunidades, estou a pensar, por exemplo, no concelho de Mértola também, que é um concelho muito disperso, com muito pouca gente, o esquema que ainda hoje funciona em muitas comunidades teve a ver, de facto, com a missão. É claro que há aqui um problema, que é um problema da igreja, e não só, que é o envelhecimento da população, porque se a população vai envelhecendo, se não há renovação, as pessoas, naturalmente, vão perdendo capacidades, vão ficando doentes, vão morrendo e é preciso a renovação e creio que isto é fundamental, porque uma igreja que não se renova é uma igreja sem futuro e, portanto, creio que há aqui fatores que nos ultrapassam, que não dependem diretamente da ação da igreja, mas, se calhar, a igreja tem um papel importante também, até porque eu defendo isto, talvez por ser alentejano, acho que, às vezes, temos pouco a noção de que nesta diocese, apesar dos praticantes serem à volta de 5%, a influência real da igreja é grande e pode-se exercer sobre a maior parte da população. Nós, às vezes, é que não somos capazes de valorizar os meios que temos ao nosso dispor e, sobretudo, uma certa afinidade que as pessoas continuam a ter com a igreja, o considerarem-se cristãos e católicos e serem devotos de Nossa Senhora. D. Manuel Falcão dizia, com uma certa piada, que Nossa Senhora, para muitos alentejanos, era mais importante que Deus. Mas foi ela que manteve a fé de muitos alentejanos, porque lhe têm muita devoção. De facto, grande parte das nossas paróquias, por exemplo, aqui, é dedicada a Nossa Senhora da Assunção. A grande devoção é a Nossa Senhora da Penha, depois temos a Nossa Senhora do Viso, a Nossa Senhora da Conceição, a Senhora dos Barros só há aqui; por exemplo, em Melides é Nossa Senhora do Rosário também, tudo do concelho de Grândola. Quer dizer, na maior parte das freguesias, aqui a devoção é a Nossa Senhora. Portanto, creio que há aqui elementos que nós poderíamos aproveitar

mais nesta devoção mariana, que nos compete depois a nós, se calhar, purificar e orientar e, se calhar, evitar alguns exageros, que há, naturalmente. Mas também não é solução cortar a direito e dizer: agora vamos acabar e fazer de novo. Fazer de novo o quê? Muitas vezes, não temos capacidade de juntar as pessoas e já temos tido ocasiões em que elas até participam, por exemplo, aqui em Grândola, amanhã, é dia de Nossa Senhora da Assunção, que é padroeira da paróquia. Mas a grande devoção das pessoas é a Senhora da Penha. Portanto, não vale a pena estar aqui a insistir muito, quando, neste momento, a festa da Penha é quase um mês, porque encontrámos ali uma forma, com a visita da imagem. Isto também foi inspirado no que vi nas Missões – levar a imagem de Nossa Senhora às Assembleias, passar. Começámos com um fim de semana, depois uma semana, agora são duas semanas. A imagem de Nossa Senhora passa por onde estão as pessoas, fazemos a impressão de milhares de pagelas e programas, que vamos distribuindo pelas pessoas. Aquelas que, de facto, sintam que Nossa Senhora tem, de facto, um papel importante e é preciso levar à igreja, agitar as águas onde as pessoas estão, para que elas depois sintam também a necessidade de mais alimento. Isto foi um bocadinho o que eu aprendi ao ver as missões.

JOÃO SOARES: Mas, por exemplo, voltando outra vez ao mais concreto daquilo que ainda hoje vê: ainda há reuniões nas casas? A equipa vinha aqui preparar essas pessoas para formar esses agentes, não é? A pessoas que iam tomar conta dessas assembleias. O que é que via antes de uma missão ser feita? Digamos assim, via essa mobilização de leigos, via essa abertura para abrirem as casas, ou não? Ou havia sempre aquelas dúvidas, havia sempre muito medo, como é que via isso?

P. MANUEL ANTÓNIO: É assim, aqui eu não tenho propriamente a experiência daqui de Grândola, mas sei que nalgumas comunidades onde foi feita a missão creio que continua essa dinâmica e continua a dar os seus frutos e creio que esse, digamos, esse modelo de igreja, creio que é acertado para aqui. Talvez não o mesmo em todos os lugares, porque é muito mais fácil num meio disperso, estou a pensar numa zona de Montes. Aqui, como nós dizemos no Alentejo, é mais fácil juntar as pessoas numa zona do que, estou a pensar ali em Sines onde há muita gente que não se conhece, gente que refez a vida ali. Abrir as portas da casa a uma pessoa que não conhece, se calhar é muito mais fácil se ali há uma comunidade. Estou a pensar, por exemplo, em Sines onde há uma grande comunidade Cabo-verdiana. Estou a pensar numa missão direccionada àquela

comunidade, porque até há ali muitas afinidades, talvez fosse ali mais fácil. Agora, quando essa comunidade é de pessoas de proveniências muito diversas, às vezes há, creio que poderá haver alguma relutância ou receio de as pessoas abrirem a casa. Portanto, creio que a pré missão passa também pelo conhecimento da realidade, porque, como se diz, não há doenças, há doentes. Portanto, é preciso perceber bem o que é que se vai fazer naquela comunidade, porque a comunidade ao lado pode ser muito diferente, e creio que isto é fundamental, na pré missão um estudo humano, sociológico do meio que se quer evangelizar, sob pena de se fazer a missão não havendo adesão das pessoas e depois tudo acabar. Infelizmente ouvi isso nalgumas paróquias em que elas chapam, passe a expressão, o mesmo feito em todos os sítios. Depois acabaram por dar resultado nuns e não dar resultado noutros. Portanto, creio que a pré missão supõe um conhecimento da realidade local, para que, com alguma pedagogia, se aplique àquela comunidade o tipo de missão que é mais adequada, tendo em conta a população que ali vive, as características próprias daquela comunidade.

JOÃO SOARES: Também falando agora no tempo forte, ou seja, naquelas duas semanas intensivas. O Sr. D. Manuel António já referiu várias vezes a questão de Nossa Senhora, a questão de alguma grande agitação. Como é que vê esses quinze dias de missão? Acha que são positivos? Qual é a sua opinião acerca desses quinze dias, se são oportunos, se não, mesmo as questões dessas dinâmicas, a parte das assembleias, depois a seguir vem a semana de pregação... Como é que vê esta dinâmica destes quinze dias?

P. MANUEL ANTÓNIO: É assim, a pregação depende de onde é que ela é feita. Por exemplo, se a pregação é feita na igreja, se calhar irão aderir aqueles que já lá vão e que, perante a novidade da missão, então são capazes de ir. Agora o ser capaz de fazer uma pregação noutra espaço, se calhar seria uma aposta interessante, porque isso era não trazer à igreja aqueles que estão fora, mas é levar a igreja aonde eles estão. Aproveitar até, e creio que isso é possível e creio que até há abertura de, enfim, de em muitas comunidades se poder fazer uma pregação num sítio que não seja exclusivamente a igreja. Porque continua ainda a haver preconceitos de muita gente e aqui a pressão, estou a lembrar-me, por exemplo, um pároco que eu conheci em Barrancos, o Padre Agostinho, era uma pessoa adorada pela população de Barrancos. Ele dizia assim, com alguma mágoa: “são todos meus amigos, até à porta da igreja, a partir daí...”, já não entravam e, portanto, onde existe e isto não é o mesmo para todo o Alentejo, por exemplo, aqui há

menos preconceitos, nesta zona, mas há zonas em que o preconceito de ir à igreja é muito grande e, portanto, fazer uma pregação na igreja é, de certo modo, vacinar logo, porque há gente que não vai lá ou iria lá se não houvesse ninguém que visse. Porque é que muitos alentejanos aqui não vão, e a Fátima vão? Por causa do anonimato, porque a pressão social continua a existir em muitos lugares. Por exemplo, num meio maior, estou a falar, por exemplo, aqui de Grândola, esta é uma assembleia já com muitos homens e com casais, mas não é assim, por exemplo, eu cheguei a estar em comunidades em que o único homem era eu, porque homem que se prezasse de ser homem não ia à igreja e isto tem a ver com “catequeses” que foram feitas nos tempos da República, e até antes, de denegrir a imagem do clero e dos homens que fossem à igreja. Portanto, isto é preciso conhecer, porque senão o objetivo de levar a igreja às pessoas, se calhar, tem que nos fazer sair da nossa zona de conforto e irmos para onde as pessoas estão, ter a ousadia, como S. Paulo fazia, como, por exemplo, estou a lembrar-me daquela pregação em Atenas. S. Paulo foi lá onde eles estavam. Eu acho que uma das vantagens que eu achava que a missão tinha era levar a igreja a todo o lado. Agora, se calhar, faltava-lhe depois esta dimensão de pregação onde estão as pessoas e, naturalmente, isto tem que ser assumido pela comunidade cristã. A dimensão missionária, creio que isso tem, o futuro da igreja creio que passará pela capacidade de nos tornarmos missionários, nós os cristãos, não missionários só de vez em quando, mas missionários na forma como testemunham a palavra e testemunham pela vida e creio que até a liturgia que temos vindo a escutar agora sobre o pão da vida, nomeadamente, e depois estas segundas Leituras de S. Paulo é maravilhosa. De facto, S. Paulo, completando a primeira Leitura do Evangelho, dizia-nos quais eram os frutos que nós cristãos devemos viver. Eu penso que um dos méritos da missão, de facto, pode ser esse: dizer aos cristãos que são igreja. Quando a gente fala o que é a igreja, há muita gente que vê o edifício, e mensagem da missão é dizer: não, a igreja somos nós, sois vós. Eu creio que esta mensagem é fundamental, que nós a desenvolvamos para que cada cristão seja missionário todos os dias, todos os dias, onde estiver, e missionário pela palavra e, sobretudo, pela vida. Para mim, eu gosto muito de São Paulo e, sobretudo, quando ele diz aos cristãos, a quem se dirige muitas vezes: antigamente vocês também viviam como eles. Claro que são criaturas novas. Creio que uma das vantagens da missão é, às vezes, vir alguém de fora também dizer: “olhem, vocês, nós somos criaturas novas em Cristo!”. É preciso que a gente viva a fé com alegria, com entusiasmo e creio que o passar a responsabilidade da missão e do fruto da missão para os cristãos é essencial.

JOÃO SOARES: Agora o Sr Padre Manuel António já falou muitas vezes, já tivemos oportunidade de falar sobre o pós-missão que para si é uma das questões mais importantes e ao mesmo tempo para si mais críticas. Neste pós-missão o que é que pode analisar? Acha que as comunidades continuam a reunir-se? Que houve realmente formadores que ficaram? Houve, se calhar, ações concretas, ou não? Ou seja, o que é que este pós missão realmente falha ou realmente traz de bom ou não traz nada?

P. MANUEL ANTÓNIO: Esta dinâmica criada das assembleias continua. Por exemplo, nós, em Beja, de forma geral, para além das comunidades em que as missões aconteceram, não há muito tempo, temos seguido umas catequese que são feitas inspiradas também nesse modelo de assembleias familiares. Portanto, continua por toda a diocese a reunir-se e creio que este modelo foi inspirado nas missões. Portanto, a própria diocese entendeu que o trabalho de pós-missão passa por criar, manter e alimentar a fé das comunidades e creio que, por exemplo, ainda agora para este novo ano, tendo em conta o plano pastoral, estão ser feitas umas catequese, que depois vão ser seguidas nas comunidades e foi isso que se fez e há vários anos já que a opção foi esta: manter. E isto foi uma dinâmica que se ganhou com a missão, manter as assembleias, os animadores. Tem havido alguma preocupação de formação e penso que o despertar para isto também foi a missão que fez. Mas esta consciência de uma igreja não pode ser apenas a igreja da grande assembleia dominical, mas tem que ser uma igreja de assembleias, e a formação, enfim, é fundamental que haja pessoas que tenham alguma capacidade, que façam alguma formação para poderem depois acompanhar, esclarecer as dúvidas daquela comunidade que se vai reunir. Nós aqui, eu optei, em vez de estar a formar uma assembleia, pedi a todos os grupos que já existem que procurem fazer um aprofundamento, por exemplo, os escuteiros, as catequistas, os curselistas, mas muito à base de grupos, dos grupos que já existem, dar-lhes a consciência que é fundamental que eles reflitam sobre o seu papel de cristãos como membros vivos da comunidade cristã e procurem também ir ganhando mais alguma formação e ganhando esta capacidade de aprofundarem a fé e de a testemunharem. Portanto, creio que esta opção de assembleias familiares, onde houve missão, creio que continuam, pelo menos estas últimas missões, onde as houve, continua a haver formação para formadores, mas esta formação agora tem sido feita muito à base destas catequese distribuídas pela diocese e que são fornecidas depois a toda a comunidade que se reúne nas assembleias.

JOÃO SOARES: Mas, por exemplo, acha que o sucesso da missão passa também por esse pós-missão?

P. MANUEL ANTÓNIO: É fundamental. Aliás, era uma das minhas críticas, e digo a crítica tanto podia ser dirigida à diocese, como à forma como a missão estava estruturada que é: e depois da missão? Como é que se vai continuar com o dinamismo que a missão criou? Porque se é importante preparar bem a missão, antes, se os quinze dias é o subir à montanha, mas Jesus e os apóstolos, quando eles assistiram à transfiguração e a missão é a transfiguração e depois Jesus diz: agora temos que descer e ir para a vida. Eu creio que isso é fundamental, o pós-missão, perceber como é que aquelas expectativas, o entusiasmo, aquela alegria, aquele gosto de ser cristão, porque a missão tem, de facto, esse mérito, como é que isso pode ser alimentado, pode ser continuado... Eu creio que esse é o essencial, porque senão, de facto, é como a parábola do semeador: a semente, se não tem raízes, a alegria é muita, o entusiasmo é muito, mas depois as preocupações da vida e tudo o mais faz com que isso desapareça. Portanto, é fundamental. E depois é necessário que haja uma concordância no assumir da missão – o antes, o durante e o depois – porque, se o pároco, se as forças vivas da paróquia não assumem a missão, quer dizer que a missão termina com os quinze dias de pregação. Portanto, é fundamental conquistar o clero, conquistar os elementos mais válidos da comunidade cristã, os agentes pastorais, aqueles que podem ter um papel mais vivo, para que a atividade missionária se torne o *modus vivendi* da comunidade cristã, porque senão esgota-se, porque creio que a missão, mais que um fim em si, ela é um meio para dinamizar uma comunidade, para a tornar mais convictamente cristã, mais apostólica. Mas para isso é preciso também ter alimento, para, como diz S. Pedro, para depois se dar razões da sua fé, ter uma comunidade que vive a alegria e entusiasmo, mas depois não alimenta a fé, diante das dificuldades que lhe são colocadas, ela desfalece. Creio que o pós-missão é fundamental no pensar da missão. Naturalmente o pré missão é muito importante, na medida em que permite conhecer a comunidade que se vai missionar, chamar-lhe-ia uma espécie de inculturação, porque cada zona, creio que não há dioceses uniformes, não é? Creio que cada diocese tem assim muitas particularidades e, portanto, é fundamental conhecer a realidade humana, até a própria distribuição da população. Não é o mesmo fazer uma missão numa zona urbana, numa zona onde a população vive centrada naquele aglomerado populacional e fazer a missão numa zona dispersa, de montes, de aldeias, onde o modelo de missão vai ter que ter em conta esta especificidade.

JOÃO SOARES: Aqui em Grândola, quando recebeu a missão, o Sr. Padre Manuel António disse que há continuidade e que ainda continuam, de certa forma, a reunir-se, mas de certa forma não com os mesmos mecanismos.

P. MANUEL ANTÓNIO: Sim, digamos que o esquema das assembleias continua. Por exemplo, aqui em Grândola, neste momento, funcionam 7 assembleias cristãs, para além da grande assembleia. Estas assembleias continuam, creio que é um dos sinais de vitalidade e de expansão da comunidade cristã que, aqui numa área de 30 km, desde um extremo a outro, são 30 km. Portanto, nesta área existem por aqui estas comunidades que têm um ritmo próprio, que eu procurei adaptar-me ao ritmo das pessoas, aos horários das pessoas e sinto que foi uma opção acertada e houve uma altura em que eu pensei que em Grândola é apostar na construção de uma grande igreja, porque, de facto, aqui é uma assembleia numerosa. Neste momento não penso isso, até pela experiência que fui ganhando aqui, creio que é muito mais acertado, eventualmente poder vir a construir algumas capelas nestas zonas ou então fazer aquilo que eu estou a fazer agora, que é celebrar em espaços públicos, centros comunitários, em casões, porque não há igrejas aqui e, portanto, são estes espaços que se transformam em igrejas para a celebração da fé da comunidade cristã. Portanto, as pessoas já sabem que aquele dia é o dia que aquela comunidade se reúne para celebrar a fé.

JOÃO SOARES: Uma das perguntas que eu lhe vou fazer agora tem a ver com as características que as missões vicentinas, uma delas, dizia-se que enquanto muitas das outras Congregações deixavam a cruz a dizer “Santa Missão”, do ano..., a missão popular vicentina fazia... ou seja, implementava a caridade em si, organizava grupos caritativos. Neste momento a maioria das paróquias tem grupos caritativos, seja de que âmbito for. Mas acha que a missão, na sua experiência que tem, mesmo aqui em Grândola, revitalizou esses grupos, deu... mesmo as próprias dinâmicas de uma forma de pregação social ou de incentivo a essa realidade eram presentes, ou acha que realmente não era dos pontos mais fortes?

JOÃO SOARES: É assim, eu aqui sou um bocado suspeito porque há aqui uma Conferência Vicentina. Portanto, aqui, de facto, esta dimensão tem estado sempre presente e creio que a missão ajudou a perceber que a comunidade cristã não se pode fechar sobre si própria, mas tem que estar atenta a todos, nomeadamente, àqueles que mais necessitam. Esta dimensão aqui é uma dimensão forte, de facto, temos aí uma

Conferência Vicentina, que desenvolve um trabalho meritório, que é reconhecido aqui pela comunidade e que partilham bastante com a Conferência, que já sabem que a Conferência é um meio por onde passa aquilo que chega aos mais carenciados. Portanto, aqui, naturalmente, esta dimensão tem sido sempre, isto ficou.

JOÃO SOARES: Mas foi fruto da missão ou foi algo que já existia, mas com a missão foi aprofundado e revitalizado?

P. MANUEL ANTÓNIO: Eu creio que a missão deu um contributo, até porque algumas das pessoas que continuam envolvidas também estiveram ligadas às assembleias que se formaram, que, entretanto, aqui as assembleias nessa forma desapareceram, mas a presença destas pessoas continua, que é gente que, na Conferência Vicentina, desenvolve um papel fundamental nesta comunidade, não apenas em Grândola, mas porque aqui acabamos por apoiar praticamente todo o concelho.

JOÃO SOARES: Outra questão: para haver missão não é só responsabilidade dos padres, os leigos também têm de estar envolvidos. Acha que a missão potencia essa inserção dos leigos na igreja e essa capacidade de eles assumirem responsabilidades e tarefas na dinâmica da igreja ou vê que a missão realmente não traz nada de novo nesse sentido?

P. MANUEL ANTÓNIO: Nesse aspeto, eu diria prioritário, é do interesse do clero, não que os padres façam, mas é que deixem fazer, porque se um padre não está convencido de que a sua paróquia deve ser uma comunidade missionária, naturalmente todas as iniciativas que lá se realizarem morrem à nascença nesta linha, porque ele não vai por aí; não só pode não fazer, como não deixar fazer. Portanto, mesmo quando um sacerdote é mais idoso, enfim, até por motivos de saúde, se ele criar, de facto, espaço, creio que esta dinâmica missionária é fundamental, porque é dizer aos cristãos que a igreja somos nós. Uma igreja mais missionária e mais ministerial e mais apostólica, uma igreja em que todos os membros se sintam igreja, creio que isso é fundamental e, mas pronto, o clero aqui, não é que tenha de fazer, pelo menos tem que se convencer, se o clero não se convencer não há missão que resista, passe a expressão, não há renovação da igreja que aconteça, porque nós não temos que ter medo de olhar a realidade e, às vezes, creio que, às vezes, a preocupação é, e eu isto custa-me um bocadinho porque fizemos aqui várias sondagens à prática religiosa e a preocupação era que cada um justificasse o número de

peessoas que tinha e, às vezes, até não sendo muito exatos, ou seja, continua tudo na mesma. Porque, se a gente não está convencida de que o rei vai nu, não adianta que se faça nada, porque nada muda, não é? Agora, se nós, numa linha, enfim, de correção fraterna, percebemos a realidade que temos, que as nossas comunidades vão ficando mais fragilizadas, temos que encontrar mecanismos de renovação e, portanto, creio que aqui o espírito e a letra da missão é fundamental.

JOÃO SOARES: Mas, por exemplo, em concreto aqui em Grândola, depois da missão acha que há uma maior envolvimento de leigos nas atividades da paróquia, na própria direção de grupos, na própria vida ministerial? Tal como falou também a participação nos ministérios laicais, crê que a missão ajudou a potenciar isso?

P. MANUEL ANTÓNIO: É assim, os elementos que hoje muitos deles continuam a estar empenhados em diferentes grupos paroquiais é gente que teve a responsabilidade de animação nas missões, que animaram comunidades; estou a pensar agora, a nível dos cursilhos de cristandade, das Conferências Vicentinas, do movimento da mensagem de Fátima, até das catequeses. Muitas destas pessoas foram pessoas que estiveram envolvidas na animação de comunidades da missão.

JOÃO SOARES: E, por último, numa forma de avaliação, considera importante, então, as missões hoje em dia? Mas em todas as suas formas? O que é que mudaria, digamos assim? Se considera importante, ou não, em que é que mudaria?

P. MANUEL ANTÓNIO: A minha questão fundamental é o pós-missão. É claro que o missionário, mesmo até noutras zonas de missão, a função do missionário é, muitas vezes, ajudar a estruturar a igreja. Quando a igreja se organiza, o missionário considera que a sua missão está cumprida, que é ajudar a igreja a estruturar-se, a inculturar-se, a ter os seus agentes, as suas vocações, a organizar-se. Eu creio que esse trabalho é essencial fazê-lo, porque, olhando para a realidade, real – passe a redundância – das nossas comunidades, o Alentejo continua a ser uma terra de missão. Portanto, nós continuamos a precisar deste espírito missionário; como digo, a minha observação crítica em relação às missões, daquilo que eu conheci, é o pós-missão: e depois da missão? Não se podem criar expectativas se não houver consonância entre quem está e quem vem, porque quem vem, vai e quem está, fica. Ou se quem está se “converte” à dinâmica missionária, que é essencial na igreja ou senão a missão morre e, portanto, tem que haver critérios na escolha

das comunidades, não pode dizer-se: agora vamos fazer missões em todo o lado... Eu assisti comunidades em que o pároco era uma pessoa idosa, criaram-se tais expectativas que ele não tinha capacidade de manter tudo aquilo que a missão criou e a missão morreu. Creio que tem que haver mais critério na escolha e tem que haver, digamos, a conquista daqueles que lá estão, dos agentes que lá estão, nomeadamente do pároco e dos agentes pastorais, porque os cristãos, aqueles que o são, enfim, os membros mais participativos da comunidade cristã, têm que estar convencidos de que a dinâmica da missão é fundamental para a atividade da igreja no Alentejo. Nós não podemos continuar a pensar que o Alentejo é igual ao Minho e a manter uma estrutura de igreja igual ao Minho ou igual aos Açores ou à Madeira, em que há um tecido social maioritariamente, não só cristão, mas praticante, portanto nós, e creio que há aqui um erro, de décadas em que praticamente houve uma transposição de uma estrutura de igreja para o Alentejo, sem ter em conta a especificidade desta zona.

JOÃO SOARES: No fundo, aconselha, ainda hoje, e já praticamente respondeu à pergunta, essa dinâmica das missões, acha que devem continuar, nos mesmos moldes, mudando alguns?

P. MANUEL ANTÓNIO: Tinha que haver uma adaptação, quer dizer, eu lembro-me, estava no Seminário de Évora e acho que houve lá uma missão e depois houve também, em Beja, uma missão e acho que aquilo não correu bem.

JOÃO SOARES: A grande missão de Beja, não era?

P. MANUEL ANTÓNIO: Sim, foi com os padres Redentoristas, na altura.

JOÃO SOARES: Na grande missão de Beja fomos nós.

P. MANUEL ANTÓNIO: Não, então foi em Évora. Creio que houve, aquilo falhou, de facto, porque, se calhar, não houve ali um conhecimento da realidade. Eu acho que isso é fundamental, a inculturação passa pelo conhecimento da realidade, para perceber que terapia é que se pode dar àquele doente. Não há doenças, há doentes. Portanto, é preciso conhecer aquela realidade para se saber como é que se pode chegar e ajudar a transformar aquela comunidade.

JOÃO SOARES: Então aconselharia ou faria... acha que esta dinâmica pastoral da igreja das missões que, no fundo, a igreja também assume as missões populares, neste

caso das missões vicentinas, que é aquelas que conhece, certamente, melhor devido à realidade aqui do Alentejo. Fazem sentido hoje?

P. MANUEL ANTÓNIO: Eu penso que sim, desde que haja uma adaptação, porque o mundo transforma-se rapidamente e há muito que nós temos que, enfim, aprender com as experiências que se vão fazendo noutras realidades e hoje temos outros meios que não tínhamos e que podem potenciar a nossa atividade missionária, nomeadamente agora, a internet, inclusivamente para a própria formação, as videoconferências, até uma coisa tão simples como o skype ou outros instrumentos que nós temos, que podem potenciar uma formação das pessoas, mesmo que à distância. Eu ainda fiz o 1º e o 2º ano na tele escola, que eram aulas pela televisão. É uma forma de chegar onde não era possível ter uma escola com um corpo docente através da formação que a tele escola fazia chegava até aos mais recônditos lugares deste país e até de outras zonas. Eu creio que hoje podemos e temos ao nosso dispor outros meios que podem permitir potenciar tudo aquilo que nós fazemos através de uma partilha de conteúdos, de experiências, percebendo também aquilo que não correu bem, por que é que não correu bem e o que é que a gente pode fazer para melhorar e para potenciar. Agora, creio que a missão continua fundamental para criar esta consciência de igreja aqui no Alentejo. Somos uma terra de missão e acho que isso é essencial.

JOÃO SOARES: Muito obrigado.

P. MANUEL ANTÓNIO: Bom trabalho.

ANEXO VIII

Transcrição da entrevista efetuada ao Padre Diamantino Marques

Data: 16 de agosto de 2018

Local: Residência Paroquial de Torres Novas - Torres Novas

JOÃO SOARES: Padre Diamantino, teve missão popular há quanto tempo nas suas paróquias?

P. DIAMANTINO: Só foi uma vez, fez um ano em maio. Foi só na paróquia da Brogueira.

JOÃO SOARES: Quais foram as razões que levaram o padre Diamantino a procurar uma missão naquela altura para a sua paróquia?

P. DIAMANTINO: Encontrei-me na Brogueira com muita pouca prática, sobretudo, com gente muito idosa, Portanto, era uma tentativa de chegar a mais gente, ver se levava mais pessoas. A missão, em si, correu bem, com o padre João Maria e aquele casal, portanto. O melhor da missão, na minha opinião, foi a visita às pessoas, porque a Brogueira, aliás, muito desta situação aqui, em noutros tempo era zona de muita prática religiosa. Aqui em Torres Novas era um grande alfobre de vocações. Muitos padres saíam daqui, mas, entretanto, aconteceu o que, de certa maneira, é geral, é um drama que não consegui superar, apesar da missão. Por um lado, a paróquia da Brogueira está muito pequena, não tem escola sequer, as pessoas, como a agricultura já não é aquilo que foi, em tempos, a maior parte das pessoas, durante o dia, não está lá, vão para Alcanena, para Aspenso, aqui para a Renova, para a fábrica de papel da Renova, ou para aqui, para Torres Novas. Aquilo faz com que a paróquia da Brogueira e, em geral, estas paróquias aqui mais rurais estejam muito vazias e tenham, sobretudo, pessoas idosas e pessoas que, pronto, não têm facilidade de leitura, que não leem. Mas ainda são essas que fazem alguma prática religiosa, nessas visitas, sobretudo as visitas aos doentes. Foi uma coisa que depois eu tentei continuar, mas não fui capaz de fazer com aquela intensidade e com

aquele vigor que era necessário e julgo que o mais necessário e a maneira melhor, nestas terras, de ir evangelizando é ir conquistando o coração das pessoas, porque eu sinto, hoje na mesma, que as pessoas que mais se relacionam comigo, num ponto de vista humano, são pessoas que não vão à Igreja. Mas consegui contactar, mas são pessoas para quem a dimensão religiosa não diz muito, quer dizer, vivem nesta indiferença. Está bem! Nem dizem bem, nem dizem mal, enfim, “vou quando posso”, e quase sempre nunca podem. Há uma prática religiosa diminuta.

JOÃO SOARES: Digamos que os objetivos que traçou para a missão eram esses, eram conseguir que as pessoas tivessem mais pratica?

P. DIAMANTINO: Era... era. Eu também estou aqui há pouco tempo. Essa tentativa realmente de levar, de ir ao encontro das pessoas.... Os encontros de grupo, portanto, eram bons, mas aí está, quem é que vinha a estes grupos? Eram as velhas que vinham à igreja, não é? As pessoas que vinham à igreja, e depois, no fim da missão, portanto, há muito poucos jovens na Brogueira, há dois ou três batismos por ano. Casamentos, durante os cinco anos que eu lá estive, não sei se fiz três. Portanto, os jovens saem de lá, ou para virem estudar, para Torres Novas, ou até, para a universidade. Alguns, depois não, pronto. Eu próprio, com a minha idade, já vim quase com 80 anos para aqui, já não tinha aquela maleabilidade, vivacidade que era precisa com os jovens, que eram poucos e continuam a ser poucos, e, por isso, tenho sempre uma certa sensação de que a missão pela parte, pela minha parte, a continuidade que se podia fazer, não deu aquele resultado. Eu depois continuei a fazer aqueles grupos, mas... aí está! Quem é que ia a essas reuniões de grupo? As mesmas velhas que vão à Igreja, depois cansam-se e, a certa altura, já não vão mais.

JOÃO SOARES: A iniciativa foi sua?

P. DIAMANTINO: Foi minha.

JOÃO SOARES: E porque é que consultou a Congregação da Missão, as missões vicentinas?

P. DIAMANTINO: Eram os que eu conhecia, ainda não conheço outra assim com mais iniciativa nesse sítio. Penso, ainda penso que é uma coisa muito válida, embora me pareça que, talvez nestes meios assim, quase que me atrevo a dizer que não vale a

pena, ou como fazer nestes meios, assim despovoados e que já caíram na indiferença? Já não têm novidade para lhe dar. Também a gente já ouviu isso muitas vezes da lei de Deus, do amor de Deus, de nosso Senhor. Ele morreu por nós na Cruz. As pessoas já sabem isso tudo, agora ir ao fundo das pessoas... Eu penso que não foi falhanço da missão, foi de eu não ter sido capaz de agarrar aquilo que ficou da missão, de arranjar gente que se compromettesse, a nível de animadores para os grupos de oração e reflexão.

JOÃO SOARES: O padre Diamantino já referiu que procurava uma Igreja mais próxima, e, de certa forma, pediu a missão para isso. A missão ajudou-o alguma parte desse... ?

P. DIAMANTINO: Em certo aspeto, sim, aquelas reuniões que se faziam à noite tinham interesse, só que quem ia às reuniões..., eu digo que o mais importante da missão é o ir de casa em casa como as pessoas iam. Só que, numa terra muito desabitada como esta, ir às casas, mas encontramos as velhas em casa... Isso, portanto, eu hoje não sei se para a Brogueira iria buscar uma missão deste género. Talvez, a partir da experiência. Eu vim de Alpiarça para aqui. Portanto, Alpiarça é um meio totalmente descristianizado, comunista, é a Moscovo do Ribatejo, não é? Mas aí está, eu não conseguia trazer muita gente à igreja, mas houve uma coisa que eu consegui fazer que foi ir ao encontro das pessoas. Ainda hoje dos grandes amigos que eu tenho são os comunistas. Às vezes, até nem sei se foi por isso que o bispo me tirou de lá, só estive lá 8 anos, com medo. Porque, de facto, a própria Câmara já veio uma vez, o próprio Presidente da Câmara, que é comunista, toda a vereação viera aqui almoçar comigo. E estão à espera que eu lhes fale para nos juntarmos outra vez. E depois muitas vezes penso que hoje a nossa evangelização não deve ser tanto pela preocupação de trazer pessoas para a Igreja, mas criar o ambiente de confraternização e convivência com os outros. Eu penso que foi uma experiência pequena e frágil que me deu a estadia em Alpiarça. Penso nestas terras assim que caíram na indiferença. Dizem: “Eu sou católico e, portanto, batizo os filhos!”. Mas é a única coisa, não é? Hoje já nem se casam, não é? Porque, como eu lhe digo, aqui ainda há mais, muito mais praticantes do que na Brogueira, era Alcuruchel, uma terra grande, até onde teve um padre que fez um belo trabalho, o Vicente, mas Alcuruchel praticamente morreu. E porque? Muita prática, mas talvez não tenhamos conseguido ir ao coração das pessoas, isso, unir as pessoas. Penso que, neste mundo descristianizado, mais do que fazermos

uma hipervalorização da dimensão religiosa, deveríamos fazer uma valorização do humano, do convívio humano. Julgo que é aí que pode fazer chegar a outra dimensão.

JOÃO SOARES: Relativamente à paróquia onde foi a missão, Como é que ela se encontrava, antes e depois? Houve alguma evolução?

P. DIAMANTINO: Não houve nenhuma evolução especial. Houve, nos primeiros tempos. Com estes grupos ainda consegui, mas depois, como é gente velha e vão morrendo... Às vezes, pergunto-me se não deveria depois ter repetido a missão para dar continuidade, para não ser uma coisa que ficou isolada e que parou ali. Eu sou, por natureza, pessimista a meu próprio respeito. Tenho o complexo de me sentir sempre o culpado de tudo. Por isso, sinto-me muitas vezes e interrogo a minha consciência: “Porque é que eu não fui capaz de fazer mais na Brogueira, depois da missão? O que é que eu podia fazer mais?” Não sei. Mas fica sempre este problema na consciência. O trabalho que fizeram foi com entusiasmo, com generosidade e foi bom. Talvez pouco tempo depois deveríamos ter repetido, para ir mais ao encontro das pessoas, mais de casa em casa. Talvez pudéssemos, de facto, passar destes pequenos grupos, onde estão as pessoas que vão sempre a missa. Nos primeiros encontros são com as pessoas que vão sempre a missa. Deveríamos ir mais ao encontro do pessoal. Como eu próprio sinto, mesmo agora, quando eu vou a Brogueira, sinto-me sempre bem acolhido quando vou ao café. onde estão pessoas que não iam à missa, mas que até são capazes de ter assim uma expressão, que me parece ser uma base importante.

JOÃO SOARES: Padre Diamantino, sabemos que a estrutura da missão tinha o pré missão, aquela preparação que há. Vamos falar destes três tempos, do tempo forte e do pós-missão. Relativamente à pré missão, começando neste aspeto específico. Padre Diamantino, como viveu esse tempo, como é que ela foi preparada, como foi anunciada? A questão dos animadores: como foi a questão colocada? Tiveram formação? Não tiveram? Como foi essa questão de aceitarem abrir a porta das suas casas? Essa questão das comunidades?

P. DIAMANTINO: Não teve assim uma preparação muito especial. Fui falando nisso, até que, a certa altura, eu próprio escrevi uma carta em que pedia, através da Junta, distribuir, de casa em casa, convidando as pessoas para participarem na missão. Portanto, a preparação foi somente essa e alguma oração que íamos fazendo pelo êxito da missão.

Assim, preparar pessoas para isso propriamente, não. Não conseguimos. Talvez, como digo, devia tentar isso, mas, como lhe digo, ainda hoje não saiba como. Mas para depois dar a esses grupos que se formaram uma dimensão mais viva e até mais aberta.

JOÃO SOARES: Mas a formação daquelas comunidades familiares foi fácil? A questão de fazer essas comunidades nas casas das pessoas também?

P. DIAMANTINO: Não se chegou a fazer.

JOÃO SOARES: Não se fizeram comunidades familiares?

P. DIAMANTINO: Não, não, não...

JOÃO SOARES: Mas desde o início foi proposto isso, ou notou que as pessoas não aderiam?

P. DIAMANTINO: Neste momento as pessoas não iam por aí.

JOÃO SOARES: Relativamente ao tempo forte, como é que correram essas duas semanas? Como foram feitas aqui?

P. DIAMANTINO: Portanto, nós tínhamos uma casa lá que foi cedida, onde se instalou o padre João Maria e o casal. Eles tinham o programa deles. Todos os dias saíam e eu, de casa em casa. Sobretudo havia doentes para conversar com as pessoas. Deixaram depois a lista dos doentes. Eu, depois, procurei dar continuidade a isso. E faziam então à noite, em três lugares, estes encontros, para os quais eram convidadas todas as pessoas, no boca e lobo, na terra onde nasceu Humberto Delgado, lá tem a casa memorial dele, era na paróquia da Brogueira e nos Cardais, onde talvez até existisse um grupo um bocadinho com mais capacidade, que ainda são as pessoas que ...

JOÃO SOARES: Houve ainda a formação de um grupo ou outro?

P. DIAMANTINO: Não houve uma preparação especial, depois procurei continuar. Os grupos eram pequenos.

JOÃO SOARES: Mas reuniam-se nessas casas, associações?

P. DIAMANTINO: Reuníamos na Igreja.

JOÃO SOARES: Ok! Tinha animadores, pessoas leigas a animar?

P. DIAMANTINO: Não, era só eu.

JOÃO SOARES: E aquela semana de celebrações na Igreja, como é que correu? Houve ou não? Onde faziam aquela celebração batismal, do fogo, das velas, das famílias, houve essa semana de celebrações?

P. DIAMANTINO: Isso não foi assim nenhuma celebração especial, nesse aspeto, havia as reuniões e as celebrações que a equipa fazia.

JOÃO SOARES: Mas essas reuniões eram feitas na igreja? Havia pregação? Foi feita?

P. DIAMANTINO: Foi feita, foi.

JOÃO SOARES: Ok. E como decorreu isso? Havia adesão? Não havia?

P. DIAMANTINO: Havia, mas sempre as mesmas pessoas... Portanto, esse é, para mim, o problema fundamental destas terras, porque, primeiro tem muita pouca gente. Alias, sempre que vamos a Brogueira, vemos muitos palácios, muita casa nova, mas não é ninguém de lá, as pessoas compram lá as suas casas, fazem as festarolas, veem de férias, mas propriamente tem muito pouca gente. Tem sobretudo pessoas idosas. É o grupo dessas pessoas que vai participando na missa do domingo que ainda compõe a igreja, mas sobretudo gente idosa. Há, de facto, aqui uma ausência de juventude, não só porque não existem jovens..., a catequese tinha 30 crianças ao todo e os jovens ainda conseguimos. Depois não há propriamente continuação, mas até antes da missão tentei fazer um grupo de jovens, até porque, com o auxílio do que foi padre em Torres Novas, não sei se ouviste fala do Carlos Dias, Carlos Ramos, que foi pároco em Pernes, aqui de Torres Novas? Ficou assim, suspenso, mas foi ele que se suspendeu. Primeiro, era para fazer uma tese de doutoramento, não sei sobre o quê e depois era para ser um ano sabático, depois continua e prontos! E depois ficou..., é praticante, não é? E até se ofereceu uma certa esperança. Como eu já tinha muita idade e, portanto, já não me sentia com aquela capacidade e genica para a juventude, mas, portanto, também não consegui levar aquilo até muito longe.

JOÃO SOARES: Padre Diamantino, relativamente ao pós-missão, eu sei que o padre Diamantino já se referiu aqui à continuidade da missão. O grupo continuou? Houve alguma formação depois?

P. DIAMANTINO: Não houve mais nada depois, senão estas reuniões de grupo. Deixaram uns papéis, com uns temas que eu fui tentando fazer, enquanto as pessoas apareceram, mas as pessoas, como são normalmente de idade e muitas não sabem ler isso, acabou por ir morrendo.

JOÃO SOARES: Agora vamos falar um bocadinho das características da missão vicentina em si. No seu modo de ver, os conteúdos que eram apresentados eram acessíveis? Eram bons? Eram apropriados, ou não?

P. DIAMANTINO: Olhe, objetivamente acho que sim. Agora, julgo que precisávamos de ter, antes de fazer, um certo estudo sobre a linguagem desta gente, quais são os valores desta gente, as necessidades desta gente, para que a linguagem..., a linguagem não era difícil, porque o casal falava relativamente bem, mas, às vezes, pomonos numa evangelização duns temas que não entram muito dentro das pessoas, e isso julgo que, quer o Padre João Maria, quer o casal, fizeram o esforço por isso. Mas fizemos ainda mais por descer, por estudar melhor. Aqui, eu acho que talvez aqui não tenhamos, não tenha sido capaz de fazer uma preparação melhor da missão. Estar muito longe de vocês, talvez devesse ter falado muito mais vezes com vocês, mas daqui a Salvaterra ainda é um bocado longe, não é? Como fazer aqui? Talvez eu próprio estivesse à espera que fosse tudo para a missão e a minha preparação... Isso são tudo problemas, é a minha consciência hoje.

JOÃO SOARES: Os frutos, muitas vezes, só se colhem muito tempo depois... Padre Diamantino, outra questão que lhe faço é a seguinte, e todas as questões e estou a agradecer a sua honestidade que é fundamental. Para que o trabalho seja como uma dimensão crítica, há um aspeto das nossas missões que se destaca. Enquanto que as outras missões, ao longo da sua tradição, - porque nós não inventamos as missões, não é verdade? - deixavam uma cruz, não sei se se lembra? Antigamente, havia a Santa Missão e uma cruz, muitas vezes, nas igrejas. As nossas missões vicentinas deixavam, digamos, a caridade. No fundo, era a linguagem caritativa e a fundação de grupos caritativos que a missão proporcionava, sabendo hoje que muitas paróquias já têm essa dimensão da

caridade organizada, contudo notou que a missão potenciou esse valor da caridade, ou ajudou a fomentar ... ou a entrar mais nessa linha?

P. DIAMANTINO: Não tanto como poderia ter feito, a participação foram pessoas idosas e sem muitas capacidades e que neste meio muito pequeno, onde as pessoas se conhecem umas às outras, isso acabou por não ser uma finalidade, objetivo muito concretizado. Na catequese procura-se dar esse estímulo às pessoas, mas propriamente concretizar em ações, não vejo nada de especial.

JOÃO SOARES: Outra questão muito importante: a missão não é só para os padres e de padres, a missão também envolve a participação dos leigos. Dos leigos que foram, aquele casal, aos leigos da paróquia, como notou, quer a mobilização, quer a participação deles?

P. DIAMANTINO: Dos leigos que vieram gostei da participação deles, já os conhecia dos Cursos de Cristandade e, portanto, julgo que eles foram muito importantes, foram muito generosos, não eram assim espetaculares. Daí não tenho dúvida nenhuma que a missão deles foi boa. Os leigos da paróquia, ora aí está, como digo, é uma paróquia pequena, sobretudo gente velha e sobretudo mulheres. Não consegui que os homens participassem. Só via ali umas duas ou três pessoas que participavam nas reuniões que a gente fazia, mas propriamente assumir responsabilidades, não.

JOÃO SOARES: Agora, numa avaliação geral, o que é que acha que, já falou algumas coisas, o que mudaria na sua essência, o que é que acha que coreu menos bem, menos mal, o que mudaria se fosse hoje a fazer missão?

P. DIAMANTINO: Se fosse eu a fazer a missão, primeiro interrogo-me se na Brogueira faria uma missão deste género, com estas pessoas, que não tem gente nova, que não tem gente, durante o dia esta tudo deserto, só encontramos as velhas. Ou então, que adaptações fazer antes de começar a missão? Estudar o lugar para ver qual a linguagem a utilizar, quais os gestos a fazer, o que vamos propor. Numa paróquia daquelas não posso propor-lhes coisas. É muito pouca gente, eles não dão para estruturas. Que tipo de missão é esta? Aquilo que eu julgo ali naquela terra, aquilo que me parece mais importante é a visita às pessoas, é o contacto pessoal, é o que ainda hoje procuro fazer, apesar de que não vou muito à Brogueira, porque não sou o pároco de lá, mas, mesmo assim, ainda tenho algumas pessoas que me contactam e com quem, mesmo que não vão à igreja, eu

vou à casa deles, como o pároco dos Amiais de Baixo dizia: “não vão à igreja mas vem a igreja ter com vocês”. Eu penso que, nestas paróquias descristianizadas, embora ainda religiosadas, este contacto pessoal, eu penso que a missão havia de ser, nesta terra, mais tempo em ir ao encontro das pessoas do que propriamente formar grupos, assim à partida, embora depois chegasse lá.

JOÃO SOARES: O que é que, digamos, recomendaria a missão a outros párocos, a outros colegas seus?

P. DIAMANTINO: Sim, recomendaria, mas sempre com estas condições: ver que ambiente é. Não sei... ainda cheguei a pensar fazer em Alcoruchel, mas depois, fiquei com dúvidas. Sabe porquê? Porque foi uma terra que foi muito religiosa, mas agora está numa decadência total. Precisa de evangelização, como? Deste género? De ir ao encontro das pessoas, sim. De ir ao encontro das pessoas, sim! Até isso poderá fazer-se em Alcoruchel, mesmo quando me apetecia ir ao café, cumprimentar as pessoas, estar com as pessoas. Portanto, são, julgo que é um problema de evangelização de hoje que nós precisamos de refletir bem como. Estes métodos, não ponho em dúvida, o valor do método da missão.

JOÃO SOARES: Mas pode por se quiser ...

P. DIAMANTINO: Ver, conhecer bem cada terra onde se vai, porque não são todas iguais. Como eu digo, eu hoje, se calhar, não faria a missão na Brogueira.

JOÃO SOARES: Uma última pergunta: em geral, no global tem alguma crítica? Aportação? Algo que possa dizer relativamente às missões?

P. DIAMANTINO: Não, eu nunca tinha tido contacto nenhum com a missão, embora conhecesse um bocado o padre Agostinho, que faleceu. Conheci-o quando ele era capelão militar e depois fizemos um curso de cristandade juntos, não é? Mas não conhecia o seu íntimo, sabia mais o menos como era. E senti a necessidade de fazer qualquer coisa para a evangelização desta terra. Tenho sempre este escrúpulo, se calhar fui eu que não fui capaz, ou de preparar bem, mas depois também havia um pequeno problema. É que eu já fui pároco com muita idade e os padres também eram novos e parece que não criou uma certa dificuldade, sobretudo das pessoas mais novas, não porque

tivesse problema com a minha pessoa. Estavam habituadas a um jovem. E isso teve algumas pessoas, isto sou eu a pensar.

JOÃO SOARES: Não se preocupe tanto com isso

P. DIAMANTINO: Foi tudo como deveria ser, como não deu o resultado que deveria ter dado?

JOÃO SOARES: Às vezes, isso acontece...

P. DIAMANTINO: Porque, quer o padre João, quer o casal, admirei a generosidade deles, nunca estiveram um bocado parados e isso foi uma sementeira que não se perdeu, mesmo quando a gente não sente o fruto de ver as pessoas que vêm para a igreja, para mim, hoje penso que o primeiro passo da evangelização não é trazer as pessoas para a igreja, é pôr as pessoas a conviver umas com as outras.

JOÃO SOARES: Muito bem, padre Diamantino, muito obrigado.

ANEXO IX

Transcrição da entrevista efetuada ao P. Joaquim Costa

Data: 24 de agosto de 2018

Local: Residência Pessoal, Cerva

JOÃO SOARES: Quando era pároco aqui, tinha a responsabilidade da sua paróquia, o P. Joaquim, certamente, pelo que eu sei, realizou uma missão popular e várias semanas de pregação, certo? Mas vamos falar sobretudo da dinâmica da missão. Quando era pároco aqui, porque razões, ou o que o atraiu a fazer uma missão na sua paróquia?

P. JOAQUIM COSTA: Ora bem...porque razões!? A resposta a dar exige um percurso muito grande de toda a minha vida, desde a casa dos meus pais, até tudo...e para não adiar isto, para não adiar muito a minha resposta, porque senão estávamos o dia todo e não chegava... Não chegava, não! Mas vamos procurar sintetizar isto. Não há dúvida que é, como ponto fundamental, a educação familiar. Segundo ponto, a consciência da necessidade e exigência de ser livre. E, neste campo.... eu sofri muito na família (estou a andar a passos largos...). Sofri muito na família, porquê? Porque toda a gente, à minha volta, uns queriam que eu fosse padre, desejavam que eu fosse, queriam que eu fosse, não era uma questão de obrigação, mas eu sentia como tal, isso, a questão da obrigação, e eu queria ser livre. (e faço este parêntesis de silêncio.) Eu queria ser livre e, então, disse: “Neste momento, não, e é escusado falarem-me mais nisso porque não adianta nada”. De maneira que calaram-se os de casa, calaram-se por fora, as pessoas deixaram de dizer: “Olha, este vai para padre! A família quer obrigá-lo a ir para padre”. A família não me quer nada obrigar a ir para padre. Não quer nada, mas as coisas devem levar o seu tempo. E o pároco da freguesia, meu pároco e que me batizou e etc, que também queria que eu fosse padre, queria...desejava que eu fosse, também se calou. E, quando toda a gente se calou, eu disse: “Bem, pronto, toda a gente entende que sou eu a decidir e, se for da vossa vontade, eu quero ser padre!”. Tinha feito a instrução primária, tinha passado de ano, tinha passado tudo, e, pronto, vamos para o seminário. E lá correu logo a dose aqui para o sr. Abade, para o pároco da freguesia, o sr. Padre António André. E ele quis ouvir-me,

e eu falei com ele, e depois disso temos de fazer o requerimento ao seminário, para ir fazer o exame de admissão ao seminário...”Sim, senhor, vamos, pronto!”. E depois eu lá fui e lá decorreram os anos de humanidades, de filosofia e, finalmente, a teologia. Pronto, correu tudo bem. No ano de 1963 ordenei-me em Vila Real e fui celebrar a minha missa nova ao Santuário do Sameiro, a Braga. Para ter liberdade e independência. Depois estive onze anos e meio a ajudar aqui o Sr. Padre e, nestes onze anos e meio, eu não tinha documento nenhum do bispo. Também é triste, tristíssimo, mas, passados dois anos e qualquer coisa, eu fui ao sr. Bispo e disse-lhe, dois anos e meio mais ou menos, disse-lhe: “Sr. Bispo, eu tenho direito a um documento de colocação em Cerva, ou quer-me para outro lado? Resolva, faça favor!”. Era o D. António Valente da Fonseca. E ele resolveu-se e, meu homem, espera, espera! “Acha que ainda é pouco, dois anos e meio!? Faça favor de andar e andar depressa, porque eu não resisto a isto!”. E ele passou-me logo o documento: Vigário cooperador do Sr. Padre António Gonçalves Pereira de Andrade, na freguesia de Cerva. “Pronto, está bem!”. Já foi alguma coisa. Depois, completei os onze anos e meio, mas para aí uns cinco anos já com ele aqui na residência paroquial. Quando iniciei a estadia aqui com ele, com a irmã e as empregadas que tinha, evidentemente que comecei a ter outras luzes e outro amor ao povo. E foi esse amor ao povo, que me... sempre permanente em minhas memórias, eu tenho isso, lá vão setenta páginas, mas estou a pensar em fazer...as minhas memórias... Ora bem! e de verdade confirmei que a minha vocação era esta. O amor pelo povo estava presente no meu coração e, portanto, eu tinha que me preparar para ficar à frente desta comunidade ou de outra que, porventura, viesse. Está este panorama desfiado em passos largos, mas creio que de uma forma compreensível.

Em 29 de novembro de 1974, o Sr. Abade morreu. Morreu porque teve um enfarte cardíaco, uns três ou quatro anos antes e, depois, ele recuperou bem, mas não era para ele se meter novamente em funduras. Mas quis meter-se na celebração da eucaristia, até compreendo alguma coisa nesse sentido, mas pronto, ele fez o que não devia. Fez o que não devia e depois não aguentou e teve que morrer com um segundo enfarte. Pronto! Então, nessa altura, eu comecei a ver: “Bem! Agora, ou fíco ou não fíco (riso) em continuação!”. E uma coisa já estava encaminhada para andar, porque tive liberdade para isso, que foi trazida aqui para a comunidade, uma comunidade religiosa: as Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria. E então eu escolhi muito bem o carisma da Instituição, escolhi-o muito bem e tive muita sorte também, claro, com as pessoas que

vieram. Não há dúvida nenhuma! E foram extraordinárias neste campo, trabalharam comigo e abriram-me horizontes, sempre para largo e a minha cultura religiosa vocacional e etc. claro, foi-se fortalecendo. E eu entendi que, sem formação, eu não conseguia responder a este povo. De maneira que eu ia sempre à frente de tudo. Aqui entre colegas vizinhos, ia à frente de tudo, e depois frequentei um curso longo de Movimento para um mundo melhor, agora com o promotor do Movimento, para um mundo melhor, em Carcavelos, no Seminário, em Lisboa, e estive lá um mês. E foi sintomaticamente grandioso esse curso, com os subtemas apresentados, foram extraordinários! E abriram-me os horizontes todos para o mundo, fosse ele qual fosse! Fiquei a saber por onde é que havia de passar, para onde havia de seguir e depois nisto comecei a abrir-me às comunidades religiosas, às Congregações religiosas, para virem aqui, de maneira que os primeiros foram os Capuchinhos. Vieram aqui ensinar às pessoas a Bíblia. Também é uma coisa importante, não é verdade? Sem a Palavra de Deus, vamos chegar aonde!? E de facto, a Palavra de Deus, a palavra da Igreja, o meu avanço em conhecer o que se dizia, e o que se fazia, a nível pastoral, etc., pois isso era o meu caminho. E o alargamento depois dos Capuchinhos foram os Vicentinos. E os Vicentinos vieram já inserir-se na estrutura que eu tinha já montada e foi facilímo trabalhar com eles. Muito, muito fácil! Foi um encantamento, mesmo. Tenho muitas saudades dos padres que por aqui passaram, mas eles também têm a vida deles e alguns já morreram, como o padre Agostinho. O padre Agostinho era um dom de Deus entre o povo. O padre Agostinho era estupendamente sábio, culto, prático, muito prático e via com toda a facilidade o que é que se havia de fazer. Pronto, isto dito. Depois cheguei ao fim, cheguei ao fim e como!? Com a estrutura experimentada em Cerva, nas três fases do projeto e fiz os momentos próprios de cada passagem, de cada etapa da vida, do projeto e tinha tudo montadinho e o que eu queria, e ainda perguntei aos vossos padres se era possível virem vocês assumir esta unidade pastoral, que já era unidade pastoral: Cerva, Limões e Albadia e disseram-me que não, com muita tristeza minha, disseram-me que não! E depois, outra Congregação, outro sistema, não me apetece..., não me apetece fazer convites e, entretanto, tive que sair, em 2016, está a ver!? Em 2016, a 31 de dezembro eu saí das paróquias. Saí das paróquias e tido a quê?! A nada da diocese. Tido a nada. E a nada é nada! É nada, que nem resposta me deram! “Ser substituído, por quem”? “Não tenho padres”..., Nem isso me foi dito por escrito. De maneira que este dói-dói está cá... este dói-dói do bispo da diocese não fazer caso da minha situação em que eu estive, um padre que trabalhou a vida inteira, 53 anos e alguns meses, pela igreja e pela unidade pastoral,

não tive a proteção do bispo, nem das instituições diocesanas. Refiro-me a quê? Ao Instituto do clero e à Unidade socio-caritativa da diocese, casa do clero, etc... Nunca me perguntaram coisa nenhuma, nada..., porque já não sabiam nada de mim. Ainda, pelo contrário, ainda fui escorraçado. Ainda fui escorraçado, como?! Eu estive no Centro Social Paroquial de Limões, na freguesia de Limões, há pouco tempo, terminava o meu mandato em dezembro próximo e, sem falarem comigo, sem nada, retiraram-me e passaram o Centro Social Paroquial ao novo pároco! E eu tinha uma carta preparada, para resposta à intenção que estava a circular na diocese e mostro-a ao pároco José Patrício, que me veio substituir, em julho do ano passado ...

JOÃO SOARES: Então de dezembro até julho estive sem pároco?

P. JOAQUIM COSTA: Lógico para perguntar... deixei isso entregue a três padres. O bispo não tinha padres, mas eu arranjei três! O de Vila Pouca, o António Paulo, tomou conta de Albadia, o João do Bilhó, João Castanheira, tomou conta de Limões, mas não quis tomar conta do centro social paroquial, porque passavam-lho e não quis, e o padre Carlos, de Ribeira de Pena, vinha aqui a Cerva. E mandei-lhes passar a carta e o bispo mandou passar carta, lá na Cúria, mandou passar a carta, e ficaram, portanto, com pároco próprio. Cada paróquia com o seu pároco. E só o ano passado, em 2017, em julho, foi que o sr. Bispo mandou para aqui este José Patrício, mas de pastoral, nada! Não sabe nada! E veio aqui apresentá-lo e dizer, superseguro, e pediu que o ajudasse e tudo, e ele não quer ajuda de ninguém (riso...seco)

JOÃO SOARES: Pois...complicado, P. Joaquim. Outra pergunta que lhe vou fazer é a seguinte: quando trouxe esta dinâmica de missão para a sua paróquia, que objetivos traçou, quais eram os objetivos que tinha em mente quando quis fazer a missão aqui na paróquia?

P. JOAQUIM COSTA: Era avançar o mais possível nas comunidades criadas. Eu nessa altura tinha umas 23 comunidades. Pouco... que se reuniam todos os meses. E eu queria que elas se mantivessem e que nenhuma desistisse. Esse era o grande objetivo. E depois, o segundo objetivo era fazer comunidade, fazer das comunidades uma comunidade. Esses dois objetivos tinham abrangência toda.

JOÃO SOARES: O P. Joaquim Costa já praticamente respondeu a esta, não é?... A iniciativa foi sempre sua, da sua parte?

P. JOAQUIM COSTA: Sempre minha e só minha.

JOÃO SOARES: Outra pergunta que lhe faço é: já falou que já teve aqui outras Congregações, nomeadamente os Capuchinhos, que já fizeram aqui missão, e como é que teve este contacto, ou seja, com os Vicentinos, como é que foi? ...Por que razão é que escolheu depois a Congregação da Missão, os padres vicentinos para virem aqui fazer missão na sua paróquia?

P. JOAQUIM COSTA: Qual foi a razão?!

JOÃO SOARES: Sim, como os conheceu, como foi essa..., porque razão? De entre tantas Congregações que há, porque é que escolheu os Vicentinos?

P. JOAQUIM COSTA: Ora bem...porque é fácil, não é!? Procurei saber, e já sabia, não sei se foi na internet, não sei como é que foi, mas eu conhecia já, de uma forma geral, os Vicentinos e as Vicentinas. Eu já conhecia genericamente, não é? Mas conhecia muito da estrutura carismática deles. E foi a isso que eu me agarrei, porque o que tinha de mais próprio com o projeto que eu estava incardinado nele e sabia, basta dizer que depois eu fui fazer um curso a Espanha, num Movimento por um mundo melhor, orientado por uma freira e por um padre: Padre Fidel, e uma Freira. E foi o projeto “Nova imagem de paróquia”, foi o projeto de “Vida religiosa” e ainda era outro projeto. E eu fiquei senhor de tudo isso e do modo como havia de agir e de tudo. Depois fui eleito aqui, no Grupo promotor português, também dei o meu contributo, mais pobre, porque eu não podia deixar isto, não é?... mais pobre, sim, mas aproveitavam-me e respeitavam-me e tudo e foi muito bom. Eu tive uma preparação teológica e prática estupidamente grande, a nível pastoral. Depois o bispo da diocese, D. Joaquim Gonçalves, quis-me para a Cáritas e não fui logo quando ele quis, porque eu estava aqui assoberbado com estruturas paroquiais e tudo e não podia, mas depois lá fui ... Estava nos Bombeiros e ele perguntava quando é que eu saía dos Bombeiros..., eu fui presidente dos Bombeiros.

JOÃO SOARES: Foi você que fundou os Bombeiros?

P. JOAQUIM COSTA: Fui eu.... Eu que fui um dos fundadores. Um. Eu não quero aquilo que não é meu, não é verdade?... Eu fui um dos fundadores, um dos líderes fundadores. E como líder, acharam muito bem que eu fosse o presidente. E pronto, fui presidente dos Bombeiros. E comecei tudo ao mesmo tempo e fez-se tudo. Depois

esbarrei-me com a ilegalidade da estrutura (risos)... Padre novo e inexperiente, acreditava em tudo. Acreditava em tudo e pegava em tudo e avançava, não é? E avançava. Depois aquilo não deu bem. Não deu bem e eu estava a Presidente dos Bombeiros aqui e o presidente do Município aqui era Presidente dos Bombeiros em Ribeira de Pena. E depois resolvi ir a Lisboa falar com o Presidente nacional dos Bombeiros, que era o padre Melícias, presidente a nível nacional era ele, e ele indicou-me o que fazer. Bem! Pronto, cheguei assim: “O senhor garante”? “Ai isso é garantido que é o passo melhor. É formar equipa com os Bombeiros de Ribeira de Pena e Cerva fica uma sucursal de Ribeira de Pena. Fica assim, pronto!” A gente vai...depois tivemos..., o de Ribeira de Pena teve que fazer uma reunião lá, de assembleia geral dos bombeiros de lá, para pôr a questão e depois ele não esteve á hora, não esteve à hora e aquilo ia andando e aquilo estava mal, estava malparado. Estava malparado e eles não queriam tombar para o “não”, para não nos admitir.

JOÃO SOARES: Claro, P. Joaquim Costa...

P. JOAQUIM COSTA: (continua) E depois foi muito interessante, porque o presidente, depois, chegou e ainda viu o que se estava a passar e depois desbobinou cá para fora e fez para ali uma preleção clara, ao jeito de Cerva, sem se complicar muito, mas até ficou complicado para ele, em relação àquilo que disse, mas depois, chamou-me, chamou-me a dizer a última palavra e eu fui lá para a frente, para a mesa e eu ouvia, enquanto ia a passar para a frente: “Podia falar de cá de trás como os outros”, ouvi eu. E eu disse: “Falo aqui na frente para todos vocês, porque o meu hábito é falar de frente e com a verdade, e não pelas costas, com ânsias de extermínio, não admito isso! E vocês, ou aceitam aquilo que está dito, sermos secção de Ribeira de Pena, ou eu lutarei aqui no Concelho de Ribeira de Pena e saberei como fazê-lo e teima à luta e teima à carga.” Aquilo caiu em silêncio... bem pronto... e depois houve a votação, e depois os votos foram para nós seguirmos a coisa... secção e depois daí estivemos pouco tempo, meses, eu creio que nem chegou a um ano sequer como secção, e depois fiz a exposição documentada e o P. Melícias lá resolveu tudo e passámos a comando próprio. Nós também já tínhamos comando, mas aquilo estava mal organizado, estava ilegal... e depois ficámos com comando e com tudo, com tudo igual aos de Ribeira de Pena e aos outros.

JOÃO SOARES: Muito bem, P. Joaquim Costa, mas voltando outra vez à questão da missão popular vicentina. Já me disse que foi sua a iniciativa, já me contou

como é que conheceu, no fundo, o modo de trabalhar, mas o que é que procurava quando trouxe os Vicentinos para cá, a Congregação da Missão e o modelo de missão vicentina? O que é que procurava com eles na sua paróquia? Qual era o objetivo?

P. JOAQUIM COSTA: Procurava que as comunidades ficassem fortes e que se mantivessem elas por elas.

JOÃO SOARES: E a missão ajudou a isso?

P. JOAQUIM COSTA: Ui, ajudou de que maneira! Mas agora isso acabou tudo, não é? 2017 e 2018...

JOÃO SOARES: O modelo que você sempre quis para a sua paróquia, foi sempre um modelo de missão, um modelo missionário para a paróquia?

P. JOAQUIM COSTA: Foi sempre missionário. Sempre...

JOÃO SOARES: Em que situação, quando assumiu a paróquia...?

P. JOAQUIM COSTA: Nunca faltei com a homilia ao domingo, nem em dia de semana.

JOÃO SOARES: Isso é bom, olhe, nem toda a gente faz isso, isso é verdade.

P. JOAQUIM COSTA: Pois é.

JOÃO SOARES: P. Joaquim Costa, quando assumiu a paróquia aqui de Cerva e toda essa unidade pastoral, como é que viu a situação da paróquia? Era uma paróquia parada, não tinha este movimento missionário, era uma paróquia pura e simplesmente de missa ao domingo, missa diária e não tinha todo este movimento, que é a missão, ou já tinha alguma coisa e o P. Joaquim foi só potenciar o que havia?

P. JOAQUIM COSTA: Ora bem, eu inclino-me mais para essa segunda alternativa que disse. Foi pegar no que havia, porque o projeto nascido no “Movimento por um mundo melhor” tem, como questão fundamental, a análise da realidade. E eu tive que conhecer essa realidade e tive que fazer a análise e tive que sofrer com ela. E tive de partir dela para aquilo que eu objetivamente pretendia: uma comunidade de comunidades. Mas estamos sempre a bater no mesmo...

JOÃO SOARES: Sim, sim, sim...

P. JOAQUIM COSTA: É!

JOÃO SOARES: Ainda bem ...! Agora, voltando mais propriamente ao que é a missão, ou seja, sabemos que a missão é estruturada em três fases: o pré-missão, que é a preparação de todos os agentes, o tempo forte, que são aquelas duas semanas intensivas de missão e, depois, o pós-missão, que é a continuidade dessa dinâmica. No pré-missão, P. Joaquim, como é que viveu esse tempo, como é que ela foi preparada, como é que ela foi anunciada, como é que foi a questão de encontrar animadores? Foi fácil as pessoas abrirem as casas? Como é que foi toda esta dinâmica do pré-missão?

P. JOAQUIM COSTA: Eu já tinha comunidades, eu já tinha animadores. Todos os meses eu reunia com esses animadores, numa reunião aqui no centro paroquial. Estava sempre pronto para lavrar os temas em forma de catequese, temas ao nível da estrutura catequética para as comunidades, de maneira que os líderes tinham as noções práticas e chamadas de atenção aquando eu lhes entregava os temas para eles refletirem no mês, lá em casa. Tinha tudo isso...

JOÃO SOARES: Quando diz que o esquema vicentino foi fácil entrar na estrutura, foi porque o P. Joaquim já tinha essa estrutura?

P. JOAQUIM COSTA: A estrutura estava criada, criada e rodada aqui em Cerva, muito rodada, porque eu fui recebendo depois as outras: Limões e a última foi Albadia. Mas estava tudo algo rodado. Agora, nas últimas vezes que eles vieram cá, já estavam rodadas.

JOÃO SOARES: E, por exemplo, as comunidades funcionavam nas famílias, em casa?

P. JOAQUIM COSTA: Em casa, em casas.

JOÃO SOARES: Era fácil essa habituação das pessoas irem a casa da outra pessoa, toda essa questão?

P. JOAQUIM COSTA: Ora bem, fácil... não foi difícil. Não foi difícil, mas teve alguma dificuldade, teve. As pessoas irem às casas de umas das outras, mas o hábito... não faz o monge, mas ajuda (risos).

JOÃO SOARES: Quanto, por exemplo, à preparação dos agentes, já disse que você preparou tudo isso...

P. JOAQUIM COSTA: Preparei isso tudo, foi tudo muito simples, porque eu estava senhor daquilo que queria, não é?

JOÃO SOARES: Relativamente àquelas duas semanas fortes da missão, como é que viu o desenvolvimento da missão aqui nas suas paróquias? As pessoas aderiram em massa?

P. JOAQUIM COSTA: Em massa, não! Em massa, nunca! Em massa, vamos lá ver, uma coisa é massa na igreja, outra coisa é massa nas comunidades. Nunca foi em massa nas comunidades. Para uns irem, outros tiveram que ficar em casa, não é? Agora, participação, participação foi grande, porque havia pregação nas três paróquias, de manhã é à tarde, todos os dias, e havia visitas a diversas comunidades, por dia, para chegar a todas e para não ser uma só vez, para ser mais que uma vez. E tudo isso foi bom e vinham sempre dois e três. Chegaram a vir três, que era mais folgado, três padres. Outras vezes, vinham dois padres e um diácono, ou que não fosse diácono, eu acompanhava sempre um deles, acompanhava o que não fosse padre.

JOÃO SOARES: P. Joaquim, relativamente, novamente a esses tempos fortes, a questão dos temas, acha que são adequados, foram bem expostos, as pessoas aceitaram bem toda essa dinâmica dos temas na missão, eram claros...?

P. JOAQUIM COSTA: Aceitaram, porque eu já tinha isso como estrutura. Já tinha isso como estrutura e aceitaram. Aceitaram e davam-se bem e tudo. E era forte. Era o caminho! Mas nunca tive comigo o bispo da diocese, que na altura era o D. Joaquim, que foi a maior parte do tempo, eu nunca o tive comigo! Achava que o meu projeto “Movimento por um mundo melhor” era estrangulante à liberdade das pessoas e que as pessoas não podiam aderir nem suportar, e que me suportavam, dizia ele, para que pudessem ter a minha resposta ao nível dos sacramentos. Dizia ele. Mas eu não sou desses!

JOÃO SOARES: P. Joaquim, relativamente ao depois da missão, digamos, ao pós-missão, o P. Joaquim já me disse que as comunidades, depois, voltaram-se a reunir ou, como é que foi a continuidade dessa missão? Houve mais formação, houve outras ações que foram feitas ou como é que foi?

P. JOAQUIM COSTA: Portanto, o povo manteve-se até ao dia 31 de dezembro de 2016. E as comunidades também e perguntaram aos novos párocos, que passaram por aqui, pelo tema do mês, soube eu, que os líderes vieram perguntar pelo tema. Eles não sabiam o que isso era. E tinha a circular, o jornal, que era a publicação, publicação que era do “Movimento por um mundo melhor”, não foi inventado por mim, não foi! O jornal não foi, a tática, os pontos essenciais, não foram inventados por mim. Eu não inventei nada. Mas idealizei e construí. Foi isso que eu fiz. E, é claro que, até ao fim de 2016, dezembro, as pessoas tiveram tudo, que eu nunca lhes falhei com nada!

JOÃO SOARES: E todos os meses o P. Joaquim colocava o tema?

P. JOAQUIM COSTA: Havia um tema por mês.

JOÃO SOARES: E quem é que lhe propunha os temas, era o P. Joaquim?

P. JOAQUIM COSTA: Eu.

JOÃO SOARES: Ok.

P. JOAQUIM COSTA: Eu punha o tema. Ora bem, havia o tema do ano e depois havia os subtemas e havia um para cada mês. Os subtemas é que eram um para cada mês. O tema era o tema da diocese. Era o tema da diocese e antes da diocese o ter, eu tive-o, a nível nacional, internacional, o tema do Papa!

JOÃO SOARES: P. Joaquim, falando agora...

P. JOAQUIM COSTA: Colega, eu ia avançado anos de vida sobre os colegas vizinhos!

JOÃO SOARES: É raro, realmente, ter toda esta dinâmica de evangelização e missionária de anúncio da fé, quando, se calhar, à volta ainda era uma pastoral bastante sacramentalista, não é? Só os sacramentos e pouco mais!...

P. JOAQUIM COSTA: Agora, não me peça o desaire, porque foi muito grande. A nível da diocese, primeiro, porque não reconheceu o ponto essencial em que a unidade pastoral se encontrava para escolher um padre capaz ou um modo, um sistema capaz de poder avançar..., não se interessou nada, encontrei-me com um desinteresse total da diocese e nas estruturas diocesanas, a nível daquilo que eu fiz, sempre como padre na diocese. Sou um como os outros e sem necessidades de nada.

JOÃO SOARES: P. Joaquim, relativamente aos pontos do que é a missão popular vicentina, é certo que o P. Joaquim, com a sua história de vida e com tudo aquilo que procurou fazer na sua paróquia, colocou temas, colocou uma estrutura. Contudo, a missão vicentina também tem umas características próprias, que ela assume. E, neste ponto, para muitos, pode, às vezes, não ser claro. Eu vou tentar colocar as questões o mais claro possível. Na história das missões populares da Congregação da Missão, Vicentina, S. Vicente de Paulo, falava sempre que a missão é para levar as verdades da fé e para instituir a caridade. E essa tradição é, no fundo, a diferença entre outras missões. Se os Capuchinhos traziam a Bíblia, se os Passionistas traziam o que era a paixão de Cristo, todas as Congregações, digamos, têm um núcleo de onde parte a sua evangelização. A Congregação da Missão tem o núcleo da caridade, ou seja, parte sempre de que nunca se deixava, pronto, ultimamente deixa-se, mas a tradição era que nunca se deixava uma cruz, mas deixava-se instituída a caridade na paróquia. Sabendo isto de antemão, eu queria perguntar-lhe: acha que a missão popular, com a identidade vicentina, promoveu essa caridade e promoveu, digamos, a formação de um espírito caritativo? Ou não?

P. JOAQUIM COSTA: Olhe, nesse aspeto, e quero partir do projeto “Movimento por um mundo melhor”, dá margem para tudo. Dá margem para sustentar tudo. E eu tinha as comunidades, como já viu, tinha os grupos socio-caritativos, grupos tive muitos, e não apenas a nível das paróquias, mas também ao nível da Santa Casa da Misericórdia, onde eu sou o Provedor até dezembro de 2018. Todos os lugares das paróquias da unidade pastoral tinham elementos pertencentes aos grupos socio-caritativos e eu reunia com eles e pedia-lhes contas do que faziam. E, quando era alguma coisa, quando eu via alguma coisa para dar às famílias, passava sempre pelos grupos socio-caritativos.

JOÃO SOARES: Mas acha que a estrutura da missão popular potenciava...?

P. JOAQUIM COSTA: Potenciava! Exigia. Não vamos em cantigas! Até os próprios temas feitos, quando se chegava ao nível do compromisso: “Então, que fazer?! O que é que vamos fazer?!”. Isso é dos grupos socio-caritativos.

JOÃO SOARES: Outro papel fundamental é o papel dos leigos. Sem os leigos não há missão. Notou que a missão ajudou a promover e a potenciar o papel dos leigos na igreja? Nesta paróquia?

P. JOAQUIM COSTA: Potenciou muito, mas aquilo que não é continuado, desaparece. Isto é a nota triste que eu tenho para lhe dar. Fica triste, eu sei que fica, mas fique-se na tristeza, porque eu também estou nela. Eu fico nela, eu fico também nessa tristeza, porque isto jamais poderia ter sido deixado! Que evangelização vêm fazer estes? Que nível de pastoral têm estes padres que entram numa paróquia?! Percebeu?!

JOÃO SOARES: Claro que sim.... Lá está, a continuidade depende muito das pessoas que estão à frente, principalmente do pároco. Se há incentivo, as pessoas aderem, se não há, as pessoas também não aderem...

P. JOAQUIM COSTA: Olhe, Ezequiel, profeta e sacerdote no templo de Deus, fez tudo com ele e marcou-o como um símbolo da destruição que Deus iria fazer à cidade de Jerusalém, símbolo, e eu digo, eu fui este símbolo, eu fui, nas paróquias, este símbolo, marcado por Ezequiel. Fui exatamente isso nas mãos de Deus e, pronto, para ouvir Deus na vida e para O seguir. Eu nunca quis outra coisa.

JOÃO SOARES: E é essa a nossa missão no fundo como sacerdotes, não é?!

P. JOAQUIM COSTA: Mas é preciso continuidade. Por isso, eu perguntei aos padres vicentinos, a diversos, perguntei: “É possível vocês tomarem conta desta unidade pastoral?!” E eles disseram: “Não podemos tomar conta...”.

JOÃO SOARES: É complicado, P. Joaquim, porque somos muito poucos agora...

P. JOAQUIM COSTA: Eu sei que sim.

JOÃO SOARES: Queríamos nós abraçar o mundo e poder fazer...

P. JOAQUIM COSTA: Eu sei que sim.

JOÃO SOARES: Acabamos de fechar Santiago do Cacém que foi para nós...

P. JOAQUIM COSTA: Olhe, digo-lhe a última, senão fizer mais perguntas nenhuma...

JOÃO SOARES: Ah, mas eu ainda tenho aqui mais umas duas ou três...

P. JOAQUIM COSTA: Mas eu dizia-lhe a última e a última é esta: havendo continuidade... entre o continuar a dizer alguma coisa, a fazer alguma coisa ou não fazer nada, nada do que se fazia, é nessa linha que eu estou, outra dimensão que venha de multiplicar missas nas paróquias. Isto dói muito e Deus também se dói e a igreja também. Que estamos a fazer?! Queremos fazer o quê?! Pergunto: queremos fazer o quê?! E eu digo: nada! Com a missa chega-se a algum lado?! Colega, provoque o escândalo, que eu não me importo de o provocar. Horrível...!

JOÃO SOARES: É importante para as pessoas aderirem aos sacramentos, é importante ser anunciado primeiro Cristo, não é? Se não há o anúncio, não há...

P. JOAQUIM COSTA: Eu, se me fosse, se houvesse, se tivesse havido diálogo e compreensão e aceitação da minha situação em que me encontrei em 2016, eu nunca tinha saído das paróquias. E agora que eu recuperei, porque mudei de médico e fui para Coimbra pegar-me de frente com o operador, Dr. António Travassos, Centro Cirúrgico de Coimbra, que me peguei com ele, tive de me pegar com ele, mas forte e mantive-me pegadinho até quase ao fim... E ele manteve-se seguro na posição dele. Houve pontos de eu lhe dizer, não lhe cheguei a dizer: “O senhor tinha razão!” Ele tinha razão em quê!? Disse que o trabalho não fazia doer os olhos a ninguém e eu disse-lhe: “Sr. Doutor, diga-me: eu tenho os meus olhos abertos?! Não paro de maneira nenhuma com dores nos olhos, ardência nos olhos, fecho os olhos, não me dói nada, fico bem. Responda-me!” E vim na dúvida, sem ele dar resposta à nova intervenção cirúrgica, em que eu lhe perguntei: o que é que o senhor me garante com a nova intervenção cirúrgica? E ele respondeu-me: nada! O que é que o sr. doutor me propõe? Nada! Se nada, sr. Doutor, eu não lhe vou poder responder, porque eu não tenho nadinha a que me possa agarrar. O que é que o senhor me aconselha? O que advém disto? O senhor não me diz nada, pois não! E não, porquê?! Porque o senhor pode reagir assim, pode reagir assado, pode reagir desta maneira, pode reagir daquela, pode ter diversas, múltiplas reações e eu não sei qual reação pode ter, eu não lhe posso garantir nada. Sr. Doutor, muito obrigado, estou informado. E vim com a

ideia de que era falta de descanso, porque ele disse-me, garantiu-me, que o trabalho não fazia doer os olhos a ninguém e eu, a imensidade de trabalho que eu tinha, era de olhos abertos e eles doíam-me se os tivesse abertos e não deviam e nada ficava bem se os fechasse. Eu fui na onda de descansar. Descansei quase dois meses. Não me adiantou nadinha o descanso. Nadinha! Liguei-lhe, ele disse que eu podia ligar-lhe via telefónica para resolver a situação: “Olhe, Sr. Doutor, atenda-me. Sou fulano. O senhor atendeu aí. Venho para marcar a intervenção cirúrgica. Peço uma coisa: que não demore muito tempo, porque eu já estou fora das paróquias, já estou livre, em liberdade plena e posso ir em qualquer altura e o mais depressa possível”. E ele demorou para aí 8 dias, marcou-me logo para o início do mês seguinte, logo, isto foi em fevereiro de 2017 e marcou-me logo a entrada e fui operado, fui intervencionado à noite e, logo de manhã, exames à intervenção feita e tudo tinha corrido muito bem e estava realmente estupendo e tudo formidável, correu tudo bem e, pronto, correu tudo bem até ao dia de hoje, correu sempre tudo bem.

JOÃO SOARES: Ainda bem, P. Joaquim, isso é bom! Graças a Deus!

P. JOAQUIM COSTA: Se eu sabia isso, nunca eu entregava as paróquias. Ia entretendo o povo, continuava a pároco, entretinha o povo, chamava os colegas para virem celebrar a missa ao domingo e fazer algum sacramento, fazer os sacramentos que era necessário, casamentos e óbitos, chamava, faziam tudo isso e mantinha-me a pároco e hoje estava ao serviço das paróquias.

JOÃO SOARES: Eu entendo, P. Joaquim. Já percebi que você recomendaria este estilo de missão a todos os seus colegas e a todos os párocos que queiram avançar com uma paróquia missionária para a frente. P. Joaquim ...

P. JOAQUIM COSTA: Digo-lhe que não avança sem primeiro crer! Eu não confio demasiado. Porque hoje luta-se pela sacramentalização...

JOÃO SOARES: E pouco pela evangelização.... P. Joaquim...

P. JOAQUIM COSTA: E, para isso, só missas, fica dito, só missas...

JOÃO SOARES: E vou lhe fazer, para mim, a última pergunta. É dupla: em primeiro lugar, era: se tivesse de fazer uma missão popular, dentro do esquema que é a missão, que já o conhece e o viu na perfeição, mudaria alguma coisa, ou não, ou....?

P. JOAQUIM COSTA: Nadinha. Não mudava nada, absolutamente nada. Nada. Simplesmente, e disso faço questão, vocês iriam começar do nada, porque é o que temos, é nada, vocês vão começar do nada e então apurem-se na missão como ela está constituída, mas apurem-se nela. Redobrem de atenções e de cuidados à missão, porque eu tinha tudo montado, tinha tudo preparado, tinha tudo a andar já, porque o projeto “Movimento para um mundo melhor” chega a isso. E chega a isso, a partir do fim da primeira etapa, chega a isso, do fim da primeira etapa e, quando chega à terceira, já se está rodando tudo, primeira, segunda e terceira. Tudo ao mesmo tempo, ao nível do conjunto e estamos sempre em evangelização contínua e em espírito de comunhão, nas comunidades intendentes, a contagiar as comunidades.

JOÃO SOARES: É por isso que, de certa forma, o P. Joaquim pedia sempre uma semana de renovação, de evangelização, certo?

P. JOAQUIM COSTA: Claro, claro que sim! Porque se houvesse um reduzinho as pessoas deixavam.

JOÃO SOARES: No fundo, este espírito de estar sempre alerta, disponível, sempre na colaboração e não deixar que o fogo se apague, não é?

P. JOAQUIM COSTA: Não deixar que o povo se apague. É a torcida que fumea, é a torcida que fumea, mas alguns, e bispos também, bispos também, porque eu meto aqui o bispo D. Joaquim, que nunca aceitou o projeto “Movimento para um mundo melhor”. Ele já está no reino da paz e há anos e que esteja lá muito bem, que é isso que eu lhe desejo e que Deus cuide dele, sabia falar muito bem, tinha muita propriedade de linguagem e tudo, mas pastor nunca o foi.

JOÃO SOARES: Portanto, pastores sem dúvida...

P. JOAQUIM COSTA: Se vocês pudessem entrar nas universidades católicas, na universidade católica por qualquer motivo e conseguissem movimentar o vosso projeto, através da universidade, isso era ótimo.

JOÃO SOARES: Vamos tentar fazer um esforço, não é!? Temos lá o padre Albertino como professor...

P. JOAQUIM COSTA: Eu tenho um colega que é capaz de conhecer, padre José Manuel de Melo, de Lamego.

JOÃO SOARES: humm...

P. JOAQUIM COSTA: Não conhece?

JOÃO SOARES: Não, não.

P. JOAQUIM COSTA: Não conhece. Esse colega era pároco. Esse colega fez em Roma, na universidade romana, fez o curso do movimento por um mundo melhor. O curso. Na universidade, em Roma! E veio para a diocese e continuou a pároco, em Lamego. E estava ele a cuidar do seminário, universidade, exatamente a movimentar os padres nesse sentido.

ANEXO X

Transcrição da Entrevista efetuada ao Padre Bruno Cunha

Data: 7 de outubro de 2018

Local: Casa S. Vicente de Paulo, Orgens – Viseu

JOÃO SOARES: Então, padre Bruno, a primeira pergunta que coloco é: com que motivos escolheu a missão para a sua paróquia?

P. BRUNO CUNHA: Com que motivos escolhi..., o primeiro motivo foi precisamente o aniversário do Jubileu dos 300 e 400 anos da Congregação, aqui, na paróquia e também já tinha havido aqui uma missão popular, que tinha corrido muito bem. As pessoas, de certa forma, já perguntavam, por isso, aqui na paróquia para haver uma nova missão popular. Eu também, como já tinha feito várias missões populares, e conhecia o dinamismo, achei por bem pedir a missão popular para aqui, para Orgens. Para S. Salvador é um caso diferente, mas a motivação foi a mesma.

JOÃO SOARES: Que objetivos traçou, e aí pode dizer também para as duas paróquias, com a missão popular? Que objetivos tinha quando implementou a missão popular?

P. BRUNO CUNHA: O objetivo é, no fundo, dinamizar um bocadinho mais a pastoral da paróquia e, eventualmente, sensibilizar as pessoas mais para a questão da fé, para a participação nos sacramentos, etc..., porque normalmente é preciso um abanão, de vez em quando, para que se saia um bocadinho da rotina. Também precisam disso e nós, sacerdotes, também precisamos disso e a missão popular sempre a entendi na medida de ir também buscar um bocadinho..., chamar aqueles que estão mais afastados. Não é, propriamente, não entendo a missão popular, propriamente, só para dinamizar os que já estão, mas para ir buscar mais pessoas, chamar mais pessoas que estão fora e até acho que o sucesso ou não da missão popular depende muito disso: da capacidade que tem de ir chamar mais pessoas. Vai um bocadinho ao encontro daquilo que o Papa Francisco pede

ao querer uma igreja em saída, que não tenha medo dos acidentes de percurso, etc... Eu acho que a missão popular responde, um pouco, a esse desafio do Papa Francisco.

JOÃO SOARES: A iniciativa foi sua? Das missões? Tinha falado, por exemplo, que aqui, na paróquia de Orgens, a iniciativa também foi das pessoas, as pessoas pediam...

P. BRUNO CUNHA: Isto é, algumas pessoas falavam, com saudade, disso, mas também o desafio veio do Padre Agostinho, que era o responsável pelas Missões Populares e, no contexto do Jubileu, também propôs e achei muito bem aproveitar estas circunstância. Tu ouviste um pouco tudo isto.

JOÃO SOARES: O mesmo aconteceu para a Paróquia de S. Salvador?

P. BRUNO CUNHA: Também, obviamente, tinha todo o sentido as nossas duas paróquias. As duas paróquias. Ainda não tínhamos feito missão popular em São Salvador. Aqui (Orgens) já há muito tempo que não havia, há 25 anos, penso eu, 25 anos ou 20, já não sei bem. Portanto, tem um bocadinho de tudo isso: o desafio do Jubileu, o Papa Francisco e a Igreja, que pedem que a Igreja esteja neste dinamismo de saída, e também as próprias pessoas, aqui mais concretamente para Orgens, que falavam com muita saudade e que também já tinham lançado o desafio de voltar a fazer essa atividade aqui na paróquia.

JOÃO SOARES: Relativamente ao modelo de Igreja, atualmente, e como pároco, que modelo de Igreja procura para a sua paróquia?

P. BRUNO CUNHA: Uma igreja cada vez mais pertencente aos leigos, digamos assim, que não seja tão clerical, que não dependa tanto do sacerdotes, porque estamos numa altura em que os sacerdotes estão a diminuir, cada vez mais e, portanto, o que se pretende, o que eu acho que é o futuro da Igreja e que foi assim no início da Igreja, é que os leigos tenham um maior protagonismo e a missão popular, precisamente, dando esse ênfase aos leigos, que têm de orientar catequeses, etc... penso que responde a esse desafio de uma igreja de futuro.

JOÃO SOARES: Acha, de uma forma concreta e em resultados específicos, que a missão ajudou a isso, a encontrar essa dinamização através dos leigos, ou não?

P. BRUNO CUNHA: De alguma maneira, sim. Claro que, olhando agora para o resultado das missões populares aqui, não fiquei assim tão satisfeito quanto isso, sobretudo com S. Salvador, que era aquela onde era a primeira vez. Eu achei que, pela novidade da dinâmica, fosse chamar mais pessoas, mas, infelizmente, assim não aconteceu. São contextos um bocadinho diferentes e, eventualmente, por causa de ser uma questão de uma zona semiurbana, em que é difícil fazer chegar esta mensagem, apesar de todos os esforços de comunicação da mesma, alguma coisa se conseguiu. Hoje em dia não podemos olhar, como era antigamente, as missões populares que chamavam muita gente. Isso fazia-se e avaliava-se o sucesso da missão popular em função das pessoas que participavam nela. Penso que não é por aí, acho que é mais precisamente pela capacidade de chamar pessoas que não estão tão ativas na vida da paróquia. Nesse sentido, também, infelizmente, não foi muito bem a missão de S. Salvador. A de Orens foi um bocadinho diferente. O esquema foi um bocadinho diferente, mas conseguimos que alguns leigos estivessem empenhados, conseguimos que, enfim, o objetivo dela era também dinamizar um bocadinho a novena da Imaculada Conceição e acho que isso também foi conseguido. Portanto, alguma coisa ficou. Em relação à missão popular que houve cá, por aquilo que eu me fui apercebendo, obviamente que a missão popular que houve cá há 25 anos atrás teve muito mais euforia envolvida nela. Criou as comunidades da missão, etc..., que ainda trabalharam aqui durante algum tempo, mas o mundo de hoje é completamente diferente. Esse modelo aqui nós já sabíamos que, à partida, seria um bocadinho complicado, porque as pessoas, de uma ou de outra maneira, já participam ativamente na paróquia e, enfim, fomos escutando que seria acrescentar mais uma coisa, continuar a dinâmica dos grupos da missão seria acrescentar mais uma atividade e perder-se-ia alguma qualidade em algumas atividades que já temos.

JOÃO SOARES: Relativamente também a..., centremo-nos outra vez na paróquia. Consegue fazer um antes e um depois da missão?

P. BRUNO CUNHA: Como resultado da missão, não foi, propriamente, aquilo que nós esperávamos. É difícil fazer esse tipo de avaliação, mas só as pessoas poderão dizer se, de facto, valeu a pena ou não valeu. Eu acho que vale sempre a pena, seja o que for. Lá está, acho que não podemos estar a ver pelo resultado, se a paróquia mudou ou não mudou, porque isto também, às vezes, a missão popular provoca estes efeitos que nós não conseguimos avaliar. As pessoas gostam, sentem-se mais firmes na fé e isso não é

possível avaliar, como disse. De toda a maneira, se me perguntassem hoje se faria ou não, sabendo do resultado que foi, eu faria sempre a missão popular, porque acho que é importante, quanto mais não seja para criar um abanão. E se foi uma pessoa que se sentiu interpelada, muito bem! Já valeu a pena, se forem duas, melhor! Mas isso, a quantia não interessa. Se consigo estabelecer um antes e depois? Eu não gostaria de colocar a pergunta nesse sentido, porque não sabemos bem que tipo de impacto teve nas pessoas que participaram.

JOÃO SOARES: Relativamente também aos tempos da missão, sabemos que a missão é constituída pelo tempo forte, pré missão, pós-missão, mas focando-nos agora no que é o pré missão. Como é que foi vivido este tempo de pré missão? Ou seja, como é que foi a missão preparada, as dificuldades desta preparação relativamente aos animadores, aos visitantes, aos donos das casas? Como foi esta dinâmica de fazer comunidades? Porque, apesar de em Orgens não se terem feito, propriamente, comunidades, mas em S. Salvador tentou-se o modelo das comunidades, como é que foi isto realizado? Como viu este pré missão?

P. BRUNO CUNHA: Um bocadinho diferente de um lado para outro. Em Orgens, talvez por nos conhecerem melhor, etc... por estarem mais à vontade connosco não houve tanta dificuldade em arranjar os animadores, etc... A casa aqui ficou logo resolvida, porque é a nossa casa. Às vezes, também pode ser um problema, mas aqui não foi, resolveu-se dessa maneira. Ah, mas foi só para S. Salvador. Na missão de Orgens, foi com a Célia, na casa da Célia. Não houve problema quanto a isso. Os visitantes também. Por exemplo, em S. Salvador foram os escuteiros que fizeram esse trabalho muito bem e também na altura da Páscoa, etc... Aqui em Orgens também não houve problema quanto a isso. Portanto, como seu estava a dizer, quanto aos animadores, aqui em Orgens não houve assim muita dificuldade. Aceitaram isso normalmente. Em S. Salvador, houve assim muitas reticências, porque, apesar de haver muitas pessoas formadas, diziam que não estavam à vontade, etc... e ainda houve uma ou outra resistência, até à última hora. Contudo, conseguimos arranjar também animadores para todas as comunidades. Não houve é participação, para que esses animadores tivessem a preparação, contudo eu acho que a preparação da missão é o essencial para o sucesso da missão. Portanto, se há altura que é decisiva para que a missão produza os seus frutos é precisamente a pré missão. Tem que ser muito bem preparada, tem que ser dada a conhecer a realidade e, obviamente, ter

capacidade de persuasão, capacidade de, enfim, convencer, etc... pela simpatia, aquilo que é a atividade.

JOÃO SOARES: Padre Bruno, por exemplo, isto de entrar pela casa das pessoas, porque sabemos que nas comunidades deveriam dar-se nas casas das famílias, isto hoje em dia é fácil? Houve resistências deste tipo?

P. BRUNO CUNHA: Tanto em Orgens como em S. Salvador, eu penso que não houve comunidade nenhuma que reunisse na casa das pessoas. Em Orgens, foi por opção, não é? Decidiu-se que fosse nas capelas. Em S. Salvador, de facto, houve esse inconveniente. Aí logo se vê a diferença entre a aldeia e cidade, não é? As pessoas, na cidade, digamos, assim em contexto urbano, já têm mais um bocadinho de receio em abrir as portas de casa. Contudo, não sei se isto justifica ou se é algo contrário, as pessoas abriam-nos as portas para o almoço, em todo o lado, não tivemos dificuldade nenhuma em que nos abrissem as portas e faziam questão de que estivéssemos todos os colegas, que não fosse só a equipa missionária, mas também todos os párocos. E isso eramos 5 pessoas ou 6, contigo, e então, por um lado, compreendo o facto de as pessoas não quererem as reuniões em suas casas para, etc... De facto, isso foi o que ouvimos da parte das pessoas, mas, por outro lado, para oferecer almoço e jantar à equipa missionária e aos sacerdotes houve abertura, não tivemos dificuldade quanto a isso. Foi uma coisa natural.

JOÃO SOARES: Relativamente ao tempo forte, e passamos para o segundo ponto da missão: como é que..., já falamos que as comunidades não se realizaram de uma forma..., não foi o modelo que funcionou. Mas relativamente às celebrações em si, como é que correram as celebrações? Houve adesão? Não houve? Acha que o tipo de celebrações que hoje em dia são feitas são ajustadas?

P. BRUNO CUNHA: Eu acho que sim, senão temos que colocar também a questão acerca da Eucaristia, que é sempre o mesmo modelo.

JOÃO SOARES: Mas relativamente às temáticas...

P. BRUNO CUNHA: Não, Não..., eu penso que estão ajustadas, porque são celebrações que se baseiam nos principais símbolos da fé cristã e também aquilo que é a vida das pessoas. Eu penso que, quanto a esse aspeto, os temas estão ajustados. E

continuarão ajustados, não é? Agora, a forma de os abordar, etc..., bem, poderá ser um bocadinho diferente, dependendo da dinâmica de cada equipa missionária. Acho que não foi por aí que as pessoas não se sentiram interpeladas a participar, antes pelo contrário, quando veem alguma coisa diferente, nova, chama à atenção e as dinâmicas das celebrações têm esse carácter de novidade e de surpresa, que atrai as pessoas.

JOÃO SOARES: Relativamente, agora, ao tempo da missão, ao pós-missão. Como é que a missão continuou? Ou seja, as comunidades voltaram a reunir-se? Houve atividades que continuaram essa dinâmica missionária do pós-missão? Houve alguma revitalização? Como é que as comunidades estão a viver ou viverão o pós-missão?

P. BRUNO CUNHA: Quanto ao pós-missão, e aí é que está a questão essencial da missão, se é só para fazer a missão e depois já passou, ou se é para deixar alguma semente, para dar os seus frutos... Quanto a Orgens, como o modelo foi diferente e nunca tivemos, desde o planeamento da missão, a intenção de criar comunidades da missão, para depois poderem continuar a refletir, etc..., sobre algum tema, o que ficou foi os oratórios para a catequese, esse dinamismo da rede de oração na catequese. Esse é o que ficou. Quanto a S. Salvador, a intenção seria continuar com alguma forma de reflexão, mas, para já, como entrámos em férias, etc..., Entretanto, não tivemos ainda oportunidade de ver o que é que se pode fazer, no sentido de dar continuidade à missão. Por isso, ainda não foi pensado.

JOÃO SOARES: Passemos para outro ponto, relativamente à identidade da missão Vicentina. Sabemos que uma das características principais da missão vicentina é a caridade e era a nota principal das missões. Antigamente, não se saía de uma paróquia sem deixar a caridade organizada. A pergunta que lhe faço é: nota ainda isto? Quando se preparam as missões, este núcleo da caridade funciona? Sabemos que muitas vezes já existe caridade organizada nas paróquias, mas este discurso sobre os pobres e a caridade e sobre a ajuda o próximo?

P. BRUNO CUNHA: Isso acho que fica muito evidenciado com a tarefa que, com uma das tarefas que a equipa missionária tem, que é a visita aos doentes, visita às Instituições, sejam elas quais forem, visita aos idosos, todas essas instituições, enfim, que se dedicam ao serviço dos mais fragilizados, isso para colmatar e para fazer essa referência, que deve estar sempre presente na identidade da missão popular e sempre

esteve presente, que é a dimensão da caridade. Claro que, para nós, nestas duas missões que houve, essa dimensão só ficou praticamente visível na visita aos doentes, porque, quanto às Conferências Vicentinas ou quanto à caridade em si, já existe esse grupo, as Conferências Vicentinas. Não foi preciso formar novo grupo. O que aqui se poderia ter feito mais e não se fez era uma tentativa de dinamização, mas, por exemplo em São Salvador, fez-se uma comunidade com as Conferências Vicentinas e convidaram-se famílias, que estão a ser acompanhadas pelas Conferências. Portanto, nesse sentido a missão também chegou a eles.

JOÃO SOARES: Outra questão que também lhe pergunto é relativamente ao papel e à participação dos leigos. Como é que nota essa participação, quer da equipa missionária, quer dos leigos da paróquia, acha que são mero decoro ou trabalharam de uma forma concreta? Ou o que é que poderia fazer mais? O que é que acha desta participação dos leigos nas missões?

P. BRUNO CUNHA: Dentro do possível, eu penso que colaboraram e, aliás, a missão popular é para isso, para ir, de certa forma, dar mais valor e incentivar o trabalho dos leigos. Portanto, se esse trabalho foi conseguido, penso que sim. Então, estiveram leigos à frente das comunidades, também se não intervieram tanto nas celebrações foi por causa de não terem tanta disponibilidade para o fazer. Mas acho que uma das características fundamentais da missão popular é essa: é incentivar o trabalho dos leigos e acho que, de alguma forma, dentro das possibilidades, eles estiveram à altura, e acho que estão disponíveis. Aliás, aqui na paróquia, temos leigos se dedicam a isso também na missão popular. Porque viram como é e também quiseram servir dessa forma a igreja e vemos isso com muita clareza, não é? Na JMV, por exemplo, os jovens que foram em missão. A Célia..., temos estes casos de gente muito dedicada.

JOÃO SOARES: Mas acha, tocando outra vez neste papel dos leigos, que as missões ainda têm muito de conteúdo clerical? Ou seja, ainda há muito o protagonismo do padre para a elaboração das missões? Pergunto isto porque via com bons olhos uma missão ser anunciada por um leigo? Ou a preparação ser feita por um leigo? Coisa que normalmente não acontece!

P. BRUNO CUNHA: Não vejo problema absolutamente nenhum. A questão que é: como está um sacerdote à frente da missão, será ele, à partida, a tomar essa iniciativa,

o anúncio da missão, à partida, é da pessoa responsável. Um leigo à frente, não vejo qualquer tipo de problema. De facto, se o objetivo é o papel dos leigos, incentivar a uma maior intervenção e protagonismo dos leigos, obviamente não me choca nada, bem pelo contrário, que seja um leigo à frente.

JOÃO SOARES: Mas admite que ainda há um caminho a fazer nesse sentido?

P. BRUNO CUNHA: Vamos lá ver, se agora, no contexto onde estamos, a pessoa responsável é um sacerdote e nós, como sacerdotes, é que somos os principais promotores da missão popular, é normal que os sacerdotes tenham um maior protagonismo na sua preparação, elaboração etc... Contudo, com a inclusão de um leigo e de uma Irmã na equipa, já estamos também a dar um sinal e o trabalho que nós fazemos é precisamente dar protagonismo aos leigos. Acho que o nosso trabalho deve ser mais de acompanhamento e não tanto de protagonismo. Agora, quando há celebrações da Eucaristia, normalmente o sacerdote deve estar, não é? Mas acho que deve ser feito esse caminho, ainda há caminho a fazer, sem dúvida, no sentido de dar mais protagonismo aos leigos.

JOÃO SOARES: O último ponto, a última pergunta, digamos: recomendaria a missão popular a outros párocos?

P. BRUNO CUNHA: Isso é uma pergunta que nem se faz. Obviamente que sim. Isso nem se pergunta, se fosse a um diocesano..., agora aqui, não! Podia ter corrido a pior do mundo, mas eu diria que sim! (não diz com seriedade). Não falo só por esta experiência, mas pelas experiências que eu tive como missionário. Outras não correram tão bem? É pá, a vida é assim! Mas eu acho que tem valor e que é fundamental, eu acho que sim.

JOÃO SOARES: Mas mudaria alguma coisa, ou na estrutura ou na forma de fazer? Como é que avalia isso?

P. BRUNO CUNHA: Eu acho que a estrutura, como está, concordo com ela e deu frutos e continuará a dar frutos. Agora, se houver uma atualização no conteúdo, acho que sim! Acho que é bem-vinda, mas, para quem está a organizar, sabe que tem liberdade para modificar as coisas, não é? E, portanto, essa atualização pode ser feita na hora, em função do contexto, etc... Mudar..., eu acho que a estrutura está bem, precisa de ser

mudada, sim, por um conjunto de sacerdotes, com leigos que deem o seu contributo para mudar, mas acho que, mesmo assim, com essa atualização, o mais importante é, no contexto, quando estamos a fazer a missão popular, conhecer a realidade e irmos fazendo adaptações, como, por exemplo, o P. Fernando fez lá em S. Salvador, com uma procissão: “Hoje não vai ser uma celebração, vai ser uma procissão”... E acho que essa abertura também está muito presente na missão.

ANEXO XI

Transcrição da entrevista efetuada ao Padre José Goncalves

Data: 5 de setembro de 2018

Local: Casa São Vicente de Paulo, Orgens

JOÃO SOARES: A primeira questão, Padre Zé Carlos, é: por que razões escolheu a missão popular para a paróquia? Que motivo o levou a realizá-la?

JOSÉ GONCALVES: Na nossa zona pastoral já tinha havido, em 1992, por aí, quando o padre Agostinho..., foi em 1991..., já tinha havido missões populares e daí nasceu uma paróquia nova, que foi Foros de Salvaterra. Depois tinha sido em Marinhais e na Glória, que pouco antes tinham se separado e depois também mais tarde foi o Granho e todas essas. Em relação à paróquia, digamos assim, foi precedida sempre de missão, de missão popular. Mas, num caso concreto deste conjunto, que foi de 2012 a 2015, foi porque se realizava, de facto, o aniversário da paróquia de Foros de Salvaterra, fazia 25 anos, e fazia 50 anos da construção da igreja e nós quisemos marcar com alguma coisa e então fizemos este plano para estes anos todos. E não podíamos fazer muitos mais no mesmo ano. Mas começou só com os Foros, em 2012, e depois então a seguir foram duas em cada ano. Penso que em 2013 foi em Foros de Salvaterra de Magos. As razões pelas quais nós fizemos neste ano, ou nestes anos, começou nestes anos, foi para não deixar passar estas duas datas dos Foros de Salvaterra. Mas estávamos a sentir a necessidade de ver, de ver em todas as paróquias na mesma, por isso, sobretudo para dar um impulso um bocadinho maior, chamar mais, mais gente para as comunidades, etc., para os grupos.

JOÃO SOARES: No fundo, digamos, era este o objetivo que traçou com a missão?

JOSÉ GONCALVES: Para todas, sim, era. Porque nós sentimos que havia necessidade disso. Porque as outras já tinham sido há muito tempo, as pessoas ainda se lembravam, outras menos, de missões anteriores. Tinha sido nessa ocasião as missões,

foram com muitas pessoas, muitas comunidades em tudo isso, e depois as coisas foram esmorecendo um bocadinho. É normal e era preciso dar ali um novo impulso.

JOÃO SOARES: A iniciativa de quem foi, partiu sempre dos párocos?

JOSÉ GONCALVES: Sim, nós, nós somos párocos *in solidum*, cada um é pároco de todas as paróquias, e nós programamos em conjunto e trabalhamos em conjunto e cada um de nós é pároco das paróquias todas. E depois temos a divisão do trabalho. Alguns acompanham mais uma paróquia do que a outra, sobretudo por causa dos conselhos económicos, catequese, etc., por causa disso, mas isso foi surgindo nas nossas reuniões essa necessidade.

JOÃO SOARES: Apesar de ser óbvia, contudo, porque escolheu a missão popular vicentina e não outro tipo de missão?

JOSÉ GONCALVES: (risos) Por causa? Quer dizer, nós porque, porque nós somos precisamente missionários. Nós somos missionários no sentido também de uma missão contínua ou continuada, mas é preciso assim alguma coisa fora do habitual, para mexer mais com as pessoas. Também os missionários vieram de fora. Nós acompanhamos, por exemplo: foi nos Foros. Os Foros tinham uma segunda comunidade, que eram ao mesmo tempo que era massa fresca. Nas celebrações, o Padre Agostinho ia a um e eu ia a outro, depois trocávamos, etc. Portanto, no fundo tinha dois padres, embora as visitas às casas, etc., isso eu não fosse assim tanto porque, na altura, tinha sido intervencionado, tinha feito uma operação e também não podia acompanhar assim tudo, tudo. Mas nós íamos lá também, comíamos nas casas das pessoas, eles convidavam muito. Mostrava-nos uns lugares mais que outros, mas, por outro lado, sempre houve lugar para eles e missionários ficarem, etc...?

JOÃO SOARES: Padre Zé Carlos, relativamente ao modelo de igreja, que modelo de igreja procurava, procura, para as paróquias em questão?

JOSÉ GONCALVES: Nós procuramos um modelo de igreja mais ministerial, com a participação das pessoas, formação, em tudo isso. Que nem sempre é muito fácil. Ali, há uma religiosidade bastante grande das pessoas, mas não passa disso. A maior parte das pessoas é batizada e não é praticante. Pronto. Umas paróquias, umas mais, outras menos, mas, no conjunto, nós temos mais de 23 mil habitantes. E, por isso, há muita gente

que não vai, quase nunca, à igreja. Não participa nos funerais, em procissões. E quando há um casamento, batizado... Gente mais comprometida, temos, mas não é assim grupo, não são grupos muito, muito grandes. Embora as catequeses, por exemplo: temos mais gente em algumas paróquias do que tínhamos antes, aqui há anos, embora tenha diminuído o número de crianças. Mas Salvaterra de Magos, no ano pastoral que terminou, tinha 245 crianças e jovens nos 10 anos de catequese, era muita coisa. Por exemplo, os Foros já têm mais gente do que tinham há dez anos na catequese, que não havia muita gente a vir, muitos miúdos. Foi fazendo assim alguns trabalhos e nas outras paróquias também. Na Glória, havia a necessidade de irem outras pessoas de outras paróquias lá. Houve, foram... assim como as pessoas iam mesmo ajudando de um lado a outro..., nessa altura, nesse especto, tinham mais gente. Marinhais, também um bocado, mas era preciso muito e também trabalhávamos um bocado para isso, mesmo nesta altura para a formação das pessoas. Temos bastantes catequistas, fazemos cursos de iniciação, pelo menos, todos tenham pelo menos isso, reuniões etc. Salvaterra tem vários grupos: estudo da Bíblia, a oração pelas vocações, etc. Tem vários... O grupo São Paulo ainda continua desde a missão, também assim, muitas vezes já são pessoas que são praticantes. Agora o Padre Mário fez, em Salvaterra, e depois em Marinhais, e depois na Glória, e também aqueles encontros com o Espírito Santo e continua a fazer outras coisas. E depois a preparação dos adultos para o crisma, tem-nos também tem trazido muitas pessoas. Algumas que já vinham mais ou menos, mas ...

JOÃO SOARES: Esse modelo pode ser de promoção, digamos no fundo ...

JOSÉ GONCALVES: Sim, mas, embora seja difícil, porque não há assim tanta gente disponível. Por exemplo, agora à noite as senhoras já não saem como saíam de casa. É mais difícil, têm mais receio por não sei quê, não sei que mais. Essas coisas já são mais difíceis.

JOÃO SOARES: A missão popular ajudou a que esse modelo de paróquia ou modelo de igreja funcionasse melhor, ou não ou conseguiu?

JOSÉ GONCALVES: Ajudam um bocadinho, mas depois, passados alguns anos, também aquelas, umas pessoas saem dali, outras morrem, outras mudam, etc. Depois já não é tão fácil manter, manter mesmo essas comunidades. Havia comunidades com bastante gente. Em Salvaterra, uma das comunidades, que era junto dos bairros,

essa, por princípio, teria pouca gente, por ser um pouco mais afastada, mais pobre também, mas não. Foi aquela comunidade que teve mais gente, no final, quer dizer, aí esteve sempre gente na casa do senhor. E manteve-se até há um ano a funcionar. Depois, às vezes, os animadores nem sempre têm disponibilidade para continuar..., também não é fácil, isso não é fácil.

JOÃO SOARES: Padre Zé Carlos, relativamente à situação paroquial. Consegue fazer uma espécie de um antes e depois da missão? Como se encontrava a Paróquia antes e depois da missão?

JOSÉ GONCALVES: Tenho de falar em geral...

JOÃO SOARES: Sim!

JOSÉ GONCALVES: Pelo menos nos Foros da Salvaterra, chamou, havia bastantes comunidades e mesmo em Salvaterra. Mas chamou, assim, mais gente para participar, chamou um bocado. Depois, ao final do tempo, eles também saem, ali também há gente que vai e vem e essas coisas assim. E mesmo a Salvaterra também um bocadinho, para participar gente nos grupos e assim veio, formaram-se vários grupos. Também o senhor Bispo, na ocasião, durante muitos anos ele quase que punha isso nos programas... A lectio divina, fazer oração a partir da Bíblia. Lá até temos oficinas de oração, fizeram oficinas, praticamente todos os anos vão chamando mais novas pessoas, ou uma pessoa, ou outra. Mas depois a coisa vai-se esbatendo (risos). E não é, pronto, digamos, frutos, frutos, alguns frutos visíveis, conheço gente que se aproximou nessa ocasião. Mais continuam, agora, já, às vezes, se veem na missa, antes não, etc...

JOÃO SOARES: É sempre um...

JOSÉ GONCALVES: É. Por um lado, já não há tanta disponibilidade, já não havia tanta disponibilidade para aceitarem pessoas na sua casa, à noite, para se reunirem, etc. As pessoas estão um bocadinho mais fechadas, cada uma lá no seu, no seu lugar e já não é tão fácil. Por outro lado, também, animadores normalmente eram catequistas, eram gente empenhada na igreja e isso, continuava, essas pessoas continuavam também.

JOÃO SOARES: Padre Zé Carlos, relativamente aos três tempos da missão, ou seja, sabemos que a missão vicentina vê-se no pré-missão, no tempo forte e no pós-

missão. Como é que, na realidade, teve, foi vivido este pré-missão? Ou seja, como é que foram preparados, foram os formadores?

JOSÉ GONCALVES: Isso foi. Foram preparados. O Padre Agostinho vinha ali, nós também íamos. Isto foi tudo combinado com ele. A escolha e o convite para as pessoas e as pessoas lerem e tudo isso, foi feito dessa maneira. A missão também correu bem, as pessoas participaram nas celebrações e tudo, e eles, digamos, não correram, não foram a todas as pessoas, mas foram a todos os doentes, as comunidades juntaram-se quando foi no encontro das comunidades e juntaram muitos bens alimentares. Muitos! Muita coisa que depois foram levar à gente necessitada, que tinham visitado antes. Em Salvaterra foram 24 casas que receberam, mas pesavam uns quilos. Foi muito distribuído, muito! Agora a pós-missão é que foi mais difícil. Nesse aspeto, porque depois ainda tínhamos os cadernitos, e depois, não havia mais nada. Mesmo que pedissem não, mas pronto. Então ali a diocese tinha um tema sempre a cada ano, o Sr. Bispo escrevia uma carta com o programa do ano pastoral e depois apresentavam umas catequese. Em cada ano, um livrinho com as catequese, portanto isso depois ajudou. Ainda ajudou bastante, também na continuidade. Mas, às vezes, as catequese eram mais fáceis de uma pessoa, não digo, exporem e ambientarem ou orientarem, mas outras vezes não eram assim tão fáceis. De maneira que aqueles temas do pós-missão, para ser continuação da missão, essa aí é que falhou. Estarmos mais um bocado na pós-missão.

JOÃO SOARES: Por exemplo, regulamente, por exemplo, pré-missão. Foi fácil encontrar animadores, por exemplo, disponibilizarem as casas, as pessoas interagirem?

JOSÉ GONCALVES: Em algumas paróquias foi mais fácil do que noutras. Nos Foros ainda houve talvez umas 19 comunidades, ou isso. Então as casas ainda se interagem, mas ali são distâncias muito grandes. Nos Foros é uma questão de quilómetros. E então depois a continuidade da pós-missão... Pronto, uma pessoa zangou-se com um dos que lá iam e depois já não foram. Depois outros mudaram dali. Em Salvaterra, já nós fomos, foram contactadas algumas das pessoas que tinham, nos Foros também, que tinham disponibilizado a casa, quando foi na missão anterior, e alguns aceitaram e outros já não aceitaram. Mas arranjámos para as comunidades todas as casas suficientes. Animadores, às vezes, faltavam, assim, um ou uma, mas, pronto, são catequistas essas, essencialmente catequistas. Sendo que em alguns lados Cursistas, os homens e assim, mas, a maior parte eram eles sim, a maior parte era a maior parte eram.

JOÃO SOARES: Padre Zé Carlos, falou relativamente aos temas. Acha que os temas são apropriados, apropriados leves, suaves, adequados?

JOSÉ GONÇALVES: Durante a missão, a primeira semana, são. Como são poucos dias, não pode ser muita coisa e são os temas, digamos, mais necessários. Que depois ajudem a continuidade. Suponhamos, temos os aspetos principais, que as pessoas habitualmente falam de igreja, mas, mas falam, tanto para dizer bem, como para dizer mal. Que a igreja, etc., e tudo isto, normalmente não se reúnem muito para, para refletir sobre isso, a não ser as que já se reúnem habitualmente na igreja, podem fazê-lo sobre Nossa Senhora, sobre Jesus, etc. Isso serve, servia como, também, digamos, um momento para as pessoas depois quererem mais tarde aprofundarem. Nós, nos grupos, fazemos mesmo de adultos para a preparação do crisma, por exemplo, a Bíblia é a coisa que as pessoas mais gostam e descobrem como novidade, não sabiam ler, tinham-na, mas não sabiam ler, etc. Aquilo que mais os ajuda, de facto, é descobrir a Bíblia, pronto, às vezes até rezarem.

JOÃO SOARES: Uma coisa bastante importante é a segunda semana da missão, a semana da pregação. Como é que desenvolveram a semana da pregação? Digamos, da ida das comunidades à igreja?

JOSÉ GONÇALVES: Houve o encontro das comunidades, na mesma, isso tudo. De facto, foi aquilo que eu acompanhei mais, mas os outros também; foi muito bom, viveram aquilo muito, alguns lugares com menos gente. O outro lugar também não tem muita gente. Outros com bastante gente. A igreja quase se encheu. Por exemplo, nos Foros, em que a igreja é muito grande, mas nunca se enche, foi uma festa. Depois as pessoas vieram, nós fazíamos também com aquelas pessoas de lá, nós normalmente dramatizávamos o Evangelho ou alguma passagem bíblica, conforme estava no esquema das missões. As pessoas ofereciam-se, houve gente que pedia a quem quisesse participar, e as pessoas arranjavam entre eles, faziam isto, faziam aquilo. Nesse aspeto as coisas correram bastante bem. E as pessoas gostavam, gostavam ...

JOÃO SOARES: Uma das críticas que se faz é que a missão é muitas vezes um limpar a poeira, mas depois tudo acaba. Concorda com isso, Padre Zé Carlos?

JOSÉ GONÇALVES: Se não houver continuidade nenhuma, acaba. Mas fica sempre alguma coisa, penso eu. Às vezes, queríamos que ficasse mais, era muito bom.

Sobretudo as comunidades continuarem assim, a refletir, a reunirem-se, etc. Isso aí nem sempre é fácil. Se calhar, também é como tudo, começa, cresce, desenvolve-se e depois vai morrendo. Agora aí cada paróquia pode-se aproveitar mais ou menos, fica sempre, fica mais ou menos para a continuidade. Agora, aquilo mexe com muita gente, o ideal seria que nós tivéssemos mais gente que habitualmente não tem. Chamar ou convidar. E vêm algumas, mas pronto. Há gente a que não interessa muito isso. Não vêm. Não é sempre fácil virem muitas pessoas que já não estivessem um bocadinho tocadas lá. Mas gente que não vinha à missa e começou a vir, etc. Algumas pessoas dessas assim também. Mas é, é um bocado levantar poeira. Depois é, mas, às vezes, é mesma poeira, já é menos poeira com mais... Que assenta. Que ainda não é um momento imediato de conversão para as pessoas, portanto não é muito fácil virem, temos de ir ao encontro delas. Mas isso não é assim, eu vou lá convidar e vêm logo. Eu, a brincar, digo assim: nós não pescamos à rede, pescamos à linha. Quando vem uma pessoa, já é muito bom. Às vezes as pessoas precisam de muito de ter tempo para serem ouvidas, e pronto. E vem bastante gente falar connosco, também. Algumas pessoas vêm também mesmo da igreja e há outros que aparecem no mesmo encontro.

JOÃO SOARES: O padre Zé Carlos já disse que algumas comunidades, na sua maioria, acabaram por terminar, certo?

JOSÉ GONÇALVES: Sim. Salvaterra ainda tem, pelo menos, uma. Mas aquilo depende muito... a dona da casa é que é a animadora. E ela tem tanto trabalho e muitas coisas, mas tem muito jeito para fazer a reunião sozinha. Vou lá uma vez ou outra porque, muitas vezes, calha eu ter reunião no mesmo dia e tudo. Mas é um grupinho de 9 a 10 pessoas e assim. Há outra, que é um grupo de São Paulo, que este ano não reuniu muito, mas aí é gente já da igreja, já praticante e tudo, que se reúne, e pronto. Às vezes, os que fizeram também eles ofereciam a oração, também contribuía, mas, outras vezes, outras vezes não. Portanto, não vai..., pouco a pouco. Aquilo depende muito com certeza de cada paróquia.

JOÃO SOARES: E acha também que depende muito também do incentivo do pároco?

JOSÉ GONÇALVES: Isso sim. Se o pároco não se interessar muito, não adianta. Eu lembro-me que fiz uma missão na Diocese de Santarém antes de ir para ali. Além da

Ribeira, fiz nas Moreiras Grandes, depois fiz nos Casais. Era o mesmo pároco e quando lá chegámos ainda não tinha nada preparado, porque ele dizia: “Aposto que somos capazes de fazer isso, de arranjar os grupos tudo isso e as comunidades”, e fizemos. E eu soube que cerca de 10 anos depois a minha comunidade ainda reunia. Ele aproveitou essa gente, porque eles trabalhavam muito com grupos e tudo e é um bom homem, muito bom nesse aspeto, muito bom para isso. Mas nós ali, pronto, penso que Marinhais, a Glória, o Granho e Muge e Foros não têm, não têm... Na Várzea Fresca ainda se reuniram bastante tempo. Mas depois o animador teve de emigrar. Depois era o grupo dos cursistas com mais umas pessoas ou outras... Agora a pessoa responsável teve um AVC, foi outra senhora.

JOÃO SOARES: No fundo, o que estou a perceber, muitas pessoas das comunidades depois foram desembocar nesses grupos, que muitas das vezes já existiam.

JOSÉ GONÇALVES: Sim, algumas. Não é assim tantas, mas sim, vieram. Depois, tudo depende muito do convite que as pessoas fazem umas às outras. E elas vêm. Eu conheço algumas pessoas que – por exemplo, uma senhora concretamente – começou a vir à missa, depois de ser convidada por outra; eu até vi que ao convidá-la que lhe disse: “tu até eras assim, vinhas à missa e não sei quê”. “Ah, mas já há muito tempo que não vou”. “Anda, tu podes ir à comunhão e confessar-te e essas coisas e tudo”. E a mulher nunca mais faltou à missa. Engraçado! Está sempre no mesmo lugar, isto já há anos. Era uma pessoa que eu nunca via lá. Mas pronto, quando vêm uma ou duas, damos graças a Deus. Lá em baixo é porque a percentagem de praticantes é pequena. Na Glória, éramos 4%, por isso. Salvaterra é que tinha uma percentagem maior. Agora, Salvaterra está muito envelhecida. Vejo mais casais novos nos Foros do que em Salvaterra. Salvaterra tem mais pessoas que eram muito praticantes, e foram morrendo muitas dessas pessoas, muitos grupos, etc. E há gente mais nova que não aparece, mas vem trazer os filhos, nas festas dos filhos, etc... Mas assim domingo... mesmo jovens, não vêm.

JOÃO SOARES: Relativamente à identidade da própria missão vicentina, ou seja, das características que a missão tem... Sabemos que, ao longo da história, mesmo do próprio Instituto, São Vicente não inventou as missões, elas já existiam, mas deu-lhes uma forma diferente. Uma delas era, se não a principal, fundar a Caridade. Sabemos que hoje a Caridade, nas paróquias, já está praticamente instituída, em quase todas há o serviço paroquial: Cáritas ou Conferências Vicentinas ou outros movimentos. Contudo, a

missão popular promove, pelo menos, o espírito caritativo, promove todas estas situações de pobreza, ou acha que já não passa tanto por aí?

JOSÉ GONÇALVES: Nós já tínhamos em Salvaterra. Quando eu cheguei lá, há 17 anos, havia Conferência em Salvaterra e em Mariniais. Só essas duas. E temos agora em 5. Só o Granho é que não tem, estando umas a trabalhar melhor que outras. Salvaterra não tem quase ninguém, mas ajuda em algumas coisas. A dos Foros precisava de uma volta, mas também nós tivemos aqui mais de um ano sem Conselho Central, de Santarém. As coisas não tiveram grande coisa. Fez-se um trabalho muito bom, a nível da diocese, com Conselho, com Presidente. O Conselho de Santarém era jovem, mas depois ela foi para Angola e depois houve este tipo de coisas e pronto, agora é que se vai recomeçar outra vez, propriamente. Mas nós temos 5.

JOÃO SOARES: E alguma delas foi fruto da missão?

JOSÉ GONÇALVES: Sim, especificamente por causa disso é que se instituiu. Nesse momento, penso que não, porque foi preciso, digamos, um certo tempo de andar a tentar primeiro mobilizar as pessoas, convencer, e assim. Depois, lembro-me concretamente que dizia o padre João Maria, na Glória: “Aqui não há pobres”. Mas, depois de começar, de haver a Conferência, já não faltava pobres. Foi preciso dizer, ir fazendo esse trabalho e convencer aqueles que vinham à igreja também, mas depois, de facto, fizemos e fazem um bom trabalho e as pessoas lá também, mesmo sem Conferência, a nível das paróquias. Pelo menos as que conheço ajudam-se bastante. Ajudam, mas hoje pode-se fazer um apelo na igreja e há pessoas ...

JOÃO SOARES: Posso dizer que não foi diretamente, mas indiretamente...

JOSÉ GONÇALVES: Sim, isso sim. Nós procuramos, digamos, estar também a acompanhar a Família Vicentina, incentivar, falamos muito de São Vicente de Paulo e tudo isso. E depois era concretizar uma Conferência. Não foi tudo ao mesmo tempo.

JOÃO SOARES: Outra questão, também muito importante: sabemos que S. Vicente foi um grande promotor do laicado, da atividade dos leigos, através da própria caridade. Relativamente aos leigos na missão e depois na vida paroquial, notou que a missão popular favorecia o papel dos leigos na Igreja, no desenvolvimento da paróquia?

JOSÉ GONÇALVES: Os leigos mais empenhados na igreja também foram os que estiveram mais empenhados na missão. Por exemplo, a nível de homens, porque é uma região em que não ligam muito à igreja, foram os Cursistas que chamaram outros homens à igreja. Lá parece que era a zona da diocese de Santarém que tinha mais Cursistas, eu até pensei que não, mas era. Agora, em Santarém, aquilo está muito em baixo. É a nossa zona pastoral também, quer dizer, o padre João Maria ainda entrou, trabalhou, ainda veio mais alguém e tal, mas depois, a partir da diocese, deixou de haver esse sistema. Tudo isso foi-se refazendo... Para já está tudo, a ver se conseguem soprar um bocado aquelas brasas, virar alguma coisa. Agora, com o senhor Bispo..., ele também queria um bocadinho que eles andassem para a frente. Mas esses ainda eram bastantes, viveram de uma maneira muito forte e empenhada a missão. E continuaram. Elas já estavam. É natural que alguns agora também continuassem mais, estivessem mais connosco, porque eles, de facto, veem-nos como Padres Vicentinos. Como dizem muitas vezes: “Vocês são diferentes dos outros”. O melhor aspeto é ter tempo para os ouvir, para estar com eles, etc. Eles, nesse aspeto, dizem que estamos um bocadinho diferentes e também temos essa disponibilidade, não é apenas um padre, somos três. Há coisas que facilitam.

JOÃO SOARES: Outra coisa que muitas vezes se afirma é que, nas próprias missões, os leigos são um sinal, mas, muitas vezes, ou não estão preparados, ou, muitas vezes, são apenas uma decoração, só para dizer que os há. Nota isso?

JOSÉ GONÇALVES: É assim: nós temos leigos capazes de desempenhar em várias coisas, mas, às vezes, têm receio até do que os outros dizem e se é o Padre que diz é mais fácil para fazer alguma celebração. Eu penso que é assim em todas as nossas paróquias. Bem, agora houve um que ficou doente, já não pode, mas arranjava-se em Salvaterra e faziam a celebração. Nos Foros faziam a celebração, na Várzea, o senhor que fazia a celebração está no hospital... Eu penso que em Marinhais fariam, na Glória também, é importante, se for necessário, agora não fazem habitualmente. Talvez a gente puxe, há muito tempo é que sobretudo nas capelas enormes e nas igrejas, mas pode haver uma em que só há uma celebração, com ausência de presbítero, mas, para já, ainda temos as missas, uma missa em cada igreja.

JOÃO SOARES: Mas ali existe isso, essas dimensões das celebrações da palavra?

JOSÉ GONÇALVES: Sim. Por exemplo, vem agora em outubro o mês do Rosário, depois vem a semana dos seminários, etc. Não sou eu que vou fazer essas celebrações, elas fazem sempre, as pessoas... Quando é o mês de maio, o mês de Maria, ponho por grupos. Algumas celebrações assim eles fazem, se for preciso. Mas, para outras celebrações, é preciso ser uma pessoa com nomeação oficial da diocese, que já teve formação para isso. Em tempos passados e depois há um ano ou dois, na reunião do clero, tornou-se a falar disso. Ainda havia um ou dois ministros da comunhão que faziam essas celebrações. Eu estava a pensar que a diocese iria organizar uma formação específica também para isso, mas até agora nada, Nós não temos a formação específica para isso, mas preparam-se.

JOÃO SOARES: Mas esse espírito e essa consciência...

JOSÉ GONÇALVES: Vai havendo...

JOÃO SOARES: Vai havendo...

JOSÉ GONÇALVES: Não podemos fazer tudo.

JOÃO SOARES: Mas o facto da missão de ser continuada com a presença dos padres aí, certo? E o facto também de ter havido missões, diretamente também ajudou a potenciar esse espírito?

JOSÉ GONÇALVES: Para algumas pessoas, sim...

JOÃO SOARES: Porque nem sempre muita gente aceita o facto de ser ...

JOSÉ GONÇALVES: Lá aceitam. Pelo que eu sei, nunca houve ninguém a dizer: “Não aceitamos uma celebração destas!”. Na Várzea Fresca, quando foi pela primeira vez, eu fiquei doente, eu fui operado e não sei que mais, e foi numa sexta-feira ou na quinta, pronto, os outros... foi só dizer, que já estão mais habituados, então, ali é um ministro de comunhão, um senhor, que já tem bastante idade, é o que toma conta da igreja. Ele é aceite por toda gente. Alguns daqui ou dali é o cursista, é o responsável dos cursistas, ali na zona pastoral e tudo e falou: “Agora no domingo, é você, eu não posso vai fazer!”. “Ai, mas as pessoas não vão aceitar”. “É assim: você chega lá e diz assim: “O Senhor Padre está doente. Não pode vir. Portanto, nós vamos fazer assim...”. E já estão habituados fazer isto com os cursistas, habituados a dar comida. E também a fazer

o género de reuniões a cursistas, com reflexão e tudo, a ler várias homilias. Eu disse-lhe como é que ele deveria fazer o texto. Portanto, digamos, eu não escrevia a homilia, mas disse-lhe o que deveria fazer. Depois, eu telefonei-lhe: “Então, como estão as pessoas?” “Todos acharam bem, pronto, olhe, correu bem tudo”. Mas nós fazemos habitualmente a missa, pelo menos ao domingo há uma missa em cada igreja. Ali, na Várzea, ainda tem dias que junta bastante gente, de fora e tudo, porque é a primeira missa da manhã. E no Escaropim também, no Cucharro também. Os funerais cresceram... Aí, se nós tivéssemos um, até um seminarista, eles aceitavam.

JOÃO SOARES: Não me mandam para lá, está a ver? (risos de ambos).

JOSÉ GONÇALVES: Não é fácil. Eu, por acaso, disse que nos davas muito jeito lá. Mas a sério! Porque nós nunca tivemos três ou dois e meio ou dois como estivemos este ano, quase todo o ano. O padre Teixeira, até fevereiro, não fez nada!

JOÃO SOARES: Claro.

JOSÉ GONÇALVES: Eu nunca tive um ano tão difícil, mesmo fisicamente e de saúde, como este ano. De rastos, fiquei..., se não fossem estes tempos de férias, não sei como iria ser, porque então não tenho tempo para nada. Mas isso, pronto, pelo menos o Senhor Bispo mandou um email, no dia anterior, tinha pensado em fazer formação e depois nomear a pessoa que, no fim da celebração da igreja, fosse ao cemitério, acompanharem. Talvez isso, assim, as pessoas aceitassem facilmente, até porque ali, em Benavente, era uma Irmã que fazia os funerais.

JOÃO SOARES: Com esta igreja dos ministérios...

JOSÉ GONÇALVES: Mas ali precisávamos, nós temos muitos funerais. Isso ocupa-nos muito tempo, sobretudo algumas paróquias em que a celebração e ir até ao cemitério é uma hora e meia, então quarenta minutos para chegar da Igreja ao cemitério, quarenta e cinco...

JOÃO SOARES: Padre Zé Carlos, em termos de avaliação, o que mudaria, em que estrutura, quer no desenvolvimento da missão... que acha que se deveria mudar? Ou não acha?

JOSÉ GONÇALVES: Primeiro, tem-se que adaptar a cada circunstância concreta, não é a mesma coisa fazer na cidade, outra coisa é fazer no norte, outra coisa é fazer no sul. Pronto, o estudo, digamos, assim das condições, tudo isso... E depois realmente o ir ao encontro das pessoas é que é importante. E ter tempo para isso. Faço, normalmente, mas, às vezes, se é uma equipa pequena, tento ter tempo para ir a todo o lado. Depende também um bocado disso. Mas o encontro com as pessoas... E depois, na missão aquilo não fica automaticamente tudo mudado, as coisas demoram muito. Depende do pároco, depende das pessoas aceitarem em participar em comunidades, etc. Isso é muito bom. Quer dizer, digamos, o esquema, mais ou menos é assim que está. Agora penso que a pós-missão é que é muito importante acompanhar. Haver uma estrutura... Porque outras comunidades, outras religiosas, eles, por exemplo: os Capuchinhos fazem uma semana, a semana da Bíblia, numa terra, ou um curso bíblico, pronto. Depois ficam em contacto sempre com toda a gente. Ali não se fez assim muito mais.

E porque depois isso é pertencer aos Colaboradores da Missão. Mas não há mais Colaboradores da Missão Vicentina. Em Marinhais, enquanto lá estiver aquele casal... Salvaterra tem alguns, mas não é assim tantos, mas tem, também tem um grupo de pessoas. Mas depois não houve assim muito incentivo, porque devia haver, no fim da missão e tudo, distribuir folhetos. E nós nem tínhamos folhetos, nem nada. Tínhamos alguma coisa de outras missões. Mas a gente nem tinha isso nem nada. Isso era bom, a pós-missão mais organizada. O pré-missão é que se destaca.

Depois perante o tempo forte, isso é, às vezes é preciso mudar lá a estrutura e assim. Também depende das circunstâncias próprias.

JOÃO SOARES: Padre Zé Carlos, outra coisa. Entre aquilo que tinha em mente da missão e aquilo que agora, passados estes anos, vê o que foi feito, consegue ver muita discrepância entre aquilo que idealizou e a realidade?

JOSÉ GONÇALVES: 2015 para 2018 não vai muito. São só 3 anos. Por isso, nos Foros, já vai há mais anos e de outras paróquias nós notamos que mudaram socialmente bastantes coisas. As pessoas estão muito mais dentro de casa. Lá andava-se na rua, até as senhoras, à noite, andavam à vontade. Agora não tem havido nada assim de especial, mas algumas pessoas, a partir de certa hora, já não saem. As senhoras sozinhas

que possam vir à igreja, já não vêm. Ou vêm acompanhadas, ou então já não vêm; e assim notamos menos gente na igreja. Aquilo que são as missas dominicais habitualmente têm menos gente. Isso quer dizer, a missão ajudou a mexer algumas pessoas, serem mais conscientes e mais empenhadas, etc., mas depois vem tudo o resto do trabalho que é preciso ir fazendo, continuar a chamar, tudo isso, mas aquele aspeto de número de pessoas nos dias habituais, tem menos. Na semana tem a mesma coisa, mais ou menos, de pessoas que vêm à missa. Mariniais, se for o 3º Domingo, que é o dia do mercado, vem menos gente à missa. Depende de muitas coisas. Agora, o importante mesmo é nós estarmos lá depois da missão, é importante ir um bocado ao encontro das pessoas. De participar, elas gostam de nos ver, se não vêm muito à igreja podem ver-nos na rua. E quando se vai à rua, normalmente encontramos este e aquele e outro e as pessoas ficam a falar e aproveitam para falar, e aqueles que não vão à missa às vezes também falam. Há pessoas muito nossas amigas, não são assim muito praticantes. Agora, o ter tempo para estarem nessas coisas todas... Mesmo em inauguração de uma alguma exposição que a câmara convida, esta coletividade que nos pede para ir lá benzer não sei o quê, etc. Às vezes chega-se a um ponto que não há tempo para fazer tudo. Quando pedem para benzer, sim, arranja-se sempre algum, mas para estar presente em certos acontecimentos, que era – eu penso – essencial nós estarmos também, nem sempre pode ser. Eu procuro estar em tudo aquilo que é possível.

JOÃO SOARES: Também estar junto com eles nas suas atividades...

JOSÉ GONÇALVES: Sim, porque as pessoas gostam muito de ver o padre de lá. Nem que seja, por exemplo, quando se inaugurou o campo de futebol, depois de ser arranjado, dos Foros de Salvaterra, perguntaram assim: “Você não foi lá fazer a bênção do campo!”. “Por acaso não fui, não me convidaram?”. E o presidente da Junta depois, passados 5 minutos, diz: “É. Você podia lá ter ido! Eu esqueci-me, você benzia o campo!”. Porque as pessoas são religiosas. Têm uma certa curiosidade, eu podia benzer as pessoas, dou graças a Deus que se construiu aquilo. Tudo isso. Mas, para essas coisas, somos depois mais aceites e a relação, eles começam a entender a igreja de outra forma. Não é uma coisinha que está por lá para uns beatos, nada. Quem vai à missa não anda perdido ... As pessoas chamam beatos.

JOÃO SOARES: Sim! Sim! (risos)

JOSÉ GONÇALVES: Beatos. Quem vai à missa em Foros ao Domingo. Isso de estar no meio das pessoas depende de muita coisa. O Padre João Maria estava muito com eles, mas ele podia comer de tudo, beber de tudo, essas coisas que eu já não posso.

JOÃO SOARES: Claro.

JOSÉ GONÇALVES: Por exemplo: nos casamentos ou assim eles convidam, às vezes aos sábados, a gente tem o sábado ocupado, dali até à noite.

JOÃO SOARES: Padre, faria uma missão de novo?

JOSÉ GONÇALVES: Sim! Lá ou em qualquer lado?

JOÃO SOARES: Em qualquer lado. Se tivesse que optar por escolher, numa Paróquia que tivesse. Acha que é uma opção que se possa fazer como meio pastoral?

JOSÉ GONÇALVES: Bem preparada, sim. Que o pároco saiba o que é uma missão. Porque, no fundo, é um momento mais intenso de anúncio da palavra, da vivência da palavra, etc. Depois, é um bocado concentrado.... É que depois pode dar mais frutos, menos frutos, só Nosso Senhor é que sabe. Mas que é sempre uma maneira se calhar de irem à igreja, ou mais nessas celebrações... Depois depende do tamanho da terra ou isso.

JOÃO SOARES: Já recomendou alguma vez a missão a outro pároco? Ou recomendaria?

JOSÉ GONÇALVES: Acho que já. Ali em Santarém já fizeram, foi feito em toda a diocese, tudo isso. Agora, agora não, não tem. Mas o Senhor Bispo, mesmo o Dom Manuel, apresentava a missão popular como um ato extraordinário de evangelização na paróquia. Depois há outros grupos, sobretudo femininos, que fazem missão daquelas Sementes do Verbo, brasileiras, etc.; a Casa da Palavra também, já nos contactaram mais duas ou três vezes para fazer uma semana ou um fim-de-semana de uma missão, de tipo diferente, em que elas vão para o meio da rua e tocam e cantam, chamam as pessoas e fazem... E depois, a partir daí e pronto! Também se calhar é uma coisa diferente, até não estaria mau. Quando é uma coisa diferente as pessoas...

JOÃO SOARES: Normal.

JOÃO SOARES: Padre Zé Carlos, muito obrigado, era isto.

ANEXO XII

Transcrição da entrevista efetuada a Dom Augusto César

Data: 24 de agosto de 2018

Local: Casa Domus Flavia, Chaves

JOÃO SOARES: Senhor D. Augusto César, qual foi a razão, como Bispo de Portalegre- Castelo Branco, que foi durante aqueles anos todos escolheu a missão, a dinâmica Missionária para a sua diocese?

D. AUGUSTO CÉSAR: Bem, em primeiro lugar, porque eu, como membro da Congregação da Missão, sei mais ou menos da dinâmica desta missão popular e, portanto, em vez de estar a chamar outros sacerdotes da congregação, naturalmente fui diretamente à Congregação da Missão. Depois, os sacerdotes também se foram abrindo e, à medida que a missão ia atuando, outras paróquias, outros párocos iam vendo e iam querendo, e, portanto, a proposta era aceite com relativa facilidade e com agrado.

JOÃO SOARES: Quando entrou para a diocese, que objetivo tinha para ela, ou seja, via que a diocese precisava de uma dinâmica missionária, quais os objetivos que traçou?

D. AUGUSTO CÉSAR: Quando eu vim de África, eu trazia realmente uma experiência bastante dinâmica e diferente. E a primeira coisa que eu fiz foi visitar toda a diocese, percorrer toda a diocese, visitar os sacerdotes, falar com eles e ver a situação das paróquias. Nessa altura, eu entendi que havia necessidades de um dinamismo diferente, pelo menos mais vivo, mais ativo. Não é que não houvesse bom trabalho, mas havia necessidade de uma atividade diferente, e, por isso, eu tomei várias iniciativas e uma delas foi, de facto, levar, passados dois anos, levar os padres da missão para a diocese, mas depois chamá-los precisamente para esta atividade da missão popular. Porquê? Porque, na realidade, é preciso, não só haver alguém que dê um dinamismo diferente, pelo menos de vez em quando, aos párocos, que se vão naturalmente acomodando, sobretudo isto: as

paróquias eram muito iguais, digamos, os párocos procediam muito do mesmo modo e era preciso ajudá-los também a sair também dessa monotonia. E foi precisamente por isso que eu, para além de outras iniciativas, chamei e convidei os párocos para a missão popular.

JOÃO SOARES: Não adianta perguntar porque é que os padres da missão, e não outros, está claro que é a sua opção. Daquilo que você tinha em mente, com a chamada dos padres e atividade missionária e aquilo que foi feito, houve avanços significativos, ou não?

D. AUGUSTO CÉSAR: Bom, evidentemente que os resultados não são iguais em todas as paróquias. Há párocos, de facto, que já estão à espera de um dinamismo diferente e também procuram entrar nele, colaborar, etc... E há outros depois que deixam praticamente a coisa correr e, às vezes, até morrer, mas, normalmente, em todas as paróquias houve uma alteração no modo de proceder, houve um dinamismo que aproximou os cristãos, sobretudo é que o dinamismo e a diferença não está só no procedimento dos párocos, mas está nos paroquianos. E, para mim, não sei se vais fazer esta pergunta ou não, mas na realidade uma missão popular torna-se muito importante, por vários motivos: primeiro, porque nós, até agora, íamos ao encontro dos paroquianos, mas eles tinham o seu dinamismo, mas agora, com a mentalidade atual, é preciso que nós vamos ao encontro deles para os atrair à verdadeira missão, à verdadeira, digamos, ao dinamismo da nossa fé. Eu vejo, por exemplo, os Capuchinhos em Fátima, já com certa idade e tudo mais oferecerem-se livremente, espontaneamente para irem à minha diocese, pronto, onde eu fui Bispo. Agora, fazer missões, por exemplo, em Oleiros, onde estão as Irmãs Franciscanas, etc... Eu fui à missão, missa Crismal, e fiquei surpreendido por vê-los ali e foram espontaneamente. Quer dizer, nós, hoje, não podemos esperar que as pessoas venham ao nosso encontro, é preciso irmos ao encontro delas, é esse o dinamismo. Eu trouxe-o de África, evidentemente. Cá existia, sim, neste ou naquele pároco, sim senhor, mas não em todos. Havia uma certa, um certo arrefecimento, não é? E era preciso, de facto, dinamizar. E então eu penso que na maior parte das paróquias uma sacudidela, deixa passar o tempo, uma sacudidela na fé, para que as pessoas despertassem. E eu digo isto, sobretudo, por estas razões: 1º, é a iniciativa que nós tomamos de trazer os padres da missão popular, anunciar o que vão fazer durante 15 dias ou o quer que seja; 2º, é a participação de Irmãs e leigos, que vão, de facto, visitar os

doentes, vão visitar os idosos, inclusivamente brincar com as crianças e ajudá-las, espontaneamente, etc... Portanto, todo este intercâmbio de ação faz com que, de facto, a missão seja uma realidade muito ativa. Se fossem só os padres da missão, pronto, era uma coisa boa, eles naturalmente despertavam interesse e tudo mais e as pessoas talvez se aproximassem, não todas, mas enfim, muitas. Mas o facto de irmos ao encontro da vida das pessoas, da situação em que elas estão, através, portanto, de Irmãs, que são bem aceites, de leigos que vão com as Irmãs, etc... visitar, eu julgo que é isto, de facto, para mim, é isto que dá uma grande movimentação às paróquias.

JOÃO SOARES: Uma pergunta relativamente á missão em si, ou seja, dividimos a missão no pré –missão, o tempo forte naquelas duas semanas e no pós-missão. O senhor D. César na sua experiência, quer na diocese, quer mesmo na sua experiência pessoal, como foi padre de missão, como vê este tempo, principalmente agora no pré-missão? Como vê estes anúncios? Como vê a preparação? Como vê os aspetos formativos que há? Como vê tudo isto?

D. AUGUSTO CÉSAR: Bom, evidentemente que esta, este pré-anúncio de os padres aparecerem e, mais ou menos, porem, digamos, em esquema, aquilo que vão desenvolver, desperta interesse. É certo que hoje a mentalidade é muito, muito diferenciada. E eu ainda ontem falava com uma técnica aqui nas Águas, que me respondia: “Bom, eu sou católica, não é? Vou à missa, claro, não vou sempre”..., porque hoje as coisas mudaram, entendes? Quer dizer, a mentalidade que percorre hoje o mundo e o nosso ambiente acaba por afogar muitas das iniciativas e não só das iniciativas, mas daquilo que eram valores que nós herdámos, etc... Eu costumo dizer que os filhos, quando recebem dos pais uma herança grande ou um curso superior, não recebem valores morais e espirituais, não têm herança nenhuma. E, por isso, muitas vezes esta pré-missão, ir fazer o anúncio, etc... é capaz de não despertar muito, mas faz falta, porque de alguma maneira vai criando interesse e vai fazendo com que as pessoas, entre si, se perguntem: “Mas afinal de contas, como é, como é que isto vai acontecer e tal, entre elas isto já desperta algum interesse. Eu penso que a pré-missão faz falta, mas, sobretudo, faz falta para o pároco. O pároco necessita de ter, de facto, um esquema de valorização daquilo que se vai, daquilo que vai acontecer, precisamente para depois ele mesmo participar. Se o pároco, de facto, não mostrar este interesse, a coisa desvaloriza-se. Sabes não vai mostrar

interesse na pré-missão também não vai mostrar na pós-missão e então facilmente a coisa se apaga.

JOÃO SOARES: D. César, falou muito da mudança dos valores, mudança da cultura, por exemplo, uma das características da missão é a formação de comunidades familiares, as comunidades de base que se reúnem normalmente nas casas das famílias, cada vez está a tornar mais difícil entrar neste esquema. Notou isso também?

D. AUGUSTO CÉSAR: Bem, isso agora é mais que evidente, quer dizer, nos tempos, sobretudo nos tempos atuais, em tempo em que eu fui para a diocese, ainda era um bocado diferente, não? Mas agora, nos tempos atuais, a mentalidade é completamente diferente e, inclusivamente, uma família em que um pratica e o outro já não pratica, etc... claro, quebra muito do interesse e do entusiasmo e, portanto, resta formar as comunidades, ir fazer as reuniões em famílias e tudo mais, isto é ótimo, isto é ótimo que, enfim, desperta, não só os pais, mas, inclusivamente, as crianças, não é? Simplesmente, há famílias em que não conseguem, porque conseguem ir a outras famílias mas não em casa porque há alguns que não estão de acordo, inclusivamente os jovens. E, portanto, neste aspeto é necessário, mas é necessário sacudir, quer dizer, nós temos que fazer propostas que entusiasmem. Por exemplo, com os jovens, tantas vezes eu dizia aos meus padres: “Padres, levem, por favor, as crianças da catequese aos mosteiros de vida contemplativa, para que as crianças despertem a curiosidade e vejam as irmãs atrás das grades a sorrir e contentes e a falar com entusiasmo. Para que elas perguntem: mas porquê vocês estão aí presas?” Será uma das maneiras de perguntar, estão aí presas e estão contentes, porque repara, eu tenho a idade que tenho e sou, sou, pronto, Bispo há 46 anos, mas na realidade passo aí pelos jovens, primeiro, passo pelas pessoas, saúdo a todas, saúdo e sorrio, mas, praticamente ninguém liga nada e, em segundo lugar, os jovens, ninguém me pergunta porque é que eu quis ser padre e como é que eu cheguei aqui e se não houver um despertar desta curiosidade, também não há um despertar dos valores da fé.

JOÃO SOARES: D. César, relativamente ao tempo forte, que são duas semanas, normalmente intensas, o que é que o D. César pôde analisar das vezes que observou, quer nas comunidades familiares, quer esta semana de pregação... Acha que as pessoas aderem a esse esquema, acha que as pregações já são inadequadas ou estão ainda atuais? Como é que vê estes dois ritmos da missão?

D. AUGUSTO CÉSAR: Eu já tenho experiência disso, desde Espanha, do meu noviciado e, portanto, via como as missões eram feitas. Eram feitas pelos jesuítas, eram feitas no lugar onde eu estava, eram feitas pelos jesuítas e pelos padres vicentinos e, evidentemente, eram feitas, inclusivamente, de manhã muito cedo, ainda de noite e faziam via sacras e procissões, etc... não é? Evidentemente não estamos tanto nesse tempo, mas maioridade é que este tempo, digamos, propriamente da missão é mais do que fundamental. Agora, conseguimos que as pessoas adiram e que vão todas? Não, não conseguimos. O que é preciso é mentalizar as pessoas que vão, ao testemunho que devem dar, porque se nós simplesmente, eu digo hoje isto, hoje na Europa, digamos, está a escorregar, digamos, uma violência por toda a parte. Nós julgamos que a violência dos *jihadistas*, mas de lá de longe não tem nada a ver connosco, mas o certo é que nós já começamos a ver maridos a matar mulheres, ou namorados a matar namoradas, vemos, inclusivamente, a matar os pais, matar crianças, deitá-las ao rio, etc... E vemos velhinhos que são espancados e roubados de tudo etc... Portanto, quer dizer, há, por assim dizer, uma largada da água do mar por toda esta Europa e em Portugal também. Bom, e mais eu aqui na Europa, mas sobretudo em Portugal, eu hoje não sei se quando saio de casa volto a casa, porque tudo pode acontecer, não só com uma facada, com uma pistola, com uma pancada do carro, etc... hoje faz-se isto com uma naturalidade como se nada fosse. Ora bem, precisamente a missão é para despertar aquilo que é essencial, como é que eu hei de comportar-me aqui nesta Europa, como é que eu vou-me comportar concretamente aqui em Portugal, dar testemunho da minha fé, com a minha vida e não apenas um testemunho de palavra, nem apenas um testemunho de ação para mim. Não, dar um testemunho da minha fé com a minha vida, de maneira que vá despertando no outro interesse e mesmo que o outro passe ao meu lado com indiferença, porque hoje a indiferença é, talvez, digamos, o risco mais sério, mais grave, indiferentes a tudo, não é? Cada um é que sabe, cada um é que é como é ensinado... Evidentemente que não é nada de mais. Se eu der o testemunho da minha fé com a minha vida eu vou despertando interesse, interesse no outro que é o que acontece com o Papa. Porque é que o Papa está, de facto, a chamar a atenção de todo o mundo? Alguns têm raiva, outros dizem mal dele que se fartam, mas a realidade é que põem os olhos nele e perguntam-se porquê. É exatamente isso, é exatamente isso que nós temos que fazer, é fazer com que as pessoas perguntem porquê. Porque é que ele é assim? Porque é que ele faz assim? Porque hoje, de facto, no nosso país o medo, o medo e a indiferença são dois males terríveis que percorrem todo o ambiente.

JOÃO SOARES: Sabemos que muitas vezes os frutos da missão só se recolhem muito tempo depois, não é? Mas isto deve-se muito à continuidade da mesma, não é? E é o pós-missão. O D. César já referiu algumas coisas, mas como é que vê esta questão do pós-missão, do tempo forte, essa continuidade, muitas vezes é uma sacudidela de pó mas depois acaba-se ali?

D. AUGUSTO CÉSAR: Bom, a maior parte é isso, mas a gente nota a diferença entre paróquia e paróquia e pároco e pároco. De facto, há missões que se fazem e que vão ganhando raízes, porque são acompanhadas. Eu sei que um missionário vai lá depois durante algum tempo, mas isso pouco chega. Se o pároco não tem, de facto, uma vontade decidida e não agarra, vê, se o pároco não vê, de facto, naquele processo está, de facto, uma dinâmica que vai dar à sua paróquia, não só vida, mas inclusivamente a vai tornar também missionária, pronto, a coisa morre depressa. Sabes, hoje cada um tem a sua vida, cada um tem o seu porquê, volto a repetir: a moda ensina: “Eu é que sei, eu é que sou”, “tudo é igual, tanto faz”, “tu queres, mas eu não quero”..., acabou-se, não é? E então é preciso, de facto, que o pároco seja alguém que assume, digamos, a capacidade da importância e, sobretudo, que saiba pegar nas pessoas, sejam poucas ou sejam muitas, que sigam e que ajam por convicção e então com elas que comece a trabalhar e a dar continuidade à missão. Eu penso que sim, quer dizer, isto é, evidentemente se a missão ficar entregue pelas pessoas depressa acaba, não é? Tem que ser o pároco, de facto, com um dinamismo interior, que descubra, não é?, que se convença que hoje os missionários é que são não, é o dinamismo da missão é que, de facto, me vai dar aso a eu levar uma quantidade de pessoas, sejam muitas, sejam poucas, mas a dar sequência àquilo que, de facto, viveram.

JOÃO SOARES: D. César, como Bispo, teve certamente oportunidade de fechar uma missão ou fazer um encerramento, uma abertura ou uma celebração, esses eventos. Qual era a sensação que trazia das pessoas, dos párocos, na sua maioria, digamos?

D. AUGUSTO CÉSAR: Eu não fiz o encerramento de muitas, porque a vida não me permitia, mas uma ou outra fiz, uma ou outra fiz, agora, sabes, há uma intuição em que a gente, mais ou menos, vê o comportamento do pároco e o comportamento das pessoas. De facto, eu tenho falado com párocos, mesmo há pouco tempo, dando dois retiros ao clero do Porto, eu tive oportunidade de ver um ou outro que vinha falar comigo, mas que vinha falar com uma vida, com umas propostas que, de facto, de vitalidade que

eu ficava admirado e feliz. E, por isso, eu facilmente, digamos, com a minha experiência também que já tenho de Bispo e de padre e também, digamos, uma certa atenção, porque se a gente não olha, não se apercebe, não procura entender, não chega nada. Então, mais ou menos eu vejo a diferença. Eu dava sempre graças a Deus, sabes, eu dava sempre graças a Deus, mesmo que não visse muito futuro, eu dava graças a Deus por aquilo que foi feito naquela missão, não só pelo que foi feito pelo padre missionário, ou pelas Irmãs ou pelos leigos missionários, mas precisamente por essa percepção que deixaram no povo. É que não é só o padre, é que não é só a Irmã, é que também é só o leigo, quer dizer, a igreja somos nós e é isto, de facto, é preciso fazer. Portanto, eu não me preocupava demasiadamente com o que via, dava graças a Deus por aquilo que foi feito, mas quando eu via que numa ou outra paróquia agarravam, digamos, em aspetos muitos concretos da vida e se propunham reunir-se e caminhar, eu ficava feliz, porque via que o pároco estava ali a atuar e que os leigos também se davam conta.

JOÃO SOARES: Senhor D. César, relativamente às características da missão, sabemos que ela, já no tempo de Vicente de Paulo, dizia-se o seguinte: “Enquanto os outros deixavam uma cruz, a gente tinha a obrigação de deixar a caridade”. Hoje em dia, sabemos que a maioria das paróquias têm os seus movimentos caritativos. Contudo, acha que a missão potencia, ou já nem se fala nisso sequer, esta dinâmica também de evangelizar através da caridade, ou acha que isto já é uma coisa que já está a ficar mais apagada?

D. AUGUSTO CÉSAR: Bom, olha, aquilo que eu olho, que eu vejo, é o seguinte: eu, relativamente, por exemplo, às vocações, eu dizia sempre: “Padres, é preciso que cada pároco pense no seminário diocesano”, suponhamos, mas isso não basta nem sequer o satisfaz. É preciso pensar nas religiosas que estão cá na diocese e, portanto, propor, dar um indicativo para que as pessoas inclusivamente se interroguem. É preciso, sobretudo, ajudar os jovens a descobrir o que Deus quer deles e não o que nós queremos, porque, às vezes, até há ou religiosas que vão à conquista, mas aqui não é conquista, é sobretudo despertar o interesse por aquilo que Deus quer de mim. Bom, eu agora, quanto a isto que tu estás a dizer e a propor, de facto, eu vejo, vejo, digamos... a pergunta era.... Sobre a característica da caridade (João interfere para ajudar a relembrar a pergunta) A caridade, a caridade... no tempo de hoje eu iria dizer que não há muita diferença no tempo de S. Vicente de Paulo no sentido do essencial, porque S. Vicente de Paulo encontrava uma

pobreza imensa que clamava aos céus e, portanto, ele abria o coração e a caridade ia à frente, mas hoje não há outra maneira de nós trabalharmos, quer dizer, vamos com muita inteligência, com muitos discursos, muita coisa, mas assim não vamos a parte nenhuma. Sabes que eu vi uma entrevista, certamente também viste, na Canção Nova, desde o Brasil para cá e era um sacerdote novo que vinha, ele estava com o seu cabeção, com a sua postura, sim senhor, e estava a falar do seu curso universitário que ele acabava de fazer. E as pessoas que estavam a observar ouviam-no e ele fazia a coisa com muita serenidade, com muita calma, sim senhor, simplesmente as pessoas como que se distanciavam. A seguir, vem um pai e um filho handicapé, as pernas assim ...desde os 4 anos e o filho trabalhava lá na própria Canção Nova na cachoeira Paulista e o pai, o tema era o amor do pai pelo filho e o amor do filho pelo pai, as pessoas começaram a chegar-se e a dar muita atenção. Porquê? É porque na realidade nós não podemos fazer da fé uma coisa que passa pela inteligência, stop e acabou. É algo que entra na vida e, por isso, também aqui nós temos que fazer isto e hoje o que é preciso, portanto, diante desta indiferença, diante..., nós não vamos com palavreado, vamos com atitudes e uma das atitudes fundamentais é a caridade, e a caridade não é a caridade vicentina... é a caridade, mas, evidentemente que os vicentinos têm obrigação, porque têm um modelo à sua vista, quer dizer, S. Vicente de Paulo viu, fez a leitura do ambiente e respondeu-lhe com aquilo que é essencial. Mas é curioso que S. Vicente de Paulo não procurou ver e respondeu-lhe pessoalmente, procurou levar os cristãos a responder do mesmo modo e a colaborar e é isto que nós temos que fazer. Portanto, sem caridade é escusado, não vamos a lado nenhum. Ouve, sem caridade na paróquia, sem caridade na família, sem caridade na comunidade religiosa não vamos a parte nenhuma, porque nós estamos a ver a Deus em tudo.

JOÃO SOARES: Outra característica é a promoção do leigo. D. César já falou, nesta entrevista, sobre isso. Contudo, acha que a missão, hoje em dia, é algo que potencia a missão do leigo na própria Igreja?

D. AUGUSTO CÉSAR: Eu creio que sim, eu creio que sim falando, digamos, quase abstratamente, quer dizer, eu creio que sim porque precisamente a doutrina que o padre transmite, a doutrina que tem outras valências que são as da caridade, na aproximação através dos leigos que vão e das religiosas que vão, portanto eu creio que sim. A realidade é esta que se, de facto, nós hoje queremos, por exemplo, despertar isto mesmo nos jovens, não é individualmente. Os jovens, hoje, têm que se reunir em grupo e

têm de procurar estimular-se mutuamente, porque eles, às vezes, não acreditam em nós ou não ligam aos mais velhos. E se eles, em grupo, começarem, de facto, a dinamizar-se e a pôr problemas com interesse do essencial então eles começam a acreditar e eles olham para nós e colaboram connosco e ajudam-nos. E quem diz isto, é assim, diz também, por exemplo, de um casal em que a mulher é praticante e o homem não faz caso, ou vice-versa, não é? É preciso, de facto, que haja grupos e aproveitar-se daqueles que despertam interesse e que também são capazes de ir transmitir aos outros. Eu penso que sim, que é preciso, agora não com a missão, não com a missão, como quem diz: vamos agora fazermos aqui um grupo...”, não, assim não, porque assim não vamos a parte nenhuma, vamos procurar aqueles que, de facto, estão atentos e começam a ver o essencial da nossa fé.

JOÃO SOARES: Lá no fundo a missão não é tanto para formar mas sim para apoiar e revitalizar?

D. AUGUSTO CÉSAR: É para formar, mas é para formar globalmente aqueles que vêm, quer dizer, é para fazer despertar, naqueles que vêm, fazer despertar alguns que, de facto, são capazes de dizer: “Sim, eu quero”. É então depois, pronto, há seguimento, não é? Se, de facto, nós quisermos agora com a minha palavra eu desperto este interesse, não, assim não vou a parte nenhuma. Agora se eu também me procuro, não consigo nada. Portanto, vou apenas dizer..., também é errado. Eu acho que hoje é preciso muita serenidade, muita humildade. S. Vicente de Paulo usava uma linguagem tão humilde que os próprios ..., como é que se chama, desses movimentos triviais de... como é que se chama... ? Agora não me vem a palavra, os que fazem... (esqueceu-se da palavra), os que fazem teatro, os que fazem isto ou aquilo até esses começaram a imitar S. Vicente de Paulo na linguagem, até esses começaram e, portanto, quer dizer, tem de ser o nosso comportamento, tem de ser, de facto, por isso, é que eu acho que a Congregação da Missão tem, digamos, o comportamento ótimo nessa questão das missões, mas não prepara suficientemente as pessoas, sobretudo, por exemplo, chega a uma comunidade e vai pedir a uma Irmã que vá na missão próxima. Se, de facto, não há uma preparação dessa Irmã, não há uma preparação do leigo que vai participar, depois o resultado é nulo. Quer dizer, sim, dão o testemunho da sua vida e tudo mais, mas não passa daí.

JOÃO SOARES: É era essa pergunta que eu ia mesmo fazer: o que é que acha que realmente precisa de mudança?

D. AUGUSTO CÉSAR: Eu, nesse aspeto, já há bastante tempo que vejo isso e, pronto, quando era provincial e agora, de facto, eu penso que a Congregação, por exemplo, das Filhas da Caridade deve destinar, suponhamos, durante um ano ou dois, como quiser, deve destinar duas ou três Irmãs que acompanhem as missões populares, mas, para isso, elas devem ter reuniões de formação com o padre que vai fazer as missões. E tem de haver, digamos, um comportamento progressivo, aspetos, aspetos, por exemplo, estes aspetos que temos agora falado, não é?, globalmente, não é?, apenas com a linha presença, não! É preciso estar atento e ver quem desperta para a fé e como desperta para a fé e ajudar, de facto, a pessoa a ver, a clarificar-se e a sentir o que deve fazer para que os outros se despertem também. Pronto, eu penso que era preciso haver uma formação, portanto, durante um ano ou dois, eu sei que as Irmãs são poucas e tudo mais, mas durante... E os leigos a mesma coisa, durante um ano ou dois, para ter reuniões. Acho que faz falta isso, não é?

JOÃO SOARES: Senhor D. César, quando na sua experiência de Bispo, quando um Bispo quer toda esta dinâmica e quer fazer tudo isto, acha que é uma coisa utópica ou é possível?

D. AUGUSTO CÉSAR: Não, repara o ter, o ter esta ambição, mas não, o ter este propósito, este afã de procurar que na sua diocese haja isso, eu penso que é fundamental, porque, se o Bispo amortece, todo o clero amortece. Depois, há um ou outro sacerdote que são dinâmicos e que vão fazendo propostas, etc... mas eu vou-te dar um exemplo e não é para me gloriar nem coisa, mas como eu vinha das missões eu comecei a ver, passando por todas as paróquias e por todos os párocos, inclusivamente os doentes e tudo mais, a ver os párocos, como é que eles viviam economicamente e etc... Bom, depois comecei a ver que as paróquias eram, como eu disse no princípio, muito iguais e quando algum pároco pretendia fazer coisas diferentes ou novas, imediatamente era censurado pelos colegas e tal. Então eu comecei, de facto, a pensar em diversidade e evidentemente não é só com a missão popular. Então eu comecei, primeiro comecei a fazer uma visita pastoral diferente: em vez de ser por paróquia era por arciprestado. Porquê? Porque me permitia reunir os padres do arciprestado e, com eles, fazer uma preparação ao longo dos meses de setembro a dezembro. Bom, e depois de fazer a visita pastoral com eles de tal maneira que eles iam despertando, havia informação, bom. Para além disso, eu procurava, durante a visita pastoral, enviar, suponhamos, casais a falar a casais e enviar jovens já era

mais difícil, já foi mais tarde enviar alguns jovens a falar a outros jovens que quisessem porque têm outro interesse, outro impacto, não é? Depois, fiz a missão itinerante, até foi antes, com três Irmãs que fossem. Porquê? Porque vejo as paróquias com as portas fechadas, as igrejas com as portas fechadas toda a semana... Não é possível Jesus Cristo estar ali por minha causa e eu nem sequer o visitar nem poder, porque a porta está fechada. Então levei as Irmãs da Missão itinerante para irem às paróquias sem pároco residente para todos os dias, à noite, ao fim da tarde, para além de visitar os doentes e tudo, visitar os doentes, estar com os jovens quando eles vinham da escola, estar com as crianças..., à noite sempre rezar o terço, fazer uma oração mariana e distribuir a sagrada comunhão, para que os leigos se deem conta de que não rezamos só quando o padre está presente, mas rezamos porque somos cristãos, porque está aqui Jesus Cristo por nossa causa, quer dizer... E depois criei as zonas com dinâmica de missão onde os nossos padres, o padre Horácio, etc... também estiveram, e, portanto, quer dizer, eram dois ou três padres para um grupo de paróquias para que eles pensassem e refletissem o que deveriam fazer. Quer dizer, penso que quando há esta ideia que tu dizes, esta ideia, o Bispo não pode ficar só num ramo, só num aspeto. Tem de ver onde é que pode mexer com a consciência dos padres e com a capacidade que eles têm.

JOÃO SOARES: Globalmente, ficou satisfeito com o trabalho feito?

D. AUGUSTO CÉSAR: Sim, eu nisso não ponho dúvida nenhuma. Os padres fizeram o melhor que puderam, as Irmãs e os leigos fizeram o melhor que puderam. Como eu digo, é preciso antecipadamente dar formação a estas Irmãs e a estes leigos. Não é só porque são Irmãs e vão e, portanto, é só visitar os doentes..., não pode ser. Elas precisam de saber qual é o dinamismo da Missão, os seus objetivos, o que é que pretendem, de facto, antecipar e fazer para o futuro.

JOÃO SOARES: Digamos que os dois elos de mudança seriam a formação e a própria continuidade da missão?

D. AUGUSTO CÉSAR: A própria continuidade da missão, sem dúvida nenhuma. E eu pergunto se a continuidade da Missão não seria precisamente com o grupo que foi com o padre, com a irmã e com o leigo, quer dizer, que pudessem, uma ou outra vez, ir lá, porque há sempre um despertar da amizade do ambiente e tudo mais. Eu penso que sim.

JOÃO SOARES: Muito obrigado, senhor D. César. Eram estas as perguntas, muito obrigado.

D. AUGUSTO CÉSAR: Está bem, pronto, Deus te ajude.

ANEXO XIII

Transcrição da Entrevista efetuada a Dom Vitalino Dantas

Data: 12 de agosto de 2018

Local: Casa São Nuno, Fátima

JOÃO SOARES: D. Vitalino, foi bispo numa diocese propriamente missionária, digamos, não é?, com bastante dinâmica de missão?

D. VITALINO DANTAS: Sim! Claro! No Alentejo, sobretudo no Baixo Alentejo, considerada a terra da Missão, mas o Alentejo, sabemos que é um terço do território de Portugal, mas só com, nem sequer menos um décimo da população portuguesa, não é? Uma população dispersa, alguma um bocadinho envelhecida, pouco jovens. Mas sempre, por assim dizer, gente afastada um pouco da prática religiosa e, por isso, é preciso levar a essa gente o sentido da fé, o sentido do evangelho, e as missões são uma oportunidade muito boa para conseguir isso. Porque as pessoas vivem dispersas. Vivem nos aglomerados, nas pequenas aldeias e aí temos que ir ao encontro delas, não é?

JOÃO SOARES: Então, significa que esse era o seu objetivo, quando implementou essa dinâmica missionária em toda a diocese, digamos assim?

D. VITALINO DANTAS: Eu, sempre de pequeno, a única coisa que eu escolhi da minha vida foi ser missionário. Ser padre missionário. Foi assim que fiz o exame da 4ª classe. Quando perguntaram depois do exame: diz lá o que queres ser e explica porquê. Das razões porquê. E eu disse que queria ser padre missionário e, normalmente, os missionários têm que fazer o tempo de preparação nos seminários, mas sempre sonhei com o ser missionário e, por isso, fui para uma ordem religiosa e não para o seminário diocesano.

JOÃO SOARES: A diocese de Beja teve a presença dos padres da Congregação da Missão durante alguns anos, principalmente em Santiago do Cacém. Também sabemos

que o Padre Agostinho foi procurador das missões da própria diocese consigo. Porque é que escolheu, digamos, a Congregação da Missão entre outras que podia ter escolhido?

D. VITALINO DANTAS: Nós, já o meu antecessor fazia lá missões populares e normalmente chamavam os padres religiosos, os vicentinos, os redentoristas também, os padres espiritanos, mas foram sobretudo os vicentinos que responderam mais aos desejos do D. Manuel Falcão. E primeiro foram para Almodôvar, um concelho muito disperso e que já confina, quase, com o Algarve e aí os vicentinos puderam realmente desenvolver o seu Carisma; indo ao encontro das pessoas e formando as pessoas. Mas depois no meu tempo disseram-me que já estavam há muito tempo no mesmo sítio e deveriam deslocar-se e ir para outro sítio. Então, propus-lhes Santiago do Cacém, dado que era a zona mais descristianizada de toda diocese. A prática Religiosa no litoral, três a quatro por cento, ao passo que no interior anda seis a sete por cento. Portanto, pedi-lhes para ir para lá. E numa altura eu escrevi ao capítulo, creio que desse capítulo saiu provincial o delegado provincial, o Padre Álvaro e, então, pedi para fazermos missões. Mas não já com gente que viesse de fora, mas também com prata da casa. Depois desse capítulo, então, decidiram incrementar as missões e nomearam, então, o Padre Agostinho como pertencendo à comunidade de Santiago do Cacém, mas tendo como missão principal animar as missões populares, não apenas na diocese, mas também noutros lados. No entanto, ele dizia que era sobretudo na Diocese que estavam a maior parte das missões anuais. Ele tentou fazer missões em todos os lados, sobretudo no litoral e procurou formar grupos de missionários locais e havia sempre uma jornada, um dia de formação para esses ou para futuros candidatos a trabalhar nas missões, e, portanto, foi isso que, realmente, o Padre Agostinho incrementou na Diocese. Portanto, Missionários animados por padres vicentinos, sobretudo pelo Padre Agostinho, mas com consagrados e consagradas e leigos residentes na diocese.

JOÃO SOARES: Relativamente ao modelo de Igreja que a diocese procurava com as missões. Poder-me-ia descrever um pouco, alguns traços de mudança entre o antes e o depois, com esta dinâmica missionária que implementou na diocese, através das missões populares?

D. VITALINO DANTAS: Não podemos dizer que houve uma mudança de estruturas ou de conceção de Igreja, mas houve uma aproximação muito grande entre o povo e os missionários, quer fossem padres, Bispo, consagrado, consagradas ou leigos.

Porque a igreja, portanto, é realmente a comunidade de todos os batizados; de todos aqueles que seguem Jesus Cristo; de cada um segundo a sua vocação, e essa aproximação houve. Eu creio que até foi daí que surgiu a ideia também de se realizar um sínodo Diocesano, que foi o primeiro sínodo quase 250 anos da história da restauração da Diocese. Por isso, creio que em muito dos lados se sentiu que a Igreja estava presente não apenas pelo Bispo ou pelo padre, mas também pelos leigos e pelos cristãos, e até num certo lado, uma certa altura, veio trabalhar para Diocese uma comunidade de consagrados e consagradas que eram do Brasil; eram todas muito jovens e até as pessoas me disseram, que cuidava que as freiras eram todas idosas e afinal havia freiras jovens, não é? Este rejuvenescimento da igreja se deu, não é? Não tanto o rejuvenescimento a partir de autóctones, mas também a partir de gente que veio de fora, mas que eram jovens e que anunciavam Jesus Cristo e estavam presentes ali no meio, vivendo com as pessoas, não é?

JOÃO SOARES: Certamente é, o Senhor Bispo já foi alguma vez encerrar alguma missão ou abrir alguma missão, nesse tempo todo em que esteve lá. O que é que notava? Como estava, quando fazia uma visita de uma Paróquia que tinha recebido uma missão? O que é que notava, quando lá chegava?

D. VITALINO DANTAS: Eu notava um grande espírito de comunidade. Eu não ia só, sobretudo no tempo do Padre Agostinho. Não ia só ao encerramento da Missão, mas procurava também marcar alguma presença e, sobretudo, no dia de formação, quase sempre, lá estava. Os formadores foram diversos. Não apenas vicentinos. E as pessoas, no encerramento, mostravam que tinham aprendido algumas coisas e, em alguns lados, houve certa dificuldade em formar aquilo que se chamam os grupos, as Comunidades, portanto que ... porque as pessoas tinham uma certa dificuldade em receber nas suas casas as pessoas, e porque o alentejano, portanto, recebe na sua casa apenas pessoas que pertencem à família e tem dificuldade em receber nas suas casas modestas, muitas vezes, outras pessoas que não pertencem à família, mas são pessoas abertas, pessoas dispostas a colaborar e notou-se em algumas Paróquias, sobretudo, que houve vários grupos que se formaram, várias comunidades, e isso para mim era o principal resultado da missão: que houvesse continuidade, para depois se reunirem, já não com o missionário, mas com as pessoas que habitavam nessas terras. Por isso, achei que o grande resultado das missões foi formar Comunidades. As Comunidades existiam quando lá cheguei, mas estavam

todas a morrer e algumas ressuscitaram. Em alguns lados ficavam muitas comunidades, em outros lados havia dificuldade em formar duas ou três, mas em todo lado ficavam comunidades que animavam, realmente, pela meditação dos textos da palavra de Deus; que animavam depois toda a comunidade.

JOÃO SOARES: O D. Vitalino referiu uma coisa importante que era a dificuldade de muitas vezes formar esses grupos de base. Sabendo que a missão, a estrutura da missão comporta: uma pré-missão, a preparação para essas comunidades; o tempo forte, que são aquelas duas semanas, três semanas dependente do esquema adotado; depois há o pós-missão, digamos assim. Nesse esquema que o D. Vitalino, certamente conhece, qual a maior dificuldade e, ao mesmo tempo, a maior vitória conseguida através desse esquema? Acha que esse esquema ainda se pode manter? É atual? O que acha sobre este esquema de missão?

D. VITALINO DANTAS: Eu creio que o esquema ou sistema das missões populares pode-se manter, mas tem de se adequar um bocadinho às pessoas que vivem num determinado local. Se há pessoas que são mais afastadas da igreja, portanto, temos que as ajudar, naquilo que são os rudimentos da fé; e a palavra de Deus é sempre um alimento forte para as comunidades. No entanto, notei que comunidades que eram tocadas profundamente pela missão se mantinham vivas e outras depressa desapareciam. Por isso, o pós-missão era importante, e o padre Agostinho procurou alimentar esse pós-missão. Ele visitava as comunidades sobretudo aos domingos, concelebrava, celebrava nos locais onde houve missão e aí, notava-se que era preciso reacender aquele estímulo que houve, quando houve o tempo forte da missão e aí, creio, que nessas comunidades, notou-se esse trabalho, noutras depressa morreu, porque não havia missionários locais, não havia comunidades que se reunissem regularmente e o que lhes dava a diocese. A diocese procurou criar alimento sobretudo durante uns anos eram os grupos, as catequeses para os grupos e isso, normalmente, havia em toda a diocese muitos pedidos. Por esses pedidos se notava que as comunidades se mantinham vivas e iam aprofundando a sua fé. Onde não chegavam esses subsídios da diocese, os próprios vicentinos punham o seu esquema e os seus subsídios e mantinham-se, mas, como disse, em alguns lados depressa esse fogo desapareceu e era preciso realmente criar e formar missionários locais, não é? Missionários que não evangelizem a sua terra, mas que vão à terra vizinha e, de vez em quando, aparecem para uma reunião de grupo, para uma Celebração. Isso foi a minha

ideia e foi a ideia do Padre Agostinho, mas, por isso, com a saída dos padres vicentinos e com a minha saída não sei, agora, como é que está essa questão.

JOÃO SOARES: O D. Vitalino referiu um aspeto importante que era a formação de missionários. Sabemos que os missionários não só são os padres nem as freiras, nem o Sr. Bispo. Missionários somos todos os que somos chamados a essa missão. Relativamente a essa formação de missionários, potencialização dos leigos na própria dinâmica da Missão. Como é que via isso? Que missões potenciava essa dinâmica? Como é que via a missão, como uma potencial ajuda a esta formação de Leigos ou essa participação dos leigos na missão?

D. VITALINO DANTAS: Portanto, eu teoricamente via com bons olhos essa formação. E os leigos Missionários, mesmo que não fossem muito sabedores, mas que tivessem muito amor às pessoas, muito amor à sua fé e, portanto, sabendo que a fé que não se partilha morre. E notei que havia alguns que realmente viviam com espírito missionário, mas outros achavam que não sabiam muito, que não sei quê, tinham se formar muitas, muito tempo e quando o tempo chegava já estavam com pé na cova, não é? E, portanto, já não podiam dar aquilo que era importante. Mas creio que ainda há alguns Missionários por lá e é sempre uma grande alegria encontrá-los aqui em Fátima, noutros lugares de formação. É sinal que o povo permaneceu, mas é preciso reacendê-lo.

JOÃO SOARES: D. Vitalino, uma das características da própria missão e da função dos leigos é a caridade, e uma das características da própria missão, principalmente a missão popular Vicentina, é levar esse evangelho, que é caridade, assim São Vicente do Paulo definia. Até na própria conceção de missão via-se ao longo do tempo: enquanto que os outros deixavam uma cruz, a nossa missão deixava uma caridade organizada. Nessa dinâmica das missões que assistiu na sua Diocese viu essa linha orientadora da Caridade a ser implementada, ou revitaliza em alguns casos através das missões, ou nem por isso?

D. VITALINO DANTAS: É difícil dizer se foi através das missões vicentinas, se foi através de outros impulsos, no entanto, uma das coisas que é muito forte lá na diocese é a organização de grupos sócio caritativos nas próprias Paróquias e, claro que muitos fizeram esta missão Vicentina e, creio, que a Diocese de Beja é também daquelas que tem os grupos sócio caritativo mais organizados. Não é bem aquilo que era no tempo

forte da Missão, mas creio que são resultados também da missão que se fez. Portanto, sobretudo nas Paróquias onde se fez a missão Vicentina, é lá que foi mais fácil de organizar esses grupos socio-caritativos que existem em toda a diocese e já não são aqueles grupos que simplesmente estavam habituados a distribuir os excedentes da Comunidade Europeia, mas são grupos que procuram, a partir dos próprios meios, a partir da comunidade, levar aos mais pobres e aos doentes o benefício da ajuda da partilha fraterna. Eu creio que, sem fazer um estudo exato das pessoas que fizeram a missão ou que pertenceram a grupos ou comunidades missionárias, no entanto os grupos socio-caritativos estão neste momento muito fortes na diocese.

JOÃO SOARES: D. Vitalino, sobre a questão da Missão falámos também já dos passos que ela envolve, mas houve depois ações concretas materializadas. Já falou no do Sínodo. Mas houve para além do Sínodo, ações concretas que, através das missões e dessa dinâmica missionária, se revelaram?

D. VITALINO DANTAS: Eu creio que foi no tempo do padre Agostinho que se formou, portanto, o grupo Diocesano da Missão, portanto havia leigos, consagrados e consagradas, padres, que pertenciam a esse grupo e o Padre Agostinho era o coordenador. Ele indicou, quando a doença o atingiu e ele teve que vir para Lisboa, ficou um padre Diocesano que seria muito bom, mas esse Padre Diocesano, como quase todos, têm muitas atividades e, por vezes, essa fica para o final. Eu creio que é importante que nós saibamos criar prioridades e a prioridade da missão é uma delas. Portanto, os padres diocesanos, embora sendo párocos, devem ter alguns pontos fortes e esse ponto forte, creio que para alguns, deve ser a missão. Porque sem ela a comunidade que celebra a sua fé é sair do seu ambiente da igreja, das paredes da igreja, para ir para o meio do povo. Sabemos que a Fé sem caridade é morta, não é? E, portanto, também se nota que essas comunidades vão envelhecendo e vão morrendo também. Eu dizia muitas vezes que nós os padres e os bispos às vezes temos muitas celebrações, mas pouca ação e, por vezes, por causa de um sacramento, para garantir uma celebração da missa, andamos a correr por todo lado e não praticamos as outras vertentes da missão do padre, do cristão, que são a vertente de formação, de evangelização e a vertente da Caridade, do amor e, portanto, a vertente da celebração e da administração. Portanto, essas outras vertentes, por vezes, ficam um pouco esquecidas, por causa de garantirmos os sacramentos às pessoas e, como

eu dizia muitas vezes, se calhar com a morte da última velhinha vai acabar a comunidade, não é? Isso pode ser.

JOÃO SOARES: D. Vitalino, referiu uma coisa importante que é a dinâmica dos párocos também têm de ter prioridades, entre elas, também a missão. Acha ou considera importante, não só as paróquias receberem missões, mas também a própria dinâmica paroquial viver nessa dinâmica de missão, dessa dinâmica de igreja em saída que o Papa Francisco tanto pede?

D. VITALINO DANTAS: Pois isso é que eu tentei que as comunidades mais fortes evangelizassem as menos fortes, mais enfraquecidas, na vizinhança, não é? Porque, claro, os leigos têm os seus trabalhos e têm as suas famílias e não podem ser prestados pela Igreja, o Padre também tem aos domingos e ao fim de semana normalmente um trabalho muito preenchido. Mas eu creio que há que repartir tarefas, que há que saber marcar presença em diferentes momentos, com diferentes pessoas. Portanto, uma comunidade que não dá testemunho da sua fé, que não evangeliza está condenada a morrer. Portanto, eu creio que eu vi muitas vezes esse testemunho de pessoas que sentiam muito gratificadas por causa de terem participado numa missão. Claro que não podemos continuar com aquela dinâmica da missão estando exclusivamente para aquilo porque só pessoas com menos laços familiares é que o podem fazer, mas não são sempre essas as pessoas mais indicadas, portanto, haverá que incrementar o espírito Missionário nas Comunidades paroquiais e nos párocos e fazer com que, não apenas se celebrem os sacramentos, mas se saia das paredes da igreja e se vá ao encontro daqueles que mais precisam.

JOÃO SOARES: Entre aquilo que, digamos, pensou para a diocese nessa dinâmica Missionária atendendo também à realidade, porque nem sempre as nossas expectativas correspondem. Mas entre aquilo que idealizou para a Diocese e aquilo que foi feito ao longo desses anos, nota que houve uma evolução, ou nota muita discrepância entre o ideal e o real em si, sobre esta dinâmica missionária?

D. VITALINO DANTAS: Quando eu fui para a diocese, em 1999, portanto, tentou-se criar realmente nessa altura um protótipo de missão a partir da “prata da casa” e então o conselho pastoral e secretariado da dinâmica de ação pastoral e o conselho presbiteral tentaram, então, fazer um modelo de missão que era com “prata da casa”. Foi

bom. Está bem pensado, mas realmente é preciso também marcar presença nas comunidades e isso quase não era possível porque as pessoas iam às comunidades e não viviam lá. Eu acho que é aquilo que a missão Vicentina tem de bom. É que durante o tempo de missão os Missionários vivem lá nas famílias e vivem com as famílias. Partilham a sua vida e isso é importante. Notei isso e depois... então, agora que esse esquema se realizou em alguns lados notei que era muito eficiente e pedi o auxílio dos redentoristas e dos vicentinos para continuar com as missões populares. Os Padres vicentinos estiveram mais presentes e, como já disse, depois da nomeação do Padre Agostinho como coordenador das missões isso resultou. Infelizmente a sua doença que ele pensava sempre, viveu sempre com muito otimismo, impediu-o de continuar e também os vicentinos têm missões, mas são muito a partir de fora, não é? Era preciso realmente tentar um esquema, como tentei, de viver estando lá, pelo menos grande parte daqueles que são os Missionários. Estando lá, posso me animar e coordenar a missão e fazer com que as comunidades se tornem mais vivas e mais participativas. Agora, como já sou emérito, já não tenho responsabilidade, posso dizer o que penso, mas não posso fazer aquilo que penso, não é? Creio que, espero que outros tenham ideias melhores e que se possam incrementar outros tipos de ideias. O que interessa é que o povo alentejano esteja evangelizado. E não apenas que vá à missa e frequente os Sacramentos, mas que viva realmente naquela solidariedade tão típica do povo alentejano. O cante alentejano foi nomeado Patrimônio da humanidade não só porque fraterniza aquelas pessoas, aqueles grupos, mas o que é realmente da maneira como é executado, é uma maneira muito forte de juntar as pessoas, e a igreja ainda não conheceu essa força. Liguei que junta as pessoas a serem mais irmãos, mais fraternas; criar comunidades e viverem no espírito de Jesus.

JOÃO SOARES: O D. Vitalino já referiu alguns aspetos positivos, outros aspetos menos bons e isso é também fazer uma avaliação integral. Nós sabemos o bom, mas também sabemos o mau. A pergunta que lhe faço: o que é que o D. Vitalino mudaria? Olhando agora desde fora também, mas ao mesmo tempo, desde dentro participou nessa dinâmica das missões populares, o que é que mudaria, D. Vitalino? Na sua ótica, o que acha imprescindível, o que é preciso pensar e fazer para uma melhor evangelização?

D. VITALINO DANTAS: Bem! Eu creio que muitos movimentos na igreja, mas alguns são fundamentais, não é?! Claro que o meu sucessor é mais pelas comunidades neo-catecumenais e, portanto, que se formem comunidades é importante, agora como elas

se formam é que era importante saber. Quais os dinamismos que deve ter uma comunidade, uma aldeia. Eu creio que hoje em dia precisamos de comunidades que sejam um modelo, protótipo, ver como eles se amam, como diziam lá na primeira comunidade de Jerusalém. E era isso que deveria existir nas Paróquias, não é?! Nas aldeias, comunidades que, embora não sendo todos praticantes, de não ir todos à Igreja, no entanto, comunidades muito presentes nas alegrias e nas tristezas. Celebrar as festas com o povo, mas também celebrar as necessidades com o povo. Estar presentes, isso creio que falta. Mas é preciso estar presente não apenas irmãos Missionários de fora 15 dias ou 3 semanas, mas ficarem mais durante um tempo, não é?!, como diz o evangelho, ide! As casas que vos receberem fiquem lá, e não é simplesmente ir, outra vez, para outros lados. Ficar lá, fortalecer a comunidade. Creio que as cartas de São Paulo nos dizem muito acerca de como a igreja se forma, como a igreja está viva e presente no meio do povo. É isso que eu desejaria, mas pronto, o nosso tempo acaba é limitado e temos que contar com aqueles que agora estão na frente de batalha.

JOÃO SOARES: Então, a última pergunta e terminamos aqui a nossa entrevista, era: se fosse hoje a retomar outra vez esta diocese, se voltasse a 1999, hoje faria este caminho novamente, esta dinâmica missionária, com as missões e implementava esse espírito outra vez na diocese?

D. VITALINO DANTAS: Eu costumo dizer que não vivo muito do passado, eu vivo no presente, e no passado, sei que há coisas boas, iniciativas, há coisas más, coisas que não levam a lado nenhum. Mas uma coisa que eu faria era ter colaboradores, sejam padres ou leigos que me ajudassem a levar por diante a missão. E colaboradores com os quais a gente trabalha não apenas durante uns dias, mas com quem faz comunidade e colaboradores que estão presentes. Não apenas os padres, os consagrados, os leigos e que estão presentes em todos os momentos na vida das comunidades. Portanto, eu nas visitas pastorais que fiz, procurei incrementar isso. Visitar doentes e visitar as instituições. Informar-me sobre as possibilidades de vida e de trabalho ali e, portanto, depois também falar e reunir com as comunidades dos chamados praticantes e dos seus movimentos e estruturas, mas eu penso que, localmente, as comunidades deveriam ser mais missionárias, mais fraternas, mais caritativas e mais presentes em todos os momentos da vida. Por isso, hoje faria observar melhor os colaboradores que tinha. E procuraria dinamizar aqueles que parecem mais de acordo com este projeto.
